

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

THAÍS BLASIO MARTINS

**Tempo Livre e Lazer: usos e opiniões da juventude local
sobre equipamentos públicos do Lajeado**

SÃO PAULO

2014

THAÍS BLASIO MARTINS

**Tempo Livre e Lazer: usos e opiniões da juventude local
sobre equipamentos públicos do Lajeado
Versão Corrigida**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
como requisito para obtenção do título
de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da
Educação

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes
Sposito

SÃO PAULO

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

M386t 301.2 Martins, Thaís Blasio
Tempo livre e lazer: usos e opiniões da juventude local sobre
equipamentos públicos do Lajeado / Thaís Blasio Martins; orientação
Marília Pontes Sposito. São Paulo: s.n., 2014.
244 p. ils.; grafs.; tabs.; anexos; apêndices

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de
Concentração: Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade
de São Paulo.

1. Jovens 2. Equipamentos públicos 3. Tempo livre 4. Lazer
5. Sociabilidade I. Sposito, Marília Pontes, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Thaís Blasio Martins

**Tempo Livre e Lazer: usos e opiniões da juventude local
sobre equipamentos públicos do Lajeado**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
como requisito para obtenção do título
de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da
Educação

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes
Sposito

Aprovado em: _____ de _____ de 2014

Banca examinadora

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para minha mãe Rosana, pelo apoio incansável de uma vida inteira, e Roberto, pela incansável dedicação ao nosso amor.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os gestores, professores e alunos das seis escolas participantes da pesquisa por sua atenção e colaboração. Sem eles, nada teria sido possível.

Agradeço também aos gestores e administradores dos três equipamentos por terem aberto suas portas para a discussão das dificuldades enfrentadas em seu dia a dia.

Ao grupo GETESE e ao Prof. Dr. Emerson Joucoski pelas orientações iniciais para a confecção dos primeiros questionários de pesquisa.

À Marina Reigano Pagano e suas orientadoras Prof.^a Dr.^a Mônica Carneiro Sandoval e Prof.^a Dr.^a Denise Aparecida Botter do Centro de Estatística Aplicada do IME por seu cuidado e precisão no manejo estatístico dos dados da pesquisa.

Sou grata a meus amigos e colegas de trabalho que emprestaram em muitas horas seus ouvidos às minhas angústias acadêmicas.

Agradeço enormemente também a Marília Sposito por sua orientação firme e dedicada. Sem seu direcionamento e compreensão não teria sido possível superar os percalços enfrentados durante a confecção desta dissertação.

A Roberto Almeida todo o agradecimento por ter sido também meu companheiro na tabulação dos dados dos questionários, feitura de gráficos e tantas outras tarefas relacionadas à pesquisa nestes três últimos anos.

Aos meus pais, Vanderlei e Rosana, e meu irmão, Yuri, que nem sempre entenderam minhas escolhas, mas permaneceram sempre ao meu lado.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.*

Antonio Machado

RESUMO

Esta dissertação foi resultado da observação da falta de participação dos jovens moradores do bairro do Lajeado nas atividades oferecidas por três equipamentos públicos instalados na região em 2008: CEU Lajeado, Parque Lajeado e Centro Cultural de Guaianases. Tais equipamentos, ainda que não exclusivamente, pretendiam oferecer opções culturais e de lazer para os moradores e, diante da ausência de equipamentos públicos deste tipo, pensou-se, naquela época, que a instalação representaria um incremento quanto às possibilidades de vivência do tempo livre e de lazer, em especial para a população jovem, a qual tem, nessas ocasiões, momentos privilegiados para sua formação como indivíduos. Contudo, observou-se que os jovens do entorno não se integraram à programação oficial mesmo estando constantemente nos espaços. Na época, acreditou-se que a falta de participação devia-se a problemas na articulação entre aquilo oferecido pelos equipamentos e os desejos e anseios da população local jovem. Tendo esta situação em vista, este trabalho objetivou conhecer, seis anos depois, quais eram hoje os usos e percepções dos jovens sobre estes lugares. Para isto, voltou-se o olhar para jovens estudantes de 13 a 29 anos da 8ª série e do 3º ano de seis escolas públicas situadas no entorno dos equipamentos. Foram aplicados 404 questionários que almejam captar seus hábitos de tempo livre e lazer, sua percepção e uso dos equipamentos. Também se realizou observação de campo, entrevistas com os gestores dos locais estudados e conversas com jovens de duas escolas. Concluiu-se que a ausência de participação não se relaciona a uma antipatia ou antagonismo, havendo, na verdade, um distanciamento profundo dos locais pesquisados da vida dos entrevistados. Notou-se não haver, nos equipamentos, lugar para os repertórios dos jovens do distrito ou para a experimentação da sociabilidade por meio da convivência com os amigos. Os três espaços tendem a tolher estes momentos de vida dos jovens e a tentar regulamentar seu tempo livre por meio do enquadramento necessário em suas programações e atividades. Todavia, acredita-se que, antes da participação, é preciso o apreço pelo local que a oferece e, portanto, é preciso traçar estratégias para uma primeira inserção dos jovens nos equipamentos valendo-se de seus repertórios próprios para que se possa almejar outras adesões futuras em atividades menos populares ou conhecidas entre eles.

Palavras-chave: Jovens. Equipamentos públicos. Tempo livre e lazer. Sociabilidade.

ABSTRACT

This paper resulted from the observation of the lack of teens' engagement in the activities offered by the three public facilities installed in the neighborhood of Lajeado and its whereabouts in 2008: CEU Lajeado, Parque Lajeado, and Centro Cultural Guaianases. These facilities, even though not exclusively, aimed at offering cultural and leisure options to the inhabitants and, due to the inexistence of places of this kind, it was thought, at the time, that they would represent a great advance concerning leisure and free time, mainly to the teen population. However, as time passed by, it was possible to observe that this target population did not engage in the official scheduling, even being constantly inside the places. At that point, it was believed that it was due to issues in articulating what was offered and what was really expected by them. Bearing this in mind, this paper aimed at finding out, six years later, how these young people used and perceived these facilities. In order to do so, 404 students from 13 to 29 years old of specific grades from six public schools located around the facilities were interviewed, answering a questionnaire about their free-time activities, leisure and perception of the buildings. Along with the questionnaire, some field work was developed through interviews with the managers of each facility and discussions with the students from two schools. It was concluded that their lack of engagement is not related to antipathy or antagonism, existing a great detachment instead. Besides, in the facilities there are no places for the repertoire of the students of the district and for experimenting socialization through the companionship with friends. The places tend to hinder these moments and to regulate their free time through the necessary framing of activities and scheduling. However, it is believed that, prior to their engagement, they must value the place and, in order to achieve that, it is imperative to have a strategy to a first insertion of the teens in the facilities using their own repertoire. This way, it is believed that future adhesions to less popular or known activities among the teen can be aimed.

Key- words: Teenagers. Public facilities. Free time and leisure. Sociability.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Distritos da Cidade de São Paulo.....	56
Mapa 2: Locais frequentados por jovens: consumo e diversão.....	64
Mapa 3: Locais que oferecem serviços para os jovens.....	65
Mapa 4: Locais frequentados por jovens: cultura, comunidade e lazer.....	66

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização dos equipamentos e escolas estudados.....	51
Figura 2: Atlas Lajeado F. C. e União F. C em 1946.....	56
Figura 3: Vista do Lajeado.....	58
Figura 4: Vista do CEU Lajeado.....	72
Figura 5: Planta do CEU Lajeado.....	73
Figura 6: Vista do Parque Lajeado.....	90
Figura 7: Vista do Parque Lajeado.....	91
Figura 8: Vista panorâmica do Parque Lajeado.....	92
Figura 9: Centro Cultural dos Guaianás.....	100
Figura 10: Centro Cultural dos Guaianás.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequência dos temas sobre juventude em estudos da pós-graduação.....	29
Tabela 2: Dados sobre as escolas pesquisadas.....	52
Tabela 3: População da Subprefeitura de Guaianases – 2011.....	57
Tabela 4: Empregos no Lajeado por setor de atividade econômica – 2010.....	58
Tabela 5: Empregos formais no distrito do Lajeado, exclusive administração pública, segundo faixa etária – 2010.....	59
Tabela 6: IDEBs das escolas da pesquisa.....	60
Tabela 7: Locais representados no Mapa 5.....	67
Tabela A.1: Caracterização das variáveis “idade e série/ano” dos entrevistados.....	118
Tabela A.2: Caracterização da variável “cor” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	119
Tabela A.3: Caracterização da variável “mora com quem” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	120
Tabela A.4: Caracterização da variável “trabalho” por série/ano e sexo dos entrevistados..	121
Tabela A.5: Caracterização da variável “área de trabalho” por série/ano e sexo dos entrevistados.	122
Tabela A.6: Caracterização da variável “horas de trabalho semanal” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	123
Tabela A.7: Caracterização da variável “renda mensal” dos jovens por série/ano e sexo dos entrevistados.....	123
Tabela A.8: Caracterização da variável “ocupação do pai” por série/ano e sexo dos entrevistados.	124
Tabela A.9: Caracterização da variável “escolaridade do pai” por série/ano e sexo dos entrevistados.	125
Tabela A.10: Caracterização da variável “ocupação da mãe” por série/ano e sexo dos entrevistados.	126
Tabela A.11: Caracterização da variável “escolaridade da mãe” por série/ano e sexo dos entrevistados.	126
Tabela A.12: Caracterização da variável “tipo de moradia” por série/ano e sexo dos entrevistados.	127
Tabela A.13: Caracterização da variável “renda familiar” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	127
Tabela A.14: Caracterização da variável “pessoas com quem passa o tempo livre” por série/ano e sexo dos entrevistados.	129
Tabela A.15: Caracterização da variável “com quem/como obtém informações sobre diversão e lazer perto de casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	130
Tabela A.16: Caracterização da variável “frequência de acesso à internet” por série/ano e sexo dos entrevistados.	132

Tabela A.17: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para jogar” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	133
Tabela A. 18: Caracterização da variável “frequência de conversa com a família em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	135
Tabela A.19: Caracterização da variável “frequência de conversa com o irmão em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	136
Tabela A.20: Caracterização da variável “frequência de conversa com amigos em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	136
Tabela A.21: Caracterização da variável “frequência de prática de jogos eletrônicos em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.	137
Tabela A.22: Caracterização da variável “frequência de descanso” por série/ano e sexo dos entrevistados.	138
Tabela A.23: Caracterização da variável “frequência que realiza serviços de casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	139
Tabela A.24: Caracterização da variável “frequência lazer e diversão no bairro” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	140
Tabela A.25: Caracterização da variável “frequência lazer no centro” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	141
Tabela A.26: Caracterização da variável “frequência à casa de amigos” por série/ano e sexo dos entrevistados.	142
Tabela A.27: Caracterização da variável “frequência para fica na rua com amigos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	143
Tabela A.28: Caracterização da variável “frequência a shoppings” por série/ano e sexo dos entrevistados....	145
Tabela A.29: Caracterização da variável “frequência de realização de compras” por série/ano e sexo dos entrevistados.	147
Tabela A.30: Caracterização da variável “frequência a cinemas” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	147
Tabela A.31: Caracterização da variável “frequência a restaurantes e lanchonetes” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	148
Tabela A.32: Caracterização da variável “frequência a teatros” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	148
Tabela A.33: Caracterização da variável “frequência a festas e baladas” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	149
Tabela A.34: Caracterização da variável “frequência de prática de esportes” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	151
Tabela A.35: Caracterização da variável “frequência a parques e clubes” por série/ano e sexo dos entrevistados.	151
Tabela A.36: Caracterização da variável “atividade de lazer favorita dos jovens” por série/ano e sexo dos entrevistados.	152

Tabela A.37: Caracterização da variável “atividades mais desejada ainda não realizada” por série/ano e sexo dos entrevistados.	153
Tabela A.38: Caracterização da variável “motivo de não realização das atividades desejadas” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	153
Tabela A.39: Caracterização da variável “frequência” por equipamentos pesquisados.....	157
Tabela A.40: Caracterização da variável “frequência nunca ouvi falar” por equipamentos, sexo e idade/série.....	158
Tabela A.41: Caracterização da variável “frequência já ouvi falar, mas nunca fui” por equipamentos, sexo e idade/série.	159
Tabela A.42: Caracterização da variável “frequência já fui alguma vez, mas não frequento” por equipamentos, sexo e idade/série.....	159
Tabela A.43: Caracterização da variável “frequência frequento o equipamento” por equipamentos, sexo e idade/série.	160
Tabela A.44: Caracterização da variável “quantidade de equipamentos e frequentados” por sexo e idade/série.	161
Tabela A.45: Caracterização da variável “Atividades de oferecidas pelos equipamentos” por 8ª série e sexo.	161
Tabela A.46: Caracterização da variável “Atividades de oferecidas pelos equipamentos” por 3º ano e sexo.	162
Tabela A.47: Caracterização da variável “frequência ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.	163
Tabela A.48: Caracterização da variável “frequência ao CEU Lajeado” por escolas pesquisadas.	164
Tabela A.49: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (a).	166
Tabela A.50: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (b).	166
Tabela A.51: Caracterização da variável “qualidade da programação do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	167
Tabela A.52: Caracterização da variável “possibilidade de sugestão de atividades ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.	167
Tabela A.53: Caracterização da variável “participação nas decisões sobre o CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	168
Tabela A.54: Caracterização da variável “possibilidade de utilização do CEU Lajeado sem acompanhamento de funcionários” por série/ano e sexo dos entrevistados.	169
Tabela A.55: Caracterização da variável “Frequência ao Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.	174
Tabela A.56: Caracterização da variável “frequência ao Parque Lajeado” por escolas pesquisadas.....	176
Tabela A.57: Caracterização da variável “motivo de frequência ao Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (a)	176

Tabela A.58: Caracterização da variável “motivo de frequência ao Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (b).	177
Tabela A.59: Caracterização da variável “segurança do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	179
Tabela A.60: Caracterização da variável “possibilidade de sugestão de alteração na programação do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.	180
Tabela A.61: Caracterização da variável “frequência ao Parque Lajeado” por frequência ao CEU Lajeado.	181
Tabela A.62: Caracterização da variável “frequência a parques e clubes” por frequência ao Parque Lajeado.	181
Tabela A.63: Caracterização da variável “frequência ao CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.	183
Tabela A.64: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados (a).	184
Tabela A.65: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados (b)	184
Tabela A.66: Caracterização da variável “frequência ao CCG” por escolas pesquisadas.....	185
Tabela A.67: Caracterização da variável “segurança do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.	186
Tabela A.68: Caracterização da variável “qualidade da programação do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.	186
Tabela A.69: Caracterização da variável “divulgação do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	187
Tabela A.70: Caracterização da variável “diálogo com funcionários no CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	187
Tabela A.71: Caracterização da variável “frequência ao CEU Lajeado” por frequência CCG.	188
Tabela A.72: Caracterização da variável “frequência ao CCG” por frequência Parque Lajeado.	188
Tabela A.73: Caracterização da variável “frequência com que toca instrumentos” frequência CCG.	189
Tabela A.74: Caracterização da variável “tempo livre no bairro” por frequência CCG.....	190
Tabela A.75: Caracterização da variável “tempo livre nos bairros vizinhos” por frequência CCG.	190
Tabela A.76: Caracterização da variável “tempo livre no centro” por frequência CCG.....	191

Apêndice C

Tabela B.1: Caracterização da variável “estado civil” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	215
Tabela B.2: Caracterização da variável “religião” por série/ano e sexo dos entrevistados...	215
Tabela B.3: Caracterização da variável “filhos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	215
Tabela B.4: Caracterização da variável “mora com quem” e suas combinações por série/ano e sexo dos entrevistados.....	216
Tabela B.5: Caracterização da variável “procura emprego” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	217
Tabela B.6: Caracterização da variável “acessa a internet” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	217
Tabela B.7: Caracterização da variável “onde acessa a internet” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	217
Tabela B.8: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para chats” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	217
Tabela B.9: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para redes sociais” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	218
Tabela B.10: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para downloads” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	218
Tabela B.11: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para assistir vídeos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	218
Tabela B.12: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para obter notícias” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	218
Tabela B. 13: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para estudos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	219
Tabela B.14: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para ler notícias” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	219
Tabela B.15: Caracterização da variável “frequência de leitura de livros” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	219
Tabela B.16: Caracterização da variável “frequência de leitura de quadrinhos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	219
Tabela B.17: Caracterização da variável “frequência com que assiste à televisão” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	220
Tabela B.18: Caracterização da variável “frequência de prática de outros tipos de jogos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	220
Tabela B.19: Caracterização da variável “frequência de namoro” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	220
Tabela B.20: Caracterização da variável “frequência de estudo” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	220
Tabela B.21: Caracterização da variável “frequência de lazer em bairros vizinhos” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	221

Tabela B.22: Caracterização da variável “frequência de ouvir música” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	221
Tabela B.23: Caracterização da variável “horário de funcionamento no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	221
Tabela B.24: Caracterização da variável “localização do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	221
Tabela B.25: Caracterização da variável “lotação do CEU lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	222
Tabela B.26: Caracterização da variável “manutenção do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	222
Tabela B.27: Caracterização da variável “frequentadores do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	222
Tabela B.28: Caracterização da variável “divulgação do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	222
Tabela B.29: Caracterização da variável “qualidade de cursos e oficinas do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	223
Tabela B.30: Caracterização da variável “qualidade do trabalho dos professores, oficineiros e funcionários do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	223
Tabela B.31: Caracterização da variável “recepção dos usuários no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	223
Tabela B.32: Caracterização da variável “liberdade dentro do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	223
Tabela B.33: Caracterização da variável “diálogo com funcionário e gestores do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	224
Tabela B.34: Caracterização da variável “facilidade para realizar inscrição no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	224
Tabela B.35: Caracterização da variável “interesse despertado pelas atividades” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	224
Tabela B.36: Caracterização da variável “segurança no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	225
Tabela B.37: Caracterização da variável “conversa com amigos” por frequência ao CEU Lajeado.....	225
Tabela B.38: Caracterização da variável “assistir a filmes” por frequência ao CEU Lajeado.....	225
Tabela B.39: Caracterização da variável “com quem/como obtém informações de lazer” por frequência ao CEU Lajeado.....	226
Tabela B.40: Caracterização da variável “área de trabalho” por frequência ao CEU Lajeado.....	226
Tabela B.41: Caracterização da variável “trabalha” por frequência ao CEU Lajeado.....	226
Tabela B.42: Caracterização da variável “renda mensal dos jovens” por frequência ao CEU Lajeado.....	227

Tabela B.43: Caracterização da variável “horas de trabalho semanal” por frequência ao CEU Lajeado.....	227
Tabela B.44: Caracterização da variável “renda familiar em reais” por frequência ao CEU Lajeado.....	227
Tabela B.45: Caracterização da variável “frequência de prática de jogos eletrônicos” por frequência ao CEU Lajeado.....	228
Tabela B.46: Caracterização da variável “frequência de prática de esportes” por frequência ao CEU Lajeado.....	228
Tabela B.47: Caracterização da variável “frequência a parque e clubes” por frequência ao CEU Lajeado.....	228
Tabela B.48: Caracterização da variável “frequência de participação em atividades artísticas” por frequência ao CEU Lajeado.....	229
Tabela B.49: Caracterização da variável “ir a festa e baladas” por frequência ao CEU Lajeado.....	229
Tabela B.50: Caracterização da variável “localização do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	229
Tabela B.51: Caracterização da variável “manutenção do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	230
Tabela B.52: Caracterização da variável “qualidade do trabalho realizado pelo Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	230
Tabela B.53: Caracterização da variável “facilidade de realização de inscrições no Parque Lajeado” por frequência série/ano e sexo.....	230
Tabela B.54: Caracterização da variável “diálogo com funcionários do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	230
Tabela B.55: Caracterização da variável “Frequentadores do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	231
Tabela B.56: Caracterização da variável “liberdade dentro do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	231
Tabela B.57: Caracterização da variável “recepção no Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	231
Tabela B.58: Caracterização da variável “participação nas decisões do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	231
Tabela B.59: Caracterização da variável “divulgação das atividades do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	232
Tabela B.60: Caracterização da variável “qualidade da programação do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	232
Tabela B.61: Caracterização da variável “ficar na rua com amigos” por frequência ao Parque Lajeado.....	232
Tabela B.62: Caracterização da variável “ir a shoppings” por frequência ao Parque Lajeado.....	232
Tabela B.63: Caracterização da variável “ir ao teatro” por frequência ao Parque Lajeado...	233

Tabela B.64: Caracterização da variável “recepção no CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	233
Tabela B.65: Caracterização da variável “liberdade dentro do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.....	233
Tabela B.66: Caracterização da variável “procura emprego” por frequência ao CCG.....	234
Tabela B.67: Caracterização da variável “horas de trabalho semanal” por frequência ao CCG.....	234
Tabela B.68: Caracterização da variável “onde acessa a internet” por frequência ao CCG..	234
Tabela B.69: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para assistir vídeos” por frequência ao CCG.....	235
Tabela B.70: Caracterização da variável “uso da internet para e-mail” por frequência ao CCG.....	235
Tabela B.71: Caracterização da variável “conversa com irmão” por frequência ao CCG....	235
Tabela B.72: Caracterização da variável “conversa com amigos” por frequência ao CCG..	236
Tabela B.73: Caracterização da variável “frequência com que pratica atividades artísticas” por frequência ao CCG.....	236
Tabela B.74: Caracterização da variável “ir a shopping” por frequência ao CCG.....	236
Tabela B.75: Caracterização da variável “ir ao cinema” por frequência ao CCG.....	236
Tabela B.76: Caracterização da variável “renda familiar” por frequência ao CCG.....	237
Tabela B.77: Caracterização da variável “uso da internet para estudo” por frequência ao CCG.....	237
Tabela B.78: Caracterização da variável “jogos não eletrônicos” por frequência ao CCG...	237

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de participantes da pesquisa por escola.....	117
Gráfico 2: Idade dos participantes da pesquisa.....	118
Gráfico 3: Sexo dos participantes.....	119
Gráfico 4: Cor dos participantes.....	119
Gráfico 5: Trabalho.....	121
Gráfico. 6: Acesso a internet e suas formas.....	131

LISTA DE SIGLAS

AOS	Artistas Orientadores do Programa Vocacional
APMSUAC	Associação de Pais, Mestres, Servidores, Usuários e Amigos do CEU
AVIB	Associação de Voluntários do Brasil
BEC	Bloco Esportivo Cultural
CAICs	Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CCG	Centro Cultural de Guaianases
CEA	Centro de Estatística Aplicada
CEI	Centro de Educação Infantil
CEM	Centro de Estudos da Metrópole
CENPEQ	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CEU Lajeado	Centro Educacional Unificado Lajeado
CIACs	Centros Integrados de Atendimento à Criança e ao Adolescente
CIEPs	Centros Integrados de Educação Pública
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Dipro	Depto. de Estatística e Produção de Informática
Edif	Secretaria Municipal de Educação e o Departamento de Edificações
E.E.	Escola Estadual
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Educação Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
ETEC	Escola Técnica Estadual
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FIA	Fundação Instituto de Administração da USP
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IME	Instituto de Matemática e Estatística
INFOCRIM	Sistema de Informação Criminal
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPF	Instituto Paulo Freire
IVJ	Índice de Vulnerabilidade Juvenil
PMSP	Prefeitura de São Paulo

PROFIC	Programas de Formação Integral da Criança
ProUni	Programa Universidade para Todos
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SAAI	Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão
SAP	Sala de Apoio Pedagógico
Seade	Fundação Sistema Estadual de Dados
SEHAB	Secretaria da Habitação
SEMPLA	Secretaria Municipal de Planejamento
SESC	Serviço Social do Comércio
SMDU	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano
SME	Secretaria Municipal de Educação
SSO	Secretaria de Serviços e Obras
SVMA	Secretaria do Verde e Meio Ambiente
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UMAPAZ	Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz
VAI	Programa de Valorização de Iniciativas Culturais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
1 APOIOS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	28
1.1 JUVENTUDE E JOVENS, MÚLTIPLAS APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS	31
1.2 LAZER, TEMPO LIVRE e realidade brasileira	35
1.2.1 Do tempo de ócio ao tempo mecanizado.....	37
1.2.2 Sobre o tempo livre e o lazer: definições, divergências e convergências	39
1.2.3 Características, conteúdos e tipologias do lazer	43
1.3 LAZER, SOCIABILIDADE E CULTURA JUVENIL	45
1.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	49
2. O LUGAR, OS EQUIPAMENTOS E OS JOVENS DO LAJEADO	55
2.1 LAJEADO	55
2.1.1 O lugar: a formação do distrito.....	55
2.1.2 Lajeado hoje	56
2.1.3 A juventude do Lajeado	61
2.1.4 Consumo e diversão.....	63
2.1.5 Cultura, lazer e juventude	65
2.2 OS EQUIPAMENTOS DA PESQUISA	67
2.2.1 Dos centros educacionais unificados ao CEU lajeado.....	70
2.2.2 Sobre a organização dos CEUS	70
2.2.3 O CEU Lajeado.....	72
2.2.4 Por dentro do CEU – o ponto de vista dos coordenadores	80
2.3 PARQUE LAJEADO	89
2.3.1 Os Parques Municipais – áreas verdes de São Paulo	89
2.3.1.1 <i>Parque Izaura Pereira de Sousa Frazolin – Parque Lajeado.....</i>	<i>90</i>
2.3.1.2 <i>Por dentro do Parque Lajeado – o ponto de vista do Administrador.....</i>	<i>95</i>
2.4 CENTRO CULTURAL DE GUAIANASES	100
2.4.1 Por dentro do Centro Cultural de Guaianases – os pontos de vista do gestor e de um ativista cultural da região.....	104
2.5 AS UNIDADES ESCOLARES DA PESQUISA	110
3 PERFIL DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS	117
3.1 A FAMÍLIA DOS JOVENS ESTUDANTES DO LAJEADO	128
3.2 OS ESTUDANTES E SEU TEMPO LIVRE	128
3.3 O TEMPO LIVRE EM CASA E FORA DE CASA	134
4 OS EQUIPAMENTOS E OS JOVENS	157
4.1 CEU LAJEADO	163

4.2 PARQUE LAJEADO	174
4.3 CENTRO CULTURAL DE GUAIANASES (CCG)	182
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	201
APÊNDICE A: Questionários de pesquisa – jovens.....	206
APÊNDICE B: Questionários de pesquisa – instituições.....	213
APÊNDICE C: Tabelas anexas de análise dos dados.....	215
ANEXO 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	215
ANEXO 2: Termo de Realização de Entrevista.....	215

INTRODUÇÃO

Esta dissertação nasceu de minha experiência profissional como Coordenadora de Projetos Culturais entre 2008 e 2011 no Centro Educacional Unificado Lajeado (CEU Lajeado). Fui a primeira coordenadora a chegar ao Núcleo de Ação Cultural, apenas três meses após a inauguração do equipamento. Desde o início, pude observar a ausência de outros locais direcionados à vivência do tempo livre e ao lazer da população local, incluindo a falta de espaços que dessem conta das necessidades de interação e convivência dos jovens do bairro. Este fato foi prontamente corroborado pela ocupação inicial do CEU Lajeado por parte dos jovens moradores e de coletivos culturais advindos do próprio bairro e de Guaianases, bairro vizinho. Assim, já nos primeiros meses de funcionamento, o lugar recebeu jovens das mais variadas idades. Contudo, sua presença no espaço não resultava na participação nas atividades esportivas e culturais oferecidas pelo CEU ou mesmo nas apresentações/oficinas dos grupos culturais que usavam as instalações.

O surgimento do CEU Lajeado, administrado pela Secretaria Municipal de Educação (SME), logo foi seguido pelo de outros dois equipamentos públicos. Estes, dentre outras funções, almejavam estabelecer áreas de convivência e/ou de vivência do tempo livre e de lazer no local. Primeiramente, em 2009, foi instalado o Centro Cultural de Guaianases (CCG), sob responsabilidade da Subprefeitura de Guaianases com a colaboração do coletivo de cultura Movimento Cultural dos Guaianás. Depois, em 2010, foi inaugurado o Parque Lajeado, sob responsabilidade da Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA) do Município de São Paulo.

A inauguração destes equipamentos dialogava com as necessidades apontadas pelo relatório do projeto “São Paulo em Paz”, desenvolvido três anos antes pelo Instituto Sou da Paz (2006), a pedido da Prefeitura de São Paulo (PMSP). O projeto visava não apenas ao diagnóstico e mapeamento da real situação de violência no bairro, mas também à elaboração, por meio da colaboração de moradores e agentes comunitários locais, de medidas para saná-las. Tal documento apontou que o distrito do Lajeado, localizado no extremo leste da cidade de São Paulo, na divisa com o município de Ferraz de Vasconcelos, era marcado pela violência, ocupação irregular do território, ruas estreitas com pouca iluminação e ausência de equipamentos públicos para além das escolas e locais de saúde, como postos e hospitais. Ele também mostrou a inexistência, em 2006, de áreas de convivência e lazer, fato que despertou, na população da época, um crescente interesse por áreas que permitissem o maior usufruto do

tempo livre por parte de crianças e jovens que não dispunham de atividades fora do período escolar.

Neste cenário, a construção de três equipamentos públicos poderia ter representado um incremento significativo na vivência do tempo livre e do lazer por parte da população jovem. Entretanto, assim como no caso do CEU Lajeado, não houve uma ocupação significativa dos outros dois lugares fundados.

Tal resultado relaciona-se possivelmente a não observância, durante o processo de construção e organização destas ações, dos desejos e anseios da população local, em especial do público jovem. Ainda que num primeiro momento as ações implementadas tenham tido alguma penetrabilidade na vida da população mais jovem, houve, acredita-se, algum descompasso entre o que era realizado nos equipamentos e as expectativas dos jovens.

Uma vez observadas as dificuldades encontradas para o desempenho de minha função como coordenadora cultural, propus-me a uma primeira incursão reflexiva sobre os impasses na ocupação de um dos locais inaugurados que, no caso, era o meu próprio local de trabalho. Para isso, desenvolvi uma monografia somente sobre o CEU Lajeado a respeito das dificuldades para o fomento da participação dos jovens, intitulada “Das mediações à construção de sentidos sociais: Educar para cultura no CEU Lajeado”. Ela foi apresentada ao curso de Gestão de Comunicação: políticas, educação e cultura da ECA/USP (MARTINS, 2009) sob a orientação do professor Dr. Richard Romanini. Através da pesquisa então realizada, pude constatar que a participação nas atividades livres, como shows e espetáculos teatrais, acontecia majoritariamente por aqueles que integravam alguma das atividades oficialmente oferecidas à comunidade juvenil, como as atividades esportivas ou as aulas de teatro. Notei que esses indivíduos, ao se integrarem às atividades oficiais, passavam a atribuir um novo significado ao espaço, resultando em uma maior abertura de sua parte para a vivência de experiências desconhecidas por eles, como a ida a um cortejo cultural ou a realização de uma intervenção artística no bairro. Todavia, a maioria dos jovens que transitava no espaço continuava a não participar das atividades oficiais e, pouco a pouco, começou a deixá-lo, uma vez que seu uso autônomo era frequentemente tolhido pelos seguranças e pela administração geral com a justificativa de que os jovens que não participavam de atividades muitas vezes depredavam o local (por exemplo, esvaziando os extintores de incêndio).

Decorridos seis anos do início das instalações no bairro, acredita-se ser necessária a retomada da observação das ações desenvolvidas pelos equipamentos, verificando se, neste período, houve alguma alteração do quadro inicial. Assim sendo, este trabalho teve como

objetivo conhecer os usos e percepções que os jovens do distrito do Lajeado têm e fazem sobre os três equipamentos supracitados. Crê-se que, por meio do entendimento dos hábitos de tempo livre dos jovens, de suas preferências quanto ao lazer e da análise da percepção dos jovens sobre os equipamentos (qualidade da programação, manutenção, segurança etc.), seja possível compreender os sucessos e fracassos alcançados neste percurso pelo poder público no bairro.

Para isto, foi necessária a aproximação do ponto de vista daqueles para quem os equipamentos poderiam representar uma opção para o tempo livre e lazer, mas cuja participação efetiva não era observada. Consequentemente, esta dissertação valeu-se das opiniões e impressões de jovens de 13 a 19 anos estudantes de seis escolas públicas municipais e estaduais situadas próximas aos 3 locais pesquisados. Nesse amplo universo estudantil foram selecionados jovens de ambos os sexos das 8^{as} séries do Ensino Fundamental e dos 3^{os} anos do Ensino Médio. A escolha por jovens estudantes destas duas séries/anos deveu-se a duas razões. Primeiro, pelo reconhecimento das unidades escolares como ponto de encontro entre os equipamentos e os jovens, sabendo, através de minha experiência profissional, que a divulgação dos três locais era realizada centralmente por meio de visitas às escolas. Em segundo lugar, devido às limitações de tempo e de condições materiais e humanas para um estudo mais vasto que tivesse como escopo todos os jovens do Lajeado. Compreende-se, no entanto, que por meio desta circunscrição não foi possível estabelecer uma visão sobre os jovens não inseridos no espaço escolar ou já concluintes do Ensino Médio; visão essa que enriqueceria a pesquisa e, simultaneamente, a tornaria pouco praticável para uma única pesquisadora de campo.

Ademais, foi preciso também a readequação de postura de minha parte para que fosse possível ultrapassar o senso comum da subjetividade para construir, por meio da objetividade, o problema de pesquisa. Como afirma Mills (1965, pp. 222-223), “para a construção e domínio de um problema científico e sociológico precisa-se conhecer os elementos a serem levados em conta e suas relações lógicas, eliminando falsas opiniões para que se possa ater às questões que devem perdurar na pesquisa”. Dessa forma, foi necessário o progressivo distanciamento da função de Coordenadora do CEU Lajeado, o qual teve início com a minha demissão da função em 2011, culminando em um olhar que permitisse distanciar-me o máximo possível dos conceitos e impressões há muito arraigados devido à experiência empírica. Adotei então, na medida do possível, uma postura ativa e sistemática para “romper com a passividade empirista das construções do senso comum” (BOURDIEU,

1989, p. 22). Obviamente, não posso afirmar ter sido este um processo fácil e rápido. No entanto, foi fundamental para que outros horizontes de observação sobre meu problema se descortinassem diante de mim.

Tendo delimitado o escopo e objetivos desta pesquisa, pode-se afirmar que este trabalho situa-se para além do tema do tempo livre e do lazer de jovens moradores de bairros populares, propondo-se a mais que o mero escrutínio dos modos de vida do tempo livre e do lazer dos jovens da periferia. Esta dissertação não pretende problematizar as carências que marcam a maioria dos bairros periféricos de nossa cidade, mas sim as repercussões da instalação e os processos de construção das interações entre os jovens e os novos lugares que nascem nas periferias. Dessa maneira, o que se fez aqui se filia a outros poucos trabalhos que também buscaram investigar as existências ao invés das ausências no campo de estudos sobre juventude e lazer, a saber, Caldellas (2009), Arantes (2010) e, de certa maneira, Villar (2007).

Por fim, quanto à sua organização, a dissertação está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, realizou-se a construção do apoio teórico e a reconstituição dos caminhos metodológicos de forma a permitir a construção de um olhar sobre os jovens. Foram estabelecidas as perspectivas norteadoras desta pesquisa no que tange aos entendimentos de juventude, tempo livre, lazer e sociabilidade. Também foram traçados os percursos metodológicos utilizados para sua construção: pesquisa de campo, entrevistas com gestores dos equipamentos e conversa com alguns jovens das escolas participantes. O segundo capítulo consistiu na investigação a respeito do distrito de Lajeado e sua história, bem como na caracterização de seus moradores jovens. Ainda fez-se a descrição das seis escolas em que a pesquisa foi realizada e dos três equipamentos estudados. Expôs-se também o ponto de vista de seus gestores e administradores quanto às relações e conflitos vividos junto aos jovens e atividades propostas para estes em seus equipamentos.

Já no terceiro capítulo encontra-se uma sistematização do perfil dos jovens estudantes participantes da pesquisa, do perfil de suas famílias e de seus hábitos de tempo livre dentro e fora de casa. De maneira semelhante, o quarto capítulo apresenta as reflexões sobre dados coletados no que se refere às relações entre os jovens e os equipamentos estudados. Foram apresentadas as frequências dos jovens a cada um dos locais, as características dos frequentadores habituais e as opiniões sobre cada um dos lugares pesquisados. Por fim, o quinto capítulo traz as considerações finais sobre os principais resultados da pesquisa realizada.

1. APOIOS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os olhos do mundo têm se voltado para as periferias e para aqueles que lá vivem. Nos jornais, na televisão, no rádio e também na internet, projetos direcionados à promoção da educação, da saúde e do lazer nos extremos de nossas cidades ganham destaque e espaço nos meios de comunicação de massa. Em São Paulo, especialmente, os habitantes dos mais recônditos lugares também têm ganhado mais espaço e voz na mídia no que tange à manifestação de seus desejos e necessidades. Em especial, a juventude da periferia tem alçado destaque nas discussões promovidas nos âmbitos acadêmico e governamental no que se refere à configuração de condições sociais que permitam sua formação enquanto sujeitos sociais e cidadãos (DAYRELL, 2003). Isto se deve a um duplo movimento em curso: um deles reconhece a proeminência da questão da juventude na contemporaneidade, enquanto o outro aponta para um percurso de maior atenção para com as esferas de vida mais prementes à realidade cotidiana desta população.

Diante disto, nos últimos anos a academia e o poder público têm direcionado parte de seus esforços para o estabelecimento de estudos, ações e projetos que melhor deem conta e atendam à juventude. Estes esforços relacionam-se a um desejo de entendimento deste grupo para além do senso comum do “problema social” e ao crescente interesse pelo atendimento desta população em suas necessidades e anseios, os quais não são solucionados através de ações públicas assistencialistas, mas sim por meio de políticas participativas que permitam aos jovens, em geral à margem, tornarem-se agentes em seu processo de participação e integração social.

Todavia, no âmbito do lazer, os jovens são habitualmente esquecidos em suas vontades e opiniões, sendo geralmente substituídos pela imagem que o adulto tem destes. Comumente, as ações para a juventude neste âmbito são mais direcionadas à formação ou desenvolvimento de públicos, materializando-se através da identificação e superação dos possíveis obstáculos que impediriam determinados grupos de frequentar espaços de lazer. Entretanto, pode-se afirmar que, para além de uma maior acessibilidade, é interessante o desenvolvimento de ações voltadas para o lazer que tenham relevância política, social e econômica sobre a vida dos jovens em longo prazo. Tais ações devem ter como objetivo “fomentar o nascimento de um processo de vivência do lazer, no qual as condições

necessárias sejam criadas ou organizadas de forma a possibilitar aos jovens inventar seus próprios fins e tornarem-se sujeitos da cultura” (COELHO, 1989).

No que tange especificamente à juventude e ao meio acadêmico, Abramo (2007) nos diz que, após anos de ausência de estudos relacionados a esta temática, a partir da década de 90 do século passado os jovens começaram a ganhar destaque especialmente por meio de dissertações e teses. Entretanto, a maior parte destes estudos destinou-se às instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente a escola) ou aos sistemas jurídicos e penais que dão conta dos jovens em situações “problemáticas”. Tal afirmação foi possível através da observação do segundo levantamento da produção discente sobre juventude na pós-graduação brasileira nos períodos de 1999 a 2006, o qual foi coordenado por Marília Sposito (2009). A tabela a seguir mostra a frequência dos temas nas três áreas pesquisadas¹:

Tabela 1: Frequência dos temas sobre juventude em estudos da pós-graduação.

Tema	Qtde	(%)	Tema	Qtde	(%)
Juventude e escola	188	13,17	Jovens e violência	31	2,17
Adolescentes em processo de exclusão social	177	12,4	Juventude, lazer, consumo e sociabilidade	31	2,17
Jovens universitários	149	10,44	Jovens e substâncias psicoativas	23	1,61
Jovens, sexualidade e gênero	133	9,32	Jovens e meio ambiente	22	1,54
Juventude e trabalho	91	6,38	Jovens e religião	17	1,19
Jovens, mídia e TICs	74	5,19	Jovens e família	16	1,12
Jovens, escola e trabalho	65	4,56	Jovens no/do estrangeiro	12	0,84
Grupos juvenis	64	4,48	Jovens, modos de vida e socialização	11	0,77
Jovens negros	64	4,48	Jovens e esportes	9	0,63
Participação e cultura política	62	4,34	Jovens indígenas	7	0,49
Juventude rural	52	3,64	Jovens e saúde	5	0,35
Estudos psicológico-psicanalíticos sobre juventude	47	3,29	Jovens e corpo	4	0,28
Estudos históricos sobre juventude	38	2,66	Jovens no/do estrangeiro	2	0,14
Jovens portadores de necessidades especiais	33	2,31	Jovens, modos de vida e socialização	12	0,84
Total			1.427		100%

Fonte: Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais (1999-2006)

Como se pode observar, as temáticas mais frequentemente abordadas nos estudos sobre juventude foram aquelas que relacionam os jovens às instituições socializadoras ou retratam condições de desigualdade social (juventude e escola, com 13,17%, e adolescentes em processo de exclusão social, com 12,40%). Em contrapartida, trabalhos relacionados ao

¹ Ciências Sociais, Educação e Serviço Social.

lazer, tempo livre e consumo, que revelariam a dinâmica de vida dos jovens para além dos espaços tradicionais de socialização, foram pouco desenvolvidos (apenas 2,17%), evidenciando que os estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, formas de sociabilidade e atuação, ainda que existentes, necessitavam de maior adensamento (SPOSITO, 2009).

De modo semelhante, as ações do poder público destinadas aos jovens e pensadas para além da socialização também ganharam corpo apenas recentemente. O Brasil, de maneira distinta a outros países, nunca possuiu políticas destinadas especificamente aos jovens, geralmente associando-os às políticas destinadas às crianças (ABRAMO, 2007). Um exemplo pode ser observado no surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, cujo escopo de atuação objetivou tanto crianças quanto adolescentes, agregando o segundo grupo ao primeiro e deixando de fora os jovens maiores de idade. No âmbito federal, o reconhecimento dos problemas relativos à saúde, violência e desemprego suscitou ações que, no entanto, continuaram a ignorar as necessidades e demandas reais dos jovens. O assassinato do índio Galdino em 1997 por jovens da classe média, o aumento das mortes de jovens por homicídio e as constantes rebeliões de jovens nas antigas FEBEM² foram desencadeadores de medidas na área da redução da violência, enquanto o adensamento do desemprego juvenil foi abordado por meio de programas de inclusão dos jovens na sociedade (SPOSITO; CARRANO, 2003).

No âmbito municipal, apontado por Sposito, Silva e Souza (2007) como palco inicial de formulação e aplicação de ações voltadas para a juventude, o foco também foi à contenção da violência juvenil e da exclusão social. O livro que resultou da pesquisa realizada pelo projeto Juventude, Escolarização e Poder Local (FÁVERO; SPOSITO; CARRANO; NOVAES, 2007) apontou que 23% dos programas destinados aos jovens estavam nas pastas de assistência social, seguidos por aqueles coordenados pelas secretarias de educação, com 16,3%, e pelas secretarias de cultura, com 12,2%. A predominância de projetos e programas para a juventude relacionados à questão social evidenciava a correlação estabelecida entre políticas públicas e a necessidade de resolução das problemáticas da violência e vulnerabilidade, sendo estas últimas o carro-chefe de políticas municipais propostas aos jovens e portadoras dos discursos relativos ao desejo de prevenção ou contenção da violência e das condutas de risco dos jovens.

Decorridos cinco anos da realização destas pesquisas, é possível afirmar que os campos político e acadêmico têm tentado, mesmo que timidamente, dar mais atenção às

² Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, atualmente chamada de Fundação CASA (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente).

questões relativas à juventude e às sociabilidades juvenis. No mundo da política, a criação do Conselho de Juventude e da Secretaria Nacional da Juventude no primeiro Governo Lula, a aprovação do Plano Nacional para a Juventude no país em 2013 e a intenção de confecção de Planos Municipais de Juventude em cidades como Guarulhos, na qual um plano foi apresentado ao poder executivo em março de 2012, e em São Paulo, na qual o plano de governo do atual prefeito Fernando Haddad prevê o mapeamento da população jovem para o fornecimento de subsídios para um Plano Juvenil Municipal, demonstram um novo olhar sobre a questão. Já no campo acadêmico, por exemplo, uma consulta ao diretório de grupos de pesquisa³ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mostra que, dos 15 grupos cadastrados que têm os jovens como uma de suas vertentes de pesquisa no estado de São Paulo, apenas dois foram criados antes dos anos 2000. E destes, 3 articulam os jovens a aspectos relacionados ao lazer e à sociabilidade em suas pesquisas, sendo dois deles fundados na última década.

Entretanto, percebe-se que, a despeito de morosos avanços, as abordagens referentes aos jovens na academia e nas políticas públicas pouco se situam na esfera do lazer e da sociabilidade, havendo a necessidade de maior adensamento desse tipo de olhar sobre os jovens.

1.1 JUVENTUDE E JOVENS, MÚLTIPLAS APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Não há uma perspectiva que defina, de maneira unívoca, o conceito de juventude. Variadas são as formas de conceituação e interpretação deste momento em nosso ciclo de vida, não havendo uma única juventude passível de ser pesquisada. Aquele que se debruça sobre este tema deve atentar para a existência de múltiplos modos de vivência da juventude espalhados pelas cidades afora, construídos a partir das relações entre gênero, raça, classe social, estilos culturais, escolaridade, contexto social etc.

A historiografia canônica aponta a ‘invenção da juventude’ durante a era industrial ao redor de 1900, quando “diversas reformas da escola, do mercado de trabalho, da família, do serviço militar, das associações juvenis e do mundo do ócio permitiram uma nova geração consciente para criar uma cultura própria e distinta da dos adultos” (FEIXA, 2006, p. 3). Segundo Dayrell (2010) e outros autores, o conceito de juventude só se tornou um fenômeno mundial com visibilidade a partir da década de 50 do século passado. Esta visibilidade

3 CNPQ. Busca operacional. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional>. Acesso em 15/12/2012 às 19h.

ocorreu em especial nas esferas da cultura e do consumo, as quais contribuem para a “construção de uma identidade juvenil própria”. De acordo com o autor, as condições que permitiram a emergência da juventude foram: a) o Welfare State, cuja ampliação da proteção do estado possibilitou a criação de uma base social para a juventude; b) a crise patriarcal, que proporcionou o aumento das esferas de liberdade juvenil acompanhadas de uma modernização no plano dos usos e costumes, com destaque para a revolução sexual; c) o florescimento do mercado de consumo direcionado aos jovens; e d) a expansão dos meios de comunicação de massa, os quais propiciaram um novo padrão de comportamento e de valores centrados na liberdade, na autonomia e no prazer imediato.

Uma mirada ao longo do tempo permite notar que muitas interpretações do significado de juventude foram construídas objetivando o melhor entendimento deste momento que se situa no interstício entre a infância e a idade adulta. Como apontam Margulis e Urresti (1996), Elbaum (1996), Dayrell (2001), Catani e Gilioli (2008) e Abramo (2005), as imagens criadas para a representação do conceito de juventude trouxeram, além de possíveis explicações que transcendiam a simplista classificação etária, também possíveis enganos sobre sua caracterização. Uma destas aproximações caracterizava esse momento como marcado pela transitoriedade, na qual o jovem configurava-se num “vir a ser” em direção ao mundo adulto. Neste contexto, a vida juvenil teria significado na medida em que se direciona para a vida adulta e o presente deixava de ser atendido, uma vez que o foco era o futuro a ser alcançado. Esta visão em geral comprometia o atendimento das demandas desta camada da população em prol de um futuro imaginário a ser vivido por eles, estando subjacente a muitas ações direcionadas aos jovens que tem o espaço escolar e a educação como cerne de sua atuação (ABRAMO, 2005, p. 20).

Já outra visão, presente em especial depois da década de 60, agregava à ideia de juventude um viés romântico, no qual esta é tempo de liberdade, de “ensaio e erro”, um período de certa irresponsabilidade assegurado por uma noção de moratória que encobriria as dores e dificuldades enfrentadas por jovens muito antes da fase adulta. Tal noção de moratória teve início entre os séculos XIX e XX, nos quais alguns setores sociais passaram a conseguir oferecer a seus jovens a possibilidade de postergar o atendimento às exigências sociais, em especial relacionadas à família e ao trabalho (MARGULIS e URRESTI, 1996). No entanto, esta condição histórico-cultural de vivência da juventude não se deu de forma igual para todos, tendo em mente que a juventude também se relaciona ao gênero. Observa-se que a condição juvenil se manifesta de forma distinta para homens e mulheres, uma vez que a

maternidade “implica em uma ‘mora’ diferente, uma urgência distinta, que altera não somente o corpo, mas a sua condição social de juvenilização”. (MARGULES e URRESTI, 1996, p. 18). Desta forma,

[...] a realização plena deste ideal de jovem liberado das pressões do mundo do trabalho e dedicado ao estudo e aos lazeres é objetivamente inatingível para a maioria dos jovens. (CARRANO, 2009, p. 3)

De maneira diversa à visão romântica dos anos 60, desenvolveu-se também o entendimento de juventude como período de crise, de conflitos com a sociedade e distanciamento da família. Opção conceitual que dificulta a implementação de práticas e políticas baseadas na perspectiva do jovem como sujeito de direitos, acabando por identificar como causa última das “patologias juvenis” o próprio indivíduo (KRAUSKOPF, 2003). Perpetua-se, através deste entendimento, a visão assistencialista voltada para a correção moral ou comportamental.

Valorizando dimensões geracionais no estudo da juventude, Feixa (2006, p. 2) afirma que a história do século XX poderia ser vista a partir da sucessão de diferentes gerações de jovens que irromperam no cenário público dialogando com transformações científicas, filosóficas e literárias ao redor do mundo. Diante disto, ele propõe, para cada uma das 10 décadas do século passado, uma nomenclatura conceitual das gerações em diálogo com os aspectos políticos e socioculturais, indo dos “Adolescentes” do começo do século aos “Reds” da década final de 1990.

Por fim, mais recentemente, diante da percepção de que os jovens contemporâneos desfrutam hoje de mais autonomia diante do mundo adulto no que tange à constituição de seus acervos e identidades culturais (CARRANO, 2009), acrescentou-se a tendência de se ver o jovem como sujeito reduzido ao campo cultural – como se fosse somente aos finais de semana ou em atividades culturais que ele configura-se como tal.

Esta pluralidade de entendimentos do conceito de juventude filia-se ao processo que se seguiu após sua institucionalização: a desinstitucionalização da condição juvenil (ABADE, 2001⁴). Se no passado podia-se mais facilmente pensar a juventude em termos das variações dos sistemas sociais e de proteção nos quais ela se inseria e em suas relações com as concepções cultural, familiar e geracional das sociedades (ATTIAS- DONFUT, 1996), hoje a

⁴ Palestra realizada no fórum: “Estratégias para a participação cidadã e comunitária na Colômbia”, organizado pelo Ministério do Interior, a Pontífice Universidade Javeriana e a Universidade de Georgetown, em Bogotá, dezembro de 2001.

crise das instituições socializadoras, sobretudo da família tradicional e da escola, bem como a dissolução das identidades ligadas à ideia de nação diante de um mundo globalizado, impõem novos desafios quando da reflexão sobre o tema (ABADE, 2001). “Enquanto para o jovem o desafio é definir-se a si mesmo diante de si, seus pares e a sociedade; o desafio da sociedade é definir os jovens” (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 12).

Contudo, a despeito das dificuldades no que se refere à delimitação do conceito de juventude, pode-se dizer que diversos autores, como Bourdieu (1983), Peralva (1997), Abramo (1994), León (2005) e Dayrell (2001), entendem que a juventude corresponde a uma construção social, histórica e cultural em relação com a universalidade biológica dos indivíduos. Desta forma,

A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. (ABRAMO, 1994, p. 1)

Sendo assim, observa-se atualmente a necessidade de se pensar em diversos modos de vivência da juventude para a elaboração e implementação de ações mais integradoras e potenciais para que se possa imbricar nas ações as especificidades apresentadas pelas diferentes formas de ser jovem. Não é possível afirmar a existência de uma “linearidade de vivência em direção ao mundo adulto”, visto que “as formas como vão se configurar os jovens depende também das formas de transição oferecidas pelas sociedades nas quais eles estão inseridos” (CARRANO, 2009, p. 5). Portanto, é preciso reconhecer a heterogeneidade do mundo jovem, tanto quanto às transformações vividas no ciclo de vida (biológicas, psicológicas e de inserção social) quanto às condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero, demográficas, dentre outros.

Da mesma maneira como não se pode falar em uma única “juventude”, também não se acredita ser possível estabelecer uma caracterização da juventude brasileira que dê conta integralmente de sua ampla multiplicidade. Entretanto, isso não implica em uma impossibilidade de aproximações de algumas de suas principais características. A juventude no Brasil é compreendida pelo grupo etário de 15 a 29 anos, referendado pelo artigo 227 da Constituição Brasileira e agora pelo Estatuto da Juventude, o qual foi sancionado em 2013. A esta informação, acrescenta-se o fato de que, segundo o Censo de 2010, há 51,3 milhões de

jovens no Brasil, o que equivale a cerca de ¼ da população do país. A distribuição entre homens e mulheres no segmento juvenil é de 49,6% e 50,4%, respectivamente. A maior parte dos jovens ainda é solteiro (66%) e vive com os pais (61%). Apenas 32% são casados ou vivem com seus cônjuges. Considerando a renda familiar, os jovens estão em 28% nos estratos baixos (até R\$ 290,00/ mês), 50% nos médios e 11% nos estratos altos (acima de R\$ 1.018,00/ mês). Quanto ao mercado de trabalho, 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos estão trabalhando e, 36%, estudando. Finalmente sobre a escolaridade, 35,9% estão na Alfabetização/EJA⁵/Ensino Fundamental; 46,3%, no Ensino Médio; 16,2%, no Ensino Superior e 1,6% nunca estudaram (BRASIL, 2013).

1.2 LAZER, TEMPO LIVRE E REALIDADE BRASILEIRA

No que tange ao tempo livre dos jovens brasileiros, a observação volta-se para suas condutas dentro e fora do espaço domiciliar. Quando em suas casas, as pesquisas “Perfil da Juventude Brasileira” (INSTITUTO CIDADANIA, 2003) e “Juventude, juventudes: o que une e o que separa” (UNESCO, 2006) mostraram que as práticas mais comuns dos jovens são assistir televisão, ouvir rádio/música, ler (livros ou revistas) e ajudar nas tarefas domésticas. Assistir televisão é uma atividade desenvolvida por todos os jovens, com maior recorrência entre aqueles pertencentes às classes mais baixas. Os jovens assistem na televisão novelas brasileiras (28,2%), filmes (19%), noticiários informativos (18,1%); e programas esportivos (11,8%). Quanto às práticas de leitura, são as meninas quem mais as vivenciam em seu cotidiano. Outro aspecto em que as meninas também têm destaque refere-se ao trabalho doméstico, dominante na vida das jovens mulheres com mais de 17 anos de idade, menor escolaridade e filhas de famílias das camadas mais pobres (UNESCO, 2006).

Já sobre as atividades de tempo livre fora do espaço domiciliar, os estudos mostraram a preferência por sair/encontrar com amigos e praticar esporte, em especial o futebol (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, 2008; UNESCO, 2006). Os locais em que os jovens mais encontram com os amigos eram: a rua ou o bairro; a casa de algum amigo ou a própria casa; algum bar, lanchonete ou discoteca; a praça; a escola e a igreja. A atividade de encontrar amigos é realizada em menor frequência pelas meninas, havendo por parte destas uma maior dificuldade para transitar devido ao maior cerceamento familiar. A prática esportiva, ainda que tenha sido apontada pelos jovens como uma atividade de destaque, é

⁵ Ensino de Jovens e Adultos

pouco praticada por estes. Em 2006, o estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) mostrou que mais da metade dos 10.010 jovens entrevistados (56,6%) declararam não realizar atividade esportiva alguma. Dentre os que praticam esportes, a maior parte é do sexo masculino, encontra-se entre 15 e 20 anos, tem maior escolaridade e pertencente às classes sociais de maior poder aquisitivo dos espaços urbanos e metropolitanos das regiões Sul, Norte e Sudeste do país (UNESCO, 2006).

No campo da cultura, a atividade mais realizada pelos jovens é ir ao cinema. Poucos jovens têm acesso a outros tipos de atividades culturais, como concertos de música clássica, espetáculos teatrais ou de dança, shows musicais, museus ou exposições de artes plásticas. A pesquisa do IBASE/Pólis (2005) auxilia no entendimento desta situação, pois mostra a ausência nos locais de residências dos jovens de espaços de cultura e lazer, apontando para a “concentração da oferta de atividades culturais nas zonas de maior poder aquisitivo das cidades”, para a “falta de apoio ou patrocínio visando baratear os custos” das atividades culturais e de lazer e para a “falta de segurança”.

Finalmente, as tecnologias de informação são outro item presente no cotidiano juvenil em seu tempo livre e de lazer. O relatório “Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil” (2011), gerado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, mostrou que foram os jovens entre 16 e 24 anos aqueles que mais utilizaram o computador em 2010, 82%, e que mais acessaram a internet, 76%. Com relação ao acesso, este é diário para 61% dos jovens e acontece em suas casas (41%) ou *lanhouses* (35%). A grande maioria usa o computador em seu tempo livre para o lazer (91%), sendo a comunicação o objetivo de uso mais frequente (96%). Nesse aspecto, os usos mais comuns são enviar e receber e-mails (82%), enviar mensagens instantâneas (82%) e, principalmente, integrar as redes sociais (82%). O celular também tem papel de destaque na comunicação entre os jovens. Estes o utilizam para enviar mensagens de texto (71%), acessar músicas (37%) e enviar fotos e imagens (29%). Já 25% usam o celular para também acessar vídeos e, 9%, para acessar a internet. Quando na internet, além do acesso às redes sociais, os jovens costumam assistir filmes ou vídeos (64%), fazer *downloads* em geral (40%), fazer *downloads* de músicas (59%), jogar *online* (49%), fazer *download* de jogos (28%), ouvir rádio (42%) e ler revistas (41%).

1.2.1 Do tempo de ócio ao tempo mecanizado

Diversão e distração parecem, pelo menos à primeira vista, atividades que supostamente devem ter existido – nas mais variadas formas – nas mais diversas civilizações que passaram pelo nosso planeta. Parece óbvio que todos os povos dos quais se ouve falar tiveram ou têm alguma forma de ocupação do tempo que difere da ocupação compulsória e que visa atender às satisfações de cunho íntimo dos indivíduos. Entretanto, como mostram Melo e Alves Junior (2003), esta afirmação quase intuitiva não pode ser tomada como um indício da quase imemorial existência de uma atividade-conceito intrinsecamente ligada à diversão e à distração: o lazer. Segundo os autores e também Dumazedier (1979), a reflexão sobre o lazer requer a observação histórica de seu surgimento como fenômeno social e também a percepção das transformações da conceituação do tempo e da relação intrínseca entre o lazer e o trabalho, em especial após a revolução industrial.

Segundo Dumazedier (1979), o lazer não era propriamente uma realidade nos períodos arcaicos. Neles, os jogos e as festas estavam integrados à vida dos homens, possibilitando o acesso aos ancestrais. Já na Grécia antiga, a valorização da contemplação e dos valores considerados nobres, como a beleza e a bondade, resultou em uma elevação da importância do tempo dedicado ao crescimento e a si mesmo em relação ao trabalho (MELLO e ALVES JUNIOR, 2003). Para os gregos, este tempo de crescimento, chamado por eles de *ócio*, significava a libertação da necessidade do trabalho e a oportunidade de elevação espiritual. De acordo com Bacal (2003, p. 42), o *ócio*, *skolé* em grego, do ponto de vista semântico, é o ato de parar ou cessar e, posteriormente, passou a significar também “ter tempo desocupado” ou, mais especificamente, “ter tempo para si mesmo”. Dessa forma, o *ócio* estabeleceu-se em contraposição à ação e configurou-se na sociedade grega como a base de vida do homem livre e da felicidade humana. Em contrapartida, os romanos centravam seus esforços em torno do trabalho, tendo no tempo fora do ofício um momento de recuperação necessário para o reinício e preservação das condições para o trabalho. É na sociedade romana que surgem os conceitos *otium* (*ócio*) e *nec-otium* (trabalho), isto é, o aparecimento dos conceitos *ócio* e trabalho em concomitância e relação. No entanto, na sociedade romana o *ócio* atrela-se mais às diversões e descanso, sendo menos relevante seu entendimento como momento para o desenvolvimento pessoal.

De maneira diversa, na idade média, o tempo de não trabalho passou a ser rigidamente controlado pela fé através da instituição de normas rígidas de vivência social supervisionadas

pela Igreja, o tempo fora do trabalho era dedicado ao descanso e a festas religiosas. Já o trabalho inscrevia-se no ciclo das estações do ano, sendo intenso na boa estação e diminuto na má. Seu ritmo imbricava-se na continuidade do dia, encerrando-se ao seu final ou frente às intempéries (DUMAZEDIER, 1979). Contudo, o trabalho cabia somente aos servos, enquanto às classes nobres cabiam a ostentação e a vida luxuosa. Com o surgimento das religiões protestantes, o tempo do trabalho ganhou grande atenção, sendo este visto como instrumento de purificação. O ócio agora era considerado tempo improdutivo e devia ser devotado somente à busca da verdade religiosa.

Com a Renascença, iniciou-se um lento e paulatino processo de modificação do estado de coisas. A queda do feudalismo e o início do mercantilismo provocaram mudanças neste cenário, uma vez que o advento das relações comerciais mercantis exigiu a resolução dos problemas por via racional e a adoção de perspectivas utilitárias para a vida cotidiana. Com a modernidade e a industrialização no século XVIII, o trabalho alcançou aceitação social consensual. O estabelecimento de uma jornada de trabalho fixa representou a regulamentação dos tempos sociais. A complementaridade entre tempo de trabalho e tempo fora do trabalho foi rompida. E, logo, a sustentação mútua entre as atividades de produção de bens e as demais atividades humanas deixou de ser possível, uma vez que o relógio e não mais o tempo da natureza passou a ser o guia dos homens (PUIG e TRILLA, 2004).

Observou-se, então, que as transformações históricas, em especial a industrialização, tiveram repercussão direta no entendimento e organização dos tempos humanos (ROLIM, 1989). O ingresso do homem ocidental em uma civilização de caráter técnico implicou na regulação do tempo e, mais do que isso, na superelevação da importância da quantidade em detrimento a outras dimensões de duração subjetivas. Isto se deveu essencialmente aos novos ritmos da produção fabril, os quais indubitavelmente tiveram repercussões na vida das famílias modernas, que passaram a organizar suas vidas – ou seja, seu tempo – em relação à dinâmica do trabalho industrial.

Com base nesta nova divisão de tempo advinda da industrialização, Bacal (2003) traça as novas formas de organização do tempo “pós-mecanização”. Para a autora, a vida dos homens está organizada em torno da satisfação de suas urgências vitais, isto é, da atenção às exigências do próprio corpo para que a sobrevivência seja garantida. Para isto, os homens têm que realizar atividades que lhes permitam conseguir recursos para sanar suas necessidades. A satisfação destas urgências vitais (consumo) relaciona-se à transformação contínua da natureza (trabalho) e acontece no tempo chamado “tempo necessário”. Por outro lado, o

processo de produção é acompanhado pela necessidade de descanso, de usufruto dos bens produzidos (alimentação), do atendimento às obrigações políticas, familiares e religiosas que asseguram a permanência no grupo social. Este tempo restante vivido fora da produção chama-se de “tempo liberado”. E, contido no “tempo liberado” está aquilo que se chama de “tempo livre”. Este se distingue dos demais por ter a gratuidade e a desobrigação como aspectos centrais de sua caracterização: aquilo que se faz no tempo livre é resultante do desejo daquele que a executa. Sendo nele em que se situa aquilo que chamamos lazer.

1.2.2 Sobre o tempo livre e o lazer: definições, divergências e convergências

Tendo em vista as transformações na concepção de tempo na modernidade, dada à regulamentação da vida cotidiana pós-industrialização, afirma-se que é neste período em que se inicia a instituição de um tempo propriamente pensado como tempo de vivência necessário aos seres.

Esta compreensão da necessidade do tempo livre é resultante dos conflitos que emergiram entre os proprietários dos bens de produção e a nova classe de trabalhadores pelo direito ao usufruto pleno de seu tempo fora do trabalho. Na medida em que os trabalhadores foram ganhando legalmente mais tempo em relação à jornada de trabalho, acresceram-se outros conteúdos ao tempo liberado além do descanso. O trabalhador passou a dispor de um tempo para recuperar-se fisicamente e também de um tempo para o exercício com liberdade de atividades de sua escolha (BACAL, 2003, p. 66).

Além disso, é preciso pontuar que a produção do tempo livre é resultado de um progresso da produtividade, proveniente da aplicação das descobertas técnico-científica, por um lado e, por outro, da regressão do tempo controlado pela autoridade religiosa (DUMAZEDIER, 1979). Dessa maneira, revela-se a deterioração da mística do trabalho que cedeu seu lugar à valorização das atividades realizadas no tempo livre, como o lazer.

A observação histórica dessa mudança de enfoque do tempo de trabalho para o tempo de lazer permite ver que, primeiramente, do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, a relação trabalho/tempo livre (equivalente ainda ao tempo liberado) consistia na configuração do segundo em relação às obrigações profissionais impostas pelo primeiro. A valorização do tempo livre e das atividades nele realizadas dava-se como em Roma: primeiro, atendia-se ao *negotium* e, depois, admitia-se a distração e o descanso para que se assegurassem as condições de retorno ao trabalho. Já o período pós-Primeira Guerra marcou efetivamente uma mudança no valor das atividades de tempo livre. No âmago de uma civilização tecnicista caracterizada pela massificação da sociedade, inverteram-se as posições do binômio trabalho/tempo livre, de maneira que o trabalho passou a se configurar, a partir daquele

momento, em função da busca do tempo livre. Obviamente estas afirmações não podem ser aplicadas de maneira estrita a todas as classes sociais e sociedades, pois

A sociedade pós-industrial ou científico-técnica, apesar do aumento de possibilidade de tempo livre, não será para todos uma sociedade marcada pelo tempo livre. A grande maioria dos trabalhadores, seja porque o trabalho é para ele uma fonte de criação cultural ou de responsabilidade social, seja porque as necessidades de consumo são mais fortes – *ou simplesmente necessárias* –, seja pelo desinteresse para com as atividades do tempo livre, assumirão jornadas de trabalho mais longas como nos tempos anteriores. (DUMAZEDIER, 1979, p. 35, grifo do autor)

O lazer é um fenômeno moderno surgido com o aparecimento do tempo livre e com a artificialização do tempo de trabalho típica do modelo de produção fabril desenvolvido com a revolução industrial (MELLO e ALVES JUNIOR, 2003). Ainda que a compreensão do surgimento do lazer, situada em meio à modernidade e à revolução industrial, seja quase um consenso entre os estudiosos deste fenômeno, a sua conceituação ainda encontra divergências. Como mostram Puig e Trilla (2004), o tempo tende a ser o fato central na maior parte das definições de lazer, acompanhado de definições apoiadas na atitude dos sujeitos ou nas atividades classificadas ou não como sendo de lazer.

Para alguns, lazer é sinônimo de tempo fora das obrigações do trabalho e engloba, assim, todas as atividades realizadas quando não se está trabalhando. Portanto, obrigações para com a família, entidades religiosas e/ou políticas – e, portanto, necessárias à democracia – e até o trabalho doméstico (nada prazeroso, diga-se de passagem), estariam sob este guarda-chuva. (DUMAZEDIER, 1979). Há também aqueles que dão à atitude destaque na configuração do lazer. Sob esta perspectiva, o lazer não dependeria do tempo no qual se dá sua ocorrência, mas residiria na relação estabelecida pelo sujeito com a atividade que desempenha. O lazer não seria, por conseguinte, uma categoria, mas sim um estilo comportamental, podendo ser encontrado em qualquer outra atividade: estudar brincando, trabalhar ouvindo música etc. Esta definição implica em uma abordagem mais psicológica do lazer em detrimento de uma sociológica, entendendo-o como uma atividade que pode penetrar todas as outras atividades da vida humana, imprimindo um caráter confuso à importante conquista da diminuição do tempo necessário e ao recrudescimento do tempo livre (DUMAZEDIER, 1979). Outros conceituam o lazer de acordo com as atividades que poderiam ou não fazer parte do conceito, situando, desta forma, a discussão na esfera das atividades humanas sem levar em conta os sujeitos que dela participam.

Em relação a esta discussão, Dumazedier (1979) propõe o entendimento do lazer como tempo do qual estão excluídas as obrigações familiares, pessoais, espirituais e políticas. Para

ele, o lazer é um tempo destinado à realização da pessoa, tendo neste seu fim último. É o momento legado aos indivíduos quando estes já cumpriram suas obrigações sociais e podem realizar suas vontades e desejos de maneira mais autônoma e descomprometida. O lazer liga-se, sob esta perspectiva,

[...] a uma nova necessidade social do indivíduo (pós-industrialização) de dispor de si para si mesmo, desfrutar de um tempo no qual antes as atividades eram parte impostas pela empresa, pelas instituições sócio espirituais, sócio-políticas ou familiares. A razão da existência deixa de ser o funcionamento das instituições para ser a realização do indivíduo. (DUMAZEDIER, 1979, p. 57)

Apesar de afirmar a centralidade do indivíduo e de sua subjetividade, agora dotada de um valor em si mesma, Dumazedier não deixa de apontar a atuação do mercado econômico, das tradições e da política nas conformações do lazer. Mais do que isso, relativiza a liberdade dos sujeitos na escolha de seus lazeres e propõem uma ética do lazer na qual se vislumbre um equilíbrio entre as exigências utilitárias da sociedade e as exigências desinteressadas dos indivíduos (DUMAZEDIER, 1979).

Para Marcellino (MARCELLINO, 2007, p. 16), o campo do lazer emerge difuso ainda nos dias atuais e aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal e social têm menor destaque que o descanso e divertimento.

As maneiras de habitar, de se deslocar, de obter renda, de usufruir serviços básicos, de se relacionar com o espaço urbano, variam de acordo com a condição financeira do cidadão, sua origem, sua idade, seu sexo, dentre outros fatores. Também o lazer, em função dessas diferenças, apresenta-se na metrópole com diversas “faces”. (ANDRADE; MARCELLINO, 2011, p. 12)

No entanto, segundo ele (MARCELLINO, 1997), duas linhas centrais podem ser identificadas considerando-se o lazer. Uma que fundamenta o lazer na variável atitude, propondo que o mesmo é um estilo de vida que não depende de um tempo específico. E outra que compreende o lazer como “tempo liberado” do trabalho ou como “tempo livre”, segundo a qual ele se materializa nos tempos em que se está livre de qualquer obrigação. Para ele, ambas as vertentes devem ser consideradas para a realização de estudos que deem conta da complexidade do fenômeno. O lazer deve ser pensado como cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, acrescido dos aspectos de tempo e de atitude. Ele é um fenômeno histórico do qual emergem valores questionadores e transformadores da estrutura da sociedade, isto é, há uma relação dialógica segundo a qual,

ao mesmo tempo em que o lazer é fruto da sociedade, ele também a questiona (MARCELLINO, 2007).

Sobre toda esta discussão, Lenea Gaelzer (1979) já comentava, no final da década de 70, sobre a necessidade de reflexão a respeito do lazer por meio de diversas perspectivas. Para ela, o conceito transitará entre seus três aspectos centrais – tempo, atitude e atividades – dada a interdependência dos mesmos para sua vivência. Assim, o lazer seria mais que uma mera atividade, pois a atividade é apenas o meio para vivê-lo e, ao mesmo tempo, não equivaleria ao tempo livre, uma vez que o tempo livre é somente o tempo que oportuniza as possibilidades e escolha e, conseqüentemente, a vivência do lazer. Para Gaelzer, o lazer “é um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer” (GAELZER, 1979, p. 54).

Por fim, Gomes (2008) problematiza a definição de lazer à luz das questões relacionadas à contemporaneidade. Para a autora, é preciso explorar o tema do lazer compreendendo a dinâmica social que permite a sua manifestação. Assim como para Marcellino, para Gomes o lazer passou a ser considerado, no final da década de 1980 no Brasil, como cultura vivenciada no tempo disponível, sendo esse fenômeno percebido agora sob o prisma da cultura.

O lazer entendido como fenômeno cultural é uma criação humana que está em constante diálogo com as demais esferas da vida. Participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações. (GOMES, 2008, p. 43)

Desta forma, o lazer está situado no campo das práticas humanas, relacionando-se aos sentidos e significados partilhados subjetiva e objetivamente pelos sujeitos. Ele se constitui a partir das especificidades do contexto histórico e sociocultural no qual se desenvolve, dialogando com as demais esferas da vida em sociedade.

O lazer compreende, assim, a vivência de inúmeras manifestações da cultura, tais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de artes (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), entre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, uma vez que esta e outras manifestações culturais podem constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de lazer. Todavia, essas práticas assumem significados diversos ao dialogar com um determinado contexto, ao se materializar em um determinado tempo/espço e, também, ao assumir um papel peculiar para os sujeitos, para as instituições e para os grupos sociais que as vivenciam. (GOMES, 2008, p. 44)

Diante disto, o lazer é entendido como uma dimensão da cultura cuja compreensão envolve a presença de quatro elementos sociais inter-relacionados: a) o tempo, que se refere ao tempo de lazer vivido para além dos tempos de lazer institucionalizados; b) o espaço/lugar, o qual mais que o lugar físico é o “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de convívio social; c) as manifestações culturais, que constituem as práticas vivenciadas como fruição da cultura; e d) a atitude, que se fundamenta na ludicidade – aqui entendida como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade (GOMES, 2004).

Sendo assim, entende-se, nesta pesquisa, que o lazer é um conceito dinâmico intrinsecamente ligado à cultura e à sociedade. É possível dizer que, ao mesmo tempo em que é construído pela sociedade e cultura, é também o lazer responsável pela construção do social e do cultural. Sua vivência se dá predominante no tempo livre e longe do tempo das obrigações sociais e as atitudes dos sujeitos para com as atividades que desempenham são responsáveis em grande parte por sua caracterização.

1.2.3 Características, conteúdos e tipologias do lazer

Destarte, a inserção do lazer dentro do tempo livre permite a atenção a uma das propriedades do lazer, descritas por Dumazedier (1979) e, posteriormente, por Camargo (1992): a gratuidade. Em geral, as atividades de lazer são aquelas que estão mais afeitas a sua realização pelo prazer contido em si mesmas. Pode-se, ainda assim, estabelecer um quadro geral no qual as atividades de lazer visam um prazer desinteressado, calcado em uma segunda propriedade do lazer: a escolha pessoal. No entanto, é possível questionar tal prazer desinteressado e, por conseguinte, sua total gratuidade, apontando para uma possível existência de interesses subjacentes à prática desinteressada, como as daquele que “pratica tênis com seus chefes para estabelecer relações privilegiadas com os eles”(CAMARGO, 1992, p. 23).

O lazer, diversamente das obrigações familiares e profissionais, situa-se em uma esfera de maior liberdade de escolha do indivíduo.

Aquele que vai ao teatro e não ao cinema, que joga bola e não caminha ou anda de bicicleta, o faz para atender seus desejos pessoais. Assim, a livre escolha no lazer pode ser entendida como um tempo caro aos homens, no qual se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação e participação social (CAMARGO, 1992, p. 11).

As duas outras propriedades do lazer estão, de certa forma, contidas nas primeiras. Aquele que escolhe de forma a atender uma satisfação busca o alcance de um prazer com a feitura de determinada atividade de lazer. Mais que prazer, a gratuidade da escolha assegura àquele que a faz uma liberação de suas obrigações cotidianas. Deste modo, o lazer situa-se em atividades de escolha pessoal, desprovidas de interesses além do prazer que elas possam fornecer e situadas em uma esfera de liberação.

Estas atividades circunscritas no lazer podem ser classificadas a partir do interesse cultural central em sua realização. Dumazedier (1979) propõe cinco tipologias de atividades de lazer: aquelas relacionadas às atividades físicas e aos esportes; aquelas de interesse manual, voltadas para a transformação e manipulação da natureza; aquelas inseridas em interesses intelectuais, com a satisfação da curiosidade racional; outras de fundo artístico, com a satisfação do imaginário e da criatividade; e, por fim, atividades associativas, centradas no interesse humano de estabelecer contato com outras pessoas. A estas, Camargo (1992) adiciona mais uma tipologia, a das atividades de lazer para fins turísticos, as quais visam atender às necessidades dos homens por outras paisagens, ritmos e estilo de vida.

Para Elias e Dunning (1992), é relevante também observar os desdobramentos emocionais e psicológicos suscitados pelo lazer nos sujeitos. Este representa, nas sociedades industriais, a forma central para o desencadeamento de comportamentos de excitação em grupo por meio de formas aceitas pela sociedade. Em sociedades organizadas com grande nível de pressão sobre os sujeitos, o lazer ganha destaque, uma vez que se configura como uma forma de “válvula de escape socialmente aceita” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103). Isto acontece uma vez que as atividades de lazer proporcionam aos sujeitos uma excitação/prazer que “ao mesmo tempo, [é] o complemento e a antítese das violências emocionais as quais estamos sujeitos em nossa rotina. (...) As instituições de lazer não são mais do que formas de representação de um mundo de fantasia irreal” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 115). Sendo assim, a representação mimética vivenciada nas atividades de lazer desencadeiam emoções parecidas com aquelas vividas em situações reais. Contudo, a função e os feitos das emoções do lazer são diferentes nas pessoas em comparação às emoções reais, nas quais os sujeitos podem perder o autocontrole e tornarem-se ameaças para si e para os outros. Já a emoção do lazer, chamada pelos autores de “emoção mimética”, é aceita tanto no âmbito individual quanto no coletivo. E, além de não representar um perigo social, produz um efeito catártico no sujeito que a vivencia.

1.3 LAZER, SOCIABILIDADE E CULTURA JUVENIL

Tendo em vista as considerações feitas acima referentes ao lazer, sua conceituação e história, pode-se notar a intrínseca relação deste com os processos de socialização, em especial a sociabilidade e a formação dos sujeitos. Esta afirmação relaciona-se às considerações de Bacal (2003) quanto à relevância da cultura, entendida de modo abrangente, para a formação dos sujeitos e, por conseguinte, de uma sociedade. Para ela, ainda que uma cultura não seja necessariamente o fator determinante para a conduta dos indivíduos, esta se apresenta como a rede de fatores que atua como uma das bases e das condições limitadoras sobre as quais os indivíduos desenvolvem suas potencialidades. Dessa forma, pode-se dizer que os indivíduos se configuram enquanto sujeitos num movimento pendular entre a ação sobre si mesmos e o meio social, cultural e econômico no qual estão inseridos. Dessa forma, acredita-se que a observação dos processos de socialização (no caso deste estudo, em especial, da sociabilidade), por meio de suas imbricações com o lazer, contribui para a compreensão do destaque alcançado por esta atividade no meio juvenil e de sua relevância junto aos jovens que no tange sua formação enquanto cidadãos.

O conceito de socialização cunhado por Simmel (2006) trata da forma, realizada das mais diversas maneiras, com que os indivíduos se agrupam para satisfazer seus interesses. Ele define a socialização como

a forma que se realiza de inúmeras maneiras distintas, na qual os indivíduos em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio do qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, pp. 60-61)

A socialização pode ser distinguida em dois processos diferentes: a socialização e a sociabilidade. De acordo com Durkheim (1952), a socialização é um processo que traça nos homens o ideal moral de uma sociedade, mostrando-lhes como devem ser e refletindo neles sua organização. É por meio dela que o sistema suprime os instintos humanos, os quais conduzem a desagregação e instauram uma ordem normativa específica. Com a socialização, os homens aprendem os significados sociais, identificam-se com eles e os transformam em seus próprios significados. Para Pais (1993), é através das socializações diversas que os jovens são chamados a compartilhar as normas dos adultos. Deste modo, pode-se dizer que a educação, pensada de forma sistemática,

[...] é a socialização metódica de cada geração, processo o qual, bem-sucedido, conduz a interiorização das regras, normas e valores, numa assimilação das crianças e dos jovens à família e aos grupos aos quais eles pretendem ou devem pertencer na idade adulta. (DAYRELL, 2005, p. 232)

Já no que se refere à sociabilidade, esta é um processo de sociação no qual o interesse central reside no próprio contato entre as pessoas. Para Simmel, a sociabilidade é o ponto de partida fundamental para a formação do social, sendo um espaço menos estruturado e estruturante que a socialização.

As reflexões de Simmel a respeito da sociabilidade derivam da problemática a qual ele se destinou a investigar: a possibilidade de existência do social, os mecanismos que permitam a existências da sociedade. Suas reflexões tomaram como ponto de partida a interação entre os indivíduos, isto é, a sociedade só é possível uma vez que existe interação entre seus membros. (SIMMEL, 2006, p. 60)

Valendo-se das ideias de Simmel, Dayrell (2005, p. 236) define sociabilidade como uma forma de sociação, “tendo como especificidade a emancipação de conteúdos, sendo apenas forma de convivência com o outro e para o outro. Na sociabilidade o fim é a própria associação e a relação nela estabelecida”.

Sendo assim, tendo-se em vista estes dois processos de sociação e partindo-se da premissa de que o desenvolvimento dos homens como seres biológicos, sociais e culturais vai depender da qualidade das relações sociais que estabelecem com o meio em que vivem e com seus pares (DAYRELL, 2005) é possível inferir que a formação e a configuração dos sujeitos ocorrem em meio à vivência destes dois tipos de interação social. Logo, ao considerar o lazer como atividade baseada em uma gratuidade relativa de interesses e certa liberação de obrigações, a qual tem como um de seus conteúdos específicos o associativismo e cujo objetivo último é a fruição de um prazer, pode-se considerá-lo como uma das materializações sociais da sociabilidade. De acordo com Elias e Dunning (1992, p. 150),

O lazer oferece um campo de ação mais vasto para um divertimento individual intenso e relativamente espontâneo de curta duração do que qualquer outro tipo de atividade pública. Representa uma esfera da vida que oferece mais oportunidades às pessoas de experimentarem uma agradável estimulação das emoções, uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com os outros e desfrutada com a aprovação social e boa consciência.

Assim sendo, o lazer vem ocupar um papel de destaque ao oportunizar aos seres momentos de interação alheios às normatividades impostas pela socialização. São nos momentos de lazer, e, por conseguinte, de sociabilidade, que as interações sociais são

mediadas pelos próprios sujeitos e para os próprios sujeitos. Também o tempo de lazer, calcado no diálogo e na discussão de regras, objetivos e desejos, muito contribui para a seleção daquilo que virá ou não participar da constituição dos indivíduos contemporâneos.

No lazer é possível constituir certa autonomia que dificilmente encontraria lugar em outros contextos da vida social, tais como os escolares, os familiares e os do trabalho profissional. A experimentação de determinados comportamentos nas práticas de lazer, em outras situações, seria considerada como um desvio inaceitável de conduta. Os jovens podem encontrar nas atividades de lazer as possibilidades de experimentação das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social. O lazer é o momento que permite à realidade social cotidiana ser (re)apresentada em condições de ludicidade e fantasia. (CARRANO, 1999, p. 152)

Uma vez posta essa discussão e voltando-se agora para o universo juvenil, Brenner, Dayrell e Carrano (2008) mostram que é de fato no tempo livre em que estes jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, rito simbologias e modos de ser que os diferenciam dos adultos e permitem a consolidação e criação de suas identidades. Segundo Pais (1993, p. 116),

As formas como os jovens se entregam às atividades dos tempos livre é – pelo menos aparentemente – o que mais dá mais especificidade aos seus modos de vida. E é nesta medida que grande parte da sociologia da juventude tem passado pela sociologia do lazer.

São os mundos da cultura e do lazer espaços privilegiados de práticas e representações nas quais os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumindo um papel protagonista: atuando sobre o seu meio e construindo determinado olhar sobre si mesmo e sobre o mundo que os cerca. É na dimensão da produção e consumo cultural que novos espaços de criação de sentidos existenciais da juventude têm proporcionado a formação de novas identidades juvenis e coletivas (DAYRELL, 2001).

No contexto de transformações socioculturais pelo qual o país vem passando, parecem surgir novos lugares, espaços, tempos e experiências no universo juvenil em torno do lazer que têm permitido a consolidação dos jovens como indivíduos. Isto é, tem permitido a eles sua consolidação como seres sociais (de determinadas origens familiares que ocupam certo lugar social), inserindo-se em uma trama de relações sociais com histórias próprias e que interpretam e significam o mundo, seus próprios lugares e suas relações sociais de modo específico (DAYRELL, 2003).

A centralidade do lazer na ocupação do tempo livre dos jovens pressupõe que, na realização de tais atividades, há satisfação de necessidades materiais e existenciais que estão desobrigadas do cotidiano e da ordenação social, uma vez que são opções voluntárias de seus praticantes e que estabelecem relações com as alteridades, fatores estes determinantes para o estabelecimento da singularidade dos sujeitos. Assim sendo, acredita-se que o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da condição juvenil, sendo em torno dessas atividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação das identidades coletivas e individuais (DAYRELL, 2001).

É importante destacar que a totalidade desse processo de construção de identidades e a consolidação como indivíduos é marcada pela centralidade dos grupos para a vivência juvenil. “A rede de amigos oferece ao jovem a proteção de sua identidade individual, os protege de possíveis assaltos socializadores por parte de seus pais” (PAIS, 1993, p. 93). A convivência com os grupos permite ainda a criação de inúmeras formas de relações (de confiança, aprendizagem etc.) que servem de matriz para as construções individuais, visto que

[...] Nos espaços de lazer, os jovens podem encontrar as possibilidade de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias para o convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social. As diferentes práticas de experiência coletiva em espaços públicos de cultura e lazer podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios onde se processam experiências e se produzem subjetividades. (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 177)

A experimentação da individualidade e das múltiplas identidades, entretanto, são mais possíveis nos espaços de cultura e lazer porque, diferentemente de outros espaços presentes nas vidas dos jovens marcados, em geral, pela socialização, aqueles são perpassados por processos de associação relacionados à sociabilidade. Assim, enquanto por um lado a família, a escola e as instituições sociais tradicionais promovem a socialização, por outro, os espaços das práticas de lazer e cultura possibilitam a fruição da sociabilidade. Não surpreende, portanto, que seja no contexto cultural e do lazer em que os jovens consigam construir e elaborar, de forma mais profícua, seus modos de vida e práticas cotidianas específicos. É este um ambiente de menor controle, sendo possível nele a articulação do mundo adulto e suas instituições a partir de parâmetros próprios dos jovens, configurando-se uma cultura juvenil própria que, ao mesmo tempo em que dialoga com as expectativas históricas e com os valores sociais de referência, contrapõem-se a eles (CATANI; GILIOLI, 2008). As culturas juvenis são formas de culturas autônomas resultantes da articulação entre os parâmetros dos

indivíduos jovens e os do mundo adulto. Por meio delas, se expressam significados e valores construídos dentro do contexto de vida dos jovens.

Os tempos livre podem considerar-se como uma das mais importantes dimensões da vida quotidiana dos jovens no que respeita à definição e compreensão das culturas juvenis, quer o usufruto desses tempos seja considerado como meio de ajustamento ao meio social envolvente, quer como fator de integração geracional. (PAIS, 1993, p. 111)

Dessa forma, refletir sobre as condições de uso e opiniões dos jovens sobre os espaços públicos de cultura e lazer implica na própria problematização do jovem como detentor de direitos, colocando em xeque em que medida são proporcionadas as condições de experimentação de práticas culturais e de lazer que levam à criação de sujeitos e suas subjetividades. A oferta do direito cultural e de lazer sugere mais que o simples fornecimento de atrações, implicando, na verdade, no oferecimento de condições de produção cultural, acesso aos produtos culturais, informações, meio de produção, difusão e valorização da memória cultural coletiva (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008).

1.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Várias foram às estratégias de aproximação do universo de investigação. Primeiramente, desenvolveu-se o estudo bibliográfico das categorias teóricas centrais para a dissertação: juventude, tempo livre, lazer e modos de sociação. Também se realizou estudos sobre o bairro do Lajeado e suas características; sobre os jovens moradores do local, suas características e seus hábitos de tempo livre.

A atividade central, contudo, foi a realização de averiguação quantitativa em campo junto aos jovens de seis escolas públicas mediante a aplicação de questionário. Após a seleção dos equipamentos CEU Lajeado, Parque Lajeado e Centro Cultural de Guaianases, três estratégias foram utilizadas: aplicação de questionário de múltipla escola, entrevistas de jovens e dos gestores dos equipamentos e observações dos locais durante todo seu horário de funcionamento, de modo a conhecer o espaço, os atores e seus usos. As entrevistas foram realizadas no período de maio a agosto de 2012 com os coordenadores, gestor, administrador e um ativista cultural da região. Estas entrevistas visaram obter informações sobre os equipamentos e suas programações, fazer o mapeamento das relações estabelecidas entre os jovens e os equipamentos estudados e, por fim, observar as opiniões dos gestores e do ativista cultural sobre os desejos e necessidades dos jovens do distrito. O nome de todos os

entrevistados foram mantidos em sigilo, sendo substituídos por suas funções ou atividade no bairro.

Já a pesquisa quantitativa foi realizada entre agosto e setembro de 2012 e consistiu na aplicação de questionários com 42 questões: 41 delas fechadas, de escolha numérica, seleção e/ou múltipla escolha, e um questão aberta descritiva. Em sua elaboração, o questionário foi dividido em três partes: a primeira, visando à caracterização dos jovens e suas famílias; a segunda, objetivando apreender os hábitos de lazer dos jovens; e, a terceira, desejando saber suas impressões e opiniões sobre os locais estudados. A confecção dos questionários e seleção de amostra foi produzida em parceria com os membros do Grupo de Estudos em Temas de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação/USP, o Centro de Estatística Aplicada do Instituto de Matemática e Estatística/USP e o Prof. Dr. Emerson Joucoski, da Universidade Federal do Paraná.

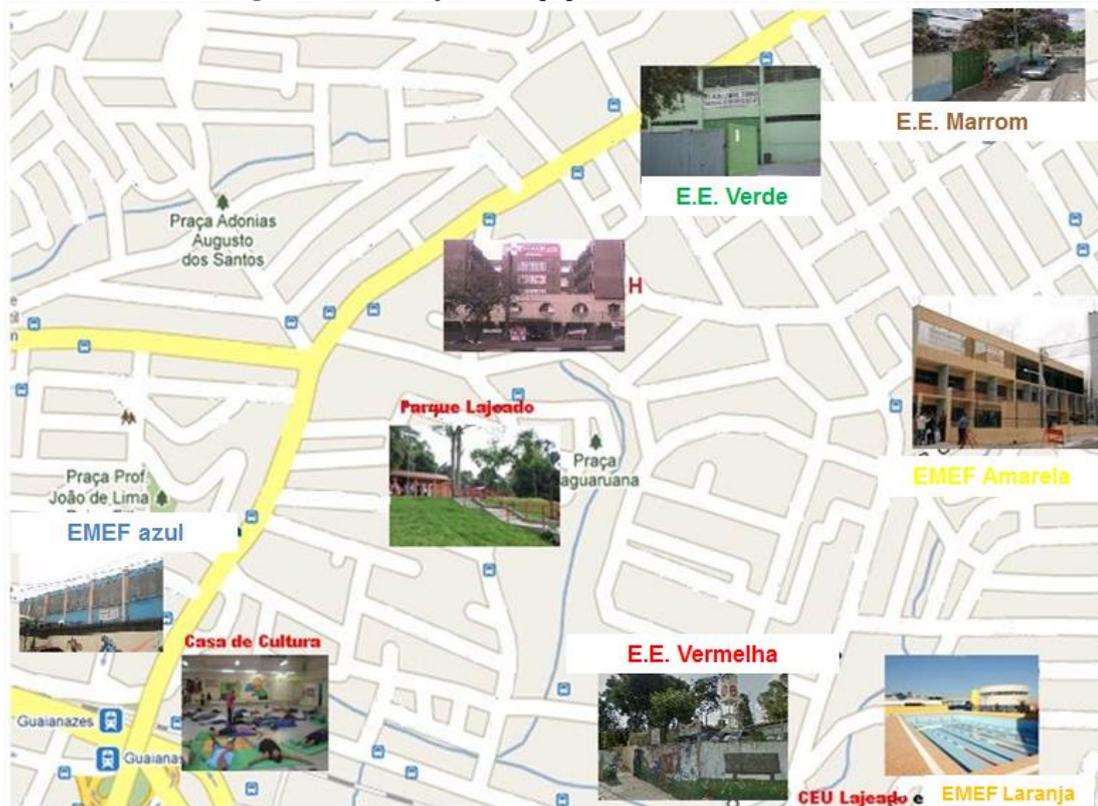
Antes da aplicação dos questionários foi realizado um pré-teste com seis jovens de 13 a 15 anos, integrantes do grupo escoteiro João de Barro do distrito do Lajeado, o qual realiza suas atividades no Parque Lajeado. A escolha deste grupo deveu-se a semelhança deste e um dos grupos ao qual o questionário se direciona: jovens cursando a 8ª série do Ensino Fundamental em escolas públicas municipais e estaduais do distrito do Lajeado. Mais do que isso, pensou-se que a realização de um pré-teste somente com os jovens cursando a 8ª série já daria conta de averiguar sua aplicabilidade, sendo desnecessário um pré-teste também com jovens do 3º ano do Ensino Médio. O pré-teste foi realizado na casa de um dos chefes do grupo escoteiro e os jovens participantes concluíram os questionários no tempo de 20 a 30 minutos, não havendo grande dificuldade em sua realização.

Finalizado o pré-teste, deu-se, em maio, o início das negociações com as escolas para a aplicação real dos questionários. Uma carta de apresentação foi entregue em cada escola e uma entrevista da pesquisadora com os coordenadores pedagógicos e diretores foi agendada para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa e, por fim, os testes foram aplicados entre agosto e setembro de 2012, conforme mencionado anteriormente. Os nomes reais das escolas foram substituídos por cores de forma a pedido de alguns dos gestores de maneira a preservar as identidades das unidades.

A escolha pela aplicação dos questionários em escolas deu-se por duas razões. Primeiro, por ser possível dizer que são elas os locais principais da divulgação das programações dos três equipamentos estudados nesta pesquisa, bem como dos demais órgãos públicos e ONGs do distrito em geral. Em segundo lugar, a aplicação do questionário nas

salas de aula assegurou certo controle da faixa etária dos respondentes, pois foram escolhidas escolas em que houvesse 8^{as} séries do Ensino Fundamental e 3^{os} anos do Ensino Médio, visto que o recorte etário desse estudo varia entre 13 e 19 anos de idade. Ademais, a adoção de procedimentos de amostragem estatísticos permitiu que a representatividade de sexo da pesquisa estivesse em acordo com a distribuição real entre meninos e meninas do distrito. E, por fim, garantiu que os entrevistados residissem próximo aos locais estudados, uma vez que os alunos de escolas públicas geralmente são alocados nas escolas mais próximas de suas casas. Sendo também que todas as escolas selecionadas para a aplicação dos questionários estavam a uma distância de 5 a 30 minutos a pé de todos os equipamentos estudados. Ver **figura 1** a seguir.

Figura 1: Localização dos equipamentos e escolas estudados



Fonte: Google Maps/Edição da autora.

A aplicação do questionário foi iniciada com uma conversa breve sobre os objetivos da pesquisa, sobre como se configurava um estudo de pós-graduação em nível de mestrado e sobre os três equipamentos estudados. Isto foi necessário porque muitos entrevistados desconheciam pelo menos um dos equipamentos, em geral o Centro Cultural de Guaianazes, ou os confundiam com outros lugares próximos ao distrito, como a Fábrica de Cultura da Vila Curuçá ou o Parque Guaratiba de Guaianazes.

Tabela 2: Dados sobre as escolas pesquisadas.

Escola	Ano/Série	Período	Nº de salas de cada ano/série	Nº de alunos matriculados	Data da aplicação	Nº de Questionários Aplicados
E.E ⁵ . Verde	3	Noturno	6	De 40 a 45 por sala	15/ago	60
	8	Matutino	7	De 40 a 45 por sala	17/ago	30
E.E. Marrom	3	Noturno	7	De 40 a 45 por sala	08/ago	43
	8	Matutino	9	De 40 a 45 por sala	08/ago	60
E.E. Vermelha	3	Noturno	4	165	07/ago	52
	8	Matutino	5	183	20/ago	60
EMEF ⁶ Laranja	8	Matutino	5	150	19/set	45
EMEF Amarela	8	Vespertino	2	72	10/ago	37
EMEF Azul	8	Matutino	2	70	10/ago	17
Total						404

A despeito do que foi observado no pré-teste, os entrevistados das 8^{as} séries tiveram certa dificuldade em responder ao questionário. Notou-se que, com exceção da EMEF Laranja, os jovens das demais escolas, em pelo menos uma das salas aplicadas, tiveram dificuldade em responder aos questionários, não sabendo em que lugar assinalar ou tendo dificuldade na compreensão das questões, uma vez que não liam os enunciados. Em oito casos, a pesquisadora teve que aplicar os questionários diretamente aos entrevistados, uma vez que estes não tinham fluência na leitura. Também se notou a necessidade de confirmação por parte dos respondentes junto à pesquisadora quanto ao preenchimento correto do questionário, fato que alargou o tempo de aplicação. Ainda a observação no momento da recolha dos questionários revelou grandes incongruências nas respostas, como, por exemplo, a afirmação do desconhecimento de um dos equipamentos estudados e, ao mesmo tempo, o preenchimento da avaliação que se referia a ele ou vice-versa. A partir desta constatação, foi possível perceber que alguns entrevistados afirmavam ter visitado ou ouvido falar de lugares que, na verdade, desconheciam totalmente e, quando perguntados sobre o porquê de tal atitude, esquivavam-se ou diziam ter se confundido, achando se tratar de outro lugar de fato conhecido. Para além daqueles com uma dificuldade real, a atitude responsiva dos entrevistados variava também de acordo com o professor titular da turma que acompanhava a pesquisadora. E, mais do que isso, notou-se que alguns entrevistados optaram por demorar um pouco mais no preenchimento do questionário para assim retardar o início de uma aula subsequente àquela da aplicação. Já os entrevistados do 3^{os} ano do Ensino Médio não tiveram

grandes dificuldades para responder aos questionários, ainda que em uma sala tenha sido necessário auxiliar um entrevistado com dificuldades de leitura. De maneira semelhante aos entrevistados da 8ª série, algumas salas optaram por alargar um pouco mais o tempo de preenchimento para que a aula seguinte à aplicação do questionário fosse atrasada.

Somente uma entrevistada do 3º ano da E.E. Vermelha se recusou a preencher o questionário, tendo-o entregue em branco ao final da aplicação. Por fim, pode-se apontar que, dentre todos os entrevistados, somente duas entrevistadas do 3º ano do Ensino Médio (ambas cursando o curso técnico de nutrição da ETEC Guaianases) e uma entrevistada da 8ª série (filha de uma professora da unidade) sabiam no que consistia um estudo de mestrado.

Finalizado o trabalho de aplicação dos questionários, um banco de dados foi confeccionado em Excel por um profissional da área de gestão da tecnologia da informação, contando com os campos de inserção dos dados numéricos e um dicionário explicativo para a tabulação dos dados. A alimentação do banco de dados foi realizada pela pesquisadora e mais dois parceiros nos meses de setembro e outubro. Já a análise estatística e a confecção de tabelas foram realizadas no primeiro semestre de 2013 por meio do programa oferecido pelo Centro de Estatística Aplicada do IME, o qual oferece assessoria estatística de pequeno porte gratuita aos pesquisadores da Universidade de São Paulo. Esta assessoria é realizada por alunos do último semestre de Estatística e professores do Departamento de Estatística. Sendo assim, contou-se com a parceria da graduanda em estatística Marina Reigano Pagano e suas orientadoras Prof.^a Dr.^a. Mônica Carneiro Sandoval e Prof.^a Dr.^a. Denise Aparecida Botter. Para a realização da análise foram usados o programa SAS 9.2 e as técnicas de análise descritiva unidimensional e análise descritiva multidimensional.

Além da tabulação, foi realizada a verificação de associação entre variáveis avaliadas por meio do questionário através do teste qui-quadrado de independência⁶ (BUSSAB; MORETTIN, 2011). Concomitantemente à análise estatística, foi realizada a observação in loco pela pesquisadora com o objetivo de registrar diretamente as situações vividas por jovens quando da participação das programações oferecidas ou simples frequência dos locais estudados. Foram realizadas 15 horas de observações em cada um dos equipamentos estudados. Houve a preocupação do estabelecimento de observações que abrangessem todos os horários de funcionamentos dos equipamentos e atividades específicas, como as aulas de Samba Rock no Centro Cultural de Guaianases e as aulas de ginástica para terceira idade no

⁶ O teste de independência qui-quadrado é usado para descobrir se existe uma associação entre duas variáveis em uma tabela de contingência construída à partir de dados da amostra. A hipótese nula é de que as variáveis não estão associadas, ou seja, eles são independentes. A hipótese alternativa é de que as variáveis estão associadas, ou dependentes.

Parque Lajeado. Durante a observação, foi confeccionado um diário de campo, o qual serviu de base para as descrições feitas sobre cada um dos locais observados mais adiante.

No segundo semestre de 2013, foi realizada a leitura do relatório estatístico confeccionado pelo CEA/USP e a seleção, dentre as 623 tabelas confeccionadas pela graduanda em estatística, daquelas a serem analisadas na pesquisa e o início da análise dos dados. Tendo em vista a criação de uma estratégia de natureza qualitativa, foram realizadas duas rodas de conversa com alunos da 8ª série da EMEF Laranja (16 jovens) e do 3º ano do Ensino Médio da E.E. Verde (10 jovens) de forma a debater alguns aspectos revelados sobre seus hábitos de lazer dentro e fora de casa e com que frequência frequentavam os equipamentos estudados. Estas conversas visaram à inserção de uma breve incursão qualitativa e ao esclarecimento de algumas dúvidas e hipóteses suscitadas pelos gráficos. Os alunos participantes receberam números para que pudessem ser identificados sem que suas identidades fossem reveladas e as conversas foram gravadas e transcritas por meio do software gratuito Express Scribe. A participação dos jovens foi satisfatória em ambos os grupos, havendo discreta dificuldade durante a realização com o grupo da 8ª série. Os jovens demonstraram uma grande dispersão, exigindo da pesquisadora um esforço de contínua recondução da conversa ao seu real foco sem bloquear a capacidade de expressão dos participantes.

2. O LUGAR, OS EQUIPAMENTOS E OS JOVENS DO LAJEADO

2.1 LAJEADO

2.1.1 O lugar: a formação do distrito

A formação dos distritos⁷ de Guaianases e Lajeado iniciou-se com o aldeamento dos índios Ururaí em São Miguel Paulista e Guarulhos. No final do século XIX e início do século XX, as terras dos índios passaram para o domínio de particulares. E nas terras da família Bueno, onde hoje se situa o Cemitério Lajeado, foi edificada, no dia três de maio de 1861, a capela de Santa Cruz do Lajeado ao redor da qual se deu o nascimento do povoado de Guaianases. A princípio, o povoado chamava-se Lajeado e sua atividade consistia no cultivo de produtos agrícolas e agropecuários. Com a inauguração da estrada de Ferro Norte São Paulo, em 1875, o local em que fora construída a Capela recebeu a designação de Lajeado Velho, e o núcleo vizinho da Estação Ferroviária recebeu o nome de Lajeado Novo. O chamado Lajeado Novo começou a prosperar com a chegada dos imigrantes Italianos a partir de 1880 e, por volta de 1920, o Lajeado passava a contar com uma população aproximada de 600 habitantes e 100 edificações.

Em 30 de dezembro de 1929, Lajeado foi elevado à categoria de distrito, separando-se de Guaianases. Durante o período de 1920 a 1940, seu desenvolvimento foi inexpressivo e surgiram os primeiros loteamentos, nos quais chegaram a se formar pequenos núcleos de imigrantes alemães e austríacos. Em 1934, a população era de 1.642 habitantes, possuindo uma única escola e uma subdelegacia de polícia, criada em 1895. Neste mesmo período nasceram também duas agremiações desportivas no distrito: o Atlas Lajeado F.C., cuja fundação ocorreu por volta 1915, e a União F.C., fundada em 1934. Os dois vieram a fundir-se em 1946, criando o atual Guaianases F.C. Já outra agremiação desportiva, o Grêmio Botafogo F. C. de Guaianases, foi fundada em 05 de Abril de 1955 por uma família carioca que ainda hoje reside no bairro.

A partir da década de 1960, houve um grande processo migratório por parte da população nordestina para região, a qual é ainda hoje majoritária, embora conviva com um número expressivo de imigrantes bolivianos.

⁷ As informações aqui contidas foram retiradas de três murais presentes no CEU Lajeado, os quais contam o surgimento do distrito e seu desenvolvimento.

Figura 2: Atlas Lajeado F. C. e União F. C em 1946.



Fonte: Coleção José Valdir Regueiro Vasquez.

2.1.2 Lajeado hoje

O distrito de Lajeado, vizinho ao distrito de Guaianases, está localizado na divisa leste da cidade de São Paulo com os municípios de Ferraz de Vasconcelos e Itaquaquecetuba. Sua administração regional é realizada pela Subprefeitura de Guaianases, a qual possui uma população de 268.787 habitantes distribuídos em 17,80 km². Destes totais, o distrito do Lajeado conta com 103.996 habitantes distribuídos 9,60 km², com densidade demográfica de 15.085 hab./km².

Mapa 1: Distritos da Cidade de São Paulo.



Fonte: São Paulo (Cidade). Município em Mapas – Cultura e Território: uma análise da economia e dos espaços culturais na cidade, 2007.

No que se refere à população atendida pela Subprefeitura de Guaianases, pode-se dizer que ela é eminentemente jovem, uma vez que mais de 54% da população tem até 29 anos, como pode ser observado na **tabela 3** a seguir:

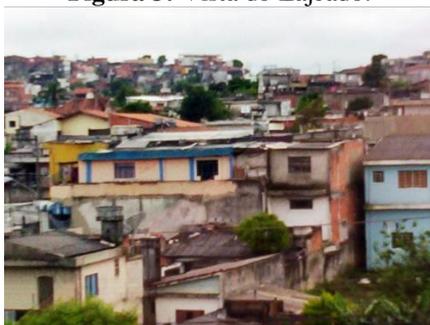
Tabela 3: População da Subprefeitura de Guaianases – 2011.

População de Guaianases	Habitantes	%
De 0 a 9 anos:	43.129	16,05
De 10 a 14 anos:	26.770	9,96
De 15 a 19 anos:	25.240	9,39
De 20 a 29 anos:	50.858	18,92
De 30 a 59 anos:	103.145	38,37
Com 60 anos ou mais:	19.645	7,31
Total	268.787	100

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – Censos Demográficos – Retroestimativas e Projeções 2011.

No que tange especificamente ao distrito de Lajeado, este também tem uma maioria populacional jovem. A partir de dados obtidos junto à Fundação Sistema Estadual de Dados (Seade) referentes ao ano de 2011, pode-se notar que em torno de 60% da população tem menos de 29 anos. Destes, 42% tem entre 0 e 19 anos, havendo distribuição populacional equitativa de 10% a cada 5 anos a mais de vida dos indivíduos. De maneira diversa, a população acima dos 60 anos representa somente 4,7% do total de residentes do distrito. Quanto à ocupação do território, assim como em grande parte da cidade de São Paulo, esta se caracteriza pela alta densidade de ocupação urbana e por construções não planejadas, através de ocupações ilegais e invasões. De acordo com a Secretaria da Habitação (SEHAB) e IBGE/Censo 2010, o distrito tem um número de favelas acima de média da cidade. No ano de 2011, 9,92% dos domicílios do distrito do Lajeado localizavam-se em favelas. Em 2008, este número era de 10,52%, havendo, portanto, uma queda discreta da quantidade de residências nestes locais. No entanto, é relevante ressaltar o grande número de moradias não regularizadas. Mesmo não se localizando em favelas, muitas casas do distrito foram construídas em encostas ou em terrenos sem documentação legal, não havendo, portanto, a posse do território ou sequer condições de segurança para os moradores⁸.

⁸ É importante assinalar que o distrito do Lajeado, como mencionado anteriormente, foi em grande parte ocupado ilegalmente e muitos moradores não dispõem da documentação de seus imóveis. Os distritos do Lajeado e de Guaianases integram os programas de regularização fundiária tanto da Secretaria de Habitação Municipal quanto da Companhia Metropolitana de Habitação. O Departamento de Regularização do Parcelamento do Solo (RESOLO) deu início em 2008 a regularização fundiária de moradia de 2.953 famílias (SEHAB, 2008). No entanto, o plano de metas da cidade 20014-20016 aponta a necessidade ainda do atendimento de 12.813 famílias pela Subprefeitura de Guaianases (SEMPLA, 2013).

Figura 3: Vista do Lajeado.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Quanto à violência, o distrito do Lajeado tem melhorado seus índices nos últimos anos. Quando observados os dados disponíveis no Sistema de Informação Criminal (INFOCRIM/SSP), vê-se que a Subprefeitura de Guaianases ocupa o sexto melhor lugar no número de roubos por subprefeituras no último ano de dados disponíveis, com 1.128 roubos no ano de 2006. Observa-se também que reduziram não apenas os números de crimes com vítimas fatais por cem mil habitantes (de 73,67 em 2003 para 28,72 em 2006), mas também os de óbitos por cem mil habitantes (de 8,53 óbitos em 2008 para 6,08 em 2011).

Entretanto, o mesmo quadro não é identificado quanto à mortalidade juvenil. A taxa de mortalidade encontra-se acima da média da cidade, sofrendo um crescimento de 34% no ano de 2011 em relação a dados anteriores. Contudo, como já apontava o relatório sobre o distrito do Instituto Sou da Paz, em 2006, o avanço do mercado de entorpecentes é claro tanto para os moradores quanto para as instituições que trabalham junto aos jovens no distrito.

No que se refere ao trabalho e o emprego, o distrito do Lajeado – assim como a maior parte da região leste da cidade – não dispõe de muitos empregos formais em seu território. De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2010, dos 3.990.013 empregos formais existentes na cidade, apenas 5.829 encontram-se no distrito do Lajeado. No ano de 2010, o distrito contava com 410 estabelecimento de comércio, 182 estabelecimentos de fornecimento de serviços, 47 indústrias de transformação e 66 estabelecimento ligados à construção civil, sendo que o comércio e o setor de serviços são os maiores responsáveis pelo empregos formais no distrito.

Tabela 4: Empregos no Lajeado por setor de atividade econômica – 2010.

Distrito do Lajeado				
Setor	Comércio	Serviços	Indústria de Transformação	Construção Civil
Empregos Formais	2.670	1.902	659	596

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – RAIS. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU). Depto. de Estatística e Produção de Informática (Dipro).

No que se refere à inserção dos jovens no mercado de trabalho formal, nota-se que, apesar de a população do distrito ser formada por 52% de jovens com idades entre 0 e 24 anos, apenas 25% dos empregos formais atendem a esta população. A **tabela 5** nos permite notar que há pouco espaço para a inserção no mercado formal de jovens com menos de 18 anos, pois apenas 101 postos de trabalho formal são ocupados por jovens desta faixa etária.

Tabela 5: Empregos formais no distrito do Lajeado, exclusive administração pública, segundo faixa etária – 2010.

Faixa Etária	Nº de empregos
Até 17	101
18 a 24	1.385
25 a 29	1.155
30 a 39	1.658
40 a 49	1.015
50 a 64	501
65 ou mais	14
Total	5.829

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – 2010.

No que se refere à educação, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)⁹ do distrito situava-se, em 2007, abaixo da média da cidade, sendo de 4,7 nas séries iniciais do Ensino Fundamental e 3,5 nas séries finais. Uma consulta ao Portal IDEB Meritt¹⁰ permite notar que o cenário não sofreu grandes alterações nestes cinco anos, como pode ser observado na **tabela 6** sobre os IDEBs das seis escolas integrantes deste estudo. Vê-se que nos anos de 2009 e 2011, a escola municipal Laranja cresceu em seus índices e ultrapassou as metas fixadas, sem haver, no entanto, crescimento expressivo. Também a escola estadual Verde apresentou crescimento e alcançou as metas, sem, contudo ultrapassá-las. Quanto às demais escolas, observa-se queda dos índices em todas elas – fato este que não atesta um

⁹ O índice varia de 0 a 6 pontos.

¹⁰ IDEB MERITT. Disponível em: www.portalideb.com.br. Acesso em 15/10/2012 às 19h.

desempenho necessariamente inferior às demais, visto que tanto a escola estadual Marrom¹¹ quanto à escola municipal Laranja têm o mesmo índice nos anos finais.

Tabela 6: IDEBs das escolas da pesquisa.

Escola/Ano	Anos Iniciais		Anos Finais	
	2009	2011	2009	2011
EMEF Laranja	4.3	4.6	3.8	3.9
EE Verde ⁷			3.4	3.7
EE Vermelha	5	4.9	3.4	3.7
EE Marrom			4.1	4
EMEF Amarela	5	4.6	3.6	3.9

Fonte: Portal IDEB Meritt.

Outro aspecto a ser mencionado é a escassez de áreas livres e de áreas públicas de circulação e de convívio no distrito. A circulação é dificultada pela falta de pontos de ônibus cobertos, pela presença de calçadas e ruas muito estreitas e pela falta de iluminação pública ou sua má conservação. Até o ano de 2007, os equipamentos públicos mais presentes na região eram as escolas públicas, havendo carência de outros equipamentos para oferta de lazer, esportes e serviços “de referência”, geralmente relacionados às áreas de saúde e atendimento de minorias (SMEPP, 2007). Além das escolas estaduais e municipais, o distrito contava, em 2007, com duas bibliotecas públicas¹², um Centro Educacional Unificado (CEU Jambeiro), seis Telecentros¹³ e cerca de onze unidades relacionadas ao atendimento de saúde¹⁴. Nos anos de 2007 e 2008, dois novos Telecentros¹⁵ e duas novas Unidades Básicas de Saúde (UBS) foram inauguradas¹⁶. Contudo, o cenário da saúde no distrito permaneceu como um dos piores da cidade, uma vez que o aumento de UBSs não foi acompanhado pelo aumento de leitos (1,15 leitos em 2011 por cada mil habitantes, de acordo com a Secretária Municipal de Saúde) em Hospitais¹⁷.

¹¹As escolas E.E. Verde e E.E. Marrom não possuem turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

¹²Biblioteca Jamil Almansur Haddad e Biblioteca CEU Jambeiro.

¹³Jamil Almansur Haddad, Lajeado, Kolping, Mulheres da Vila Alzira, Vila Nanci e CEU Jambeiro.

¹⁴AMA Jardim Etelvina, Centro de Referência em Plantas Medicinais Práticas Naturais em Saúde, UBS Vila Chabilândia, CTA DST/AIDS Vila Chabilândia, Pronto Socorro Comunitário Jardim Iolanda, UBS Guaianases I, UBS Jardim Aurora, PSF Vila Bandeirantes, UBS Jardim Etelvina, PSF Fanganiello, UBS Jardim Robru e UBS Santa Luzia.

¹⁵Telecentros Adão Manoel da Silva e Lajeado.

¹⁶UBS Primeiro de Outubro e Lajeado.

¹⁷Os dados aqui contidos foram reunidos através de pesquisa na internet nos sites da Secretária Municipal de Saúde (<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/>) e de Participação e Parceria (http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/participacao_parceria/).

No que se refere aos aspectos culturais e de lazer do Lajeado, a formação de espaços culturais é apenas incipiente, não havendo salas de cinema nem de teatros comerciais, e até mesmo os espaços comunitários são bastante raros. As bibliotecas, CEUs e espaços religiosos aparecem como as únicas alternativas para a realização de atividades culturais, uma vez que nem o projeto de bibliotecas itinerantes, promovido pelo SESC, contempla o distrito. O documento “Município em Mapas – Cultura e Território” (SEMPA, 2007) já mostrava a baixa oferta de equipamentos culturais e de lazer. O distrito de Lajeado dispunha, até então, de apenas dois tipos de equipamentos de cultura ou lazer, sendo ambos pertencentes a entidades mantenedoras públicas: um CEU e duas bibliotecas, sendo uma delas a biblioteca do próprio CEU. Em 2008, foi instalado no distrito o CEU Lajeado, o qual passou a atender a uma parcela da população localizada em regiões mais afastadas do centro comercial principal da localidade. Também foram instalados o Parque Lajeado, o Centro Cultural de Guaianases e a Praça da Paz, em 2010, pelo Instituto da Sou da Paz em parceria com a empresa Sul América. No entanto, nenhum destes equipamentos estava diretamente relacionado às pastas municipais de Lazer ou Cultura, sendo os CEUs geridos pela Secretária Municipal de Educação (SME); o Parque Lajeado, pela Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (SVMA); e o Centro Cultural de Guaianases, pela Subprefeitura de Guaianases. Desta forma, o distrito não dispõe de equipamentos públicos para a oferta direta de lazer e de atrações culturais, ainda que isto seja feito por outras secretarias.

2.1.3 A juventude do Lajeado

O distrito do Lajeado é eminentemente jovem, uma vez que, conforme mencionamos anteriormente, 64% de sua população tem menos que 29 anos. Esta população, no entanto, só passou a receber maior atenção por parte do poder público e de organizações não governamentais a partir da divulgação de dados nada animadores sobre sua realidade. No início da década passada, com a criação de um Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), que considerou em sua composição os níveis de crescimento populacional, a presença de jovens entre a população distrital, sua frequência à escola e os índices de gravidez e de violência, foi possível ter um panorama da situação daqueles que anteriormente eram chamados simples e genericamente de “jovens em situação de risco”. Este indicador, que varia em uma escala de 0 a 100 pontos (na qual o zero representa o distrito com menor vulnerabilidade e 100, o de maior), permitiu a observação do Lajeado como o 12º pior distrito com relação às condições de vida de seus jovens dentre os 96 da cidade. Ademais, em 2006, o já mencionado relatório

confeccionado pelo Instituto Sou da Paz visando à instauração de um planejamento de minimização da violência local apenas ratificou aquilo explicitado seis anos antes pelo índice.

Diante destes dados, o distrito do Lajeado, juntamente com o distrito de Grajaú, o 5º pior distrito segundo o IVJ/2000, foram selecionados pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) para realizar o Programa Jovens Urbanos. Este programa era responsável, entre 2008 e 2011, pela formação de jovens de 16 a 20 anos residentes em regiões urbanas por meio de uma metodologia formativa que visava promover o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos jovens com os territórios da cidade, oferecendo oportunidades para que conhecessem e explorassem espaços onde estão concentradas práticas juvenis, artísticas, tecnológicas, relativas ao mundo do trabalho, das políticas, das ciências, de promoção da saúde, de lazer e de esportes (SANTOS, 2008).

No contexto da realização do programa nestes dois distritos, o CENPEC, em parceria com a Focos Pesquisa e Educação, produziu, em 2009, um relatório sobre os usos e apropriações por parte dos jovens do Lajeado e Grajaú de seus distritos e da cidade. O relatório, intitulado “Mapeamento de usos e apropriações juvenis da cidade – distrito de Grajaú e Lajeado” foi organizado através da exploração de quatro eixos. O primeiro, relativo às atividades econômicas realizadas pelos jovens nos distritos; o segundo, acerca dos hábitos de consumo dos jovens e dos locais que frequentam por opção ou necessidade; o terceiro, sobre os equipamentos de saúde e educação que os jovens utilizam; e o quarto, sobre os espaços públicos, comunitários e religiosos que os jovens buscam com o objetivo de participar de atividades culturais, comunitárias e de formação realizadas coletivamente. Os dados do relatório foram obtidos a partir de entrevistas com grupos de jovens atuantes nas áreas social e cultural e representantes das organizações não governamentais que participavam do programa nos distritos do Lajeado e do Grajaú. No Lajeado, participaram jovens dos grupos: Cine Campinho, Descompan(h)ia Teatral, Grupo Honório Arce, Projeto Ostensivo de Rimas Revolucionárias, Espaço Cultural Carlos Marighela e Tenda Literária. Já as organizações participantes foram: Associação Voluntários do Brasil, Casa dos Meninos, Instituto Paulista da Juventude e Plugados na Educação. Além das entrevistas, foram utilizadas fontes estatísticas conhecidas, como: o Censo 2000 do IBGE, a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) e informações disponíveis nos sites da SEMPLA (Secretaria Municipal de Planejamento), do CEM (Centro de Estudos da Metrópole), das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, Educação e Cultura e do Ministério da Cultura. Já os mapas

presentes no relatório foram elaborados em Terra View, ferramenta de geoprocessamento de uso livre, desenvolvida pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

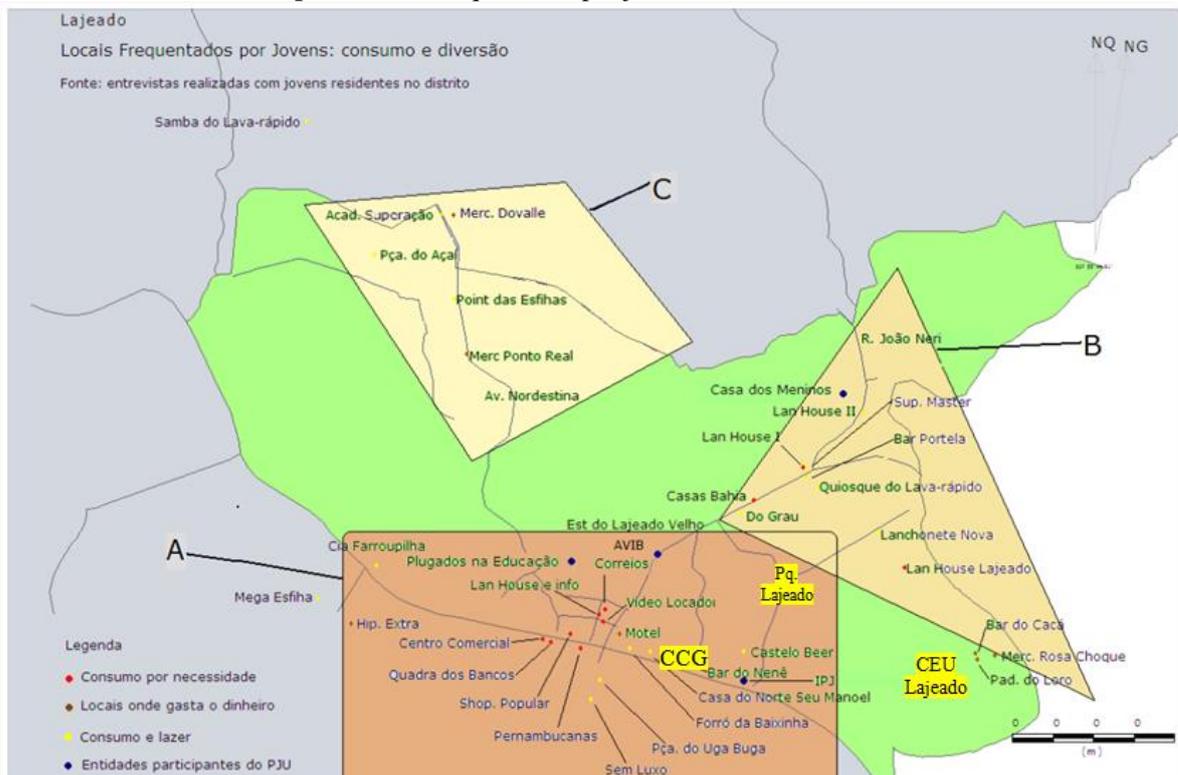
O relatório não foi publicado oficialmente, tendo sido cedido à pesquisadora pelo coordenador do Programa Jovens Urbanos Wagner Santos, e é por meio de suas informações que se propõe aqui a traçar o perfil da juventude do Lajeado, considerando que dados mais recentes poderiam eventualmente indicar algumas mudanças. Mais do que isso, ele serve de guia para a aproximação dos hábitos, tendo em vista que seu viés qualitativo não permite maiores generalizações.

2.1.4 Consumo e diversão

A área mais frequentada pelos jovens para o consumo e diversão no Lajeado localiza-se na divisa com o distrito de Guaianases, próximo à estação de trem, havendo ali o principal centro comercial da localidade. Além deste centro comercial principal, são mencionados locais de consumo no eixo da Avenida Nordestina e da Estrada do Lajeado Velho, perto da qual foi instalado recentemente um Habib's. Os locais de consumo correspondem à concentração da atividade econômica formal no distrito, a qual se funde às manchas de comércio informal. O **mapa 2** – “Locais Frequentados por Jovens: consumo e diversão” mostra os locais mencionados pelos mesmos referentes à frequência para o consumo por necessidade, para o consumo e lazer, para gastar dinheiro e para a participação no Programa Jovens Urbanos. Pode-se observar que a região de maior densidade de locais mencionados situa-se justamente na divisa entre os distritos de Guaianases e Lajeado. Na composição desta região, observam-se lojas populares, bancos e restaurantes populares, segmentados no mapa segundo a significância econômica das regiões em que se localizam. A área A é aquela de maior importância econômica, seguida pela área B e, por fim, pela área C. É importante ressaltar que este mapa não possui valor estatístico, uma vez que consiste em um mapeamento feito com os jovens entrevistados, sem o devido tratamento sistemático das informações.

Observa-se que é na área em verde, situada entre as marcações da região A e região B, que está localizado o CEU Lajeado. Já o Parque Lajeado localiza-se na região A, entre o Bar Castelo Beer e o Bar Do Grau, localizados na região B. Por fim, o Centro Cultural de Guaianases localiza-se ao lado do Forró da Baixinha, na parte inferior da região A, na divisa com o distrito de Guaianases.

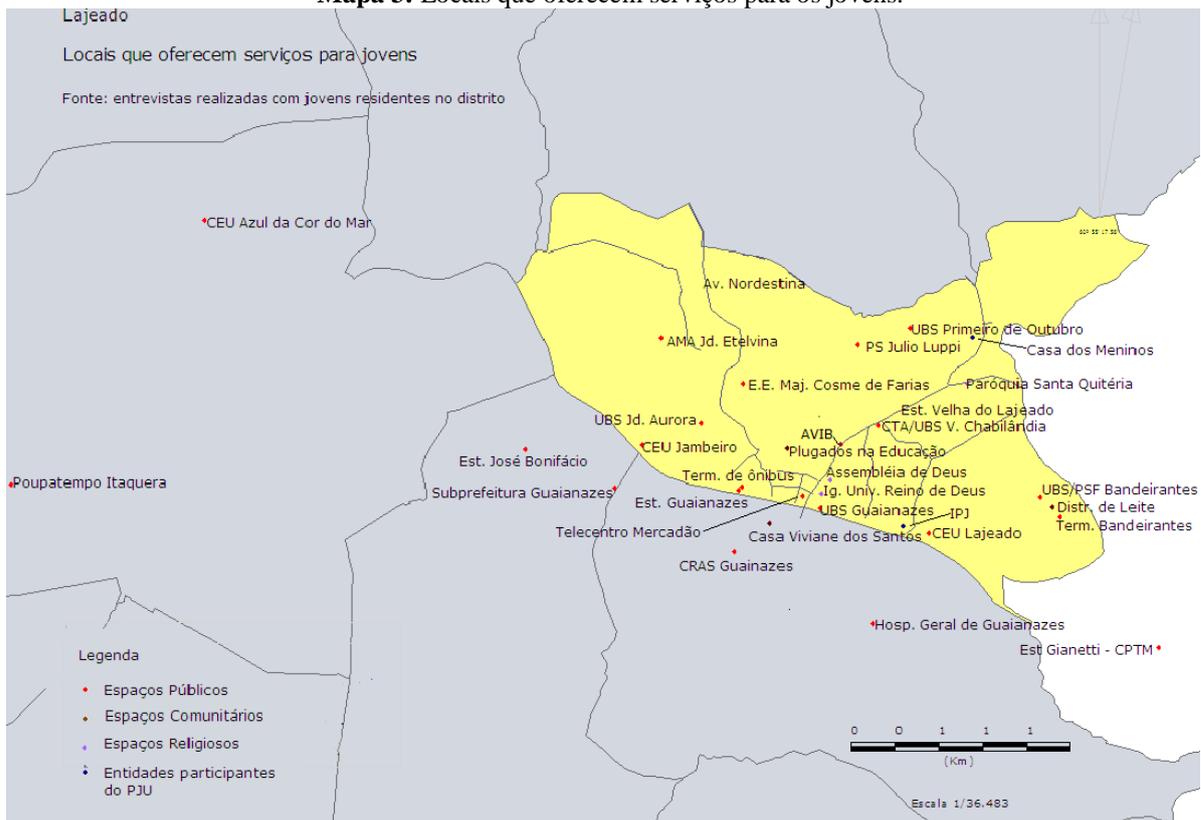
Mapa 2: Locais frequentados por jovens: consumo e diversão.



Fonte: CENPEC e Focos Educação e Pesquisa – Mapeamento de usos e apropriações juvenis da cidade – distrito de Grajaú e Lajeado (2009).

Nas entrevistas foram identificados alguns dos locais públicos, religiosos e comunitários frequentados por necessidade, de acordo os realizadores, pelos jovens do distrito. Destaca-se a presença de um número significativo de escolas reconhecidas como espaços públicos necessários. Os jovens apontaram que, para além da educação formal, as escolas configuram-se como espaços para a obtenção de informação e orientação para assuntos diversos, como ofertas de cursos, divulgação de eventos e participação em atividades comunitárias.

O **mapa 3** mostra os locais públicos ou comunitários que, segundo os entrevistados, oferecem serviços para esta população. Vê-se, neste mapa, que alguns locais mencionados não estão localizados no distrito, sendo os distritos de Guaianases e Itaquera aqueles para os quais os jovens se dirigem.

Mapa 3: Locais que oferecem serviços para os jovens.

Fonte: CENPEC e Focos Educação e Pesquisa – Mapeamento de usos e apropriações juvenis da cidade – distrito de Grajaú e Lajeado (2009).

2.1.5 Cultura, lazer e juventude

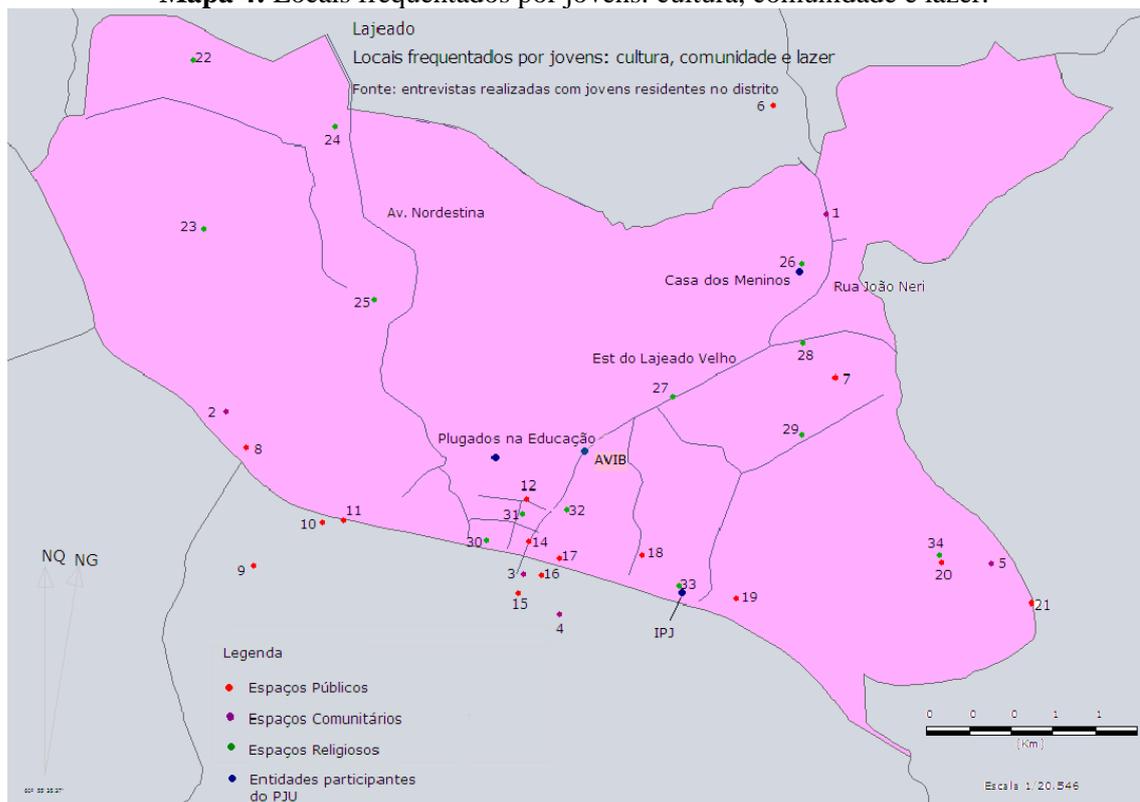
Os espaços formais destinados à cultura e ao lazer dos jovens no distrito são escassos. Em geral, estas atividades manifestam-se sem vínculo institucional e, eventualmente, por meio de parceria com o poder público ou com a iniciativa privada. Por tratar-se de um bairro afastado do centro e de ocupação relativamente recente, o Lajeado não integra o chamado “circuito cultural” da cidade de São Paulo. Sua produção cultural é autônoma por princípio, uma vez que não atende diretamente às necessidades comerciais da indústria cultural. Contudo, o Lajeado dispõe de várias “saídas”, ou seja, seu entorno é formado por bairros com estrutura urbanística mais organizada, o que facilita o acesso da juventude à produção cultural regional.

Observa-se que os cinemas do Shopping Itaquera são os mais próximos dos moradores do distrito, acompanhados pelas Casas de Cultura de Itaquera e do Itaim Paulista. Vale também ressaltar o papel desempenhado pelos CEUs na efervescência cultural existente não só no distrito pesquisado, mas também em outros bairros da periferia de São Paulo. Festivais e mostras de música, dança, teatro, cinema, fotografia e literatura que acontecem no espaço

dos CEUs possibilitam o diálogo e o intercâmbio entre diversos grupos, os quais são compostos majoritariamente por jovens que protagonizam essas práticas.

A despeito de uma variedade não muito significativa de espaços públicos no Lajeado, são estes espaços os locais mais citados como lugares de encontro e diversão pelos jovens entrevistados. Além das escolas, destacam-se alguns locais públicos de apropriação comunitária, como praças, parques e bibliotecas. A menção a espaços de lazer, como o Parque Chácara das Flores; o Parque Linear Guaratiba; o CEU Lajeado; o Campo do Botafogo, ao lado do CEU Jambeiro; as Praças do Mercado e do Uga Buga; a Pista de *Skate* junto ao Mercado Municipal de Guaianases; e o Escadão, praça em que ocorre uma Quermesse anual, evidenciam o uso compartilhado de espaços públicos. No que se refere aos espaços pesquisados, muitas foram as menções ao CEU Lajeado, uma vez que este reúne e promove atividades de diversos grupos da região. O Centro Cultural de Guaianases também foi apontado pelos entrevistados como um local de usufruto do lazer e de fomento à cultura. Observa-se a menção a espaços públicos, comunitários e religiosos, havendo grande presença de espaços religiosos das mais diversas crenças. O **mapa 4** a seguir mostra a distribuição no espaço dos locais mais frequentados pelos jovens do Lajeado:

Mapa 4: Locais frequentados por jovens: cultura, comunidade e lazer.



Fonte: CENPEC e Focos Educação e Pesquisa – Mapeamento de usos e apropriações juvenis da cidade – distrito de Grajaú e Lajeado (2009).

Tabela 7: Locais representados no Mapa 5

1. CHÁCARA GENI	9. PÇA DE EVENTOS	18. E.E. VERMELHA	27. CHÁCARA DO PADRE
2. CAMPO DO BOTAFOGO	10. PARQUE LINEAR GUARATIBA	19. CEU LAJEADO	28. PARÓQUIA SANTA QUITÉRIA
3. PISTA DE SKATE CEU JAMBEIRO	11. PRAÇA DE EVENTOS PQ. LINEAR GUARATIBA	20. EMEF AMARELA	29. IGREJAS EVANGÉLICAS
4. ESPAÇO CARLOS MARIGHELA	12. ESCADÃO	21. E.E. PEDRO GERALDO	30. CONGREGAÇÃO CRISTÃ
5. SEDE CINECAMPINHO	14. PÇA. DO MERCADÃO MUNICIPAL	22. IGREJA CATÓLICA	30. IGREJA BRASIL PARA CRISTO
6. PARQUE CHÁCARA DAS FLORES	15. PÇA. DO UGA BUGA	23. IGREJA CATÓLICA	32. ASSEMBLEIA DE DEUS
7. E.E BALBINA	16. BIBLIOTECA CORA CORALINA	24. IGREJA CATÓLICA	33. PARÓQUIA SÃO FRANCISCO
8. CEU JAMBEIRO	17. CENTRO CULTURAL GUAIANASES	25. GRUPO DE JOVENS IGREJA CATÓLICA	34. IGREJA

2.2 OS EQUIPAMENTOS DA PESQUISA

Almeja-se aqui fazer a apresentação e descrição dos três equipamentos presentes nesta pesquisa e das unidades educacionais participantes. Para isto, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre cada um dos equipamentos, entrevistas com gestores e observação de campo.

Como dito anteriormente, os equipamentos, ainda que multidisciplinares, ofertam à comunidade do entorno opções de atividades relacionadas ao lazer. Suas atividades são conduzidas por grupos de funcionários públicos tanto concursados como comissionados¹⁸, sendo os últimos indicados pela administração municipal vigente. Observa-se que os gestores gerais dos três equipamentos e suas equipes imediatas são compostos por pessoas designadas pelo poder político local e que os cargos de assessoria administrativa ou ação docente em geral são realizados por funcionários concursados.

No que se refere apenas ao caso do CEU Lajeado e demais CEUs da cidade, a nomeação como gestor exige que o selecionado seja integrante do quadro funcional da Secretaria Municipal da Educação e tenha mais de três anos de experiência.

2.2.1 Dos centros educacionais unificados ao CEU Lajeado

A criação dos Centros Educacionais Unificados no Município de São Paulo¹⁹ está ligada às diversas tentativas de construção de projetos de atendimento às classes populares. A maioria desses projetos inspira-se na “Escola Parque” do educador Anísio Teixeira, lançado no Estado da Bahia em 1950. Dentre eles, destacam-se: os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) do Rio de Janeiro (1983-1987); os PROFICs (Programas de Formação Integral da Criança) do Estado de São Paulo (1986); os CIACs (Centros Integrados de Atendimento à Criança e ao Adolescente), criados por Fernando Collor de Mello em 1991; e os CAICs (Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente), criados em 1994 pelo Ministro da Educação Murílio Avellar Hingel, do governo do Presidente Itamar Franco.

O projeto dos CEUs, desde o início, teve seu foco na inclusão social, apostando em uma proposta de articulação entre áreas diversas, como: meio ambiente, educação, emprego e renda, participação popular, desenvolvimento local, saúde, cultura, esporte e lazer. Estes equipamentos têm como inspiração o conceito de equipamento urbano agregador das comunidades e a concepção de “cidade educadora”, central na administração da ex-prefeita Marta Suplicy (2001-2004), na qual os CEUs tiveram início. Segundo esta concepção, além de suas funções tradicionais, a cidade educadora busca promover e desenvolver o protagonismo de todos seus cidadãos em busca do direito às mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal, cultural, esportivo e de lazer. Os CEUs são equipamentos

¹⁸ Funcionários contratados para cargos de confiança.

¹⁹ As informações aqui contidas estão disponíveis em: GADOTTI e DORIA; PEREZ, conforme referências bibliográficas.

que surgem, portanto, para complementar a rede municipal, agregando às escolas já existentes um espaço comunitário de participação social e de desenvolvimento local.

O projeto teve início em 2001 com a discussão entre a Secretaria Municipal de Educação e o Departamento de Edificações (Edif), da Secretaria de Serviços e Obras (SSO) da Prefeitura, sobre a necessidade de encontrar espaços físicos amplos para a construção de novas escolas. A ideia era fortalecer a escola pública, associando-a ao desenvolvimento comunitário. Esta busca foi orientada pelo mapa da Exclusão Social (SPOSATI, 1996), fato este determinante para a instalação do CEUs em áreas periféricas da cidade, com grandes densidades demográficas, exclusão social, forte demanda escolar, carência de espaços para prática de esporte e de equipamentos culturais. A localização dos equipamentos neste espaço objetivava transformar, cultural, tecnológica e educacionalmente a experiência das regiões periféricas da cidade. Quanto à implantação, esta foi guiada por alguns princípios apontados pelas parcerias feitas pela Secretaria Municipal de Educação com outras instituições e organizações, como o Instituto Paulo Freire (IPF), o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) e a Fundação Instituto de Administração da USP (FIA). Entre eles podemos destacar: modelo de gestão democrático e baseado na diversidade cultural, projeto político-pedagógico autônomo e construção de um equipamento essencialmente educativo (GADOTTI, 2004).

No que se refere à manutenção do equipamento, os CEUs fazem parte do sistema educacional mantido pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) e, assim sendo, orientam-se pelas diretrizes estabelecidas pela SME. Por sua natureza multidimensional, o CEU é administrado por meio de ações articuladas com as Secretarias Municipais de Esportes, de Cultura e demais secretarias. De acordo com Gadotti (2004), todos os núcleos, unidades, espaços e equipamentos que compõem o Centro Educacional Unificado, bem como suas ações e projetos, são intencionalmente educacionais, promovendo o desenvolvimento humano sustentável e integral dos cidadãos como sujeitos de direitos e de deveres. Eles também têm por função social a promoção, defesa e garantia de direitos constitucionalmente assegurados, devendo atender à comunidade local, respeitando suas características socioculturais, sem qualquer preconceito ou discriminação de gênero, cor, raça, etnia, nacionalidade, situação socioeconômica, credo religioso, político, idade ou de qualquer outra natureza.

Atualmente, a cidade de São Paulo possui 45 CEUs, dentre os quais 21 são remanescentes da administração Marta, do PT (Partido dos Trabalhadores), e os demais são da gestão do Serra-Kassab, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

2.2.2 Sobre a organização dos CEUS

Os Centros Educacionais Unificados são constituídos pela gestão geral e pelas unidades escolares. A gestão geral é formada pelo gestor e por assistentes técnicos, os quais se dividem entre funcionários comissionados e assistentes de gestão de políticas públicas ou auxiliares técnicos administrativos. Cabe a ela dar conta das atividades administrativas do CEU e fazer o atendimento ao público em geral. Também fazem parte da gestão geral os Núcleos de Ação Educacional, Cultural e de Esportes e Lazer.

O Núcleo Educacional é responsável pela promoção da ação pedagógica conjunta dos profissionais, pela confecção do projeto educacional anual e pela elaboração de projetos educacionais. Ele é composto por um coordenador de Ação educacional e um de projetos internos, ambos pertencentes ao quadro profissional da rede municipal de ensino, um coordenador de projetos externos e oficinairos que integram os projetos desenvolvidos pelo Núcleo.

O Núcleo de Esportes e Lazer, por sua vez, tem como objetivo promover ações esportivas e de lazer conjuntas com os outros profissionais do CEU, avaliar e elaborar projetos internos e externos dentro de sua área e pela execução de atividades esportivas e de lazer dentro do equipamento. Ele é composto por um coordenador do Núcleo de Esportes e Lazer, dois coordenadores de projetos, especialistas em informações desportivas e culturais (professores de Educação Física) e salva-vidas.

Por fim, o Núcleo de Ação Cultural tem como objetivo a promoção de ações culturais em conjunto com os demais profissionais do CEU, a avaliação e elaboração de projetos dentro de sua área e a execução de atividades culturais desenvolvidas dentro do equipamento. Este núcleo, assim com os outros, é composto por um coordenador de Ação e dois coordenadores de projetos, um coordenador de biblioteca, bibliotecários, um técnico de som, um técnico de luz e demais funcionários que integram o quadro dos projetos desenvolvidos, sendo eles oficinairos, artista-orientadores, arte-educadores etc.

A integração dos CEUs com os moradores do entorno dá-se por meio do conselho gestor, composto por funcionários públicos municipais, pais, alunos e membros de organizações locais, e é por meio do qual se promove a participação e organização para a

execução de políticas públicas nos CEUs. Já articulação e viabilização dos projetos da gestão geral com as unidades escolares ocorrem através do colegiado de integração formado pelos diretores das unidades educacionais, o gestor do CEU, os coordenadores de Ação dos Núcleos, o coordenador do Telecentro e o coordenador de Biblioteca. Por fim, compõe também a gestão geral a APMSUAC (Associação de Pais, Mestres, Servidores, Usuários e Amigos do CEU), composta por pais dos alunos matriculados, corpo docente das unidades educacionais, demais servidores e usuários, tendo como função deliberar sobre o uso das verbas de adiantamento bancário recebidas para a manutenção do equipamento.

As unidades educacionais de todos os CEUs da cidade são o Centro de Educação Infantil (CEI), a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) e a Escola Municipal de Educação Fundamental (EMEF). Estas possuem as mesmas características e quadro funcional das demais unidades da rede municipal de educação e sua administração é de responsabilidade da equipe gestora da própria escola, havendo autonomia em relação à gestão do CEU quanto à sua administração.

Ainda sobre a organização dos CEUs, Pacheco (2009), em sua pesquisa sobre estes equipamentos municipais e, especificamente no que tange ao seu quadro funcional, assinalou que, a despeito dos benefícios criados com a fundação dos CEUs, como o incremento do comércio no entorno das unidades e a geração de novos empregos, o surgimento de cargos de confiança em sua administração geral comprometeu a qualidade dos projetos educacionais e culturais, pois colocou na função profissionais despreparados. A partir das entrevistas realizadas, pode-se notar que não houve, após a nomeação dos gestores, qualquer processo de treinamento para as funções a serem desempenhadas. Todos os coordenadores afirmaram dispor de formação inicial que os instrumentalizasse de alguma maneira para sua ação: o coordenador de Educação do CEU Lajeado havia trabalhado como diretor de escola nomeado em outra ocasião, o coordenador de Esporte e Lazer foi coordenador na mesma área em outros CEUs da região e o coordenador de Cultura atuou muitos anos como iluminador de teatro. Contudo, as entrevistas revelaram que a formação inicial não possibilitou, por si só, que as atividades executadas pelos gestores e coordenadores fossem exitosas desde seu início na função. Muitos apontaram que coube somente a eles o aprendizado dos trâmites burocráticos inerentes à administração pública municipal e à aquisição do conhecimento sobre a comunidade do entorno e de seus representantes.

Diante disto, para Pacheco seria necessário que a criação e implantação dos CEUs tivessem sido acompanhadas por algum treinamento e pela contratação de profissionais

preparados para atuar nas áreas da educação, cultura, lazer e esporte. Contudo, Pacheco pode notar, em sua pesquisa, a alta rotatividade dos funcionários comissionados dos CEUs, fato que inviabiliza qualquer iniciativa de treinamento e a manutenção dos vínculos entre o equipamento e os moradores da região, centrais para uma programação de qualidade. O autor percebeu também que a contratação dos funcionários comissionados acabava por atender as demandas voltadas ao “clientelismo” local (PACHECO, 2009) e que os contratados pouco sabiam sobre suas atribuições e funções nas unidades. Neste cenário, os coordenadores e gestores de CEUs entrevistados por Pacheco apontaram a insegurança e a falta de reconhecimento como fatores desmotivadores de sua ação. Estes indicaram que sua ação está atrelada à gestão partidária que os contratou, não havendo possibilidade de permanecer no trabalho em uma gestão futura caso outro partido seja eleito, independentemente da qualidade do trabalho realizado. Desta forma, a pesquisa revelou certa fragilidade e instabilidade nas coordenações dos CEUs da cidade, havendo falta de formação inicial dos contratados, nenhum treinamento e pouca motivação.

2.2.3 O CEU Lajeado

O CEU Lajeado localiza-se próximo à linha férrea que leva à Mogi das Cruzes. Sua inauguração data de 17 de maio de 2008 e seu horário de funcionamento é de segunda à sexta-feira, das 7h às 23h, e aos sábados, domingos e feriados, das 8h às 20h. Sua construção deu-se em um terreno que fora uma das inúmeras chácaras da região e que, nos últimos anos, funcionava como depósito de entulho e local do tráfico.

Este equipamento é um entre os quatro CEUs integrantes da Diretoria Regional de Educação de Guaianases. Sua estrutura de 11.205 m² de área construída em 17.000 m² de terreno é composta por: três escolas municipais, totalizando 41 salas de aula (nove salas do Centro de Educação Infantil, nove salas da Escola Municipal de Educação Infantil e 21 salas da Escola Municipal de Educação Fundamental), uma extensão da Escola Técnica Estadual de Guaianases (oferecendo cursos técnicos em Informática, Finanças, Contabilidade e Secretariado), duas piscinas (uma infantil e outra semiolímpica), um refeitório com capacidade para 300 crianças, uma biblioteca, um Telecentro com 20 computadores, uma quadra externa, um prédio administrativo e o Bloco Esportivo Cultural (BEC) composto por nove salas, uma quadra interna e um teatro com capacidade de 184 lugares.

Figura 4: Vista do CEU Lajeado.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 5: Planta do CEU Lajeado.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Desde sua fundação em 2008, o CEU Lajeado tem desenvolvido projetos permanentes da SME. Primeiramente, há aqueles relacionados ao oferecimento de aulas e vivências associadas às artes, como o “Programa Vocacional” de teatro, dança e artes Visuais para pessoas a partir de 15 anos, desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, e o “Programa de Iniciação Artística” em artes visuais, música e teatro para crianças de 5 a 14 anos, desenvolvido em parceria com a Escola Municipal de Iniciação Artística. De 2008 até o presente momento houve variação na oferta destes programas, havendo em anos anteriores o oferecimento de aulas de direção teatral e música pelo Programa Vocacional e aulas de dança pelo Programa de Iniciação Artística.

Em segundo lugar, podemos destacar projetos permanentes que visam formar e incrementar a participação da comunidade do entorno em atividades culturais e de lazer, como o projeto “Recreio nas Férias”, que oferece recreação e lazer às crianças de 6 a 10 anos nos

períodos de férias em julho e em janeiro; o projeto “Cinema nos CEUs”, que disponibiliza sessões de cinema mensalmente no teatro do CEU Lajeado; o projeto “O CEU é Show”, por meio do qual são promovidos shows e espetáculos teatrais no equipamento; o projeto “Contraturno Escolar”, que oferece atividades esportivas (como xadrez e *handball*) e artísticas (como balé e violão) aos alunos da rede municipal e às crianças do entorno; e, por fim, as aulas de esportes em geral e atividades físicas, como rúgbi, natação, corrida, futsal, ginástica, alongamento, *step* etc.

Além destes, o Núcleo de Cultura desenvolveu e desenvolve projetos próprios, como o “Cinemaloca”, voltado ao fomento da linguagem audiovisual no bairro nos anos de 2009/2011, em parceria com o Movimento dos Guaianás; o projeto “Balada no CEU” de 2009/2010; o projeto “Grafite Invade o Lajeado”, que visava à intervenção na paisagem urbana do bairro e do CEU com conjunto com os grafiteiros do bairro entre 2009/2010; e o “Cortejarte”, iniciado em 2009 e ainda em andamento, objetivando ofertar aos alunos do Programa Vocacional uma experiência integradora das artes por meio da elaboração de dinâmicas multi-artísticas sempre no último domingos de cada mês.

Quanto às relações estabelecidas com os moradores da comunidade, estas são feitas essencialmente durante a divulgação das atividades. Ainda que o conselho gestor seja um órgão que visa à participação dos usuários, o contato direto com eles se dá através da distribuição de filipetas, da afixação de cartazes ou do jornal mensal. Quanto ao jornal, o Núcleo de Cultura o envia mensalmente com a programação para um *mailing* de 2.000 Escolas, ONGs do entorno, Órgãos da Assistência Social e Saúde e usuários. Deste jornal também são impressas cópias que são entregues às escolas que ficam dentro dos CEU, aos visitantes e usuários que se dirigem ao atendimento ao público. Atualmente o CEU Lajeado dispõe também de um perfil no Facebook (<http://www.facebook.com/ceu.lajeado.7>) e de um blog (<http://ceu-lajeado.blogspot.com.br>) confeccionados por uma usuária, pois, segundo coordenadores entrevistados, os funcionários do CEU não podem montar um perfil ou página para o mesmo e toda comunicação deve ser realizada pela Assessoria de Imprensa da Secretaria de Educação. Por fim, a comunidade pode também ter acesso à programação mensal através da consulta ao site da Secretaria Municipal de Educação no link + *CEUs*.

No que se refere aos usuários, o CEU Lajeado atende a diversos públicos e instituições. Cada atividade oferecida pelo equipamento tem um escopo de atuação que abrange desde o público geral ao mais específico, desde uma faixa-etária geral a mais restrita. Portanto, não se pode afirmar que o CEU tem um público determinado. Vê-se que o Núcleo

Educacional atende centralmente crianças das unidades do CEU e do entorno; o Núcleo de Esportes e Lazer, um número maior de idosos e adultos, através de suas atividades esportivas e voltadas à promoção da melhoria da saúde, bem como muitos jovens em suas aulas de esporte; o Núcleo Cultural atende a todas as faixas etárias, com crianças no Programa de Iniciação Artística, e adultos e adolescentes nos espetáculos diversos e no Programa Vocacional. Vale assinalar que, neste último ano, o Núcleo de Esporte e Lazer iniciou o atendimento às crianças com necessidades especiais. Este atendimento, entretanto, restringe-se a crianças com pequenos comprometimentos, pois não há um número suficiente de funcionários para atender aos alunos e, ao mesmo tempo, assisti-los quanto à sua mobilidade e necessidades básicas.

Já no que tange ao uso e frequência do equipamento, pode-se notar grande variabilidade de público ao longo do funcionamento. No período da manhã durante a semana, no horário de entrada dos alunos, há maior movimento de pessoas pelo local. A partir das 7h há um intenso movimento de alunos, pais, professores, carros e vans no entorno do CEU. Além destes, é possível notar uma ou duas turmas de idosos do Núcleo de Esportes e Lazer iniciando suas atividades, em geral alongamento ou caminhada. Às 8h, com o início das aulas, o movimento de pessoas cai e não há muitos usuários nas instalações do CEU. Observa-se apenas pessoas que vêm para as unidades escolares, para alguma aula do Núcleo de Esportes e Lazer ou para pedir informações no balcão de atendimento. Por volta das 9h há também a presença de mães e seus filhos para as aulas do contraturno escolar e do Projeto Programa de Iniciação Artística. O BEC, a quadra interna e a piscina ficam vazios costumeiramente, uma vez que não há aulas regulares dos profissionais de educação física neste horário. A piscina, em tempos de calor, passa a ser usada a partir das 10h da manhã; contudo ela costuma fechar em fins de março, devido à baixa temperatura da água, voltando a funcionar ao final de agosto. A quadra externa, durante o dia, fica à disposição dos professores da EMEF Laranja para suas aulas e, no restante do tempo, permanece vazia. Durante as férias escolares é comum ver meninos de até 14 anos jogando bola na quadra externa desde muito cedo. Eles pedem autorização à gestão geral para fazê-lo. Ainda pela manhã, a biblioteca também fica praticamente vazia e, ocasionalmente, duas ou três crianças menores de 10 anos podem ser vistas lendo livros infantis. Durante a observação visitou-se a biblioteca no momento da realização de uma feira de troca de livros. Apesar disso, não foi possível ver nenhum usuário participando da feira, a qual consistia na disponibilização de uma caixa com livros para a troca em uma das mesas da biblioteca. Já o Telecentro costuma ser mais movimentado,

havendo tanto alunos dos cursos como usuários livres neste momento do dia. Também aqui a presença maior é de crianças até 10 anos, chegando à média de cerca de 20 usuários presentes no Telecentro. Durante o período de observação não houve a realização de nenhum espetáculo cultural pela manhã.

Também neste período, a pesquisadora optou por matricular-se em atividades esportivas oferecidas pelo CEU Lajeado. No entanto, não havia em um painel público a descrição das atividades esportivas oferecidas e, conseqüentemente, foi necessário solicitar a um funcionário do atendimento público informações sobre as atividades e seus horários. Para a participação não foi preciso apresentar atestado médico, somente o documento de identidade. Das três atividades pretendidas (alongamento, ginástica e pilates), duas não possuíam vagas. Entretanto, foi possível perceber que a frequência dos alunos não corresponde à quantidade presente na lista e, após uma conversa com os professores, foi viabilizada a participação nas aulas a despeito da ausência oficial de vagas.

Por volta das 11h45, o CEU Lajeado ganha vida novamente com a saída das crianças das unidades escolares. Uma vez mais há um intenso aumento do trânsito de alunos, pais, professores, vans e carros no entorno. Neste momento torna-se muito difícil entrar ou sair da rua do CEU. A partir das 12h30 o movimento cai novamente e, passado o burburinho da saída dos alunos, nota-se a presença de alguns adolescentes remanescentes ou que se dirigem às aulas do contraturno escolar e do Núcleo de Esportes e Lazer. Em uma das observações foi possível conversar com alguns meninos com idades entre 11 e 12 anos que aguardavam a aula de futsal na quadra interna. Dos 13 alunos, 10 eram da unidade escolar de dentro do CEU. Eles afirmaram participar do futsal e das aulas oferecidas pelos professores da EMEF. Com exceção daqueles presentes nas aulas de esporte, neste período não é comum haver muitos jovens no BEC. Viu-se, no dia desta observação, que apenas mais dois jovens, que observavam as aulas de futsal e o pai de um dos alunos se encontravam no local – cenário este que se repetiu em outras observações, com exceção de um dia em que foi possível verificar a utilização do espaço por jovens de uma ONG local. Na quadra externa, durante o período letivo, são desenvolvidas aulas de modalidades esportivas pelos professores de Educação Física das unidades escolares. Estas aulas têm cerca de 20 alunos participantes e acontecem das 12h às 13h30, quando se inicia o outro turno de aula. Já quanto à biblioteca e ao Telecentro, há uma alteração do perfil dos usuários no período da tarde, os quais são majoritariamente jovens a partir dos 11 anos de idade. Somente por volta das 13h30 é possível notar crianças menores – as quais costumam, antes de entrar na escola ou após almoçarem no

refeitório, passar na biblioteca ou se dirigir ao Telecentro – transitando pelo espaço. Durante o período vespertino, foi possível a participação em dois espetáculos, um musical e outro teatral, destinado a crianças até 10 anos. Em ambas as apresentações o público presente restringiu-se aos alunos das unidades escolares internas do CEU Lajeado. A participação das crianças foi intensa, havendo ótima interação entre os grupos e os alunos presentes. Entretanto, pode-se dizer ter havido no espetáculo teatral certo descompasso entre a faixa etária desejável e a trazida pelos coordenadores culturais. O espetáculo visava um público leitor e alfabetizado e os gestores convidaram crianças da EMEI e do primeiro ano do Ensino Fundamental. Este fato gerou certa agitação nas crianças, o que acabou por prejudicar a peça. Por meio da conversa com funcionário do Núcleo Cultural, confirmou-se a prática do convite para espetáculos das unidades escolares situadas no CEU. Segundo ele, a comunidade do entorno não participa das atividades oferecidas. Nos dois espetáculos havia não mais que cinco moradores do entorno e, portanto, o Núcleo passou a completar os assentos restantes com alunos das escolas internas. Com relação às escolas do entorno, soube-se que sua participação diminuiu significativamente no último ano. Ainda sobre o teatro, por meio de conversa com o iluminador e técnico de som, foi possível ter conhecimento da falta de materiais para a iluminação, como as gelatinas, e de equipamentos para a equalização do som. Havia naquele momento cerca de 3 equipamentos queimados e apenas duas caixas de som funcionando.

Novamente, às 18h, tem início o processo de intensificação do movimento com a saída das crianças do período vespertino. Várias filas de pequenas crianças são montadas para que estas sejam direcionadas às vans escolares. Além das vans, pais e alunos transitam pelo CEU intensamente. A biblioteca já está fechada, mas o Telecentro fica movimentado. Todos os computadores costumam estar ocupados por adultos com roupas sociais – notadamente alunos da Escola Técnica Estadual que funciona na EMEF no período noturno. Na quadra externa, há usualmente em torno de 20 meninos de 10 a 18 anos jogando bola. A quadra externa pode ser reservada todas as segundas-feiras por um maior de idade pelo período de uma semana num determinado horário noturno.

Por volta das 18h40 as últimas crianças vão embora e tem início a chegada dos alunos restantes da ETEC. Estes se dirigem ao refeitório para o lanche, para a gestão geral onde fazem senhas para o uso da internet livre ou aguardam a liberação do prédio a partir das 19h. Enquanto isso, na observação realizada em uma terça-feira, no interior do BEC transcorriam atividades esportivas: aula de vôlei adulto feminino com 8 alunas e no pavimento superior,

capoeira com o professor voluntário com 14 alunos. Nas salas de *drywall*, localizadas ao fundo do pavimento superior, estavam dois meninos se alongando para início de suas atividades no *break*. Já no pavimento inferior, um grupo de cinco jovens com cerca de 20 anos caminhavam em direção ao fundo do prédio (sendo observados de perto pelos vigias do local). Por volta das 19h40 chegaram os alunos para a aula de samba rock, realizada pelo mesmo grupo que atua no Centro Cultural de Guaianases. Enquanto isso, no teatro, realizavam-se os preparativos para um show de reggae de amigos de um dos coordenadores do núcleo cultural. O show, marcado para as 19h, só começou às 21h, pois os integrantes das bandas esqueceram um dos instrumentos musicais e, conseqüentemente, das 27 pessoas que esperavam o show apenas 14 permaneceram até o seu início. São poucos os eventos noturnos de cunho cultural realizados no CEU, havendo mais comumente atividades vinculadas à ETEC, como a apresentação de trabalhos de conclusão de curso. Às 21h foi possível observar 20 pessoas na aula de samba rock e 7 meninos na outra sala de *drywall*, os quais treinavam *break*. Nas outras dependências do CEU não há movimento. Apenas a quadra externa possui usuários, os quais as deixam às 21h40 para o encerramento das atividades.

Com relação aos jovens que utilizavam a sala de *drywall* para o *break*, conversou-se com um deles em outra observação realizada em uma quarta-feira. Neste mesmo dia, transcorriam o futebol na quadra externa com meninos e jovens de até 18 anos, a aula de caminhada com 7 alunos e, depois, a aula de ginástica localizada. Na sala de *drywall* encontravam-se 9 meninos com idades entre 17 e 29 anos, um aluno da EMEF com 11 anos e duas meninas com 17 anos. Na sala havia um rádio e 10 peças de tatame de EVA²⁰ para a realização das manobras de dança. Dos jovens presentes, foi possível conversar com um que frequenta o CEU desde 2009. Nessa conversa, o rapaz de 20 anos afirmou que a relação da gestão com os usuários que dançam *break* melhorou muito depois do estabelecimento de responsáveis para o uso da sala. A sala é aberta a todos os usuários, mas o rádio só é entregue a uma das cinco pessoas maiores de 18 anos cadastradas como responsáveis. Segundo ele, o grupo que frequentava o CEU antigamente não vem mais por terem se casado e devido a outras obrigações. Foi possível reconhecer apenas dois usuários que vinham em anos anteriores. Para o rapaz, o espaço fechado da sala minimizou os conflitos, pois agora o aparelho de som não mais atrapalha as outras aulas, o chão não é mais riscado durante a dança e os seguranças não ficam mais observando todo tempo.

²⁰ Etileno-acetato de vinila.

Já aos finais de semana, o foco das atividades se concentra na piscina e nas quadras externa e interna. O CEU Lajeado abre às 8h da manhã tanto aos sábados quanto aos domingos. Pela manhã, o movimento centra-se nas crianças que transitam pelo espaço, geralmente meninos pequenos, e nos usuários que utilizam as quadras interna e externa. A utilização de salas ou do teatro é sazonal, não havendo, no período de observação, nenhuma atividade contínua sendo realizada no período matutino. Em dias de calor, pode-se observar que, a partir das 10h, mais pessoas chegam ao CEU para entrar na piscina do equipamento. Esta tem funcionamento liberado para a comunidade aos finais de semana, cabendo ao usuário seu cadastramento junto à gestão geral para a confecção da carteirinha da piscina e a realização de agendamento para o uso da piscina em um dos três horários disponíveis (10h30, 11h30 e 13h30). Somente podem frequentar a piscina crianças, jovens e adultos que estejam de sunga ou maiô. Cerca de meia hora antes do horário de entrada, os vestiários são liberados para que as pessoas possam deixar seus pertences e se trocar. Cada usuário recebe uma chave de armário para que possa acomodar suas coisas. Feito isto, os coordenadores de esporte e/ou os professores de educação física de plantão checam o agendamento dos presentes e liberam sua entrada na piscina. O período de permanência é de 1h e este é acompanhado por salvavidas de uma empresa terceirizada da prefeitura. São proibidos aos usuários alguns comportamentos considerados de risco, como correr em torno da piscina ou mergulhar de cabeça. Finalizado o tempo de cada grupo, os portões da piscina são abertos e as pessoas se dirigem ao vestiário. Para isto, é preciso passar de maiô em frente a quadra externa, fato que causa algum desconforto às mulheres e senhoras de idade. Após as três entradas e saídas da piscina, o movimento diminui consideravelmente. A biblioteca, por sua vez, não funciona aos sábados e domingos. Quanto ao Telecentro, ainda que não haja tantas pessoas como durante a semana, há sempre de três a cinco computadores ocupados. Mais uma vez observa-se a concentração de pessoas em torno das quadras. Ainda que a presença seja ostensivamente masculina no local, foi possível observar a presença de um grupo de mulheres em um final de semana, as quais acompanhavam seus maridos durante as partidas de futebol. Este grupo consistia em mulheres de ascendência boliviana que traziam refrigerantes e salgadinhos e ficavam conversando, com seus filhos ao lado, nas escadarias da quadra. Quanto aos jovens, há, aos finais de semana, a presença sobretudo de pessoas ligadas ao *break* (em menor quantidade que durante a semana). Entretanto, há alguns jovens que andam no espaço sem atividade específica. Vê-se mais jovens do sexo masculino com idades entre 14 e 16 anos. Vale ressaltar que esta quantidade é pequena, não havendo mais que 10 jovens andando pelo

local nesses dias. Por volta das 17hs, as pessoas que apenas transitam pelo espaço se retiram e o foco permanece apenas nas quadras e nas possíveis salas que estejam sendo utilizadas. No período de observação, tentou-se participar de um evento de hip-hop, uma batalha de *b-boys*, mas esta não aconteceu. Contudo, foi possível participar de um Cortejarte realizado no mês de maio. Além dos três artistas-orientadores, encontravam-se presentes um coordenador do núcleo cultural e dois alunos. A atividade consistiu, sobretudo, no planejamento das ações futuras e no estabelecimento de ações para atrair mais alunos ao projeto.

Finalmente, às 19h os funcionários da limpeza vão embora e, às 19h50, os usuários da quadra se retiram definitivamente. Com isto, as luzes se apagam e as atividades do final de semana são encerradas.

2.2.4 Por dentro do CEU – o ponto de vista dos coordenadores

Agora o que também pega é o seguinte: eles querem ocupar, mas eles não querem saber muito da ordem. (...) Aqui no CEU eu vejo que os jovens se interessam pela dança de rua, pelo street dance. (...) Eu não vejo que eles se interessam pelo lado... Ah, o que é cultura, né? Uma cultura mais refinada, assim. Deu para entender?
(Coordenador educacional)

Nota-se, primeiramente, que para os coordenadores a instalação do CEU no distrito representou um incremento das ações públicas relacionadas à educação, à saúde e ao esporte disponíveis no local. Para o coordenador educacional, morador do Lajeado até seus 20 anos de idade, o equipamento influencia, mesmo que indiretamente, a qualidade de vida das pessoas e amplia significativamente a quantidade de vagas nas escolas da região. Segundo ele, até muito recentemente os moradores da região tinham que se deslocar para ter acesso a muitos dos serviços hoje oferecidos pelos CEUs, como espetáculos e orientações sobre saúde, e este fato representa, em sua opinião, um ganho enorme para a população. De forma semelhante, o coordenador esportivo destaca, emocionado, o aumento da qualidade de vida da população a partir das parcerias que o Núcleo de Esportes e Lazer estabeleceu com as Unidades Básicas de Saúde da região, as quais resultaram na multiplicação da busca por tratamento nas Unidades pelos moradores e em uma maior atenção dos médicos e profissionais de saúde para com a população oriunda do CEU Lajeado:

Bom, eu vou falar pelo setor de esporte. O que eu vejo hoje, depois de quatro anos, é a melhora (...) sem dúvida nenhuma da qualidade de vida dos usuários da Educação Física. A conscientização que a gente fez num *link* com as UBSs que a gente conseguiu entrar com muita luta, conversando muito com os médicos, falando o que a gente veio trazer e dos profissionais que são qualificados. Então, assim, o que eu

listo de melhora foi: qualidade de vida, eles terem esse acesso, saber [...] que tem que ir num médico [...]. Não só isso, mas na parte afetiva dessas pessoas, né? [...] Eu me emociono... (Coordenador Esportivo²¹)

A referência à melhora da vida afetiva dos usuários do CEU deve-se à observação do coordenador esportivo a respeito de uma grande transformação na vida da população do entorno por meio do estabelecimento de outras relações de convivência além das familiares. Crê-se que o público da terceira idade, especialmente, tem obtido um enorme ganho com isso, uma vez que, segundo ele, os filhos tendem a abandonar os pais na velhice ou a deixar para eles a tarefa de cuidar dos netos enquanto trabalham. Com tal dado em mente, o coordenador esportivo afirma que o Núcleo de Esportes e Lazer tem trabalhado a questão da autonomia dos idosos, estimulando, por um lado, a participação deles nas atividades e, por outro, uma ruptura com o tradicional papel de cuidar dos netos. O convívio com outras pessoas no CEU contribui tanto para sua saúde quanto para a forma com que eles passam a ser vistos pelos médicos.

Porque é legal você ver as pessoas pararem você e falar “Nossa coordenador eu estava sozinho em casa e tal. Cheguei aqui e consegui tanta coisa” [...]. Então com quem a gente se identifica mais é a terceira, é com as pessoas mais velhas. Você vê assim muita que gente abandonada mesmo... [sic]. (Coordenador Esportivo)

Ampliando aquilo que havia dito sobre os usuários da terceira idade, o coordenador nos diz que diversas atividades oferecidas permitem aos usuários construírem novas amizades ou inserirem-se em grupos, os quais se fortalecem fora do CEU:

Das atividades em geral, eu acho que isso acontece dentro do esporte, acho que na cultura também, nos grupos. Eu acho que sempre tem algumas pessoas que depois constroem alguma relação fora do CEU. Eu acho que isso é em todos os lados. Acho que é até escolar também. Eu acho que fora da escola as pessoas viram amiguinhas e se conversam [...]. (Coordenador Esportivo)

Ainda sobre as características gerais do CEU, o coordenador cultural também entende como função primordial o atendimento à comunidade, mas de forma mais abrangente. Cabe ao CEU Lajeado, em sua opinião, pesquisar as necessidades dos moradores da região e colocar em seu planejamento ações que deem conta daquilo que a população do entorno demanda. Esta concepção de atendimento está calcada em uma ação que vai além do atendimento cultural por parte do CEU:

²¹ As entrevistas com os coordenadores do CEU Lajeado foram realizadas durante visitas ao equipamento em maio de 2012.

Eu vou citar um exemplo que acho que está bem mais fácil de entender. Aqui tem uma frequência alta da comunidade boliviana, tem alunos com pais Bolivianos. Então, um projeto que a gente está pensando em fazer, nós até entramos em contato com o consulado da Bolívia para facilitar a porcentagem do pessoal que utiliza. Eu sei que a porcentagem dos alunos é muito grande nas escolas e também algumas pessoas da comunidade Boliviana frequentam a quadra esportiva, a piscina e algumas outras. Da cultura eu acho que é pouca coisa. A gente está tentando conversar com a comunidade e ver. Por exemplo, às vezes tem dificuldade no consulado de a pessoa legalizar o documento e uma série de coisas. Então, o objetivo do CEU é perceber, ter essa sensibilidade de ver o que mais está precisando na comunidade e promover ações. (Coordenador Cultural)

Contudo, ele aponta haver artificialidade do equipamento CEU no momento de sua implementação e dificuldades de entendimento da comunidade do entorno a respeito de suas funções e objetivos. Não há uma discussão previa sobre as necessidades dos moradores e o CEU chega sempre no mesmo formato de ação e planejamento. Para ele, a comunidade vê os CEUs, antes de tudo, como uma escola, sem atentar para os demais aspectos envolvidos:

Eu imagino o CEU como uma coisa mais ou menos idealizada que cai numa comunidade e depois às pessoas dão uma finalidade. A comunidade que molda. Na verdade, eu acho que antes, uma comunidade em que ia ser instalado um CEU, tinha que ser o contrário. A comunidade deveria pedir o equipamento nos moldes de cada uma, porque cada comunidade é diferente. (Coordenador Cultural)

E, sendo assim, os três coordenadores entrevistados apontam que, a despeito de seus quase seis anos de existência, o CEU Lajeado ainda é, para muitos moradores do local, uma novidade. Se alguns sabem de sua existência, poucos sabem o que de fato é oferecido à população.

Eu vejo que a comunidade aqui do CEU, do entorno, ainda não se apropriou como deveria ter se apropriado. Eu encontro pessoas da rua de trás que falam que não conhecem o CEU. Então, a gente tem tentado através do levantamento que a gente faz com a comunidade, ao conversar com o público quando vão distribuir, por exemplo, algum convite aqui do CEU. [...] Nós ainda estamos enveredando por caminhos diversos para ver se a gente tenta mostrar para eles o que tem no CEU. (Coordenador Educacional)

Para o coordenador esportivo, o fato de muitos moradores locais não conhecerem o CEU poderia ser explicado devido à sua localização em uma rua estritamente residencial do Lajeado, não havendo o trânsito de pessoas para além daquelas que moram na região imediatamente em torno dele. Também contribui para este fato a não existência de sinalização de trânsito que indique sua presença na localidade. Uma placa de sinalização foi solicitada há algum tempo, mas ainda não foi instalada.

Apesar de ainda muita gente não saber que a gente existe (risos). [...] Ainda tem gente que vem aqui e diz “Nossa não sabia que tinha, fui lá ao Jambeiro e falaram para mim que aqui é mais perto.” Então as pessoas ainda não conhecem o CEU, a divulgação que a gente faz. [...] É que é uma coisa... eu não sei... só que a gente está muito cercado de casa [sic]. Quem passa aqui é quem mora ali. Então quem mora ali sabe [...]. (Coordenador esportivo)

Esta falta de conhecimento da população se alia, quiçá, à dificuldade de estabelecimento de uma ação de fato multidisciplinar nos CEUs, a qual permitiria uma ação em conjunto mais efetiva e de mais impacto sobre a população. Nota-se que a relação entre os Núcleos atuantes dentro do CEU Lajeado não parecem sempre fáceis. O coordenador esportivo menciona que, independentemente da validade da proposta de trabalho multidisciplinar conjunta, há certa dificuldade no alinhamento das visões dos três núcleos:

Eu acho que é válido, né... [sic] Eu acho que é válido você ter os três núcleos porque você consegue abranger uma área maior. Só que é difícil, às vezes a linha de pensamento de cada um particularmente... Os três coordenadores... a gente pensa diferente. A gente tenta chegar num objetivo comum. Mas não é tão fácil assim, porque o que eu ouço “Ah, no esporte é mais fácil você manda uma programação tal porque é sempre a mesma coisa.” Não, não é! Não é sempre a mesma coisa. A gente faz muitas coisas diversas. Tem um plano geral anual que eu tenho que cumprir e que tem várias atividades que não é a mesma coisa. [sic] A gente tem que programar, fazer toda uma dinâmica daquilo: conversar com os professores, ver como aquilo vai rolar. Fazer acontecer e depois você ter uma avaliação [...]. Nos outros núcleos às vezes não é assim. E o da Cultura é o mais complicado por conta da demanda, das coisas que vêm em cima da hora ou solicitação de espaço. Então eu acho que é uma questão de organização... chegar a um bem-comum para a comunidade. (Coordenador esportivo)

Com relação específica aos jovens e à sua participação nas atividades oferecidas pelo CEU, o coordenador educacional afirma que não atende muitos jovens da faixa etária deste estudo, mas pôde observar sua presença em outras atividades. Os jovens também podem ser vistos nas aulas de modalidades esportivas oferecidas pelo Núcleo de Esporte e Lazer, nas aulas de voluntários de capoeira e samba rock e nas atividades de lazer aos finais de semana nas quadras ou nas piscinas. Para o coordenador cultural a maior participação juvenil atualmente reside no Cortejarte, organizado pelo Núcleo de Ação Cultural:

Um negócio que pegou foi o Cortejarte. [sic] A faixa etária acima dos 14 anos, de 14 anos até qualquer idade. Mas começa mesmo aos 14 anos que envolve o Vocacional, envolve os Aos²² do Vocacional. [...] Aí agora está sendo assim [quem propõe as atividades são]: os grupos de teatro, os grupos de música e dança... Cada grupo vai tomar a frente do Cortejarte. No mês seguinte, esse mesmo grupo elege um grupo. [...] Tem uma participação ativa de jovens e eu acho que é o evento que mais

²² Os “Aos” são os Artistas Orientadores do Programa Vocacional. Eles realizam a mediação nas aulas do programa.

contempla os jovens nessa faixa etária. [...] Tem [participado] algumas ONGs e muitos grupos de teatro, música e dança. (Coordenador cultural)

No entanto, o coordenador reconhece a dificuldade de implementação de outras ações ou a retomada de atividades antigas, como a “Balada no CEU” Lajeado, que costumava atrair entre 400 a 600 jovens na última sexta-feira à noite de cada por mês. As “Baladinhas” aconteciam no pavimento superior do BEC com a ajuda de DJs voluntários do bairro. Eram disponibilizados somente água e sanitários aos jovens, uma vez que não é permitida a venda nos CEUs. Havia um guarda volumes na entrada e a segurança era realizada por funcionários e seguranças do próprio equipamento. Com a saída dos membros do Núcleo de Cultura, não foram mais realizadas estas festas. Durante a observação, entretanto, viu-se pouca participação dos jovens no Cortejarte realizado em maio, havendo dois usuários como mencionado anteriormente. No que se refere à ocupação do espaço fora das atividades programadas pelo CEU, são as ONGs do entorno quem mais trazem os jovens para usar o espaço.

Aqui tem alguma ONG, né coordenador cultural? Que propõe atividades e eles realizam. Eu não lembro os nomes... Jovens urbanos... Qual outro? Tem a Kolping. (Coordenador Educacional)

Quanto à frequência autônoma dos jovens, sem a presença de instituições na mediação com o espaço, o coordenador educacional lembra-se dos jovens ligados ao movimento hip-hop. De acordo com ele, ainda que no passado a frequência deles fosse maior, há ainda jovens vão ao espaço para praticar essas atividades. Sendo assim, estes são jovens que buscam o espaço sem ter o desejo de participar de nenhuma das atividades oferecidas pelo CEU Lajeado. Eles, assim como muitos outros, objetivam permanecer no espaço para conversar com amigos, estar com namorados, reunir-se para ensaiar danças ou números musicais, em especial rimas e passo de *funk* ou *break*. Este aspecto da utilização do equipamento por parte da população jovem já representou para gestores e seguranças no passado um ponto de tensão nas relações estabelecidas com estes usuários. De acordo com o coordenador cultural, hoje é possível notar algumas mudanças quanto a este aspecto:

Melhorou bastante do começo para cá. A gente está fazendo a conscientização melhor de todas as pessoas que frequentam o CEU serem bem recebidos. [sic] Antes parecia um clube e garoto de chinelo e short, você já presenciou uma época, era mal visto. Os vigias não... [coordenador cultural balança a cabeça], né? Agora não, as pessoas são recebidas. Acho que melhorou o atendimento e os jovens são recebidos com mais atenção. [...] Eu acho que agora é possível sentar para não fazer nada, para

sentar, para bater papo. Eu não sei de nada que aconteceu, de grupos que vieram para conversar, bolar alguma coisa, mesmo fazer alguma atividade de dança, *break*, e que tivesse um pessoal vigiando ou então que falasse que esse pessoal não deveria ficar nas dependências do CEU. (Coordenador cultural)

Sobre a mesma questão, o coordenador esportivo aponta que, muitas vezes no início do CEU, as crianças de diversas escolas o usavam como lugar para “cabular aula”, causando complicações. Segundo ele, os alunos das escolas do entorno usavam o CEU Lajeado dentro do período de aula e procuram se esquivar das atividades escolares, em especial os alunos que estudavam EMEF do próprio CEU, por meio da inserção em outras atividades do local. Atualmente, para a clientela mais próxima – pois os alunos que estudam no CEU Lajeado, diferentemente dos do início, são moradores das redondezas –, não há mais novidade e mudaram-se as formas de utilização do espaço. De acordo com o coordenador esportivo, não há mais crianças e jovens “cabulando aula” no CEU, pois os casaizinhos e as crianças que cabulavam já perceberam a existência de câmeras, funcionários e professores circulando sempre pelo espaço e prestando atenção nas coisas que acontecem no equipamento. Isto, de certa forma, compeliu-os a alterar tal comportamento.

Contudo, um conflito mais acirrado se dava no início das atividades do CEU com os jovens frequentadores integrantes do movimento *hip-hop*. Muitas vezes, dada à falta de um local adequado dentro do próprio CEU, discussões surgiam sobre o volume do som usado por eles nos espaços abertos ou sobre os riscos causados pela dança no piso do BEC:

Melhorou muito. Eu não sei se eles que cansaram de brigar, mas eu vejo vários deles. Não vejo todos, o Thiago faz tempo que eu não vejo. (Coordenador educacional)

O jovem Thiago, a quem o coordenador educacional se referiu, era um dos líderes dos diversos grupos de *hip-hop* que frequentavam o espaço e um dos mais atuantes quanto à ocupação do espaço de forma mais livre. O coordenador esportivo conta também que as dificuldades com os jovens se acentuaram com a instalação de uma sala fechada de *drywall*, pensada a princípio para o atendimento dos alunos de esporte pelos professores do Núcleo de Esportes e Lazer. Antes da construção da sala, as aulas eram dadas em vãos abertos dentro do espaço do BEC. Com o surgimento da sala, outros grupos passaram a almejá-la e os gestores do equipamento, a princípio, não permitiram seu uso, mas, depois, demandaram uma organização com responsáveis para autorizá-lo. No entanto, os jovens usuários solicitavam que a sala fosse utilizada por qualquer um que desejasse, independentemente da presença de pessoas específicas e isto gerou muitos conflitos:

É então, porque tudo girava em torno daquela sala. E aquela sala a gente destinou-se [sic] mais para ginástica e, assim, a questão não era de não utilização. A questão era de ter um responsável para utilização. E o que eles batiam o pé é que não, que tinha que ser uma coisa aberta. Chega o fulano, eu vou lá, vai abrir para fulano, vai abrir para a Thaís, vai abrir para num sei quem. E se tiver algum problema quem que vai se responsabilizar pelo equipamento? Não, não existe. Nós temos que ocupar o equipamento, nos apropriar do equipamento. E eu particularmente não vejo dessa maneira. Não é novidade para ninguém porque eu acho assim: quem trabalhou em outras áreas, e mesmo na Prefeitura anteriormente ou no Estado, sabe a dificuldade que a gente tem de ter um material, de ter uma coisa organizada. Eu mesmo. Eu vivia com as bolas dentro do carro, porque, assim, é dificuldade conviver com um monte de professor numa escola. (Coordenador esportivo)

Os impasses relativos à ocupação do espaço foram minimizados com a construção de mais uma sala de *drywall*, gerida atualmente pelo Núcleo de Cultura, a qual passou a atender aos jovens à procura de espaço. A construção da sala também melhorou a relação dos seguranças com os usuários, pois aqueles deixaram de ter que conter os jovens por conta utilização de espaços abertos sem autorização. Na opinião do coordenador esportivo, a construção da sala resolveu em parte o problema. Segundo ele, a nova sala foi alvo de pequenas depredações e a falta de um controle mais cuidadoso dos usuários impede que os gestores descubram quem são os responsáveis.

Então, essa sala da discórdia, como digo eu, teve uma “quebrada” por causa dessa outra sala. Mas em compensação essa nova sala sem uma maior organização já teve vários socos na parede. [...]. O gestor do CEU já refez essa parede umas três vezes, nunca sabe quem quebra. Só que eu acho assim, é um gasto de dinheiro público que não é necessário. (Coordenador esportivo)

Segundo o coordenador educacional levou certo tempo até que o gestor tomasse conhecimento dos buracos nas paredes, pois os responsáveis pela depredação deslocaram quadros que estavam nas paredes para cima dos buracos feitos. Isso acarretou a necessidade de fechamento da sala para o conserto e, segundo ele, os jovens sentiram a falta desse espaço.

Eu acho que melhorou bem, eu acho que... não digo que não aja alguns conflitos, mas hoje é bem melhor. Agora tem que sempre que ficar de olho, porque os jovens veem aqui muito para... Eles [Guardas] precisam ficar de olho porque existem realmente aqueles jovens que vem afim realmente de nada a não ser de aprontar alguma coisa, certo? (Coordenador educacional)

Durante a observação pode-se conversar com os jovens do *break*, os quais negaram serem os autores da depredação. Eles afirmaram ter o costume de mostrar a sala aos seguranças ao final de casa uso para evitar possíveis problemas. No entanto, pôde-se também

conversar com um segurança do período noturno e ele afirmou que os jovens tinham o costume de “socar a parede” quando erravam algum passo de dança como forma de punir-se pelo erro. Depois das depredações, os seguranças notaram que este hábito foi substituído por “tapas na cabeça” de quem errava, os quais eram desferidos pelos demais jovens do grupo do lado de fora do CEU.

Ainda no que diz respeito aos seguranças, muitos conflitos foram percebidos entre eles e os jovens desde a inauguração. Eles, apesar de serem contratados para atuarem como seguranças patrimoniais, lidam cotidianamente com uma gama variada de usuários e conflitos para os quais não receberam treinamento e nem foram contratados, como exemplifica o coordenador de esporte:

É quem nem outro dia o menino aí da frente entrou e foi com a bicicleta. Ai começou a dar baile nos seguranças. E, é lógico, chega um ponto em que o cara se irrita porque o cara ria, fazia de propósito. Até que conseguiram parar o menino e na hora em que ele pegou o menino, que ele foi segurar o menino, ele deu uma cabeçada para trás e arrancou sangue do nariz do guarda. E vai todo mundo para a delegacia [...]. Então assim, é uma questão difícil, Thaís. Eles são patrimoniais. Mas o tanto de coisa que tem... por exemplo, a responsabilidade do tanto de criança que passa por esse portão [...]. (Coordenador esportivo)

Retornando ao uso do equipamento pelos jovens, o coordenador educacional menciona outro aspecto delicado: o desejo de utilização do espaço sem agendamento. Os jovens, diante de tantos conflitos, chegaram a demandar sua participação no Conselho Gestor do CEU para poderem pleitear suas reivindicações. De acordo o coordenador educacional, apesar do atendimento desta demanda, não houve a participação dos jovens nas reuniões:

Agora nós temos feito o conselho gestor também aos sábados. Esse grupo, que causava todo esse desconforto, solicitou que reuniões fossem feitas também aos sábados. Se você pegar nosso calendário de reunião, nós tínhamos duas agendadas para o sábado. A segunda não aconteceu ainda. Mas eles não apareceram. Isso foi cobrado pela própria comunidade presente. Eles falaram, essa comunidade que pode vir durante a semana: “nós viemos no sábado porque eles pediram e não tem nenhum aqui hoje”. Então, não sei se no próximo sábado que está agendado eles virão. Procuramos agendar também em horários diferentes, porque nós fazíamos às duas horas e eles achavam que duas horas era muito cedo para eles. Fizeram que a gente mudasse para as 16h30. Então, nós temos feito e muitos de nós, por exemplo... Eu mesma trabalho até as 15h30 e fico aqui aguardando. Numa última reunião apareceu um pelo que me lembro. Mas assim, eu acho que a turma que mais agitava se afastou um pouco. (Coordenador educacional)

E este se torna um problema maior quando aliado ao desinteresse dos jovens pelas atividades do equipamento, uma vez eles não conseguem usar o espaço porque este já está ocupado e, ao mesmo tempo, não querem participar das atividades que estão acontecendo:

Agora o que também pega é o seguinte: eles querem ocupar, mas eles não querem saber muito da ordem. [...] Aqui no CEU eu vejo que os jovens se interessam pela dança de rua, pelo *street dance*. [...] Eu não vejo que eles se interessam pelo lado... Ah, o que é cultura, né? [sic] Uma cultura mais refinada, assim. Deu para entender? (Coordenador educacional)

Para o coordenador cultural, o desinteresse dos jovens e o seu desejo de frequentar o CEU para fazer “nada” devem ser vistos através outra perspectiva, como possibilidades para o estabelecimento de conversas com eles para que se descubra seus interesses reais:

Eu acredito que tem muita gente que vem para não fazer nada. Isso é muito bom, daí a gente pode conversar com eles. O Vocacional faz um trabalho bem intenso de pesquisa. Eles estão fazendo um mapeamento, conversam com os jovens, veem o que eles querem e às vezes nas reuniões a gente toma conhecimento. Os jovens, eles buscam uma série de coisas, por exemplo, muitas atividades do CEU antes não supriam as necessidades dos jovens. Agora, vou citar o exemplo do Vocacional. A gente mesmo está pensando, a gente conversa mais com os jovens. A gente procura os grupos para ver o que eles realmente querem. Normalmente a gente vê que eles querem fazer algumas atividades do CEU, mas eles propõem algumas outras coisas também. Por exemplo, a Balada. (Coordenador cultural)

Para além das dificuldades com os jovens, o coordenador educacional acredita que há dificuldade em atrair o público em geral. Ainda que o cenário seja, indubitavelmente, melhor que há seis anos.

Eu acho que a gente não tem um público presente, agora esse grupos que já são formados que eles sabem que o CEU existe. Eles vêm e se apropriam. Mas talvez essa vizinha aqui da frente nunca tenha entrado aqui, isso que eu quero dizer. [...] Tem melhorado o público? Tem melhorado o público. Não vou dizer que era como antes, mas a gente ainda está, assim, tentando de todas as formas... (Coordenador educacional)

Por fim, quanto aos interesses dos jovens e aos espaços frequentados por eles no distrito, o coordenador cultural menciona o Centro Cultural Guaianases e um espaço usado pelos grafiteiros da região que não soube nomear, provavelmente a Praça da Paz, montada pelo Instituto Sou da Paz e localizada no Buraco do Sapo, como locais mais frequentados pelos jovens. Já o coordenador esportivo diz que os jovens mencionam gostar da Fábrica de Cultura da Vila Curuçá, embora reclamem da falta de materiais. Outros locais mencionados, segundo ele, também são o Parque Guaratiba e o Centro Cultural de Guaianases, onde fazem dança de salão, e o Parque Lajeado. Para ele, os jovens gostam muito de esportes e da possibilidade de sair e conhecer outros lugares junto com os professores. Para o coordenador esportivo, o lazer é uma das atividades principais que desperta interesse no público juvenil do distrito:

O lazer, eu acho [que é a atividade de maior interesse]. Eles se interessam porque, por exemplo, quando o técnico em educação física teve a ideia de fazer o torneio de vídeo game. Nossa, eles ficaram esperando. Eles vieram fazer inscrição. Então, é um lazer gostoso. Eles respeitam. Eu acho que a parte de lazer, eu acho que é a coisa assim mais... [...] Mas eu não sei se eles têm muita consciência da prática. Eu acho que eles vêm por causa do jogo, por causa do convívio, da competição. Eu não acho particularmente que eles têm tanta consciência que aquilo está fazendo bem físico, entendeu? Eu vou porque eu gosto de jogar, porque eu vou sair com o time para jogar, eu vou lá porque eu jogo melhor que fulano. Eu acho que essa fase até os 17, principalmente para os meninos, eles têm mais a competitividade do que o bem-estar físico. Até para se mostrar para as meninas. (Coordenador esportivo)

2.3 PARQUE LAJEADO

2.3.1 Os Parques Municipais – áreas verdes de São Paulo

As áreas verdes²³ constituem bens municipais de uso prioritário da população. De maneira diversa aos espaços construídos da cidade, as áreas verdes públicas desempenham várias e importantes funções na manutenção da qualidade da vida urbana, sendo as principais: ecológica, estética e social. Elas contribuem para a manutenção da biodiversidade e do microclima, melhoria do conforto térmico, aumento da drenagem do solo, controle da poluição atmosférica e sonora, preservação ambiental e qualidade da paisagem urbana, além de servir ao lazer.

De acordo com o Plano Diretor Estratégico instituído pela Lei Municipal nº13.430, de 13 de setembro de 2002, as áreas verdes inserem-se no âmbito dos elementos integradores e compõem o Sistema de Áreas Verdes do Município, “constituído pelo conjunto de espaços significativos ajardinados e arborizados, de propriedade pública ou privada, necessários à manutenção da qualidade ambiental urbana” (Lei Municipal nº 13.430/02, art.131).

No âmbito do Sistema de Áreas Verdes do Município de São Paulo, em especial no que se referem às áreas verdes de propriedade pública, três são as tipologias mais comuns. Primeiramente, os parques urbanos, que são as áreas verdes com dimensões significativas com função ecológica, estética e de lazer e recreação. Depois, os parques lineares, isto é, “intervenções urbanísticas que visam recuperar para os cidadãos a consciência do sítio natural em que vivem, ampliando progressivamente as áreas verdes” (Lei Municipal nº 13.430/02, art.106, § 1º). Por fim, há os parques naturais, os quais são unidades de conservação de

²³ As informações contidas neste item estão presentes no Guia de Permacultura para administradores de Parques da SVMA. Ver referências bibliográficas.

proteção integral de áreas com características naturais relevantes, estabelecidos pela Lei Federal nº 9.985 de 18 de julho de 2000.

2.3.1.1 Parque Izaura Pereira de Sousa Frazolin – Parque Lajeado

O Parque Lajeado é um parque urbano próximo à região mais comercial do distrito de Lajeado. Ele foi fundado em 25 de março de 2010 no terreno de 36.000m² da chácara da falecida Dona Izaura, a qual nomeou o parque a partir do decreto nº 51.715 de 16 de agosto de 2010. A fundação do parque nesta localidade deve-se à mobilização do líder comunitário José Maria Soares Lopes e dos moradores da região. De acordo com o administrador do Parque e de moradores entrevistados durante as observações, com a morte de Dona Izaura, sua casa ficou abandonada. Os herdeiros não tiveram interesse em manter a propriedade e não demorou muito para que ela passasse a ser usada como ponto de uso e venda de drogas.

Tendo em vista essa situação, os moradores organizaram um abaixo-assinado e solicitaram, com o apoio do então subprefeito Jorge Perez, a instalação de um parque no local. O parque possui playground, áreas de recreação, bancos, pergolado, mesas para jogos, equipamentos de ginástica ao ar livre, mesas para piquenique, trilhas e sanitários. Com o funcionamento de segunda a domingo das 6h às 18h, o lugar também dispõe de exemplos da fauna e flora brasileiros, com a presença de entorno de 24 espécies de aves, área de mata atlântica nativa preservada e exemplares de tapiá-guaçu, guaçatonga, pau-jacaré, capororoca, paineira e café.

Figura 6: Vista do Parque Lajeado.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 7: Vista do Parque Lajeado.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Suas atividades consistem em programas regulares oferecidos pela gestão do parque através de seus dois estagiários e do próprio gestor, como a trilha ecológica monitorada e pequenas oficinas (jardinagem, confecção de sabão com óleo de cozinha, hortas horizontais e verticais), ou por secretarias associadas, como o programa de ginástica ao ar livre, promovido às segundas, quartas e sextas das 7h20 às 8h pela Secretaria Municipal de Saúde. Há também oficinas de horticultura e educação ambiental contratadas ocasionalmente pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente através da Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ)²⁴. Ademais, o local é utilizado por grupos diversos, como um grupo de escoteiros da região, e, ocasionalmente por voluntários que oferecem à população atividades relacionadas ao esporte e à saúde. No entanto, a presença de voluntários é bem escassa, uma vez que o parque não possui verba para a contratação ou realização de eventos. Todas as contratações são feitas através da UMAPAZ e, de maneira geral, osicineiros do bairro não atendem aos requisitos ou não conseguem lidar com a burocracia intrínseca à contratação²⁵. Já os eventos organizados pelo administrador dependem de doações ou da participação de voluntários da região para sua execução.

No que se refere à manutenção, esta é feita por um setor especializado da SVMA, chamada de Divisão de Gestão Descentralizada. Quanto à divulgação, de acordo com o administrador, esta tem na população sua maior aliada. O boca a boca é um dos maiores propulsores dos eventos, tendo-se em vista que somente ele e os estagiários fazem a divulgação dos eventos (além de cuidarem da papelada e ministrarem as oficinas). É por meio da colagem de cartazes nos comércios do entorno e da utilização de um *mailing* das

²⁴ Departamento de Educação Ambiental da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) da Prefeitura do Município de São Paulo. Coordena a Escola Municipal de Jardinagem, a Divisão de Astronomia e Astrofísica e o Programa A3P.

²⁵ Para as contratações são exigidas pessoas jurídicas ou o Cadastro de Contribuinte Municipal. Além de muitas vezes ser necessária a apresentação de educação superior ou cursos reconhecidos ou portfólios profissionais.

instituições mais próximas que a divulgação é executada. De maneira geral, o administrador utiliza seu e-mail pessoal para tratar de assuntos mais urgentes, uma vez que o e-mail fornecido pela Prefeitura de São Paulo oferece maior dificuldade para ser acessado. Ainda, as informações sobre a programação do parque podem ser visualizadas apenas no *site* da Prefeitura de São Paulo, não podendo haver nenhum *blog* ou perfil do parque em redes sociais, mesmo que administrado por funcionários.

Por fim, o parque conta com mais sete funcionários fixos além do administrador, sendo eles: um jardineiro, um auxiliar de jardinagem, uma encarregada da equipe e quatro zeladores de parque. Todos os funcionários pertencem a uma empresa terceirizada. Já o quadro de seguranças também é composto por funcionários de uma empresa terceirizada, mas estes podem ser alterados de posto conforme os interesses do administrador e seu supervisor. Seus vínculos empregatícios são com a empresa e, dessa forma, o administrador pode solicitar a troca de seguranças quando julga haver desacordo com o perfil desejado para o parque, por exemplo.

Figura 8: Vista panorâmica do Parque Lajeado.



Fonte: Acervo do Administrador do Parque Lajeado.

Quanto ao uso e à frequência ao parque, nota-se majoritariamente a presença de idosos no início das manhãs. As observações revelaram que as segundas, quartas e sextas são os dias com maior presença de idosos no parque, das 7h às 9h da manhã. Isto se deve a realização, por parte de um posto de saúde local, de atividades de ginástica nestes dias. Viu-se que cerca de 40 mulheres, todas com mais de 40 anos e muitas com mais de 60, frequentam as aulas de ginástica ministradas pelo educador físico do posto de saúde e por uma moradora local. As aulas iniciam-se com a oração do “Pai nosso” e com uma roda de agradecimentos, pela melhora de um filho ou da própria saúde e assim por diante. Feito isso, é organizado o dia de

celebração dos aniversariantes do mês com a arrecadação de uma quantia para um bolo, da próxima excursão do grupo com parceria de um vereador local, o qual fornece transporte, ou outra atividade do grupo. Com música de academia ao fundo, as senhoras realizam movimentos de fortalecimento e alongamento simples com o auxílio de garrafas de 600 ml cheias de areia. Um corrigem as outras e o clima é bem agradável. Além das senhoras do grupo, vê-se outros idosos e alguns adultos que caminham ou usam os aparelhos de ginástica do próprio parque. Outro grupo de idosos da Associação Kolping também pôde ser visto em três ocasiões, também sendo orientado por uma professora de educação física. A partir da 9h, os idosos começam a ir embora e alguns usuários isolados, geralmente mãe/pai acompanhado de filhos pequenos entram e saem do parque até aproximadamente 11h, quando o parque fica praticamente vazio. Durante as observações realizadas no período da manhã, pode-se ver em apenas dois dias a presença de jovens no local. Em um deles, um grupo que havia sido suspenso de uma escola permaneceu no parque por um longo tempo ouvindo *funk* em seus celulares. De acordo com eles, não havia lugar para ir e, por isso, eles decidiram permanecer no local. Quando perguntados sobre o CEU Lajeado e o Centro Cultural, este disseram que não “colavam” mais no primeiro e que nunca haviam ouvido sobre o segundo. Em outro momento, conversou-se com um menino de 13 anos estudante de uma das escolas locais no período vespertino. Para ele, o parque era um lugar de refúgio porque “é feito para o silêncio e a natureza”. Ele costuma vir ao parque para jogar em seu celular. Ele não costuma ir a outros lugares no bairro e diz que o parque geralmente não recebe pessoas da idade dele pela manhã.

Os funcionários, em geral, permanecem sentados próximos às estantes de livros na área coberta. Os seguranças oscilam entre uma caminhada pelo parque, sua sala de descanso e as cadeiras próximas à estante de livros.

No período da tarde não se vê mais idosos no parque. A frequência de usuários diminui e o parque costuma ter um público rotativo de 2 a 30 pessoas. Muitas delas são pais com seus filhos, de pequenos a pré-adolescentes, os quais usam o parquinho infantil ou brincam nas trilhas. Os seguranças permanecem atentos e valem-se de um apito para coibir qualquer atividade considerada incorreta. Durante um dia de observação, um pai permitiu que seus filhos pequenos usassem os aparelhos de ginástica, os quais só são permitidos a pessoas maiores de 15 anos. Um dos seguranças, diante disso, apitou e gritou com os meninos para que saíssem de lá imediatamente. As crianças, assustadas, saíram e se colocaram perto do pai, que aparentava não entender qual era o problema. Um dos seguranças foi até ele e explicou-

lhe, então, as regras de utilização. O pai consentiu, mas manifestou o desagrado com a abordagem e, em seguida, redirecionou as crianças para o parquinho.

Quanto aos jovens, já é possível vê-los com mais frequência no período da tarde. Nota-se que estes veem ao parque para estar no espaço, paquerar ou participar de atividades de ONGs da região, sobretudo da Associação Kolping. Durante a observação, viu-se um grupo de meninas do 6º ano da EMEF Laranja rodando pelo parque constantemente em busca de algo para fazer e um grupo de garotos sentados na área coberta conversando sobre festas e garotas. Em outro dia, meninos também do 6º da EMEF Laranja brincavam de pega-pega nas trilhas enquanto eram observados por duas mães. Em um dos dias de observação, juntamente com o grupo da Associação Kolping, dois meninos da Associação de Voluntários do Brasil (AVIB) estavam no parque e tiveram alguns conflitos com os seguranças do local. Estes disseram à pesquisadora que se encontravam no parque por não haver nada melhor para fazer, já que neste dia não havia aula na ONG que frequentam. A vinda deles ao parque era comum e confessaram vir, sobretudo, para cabular aula, já que “não há muito mais que possa ser feito no parque”. Sua presença era mesmo conhecida, uma vez que os seguranças conheciam seus nomes e tinham uma forma mais livre de abordá-los. No entanto, durante a orientação dele sobre o uso adequado dos aparelhos de ginástica por parte dos seguranças, pode-se notar um descompasso entre o que se viu o que seria considerado uma maneira possivelmente mais adequada. Um dos garotos não respeitou o aviso do segurança sobre a forma adequada de uso do equipamento, movimentando-se e provocando verbalmente um dos seguranças. O jovem questionava a força do segurança e insinuava o uso de anabolizantes. O segurança ofendido, em tom de brincadeira, aproximou-se do jovem e usou seu porrete, acertando-o na perna. Todos os funcionários e colegas do garoto riram. Ele reclamou da dor, mas voltou a provocar o segurança dizendo que ele não “era ninguém sem o porrete”. Desta vez, o segurança retornou ao garoto e disse que acabaria com ele com uma mão, torcendo seu dedo mindinho. Mais uma vez todos riram e o garoto pediu para que ele parasse. O segurança soltou o dedo do garoto, o qual, não satisfeito, voltou a provocá-lo, afirmando que o uso de anabolizantes teria causado sua calvície. O segurança, rindo e dizendo que agora “era o fim”, retirou o menino do aparelho e o levou a sala dos seguranças. Todos no parque riram mais uma vez. Cinco minutos depois, o menino retorna colocando a mão sobre a perna e dizendo que desta vez havia doído. O segurança vem logo atrás, colocando seu porrete no uniforme. O garoto, mais exaltado, faz ameaças em tom de ironia, dizendo que retornaria ao parque “para dar um jeito” no segurança em companhia de um “oitão”. Os seguranças riem e dizem para que ele vá

embora e que retorne com o “oitão” se desejar. O garoto, finalmente, vai embora juntamente com o grupo da Kolpling. São 17h e o parque se esvazia progressivamente até a hora de seu fechamento.

Aos finais de semana, o parque é frequentado por famílias com filhos pequenos, namorados e grupos de jovens (viu-se grupos que vinham fazer trabalhos de escola, um grupo escoteiros e um grupo católico de oração). Não é comum a presença de idosos ou de jovens fora de grupos. As crianças se direcionam ao parque infantil e lá permanecem. A partir das 10h da manhã o movimento aumenta, diminuindo por volta das 12h e aumentando novamente às 15h. No domingo, há a presença do projeto Bosque da Leitura da SMC. Este consiste na montagem de 3 estantes, duas cestas de livros e 4 mesas com cadeira e guarda-sol. Os livros e as estantes ficam guardados em um almoxarifado do próprio parque, juntamente com materiais de jardinagem. Devido a isso, diz um dos responsáveis pelo Bosque, os livros acabam mofando e as estantes, de tanto serem transportadas, não mais se encaixam corretamente. Foi possível observar um dos funcionários tentando consertar uma das estantes com ferramentas improvisadas. Além disso, os funcionários do Bosque afirmam que, por estarem em um local público, a organização proposta para os livros é sempre alterada e eles precisam reorganizar as estantes todas as vezes que voltam.

Os funcionários que atuam no Bosque não são bibliotecários e pertencem a outros órgãos da Prefeitura – no caso destes, à Zoonose – e participam do projeto por ganhar uma gratificação sobre o seu salário. Desta forma, eles não possuem nenhuma formação na área e também dizem não terem recebido treinamento. Quanto aos usuários do parque, são geralmente as crianças que mexem nos livros, acima de tudo na estante de livros infantis. Viu-se dois adultos observando as estantes, mas não há alteração significativa no movimento do parque relacionada à presença do Bosque. Por volta das 16h30, as pessoas que estão no parque começam a ir embora e o parque vai ficando mais uma vez progressivamente vazio até seu horário de fechamento.

2.3.1.2 Por dentro do Parque Lajeado – o ponto de vista do Administrador

Olha, eu vou ser muito sincero [...] não vejo interesse em meio ambiente. Em educação também não. Eu acho que o maior interesse é em lazer e esporte, com certeza. Esse eu acho que é o maior e um dos poucos interesses, infelizmente, que eu tenho percebido. Cultura é muito relativo por que sei que o quê eles entendem por cultura são aqueles ritmos musicais que eles gostam. Não falando que não seja cultura, mas estou querendo dizer que não é um teatro [...].

(Administrador²⁶)

²⁶ A entrevista com o administrador do Parque Lajeado foi realizada durante visita ao equipamento em maio de 2012.

O administrador, no momento da entrevista, atuava no parque há cerca de um ano. Morador de outro bairro da zona leste, o administrador do Parque Lajeado diz que, desde que assumiu a função, teve que realizar pesquisas para estabelecer quais eram os equipamentos já existentes na região, os outros atores sociais envolvidos nas ações direcionadas ao meio ambiente e, até mesmo, recuperar a história de fundação do Parque, a qual não se encontrava documentada.

Segundo ele, o parque atua em diversas frentes. Contudo, a educação é um dos eixos mais significativos, especialmente via educação ambiental, tendo em vista o oferecimento de cursos na área. Outros pontos de atuação do parque são o lazer, devido à extensão da área livre, a saúde, por conta do uso do parque por grupos voltados à promoção do bem-estar, e a cultura, dadas às apresentações de contações de história que integram o Bosque da Leitura e os espetáculos recebidos por meio do projeto “Teatro nos Parques”, da Cooperativa Paulista de Teatro, financiados pela empresa Gerdau e apoiado pela PMSP e por meio de festas:

E a gente aqui do parque também sempre incentiva a cultura porque a gente sempre faz festa aqui. [...] Por exemplo, dia das crianças, Natal e aniversário do parque. Agora em março eu trouxe três mega eventos... Teatro, dança... (Administrador)

Todavia, ainda sobre os âmbitos de atuação do parque, o administrador assinala que não há afinidade entre o Parque Lajeado e as atividades esportivas. Para ele, o parque vem contribuir para a cidade como um “refúgio” para que os munícipes possam “aproximar-se da natureza e da tranquilidade”. O local deve ser entendido como um lugar para usufruir de outros “odores e sons que não estão presentes no dia a dia”:

Esporte na verdade não é a cara do parque, porque aqui a gente não pode ter bola, bicicleta. Este não é um parque voltado para esporte como é, por exemplo, o Guaratiba perto da estação de trem. Lá tem várias quadras esportivas [...]. Então, lá realmente tem um incentivo ao esporte. Coisa que aqui... Aqui não tem quadra. É bem mata fechada, não dá para incentivar muito a prática esportiva aqui que não pode bola, não pode... [...] a gente até separa um espacinho lá em cima em que a gente não plantou que é para eles jogarem bola, é para eles não ficarem tendo briga e discussão. Pois, eles não entendem que aqui não pode jogar bola porque tem muitos canteiros [...]. O foco do parque é um espaço de contemplação, um espaço de convívio familiar. Um parque para as pessoas virem aqui, namorar, ficar com a família, fazer um piquenique. A gente criou vários espaços de piquenique aqui no parque. Enfim, *playground* para as crianças brincarem. Então, eles não conseguem entender. Além de tudo isso ainda tem que jogar bola? Não [risos]. É difícil. (Administrador)

A observação da fala do administrador aponta para outro aspecto relevante: seus frequentadores. Segundo ele, o público atendido pelo parque é bem variado. No período matutino há o predomínio da terceira idade. No que se refere à frequência ao parque de ONGs e escolas, o administrador do Parque Lajeado assinala a ausência de ações destes órgãos no parque:

Nossa, do tempo em que eu estou aqui... nunca fizeram nada. Nem evento se você quer saber fizeram aqui. (Administrador)

Sobre as escolas do entorno, ele diz a mesma coisa:

Menos. Nada. O espaço está aberto para uso, o espaço está aberto para eventos e eles não fazem. Não tem nada aqui. Então, assim, não dá para administração focar nesse público e trabalhar com eles se eu não tenho atividades voltadas para eles. (Administrador)

A palavra “eles” na fala anterior refere-se ao público juvenil. E, como se pode notar, a relação estabelecida com o equipamento é marcada por impasses. A frequência dos jovens do entorno se restringe à presença no local em especial no período vespertino para, segundo o administrador, cabular aulas, namorar e interagir com outros jovens:

Eles estão aqui em todos os períodos, na verdade. Na verdade, infelizmente... Lógico, toda regra tem sua exceção e a gente não pode generalizar. Mas eu vou me basear na experiência de estar aqui e no que a gente vê na maioria. A maioria a gente sabe que é o pessoal que deixa de ir para a escola e vem para cá. A gente já percebeu isso porque é muito engraçado: eles entram aqui, chegam ao parque no horário da escola e eles saem no horário em que eles saem da escola. E aí à tarde vem outra turminha [risos]. A gente conseguiu perceber que existe essa grande movimentação de jovens aqui porque na sua maioria eles deixam de ir para a escola para estar aqui. (Administrador)

Sendo assim, ele diz que o parque tornou-se um local para o qual os jovens se dirigem quando desejam “matar” aula. A faixa etária destes frequentadores varia de 10 a 16 anos, aumentando sensivelmente entre o grupo de 12 a 16 anos. Com relação aos maiores, o administrador do Parque Lajeado indica que muitos desejam utilizar o parque como um lugar para namorar. No entanto, muitas vezes faz-se necessária a intervenção dos seguranças e da administração no sentido de conter jovens mais afoitos ou de conter investidas de utilização de drogas:

Eles não ficam fazendo nada, muito pelo contrário. Essa faixa etária maiorzinha vem para cá com o esqueminha feito. Então, são as meninas com os menininhos. A gente tem muito problema aqui com isso, tem sempre que ficar esperto nos

banheiros, porque eles entram nos banheiros de casazinho, eles descem para o mato. Então, quando o segurança já vê que os casaizinhos descem mata adentro, o segurança já vai atrás porque ele já sabe que não vai dar certo. Eles já sabem que vão fazer coisa que não tem que fazer. E acontece constantemente e é uma prática normal de ver que eles ficam aí namorando mesmo. Isso é uma coisa que eles fazem muito aqui e eles querem usar droga, o que a gente não deixa. Mas eles têm resistência quanto a isso. Eles querem muito usar maconha e fumar narguilé e a gente não deixa usar nem narguilé, nem maconha. (Administrador)

O administrador acrescenta que, muitas vezes, os jovens, por não poderem usar maconha e narguilé no parque, ficam sentados em frente a ele ou mesmo na rua. Segundo ele, às vezes a quantidade de jovens no local é muito grande e o parque ocasionalmente aciona a Guarda Civil Metropolitana para coibir o uso de substâncias ilícitas próximo a sua localidade. O administrador do Parque Lajeado afirma que convida os jovens com frequência a participar das programações do parque ou para ler os livros do Bosque da Leitura. Contudo, ele não dispõe de uma programação que tenha direcionamento específico a eles:

Voltada para eles, aí é complicado dizer que tem, porque nunca é focado. Sempre que a gente tem curso aqui ou oficina, ou qualquer tipo de atividade, a gente sempre os incentiva a participar. Não é voltado para eles. Por exemplo, olha vamos ensinar os jovens a fazer um jardim. Não. A gente sempre incentiva que eles também participem de nossas atividades. [...] A gente não pode focar, entendeu? Porque a gente não tem tantas atividades assim para conseguir focar. Ia ser legal se você tivesse várias coisas e você pudesse separar as turminhas [...] e como a gente não tem esse quadro grande, a gente tem vários públicos, a gente deixa a vontade para todo mundo fazer. (Administrador)

A não participação dos jovens para o administrador deve-se à falta de interesse dos jovens em participar daquilo que é proposto pelo parque:

Eu sinto que não tem interesse em participar de nada que a gente está trazendo. Eu acho que eles não se afinam com o que a gente propõe. Na verdade eu não sei, eles não se aproximam talvez porque os interesses sejam outros. Para dar um exemplo, teve um dia em que veio um menino aqui pedir para gravar um *clip* de *rap*. *Rap* não, de *funk*. Eu virei para ele e disse: “Olha, eu não posso deixar você gravar aqui, você precisa ter autorização da Secretaria do Verde, a Secretaria precisa aprovar, tal...” O que eles fizeram? Fizeram na rua [...] em frente ao parque. E veio um público absurdo. Por quê? Porque eu acho que é uma coisa que eles gostam [...]. Quando eu proponho uma trilha monitorada, eu espalho placas. Coloco as plaquinhas aqui no parque e eu colo plaquinha no comércio do entorno: na padaria, na farmácia, na academia... Não tem interesse. Eles não participam, talvez porque eles não conheçam, talvez porque eles não saibam o que é uma trilha monitorada, talvez porque eles não tenham interesse em participar de uma atividade que eles não entendem o benefício que traz para eles. Eu acredito que existe uma grande distância da educação para eles, eu não acho que eles se interessam muito porque eu os vejo cabulando aula constantemente. Eu vejo que aprender, essa coisa de educação, eles têm uma resistência. E como tudo que a gente faz é meio educativo, eles têm até repugnância. Pois eu já tive oficinas aqui e chamei a molecada que estava aí cabulando aula e conversando... o que eles fazem aqui é isso: eles ficam à tarde inteira conversando e conversando. Aí eles querem beber, não deixamos, querem

usar drogas, não deixamos. Uns vão embora para fazer isso em outro lugar, mas os que ficam aqui ficam sentados, batendo papo, paquerando... A gente chama para a oficina, mas eles não querem participar. Eles falam que não. (Administrador)

Como visto mais que não se interessarem pelo parque, o administrador do Parque Lajeado acredita não haver compreensão por parte dos jovens a respeito dos benefícios que as iniciativas propostas pelo parque podem trazer para sua vida. Na verdade, para ele, a correlação entre aquilo que fazem e a “educação” pode ser um dos suscitadores desta “repugnância” pelas oficinas.

Olha, eu vou ser muito sincero me focando no que eu conheço do público que frequenta o parque, não generalizando. Assim, vou me basear no que eu vejo acontecendo aqui: não vejo interesse político nenhum, não vejo interesse em meio ambiente. Em educação também não. Eu acho que o maior interesse é em lazer e esporte, com certeza. Esse eu acho que é o maior e um dos poucos interesses, infelizmente, que eu tenho percebido. Cultura é muito relativo por que sei que o que eles entendem por cultura são aqueles ritmos musicais que eles gostam. Não falando que não seja cultura, mas estou querendo dizer que não é um teatro [...]. Eu não vejo que as pessoas se interessam pela cultura da leitura, pois eu tenho um bosque aqui todo domingo, da Secretaria da Cultura: eles vêm aqui, trazem funcionários, montam lá um monte de araras com um monte de livros, revistas, jornais, gibis, tudo que você imaginar... E não tem procura. (Administrador)

Esta situação agrava-se um tanto mais quando analisada a relação entre os seguranças e os jovens:

E é [...]. Eles tratam igual, todo mundo igual. [...] Se eles virem uma criança fazendo coisa errada, um adulto fazendo coisa errada, a abordagem é a mesma. E, por mais que nós, no caso de direção, cheguemos e conversemos com eles [seguranças] é difícil. Porque não adianta eu conversar com eles, eu também não sou um grande treinador e especialista nisto para querer treiná-los. Eles são uma empresa terceirizada, poxa, isso quer dizer que lá na base deles, em que eles foram treinados, ninguém falou sobre isso porque é segurança patrimonial e ponto. (Administrador)

Como apontado, os seguranças têm como sua responsabilidade o cuidado com o patrimônio, não havendo treinamento para lidar com situações que envolvam os jovens que utilizam o equipamento – especialmente no que tange à depredação do parque e de suas plantas. Este aspecto das relações entre jovens e seguranças ficou evidente durante a observação. Viu-se que, diante da ameaça da entrada de jovens com mochilas dentro do parque, os guardas já se posicionaram na entrada do local para impedir a entrada do “bonde”. Um dos seguranças dizia ao demais que tinham que colocar o “bonde para andar”. Diante deste fato, um dos seguranças justificou à pesquisadora esta ação dizendo que é importante manter o pulso firme para que o Parque Lajeado não fique como outro parque da região, o

Chácara das Flores. Este parque foi tomado pelo tráfico há pelo menos dois anos e muitas pessoas são assaltadas em suas trilhas ou as usam para o consumo de drogas e a prostituição. O segurança também informou que os jovens são “postos para andar” quando preciso e que não é permitido a eles cabularem, usar narguilé no parque ou namorar nas trilhas. Para ele, a “população deve entender que o parque é um ambiente de contemplação”, ainda que ele mesmo tenha ficado surpreso quando chegou. Ele já havia trabalhado em outros parques da cidade e nenhum era destinado apenas à contemplação. No entanto, ele entende que este é o funcionamento das coisas e que a mata deve ser preservada e, por isso, os próprios seguranças conversaram com o novo gestor contratado recentemente para que este controle seja mantido.

2.4 CENTRO CULTURAL DE GUAIANASES

O Centro Cultural de Guaianases foi inaugurado em 2009, no prédio da antiga sede da Subprefeitura de Guaianases na região central do distrito de Lajeado.

O Centro Cultural é coordenado pela Subprefeitura de Guaianases através da Supervisão de Cultura e oferece atividades diversas relacionadas ao esporte, lazer e cultura. Este órgão não tem relações com a Secretária Municipal de Cultural, não dispendo de dotações orçamentárias para a contratação de oficinairos e artistas. A única verba que o Centro dispõe serve para a manutenção de equipamentos e das instalações. Sua estrutura é formada por um gestor mais cinco funcionários públicos selecionados por ele para realizar as atividades organizacionais do local. A equipe conta também com um vigia patrimonial e divide o espaço com alguns funcionários da Supervisão de Esportes e com o Centro de Práticas Naturais de Guaianases da Secretária Municipal de Saúde, que oferecem atividades como acupuntura, Liang Gong, Tai-Chi Pain Lin e I Qi Gong.

Figura 9: Centro Cultural dos Guaianás.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O horário de funcionamento do Centro Cultural é, oficialmente, das 9h às 17h de segunda à sexta, havendo a possibilidade de funcionamento até mais tarde, dependendo da programação, e, aos sábados, até às 14h para o funcionamento do Telecentro. Aos finais de semana, a abertura do Centro Cultural condiciona-se à presença de atividades, posto que, de acordo com administração, há poucos funcionários e a cada final de semana trabalhado o funcionário ganha duas folgas durante a semana. Além de cinco salas com cadeiras e mesas antigas, o Centro conta com um salão amplo com um pequeno palco para a realização de shows, palestras e até mesmo formaturas das escolas da região. A infraestrutura do Centro consiste basicamente em um aparelho de som com duas caixas amplificadoras. As atividades oferecidas variam entre oficinas remunerados pela Secretária de Participação e Parceria (já houve dança de salão e artesanato em jornal), bem como voluntários de artesanato (crochê e fuxico), capoeira, jiu-jítsu e samba rock.

O surgimento do Centro Cultural de Guaianases deve-se à articulação junto à Secretária Municipal de Cultura e à Subprefeitura de Guaianases estabelecida por diversos jovens de grupos sociais e culturais da região, reunidos no chamado Movimento Cultural dos Guaianás. A partir da percepção da ausência de espaços públicos voltados à cultura que pudessem atender à comunidade e, ao mesmo tempo, oferecer a possibilidade de contratação da produção cultural local, organizou-se um movimento que passou a demandar a instalação de uma Casa de Cultura Municipal na região. Neste período, debates e negociações foram realizados com o ex-Secretário Municipal de Cultura Carlos Calil e o ex-Subprefeito de Guaianases Jorge Perez para que um local fosse selecionado para a montagem da Casa de Cultura. Estas negociações tiveram início com a participação de alguns jovens em um debate sobre cultura em um espaço na Vila Madalena. Nesta ocasião, os jovens convidaram o ex-Secretário de Cultura a também discutir cultura em espaços periféricos. Diante do aceite de Calil, houve a organização de uma pauta de reivindicações e a proposição de uma visita ao bairro com a exibição de possíveis locais para a construção de uma Casa de Cultura. No entanto, o poder público sinalizou a impossibilidade de construí-la e o prédio da antiga subprefeitura foi apontado como um local possível para a implementação de ações, uma vez que, no passado, ele foi utilizado como cinema. Este prédio, locado pela Subprefeitura, servira até 2009 como sua sede; no entanto, com sua transferência para outro local, o espaço ficou praticamente vazio, recebendo apenas os usuários do Centro de Práticas Naturais. Sendo assim, a tendência passou a ser a da devolução do prédio e o fim do pagamento do aluguel.

Foi diante deste cenário que o prédio foi escolhido para a realização de atividades de cultura e lazer até que fosse fundada, de fato, uma Casa de Cultura.

No que tange ao uso e frequência do Centro Cultural Guaianases, observou-se que o espaço é, em geral, muito pacato. No período da manhã as atividades voltadas ao bem-estar de idoso (promovidas pelo Centro de Práticas Naturais), as aulas de pintura em tecido e de crochê, e o Real Baile da Terceira idade (realizado por um promotor de viagens voltadas ao mesmo público, Toninho Babilônia), são as únicas atividades oferecidas pelo Centro. As aulas do Centro de Práticas Naturais recebem cerca de 80 idosos. Já as aulas de artesanato recebem, no máximo, 20 participantes. De acordo com um funcionário, nenhuma destas atividades têm um número de participantes considerável. No demais, somente entram no Centro Cultural pessoas que buscam algum serviço junto às supervisões de Esporte ou Cultura, que possuem alguma consulta no Centro de Práticas Naturais ou que querem utilizar o Telecentro. Não há trânsito de jovens pelo espaço no período da manhã para além daqueles que se destinam ao Telecentro.

No período da tarde não há alteração neste cenário. Há duas oficinas, crochê e confecção de flores de EVA. No espaço de cerca de 4 horas de uma tarde de observação, pouco mais de 20 pessoas cruzaram a porta do Centro Cultural. Dentre elas, cinco garis da Prefeitura Municipal, pois estes profissionais usam o espaço para fazer suas refeições. Durante este tempo de observação, foi possível conversar com um funcionário, apresentado pelo gestor atual do Centro Cultural como segurança do local em outra ocasião, responsável pelo atendimento de portaria. Este, ao invés de segurança, é um ex-oficial de máquinas pesadas concursado pela Prefeitura de São Paulo, sem atuar em sua área há cerca de oito anos desde que todos os serviços foram terceirizados. Hoje, ele está acomodado na função de agente-apoio, embora ainda receba sua remuneração referente à função anterior, e apenas aguarde sua aposentadoria. Quando perguntado sobre o desconhecimento por parte do gestor de sua real função, ele diz não se importar, tendo-se em vista que em nenhum momento eles foram formalmente apresentados desde a chegada do novo gestor. De acordo com ele, o Centro é “sempre parado”. Desde que vários voluntários voltados às atividades esportivas deixaram o local, ele menciona judô e capoeira como exemplos, os jovens deixaram drasticamente de frequentar o local. Ele afirma não ter havido, até o momento (maio de 2013), nenhuma atividade realizada por jovens. Mais do que isto, ele diz não haver nada para ser feito no local, sendo sua função ficar o dia todo na porta observando quem entra e quem sai. Quando perguntado sobre o período noturno, o funcionário nos informa que o cenário se

altera quando ocorrem as aulas de samba rock e durante outros dias em que o Centro Cultural é aberto para vigílias evangélicas, pois nestes dias o local fica cheio.

No período noturno, o Centro Cultural só abre às terças-feiras para as aulas de samba rock e em momentos agendados para vigília. Não há divulgação nos murais do acontecimento das vigílias, uma vez que estas são organizadas apenas para os fieis das igrejas que reservam o espaço. As aulas de samba rock são muito frequentadas e durante as observações pode-se notar que o número de participantes que varia entre 80 e 120 pessoas. Os frequentadores são todos adultos, com um grande número de jovens com idades até 25 anos e adultos com até 40 anos. Foi possível perceber que os alunos são, em sua maioria, moradores da região, uma vez que se pôde conversar com alguns deles. Também se pôde notar que seu deslocamento ocorreu através de ônibus ou a pé, não havendo carros estacionados em frente ao Centro Cultural de Guaianases durante as aulas. Estas são ministradas por um grupo de voluntários formados por dois homens e uma mulher, havendo também algumas pessoas que já sabem dançar que aparecem no espaço sem frequência determinada para auxiliá-los. Nota-se que é um grupo familiar, descontraído e informal. As aulas são organizadas a partir da formação de duas listas, uma dos alunos já matriculados e outra daqueles que vêm pela primeira vez ou esperam uma vaga na lista oficial. Contudo, ninguém é impedido de dançar. Em uma das observações uma mulher, aparentemente embriagada, participou da aula e só foi retirada quando começou a gritar palavrões e a fazer movimentos obscenos com o corpo. Além das pessoas que de fato participam da dança, há um pequeno grupo que se forma no canto da sala, formado por jovens que se valem das aulas de samba rock para encontrar outros amigos da região. Os equipamentos utilizados na aula – um rádio, uma caixa acústica e um microfone – são todos do Centro Cultural de Guaianases.

É possível notar apenas um funcionário do Centro acompanhando as aulas. Não há seguranças contratados no local e os demais funcionários se revezam quando há atividades noturnas. Durante as aulas, os professores fazem a divulgação dos bailes “nostalgia” que realizam na zona leste de São Paulo. Estes consistem em bailes voltados ao público mais velho que deseja dançar com músicas da década de 80 e 90. A entrada custa entre vinte e trinta reais, conforme o momento de aquisição dos ingressos, e o traje esporte fino é obrigatório.

Figura 10: Centro Cultural dos Guaianás

Fonte: acervo da pesquisadora.

2.4.1 Por dentro do Centro Cultural de Guaianases – os pontos de vista do gestor e de um ativista cultural da região

O objetivo, pelo menos o meu objetivo, é fazer com que a molecada saia da rua. Fazer com eles vejam e conheçam outra coisa a não ser vídeo game, drogas. Esse tipo de coisa. Bebida, tá aí. [...] Você vê muita criança jogada. E qual é a tendência disso? É virar um marginal. Então a minha função aqui é mostrar outro caminho.

(Gestor)

As juventudes do Lajeado estão muito inquietas porque, ao mesmo em tempo em que elas querem mais coisas para o Lajeado, querem mais espaços culturais para socializar o que sabem, para conhecer novas pessoas, para se relacionar melhor. Não sabem como, porque elas não sabem como e quem procurar. Sabe-se que existe uma demanda muito grande de ter um espaço para elas poderem frequentar.

(Ativista cultural)

No que se refere ao gestor do Centro Cultural de Guaianases, este é morador do bairro de Guaianases desde seu nascimento, tendo atuado em escolas de samba da região e outros grupos culturais ligados ao samba. Sua função, além de administrar o Centro Cultural, é organizar os eventos culturais de Guaianases, negociando autorizações junto a outros órgãos públicos para utilização de praças públicas, instalações de pontos de luz e solicitação de policiamento.

Quanto ao Centro Cultural de Guaianases, ainda que este tenha sido pensado inicialmente para se tornar uma Casa de Cultura Municipal, com verba própria e autonomia de contratação, isto nunca aconteceu. Contudo, de acordo com o gestor, apesar da falta de verbas, a presença do Centro Cultural tem grande importância na região, uma vez que não há outros espaços semelhantes nas redondezas que possam abrigar atividades de lazer e culturais do Estado ou que estejam disponíveis para locação por preço semelhante ao deste:

Ainda é 4.800,00 reais o aluguel. Você vê, seria desvantagem para nós entregarmos um prédio deste porte pelo valor que é pago. Ele tem um monte de condições de dar atividades para a molecada, para os idosos... Enfim, uma série de coisas que acontecem culturalmente, se não tivesse esse prédio aqui, seria feito onde? Não teria outro espaço. Então, eles [do movimento cultural] abraçaram a ideia. Fiz um o

convite para um monte de pessoas ligadas à cultura aqui no bairro para desenvolver alguma coisa. Fizemos o dia do grafite e então se tornou um Centro Cultural, né? [sic] Assim, não oficial, mas oficioso. Aí a rapaziada se apossou dessa situação, trouxemos o Secretário Calil por duas ou três vezes. [...] O Secretário fez algumas promessas para nós dizendo que iria colaborar com a Casa de Cultura para se tornar uma Casa de Cultura, iria mandar uma verba para cá, algumas dotações orçamentárias para poder ajudar. Mas isso foi lá atrás. Você participou até de algumas conversas dessas. (Gestor²⁷)

Neste trecho vê-se que, ademais que pontuar a importância do local, o gestor menciona a participação do coletivo cultural Movimento dos Guaianás, a chamada “molecada”, no processo de fundação do Centro Cultural. Quando perguntado sobre a existência de uma gestão compartilhada com os jovens que participaram dos passos iniciais do Centro, o gestor nos diz:

Tinha. Os caras foram procurar outros aí, né? Porque não dá pra viver de cultura, as pessoas têm que fazer outras coisas paralelas. Porque eu acho que no geral, nos extremos, as pessoas que são artistas não têm como sobreviver só com os projetos que acontecem esporadicamente pelo VAI²⁸. Eu acho que os caras têm também que cuidar da vida porque lá na frente às coisas mudam e aí... [...] Eles faziam trabalho voluntário e quando não voluntários eram os projetos que eles conseguiam pelo VAI que é aquela quantia de até 25.000 reais. Eles desempenhavam a Arte Maloqueira e esse tipo de coisa. Eles me ajudaram pra caramba aqui a fazer a coisa acontecer de fato. (Gestor)

Quanto à ação do Centro Cultural junto aos jovens, o gestor afirma que, a despeito das dificuldades enfrentadas, ele consegue atuar junto aos jovens que permanecem na rua. Ele conta que, apesar das críticas feitas pelo ex-secretário Carlos Calil sobre a presença ostensiva de atividades esportivas em um Centro Cultural em sua visita, para ele o espaço deve atender às necessidades do público do entorno e, uma vez que haja interessados em oferecer aulas de judô, por exemplo, e outros em fazê-la, ele abre espaço no Centro. Assim, tanto com as ações do Centro como com as instalações da Subprefeitura, um espaço de *b-boys* e academias ao ar livre, o gestor objetiva, sobretudo, ampliar a visão dos jovens para além do vídeo game e das drogas.

O objetivo, pelo menos o meu objetivo, é fazer com que a molecada saia da rua. Fazer com eles vejam e conheçam outra coisa a não ser vídeo game, drogas. Esse tipo de coisa. Bebida, tá aí. [...] Você vê muita criança jogada. É qual é a tendência disso? É virar um marginal. Então a minha função aqui é mostrar outro caminho. Que existem outras coisas. Principalmente culturalmente, você sabe que a cultura

²⁷ A entrevista com o gestor do Centro Cultural de Guaianases foi realizada durante visita ao equipamento em maio de 2012.

²⁸ Programa de Valorização de Iniciativas Culturais destinado a jovens entre 18 e 29 anos da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

educa. As pessoas que têm conhecimento de alguma coisa, elas sabem discernir o que é certo do que é errado. Acho que é por aí... (Gestor)

No que se refere especificamente à frequência e à participação dos jovens no Centro, o gestor afirma que o interesse central reside na música, sobretudo no *rap* e no *funk*. Muitos jovens vêm ao local para participar de eventos que envolvam estes ritmos. Contudo, as atividades voltadas ao *funk* dificilmente são realizadas no Centro e nos espaços públicos de Guaianases. De acordo com o gestor, há muitas restrições por parte de outros órgãos políticos e mesmo da polícia militar, os quais inviabilizam a execução dos eventos tanto pelo desacordo com as letras cantadas nas músicas quanto pela crença na violência eminentemente envolvida neste tipo de evento:

O negócio deles é mais musical. A molecada é mais musical. É *rap*. O *funk*, mas infelizmente a gente tem meio que uma restrição por causa das apologias. O *funk* faz muita apologia a um monte de coisas erradas, então a gente tem problema com a administração, com a própria polícia. Se eu for fazer um show de *funk*, eu não consigo fazer. A polícia não libera, não autoriza fazer uma festa de *funk* em praça pública. [...] A gente pode até fazer, mas não tem respaldo de segurança nenhum. A molecada curte mais capoeira. O judô que saiu daqui, os caras ganharam até faixa e medalha em algumas competições. Mas, infelizmente, como era voluntário... (Gestor)

Quanto à utilização autônoma do espaço pelos jovens, o gestor nota que a falta de traquejo para a organização e planejamento dos eventos dificulta a ação dos jovens. Segundo ele, muitos procuram o Centro esperando que este ofereça mais que a infraestrutura, realizando a organização do evento e buscando o público que ele necessita.

[O jovens usam] Muito pouco. É que a molecada não tem a mesma aptidão que os meninos [do Movimento Cultural do Guainás]. São menos estruturados, porque eles querem fazer uma coisa, mas querem que você desenvolva para eles. Então, não é assim que funciona [...]. É isso o que eu mais vejo: é o cara que ele consegue, ele tem um aparelhinho lá, ele faz umas rimas e acha que é artista. É isso que acontece. Não tem outra coisa, eu não vejo nenhuma outra coisa. [...] Só vejo nessa área do *funk* e do *rap*. (Gestor)

Por fim, quando questionado sobre outros espaços disponíveis para a juventude no bairro, ele afirma não haver uma grande variedade e opções. Para ele, durante o dia os jovens frequentam o Parque Guaratiba e o CEUs. À noite, transitam pela praça de eventos próxima à estação de trem, pelas baladas de forró e pela Praça do Uga Buga.

Esses são os lugares que a molecada frequenta. Eles não têm muita opção. [...] Não tem muita opção. É os CEUS [sic], você vê a molecada ali na pista de skate, nos campos de futebol. (Gestor)

A segunda entrevista sobre o CCG foi realizada com um jovem ativista cultural do Movimento Cultural dos Guaianases, também morador da região desde seu nascimento e que, além de integrar um grupo cultural ligado ao audiovisual, é educador em uma ONG que desenvolve ações junto ao público juvenil. Segundo ele, a luta para construção de uma Casa de Cultura, que resultou no surgimento do Centro Cultural, adveio da necessidade de mais espaços para o desenvolvimento de ações culturais na região e, acima de tudo, do interesse de assegurar aos artistas locais o direito de realizar suas ações/intervenções na comunidade de forma remunerada:

Existe aqui uma demanda de espaços. A gente tem poucos espaços e em alguns espaços às vezes falta equipamentos. Já uma Casa de Cultura poderia minimamente garantir um espaço e equipamentos. Sem contar que tinha uma terceira questão que já estava surgindo e agora está mais quente que é a questão dos artistas locais trabalharem naquilo que fazem e ganhar seu sustento como qualquer outra pessoa. Em vez de você contratar uma galera aí de fora, você contrata uma galera local tão qualificada. (Ativista cultural²⁹)

No entanto, apesar dos esforços junto à Secretária Municipal de Cultural e à Subprefeitura de Guaianases, observou-se apenas a manutenção da locação do espaço apesar da denominação de Centro Cultural:

Então, há uma confusão até hoje que a gente ainda está tentando discutir sobre esse nome. A gente solicitou uma Casa de Cultura, só que o quê para eles está instalado, e é uma contradição muito grande, é um Centro Cultural. Primeiro, aquele lugar ali é só um espaço, não chega nem perto de uma Casa de Cultura e muito menos de um Centro Cultural. O que é um Centro Cultural? Um Centro Cultural é um equipamento bem maior, um monte de máquinas e mais recursos. E ali a gente não tem. Tem um espaço e um espaço caindo aos pedaços, um espaço em que acústica é ruim, em que não há equipamentos. Só tem um som que vivem dizendo que está com problema. (Ativista cultural)

Quando perguntado sobre a origem da denominação “Centro Cultural”, o ativista diz que ela é resultado de uma placa instalada lá pelo gestor sem que nenhum diálogo tivesse sido estabelecido:

Apareceu a placa. A gente, despercebidos, entrou na sala falando “vamos todo mundo para a Casa de Cultura”. Então, fomos interrompidos e o gestor falou para gente que era um centro cultural. E aí ele chamou e a gente olhou a placa. (Ativista cultural)

²⁹ A entrevista com o ativista cultural foi realizada em encontro marcado no CEU Lajeado em maio de 2012.

Mais do que isso, a falta de apoio resultou na realização de ações com pouca frequência no local, uma vez que falta infraestrutura adequada para ações culturais e que os visitantes do Centro Cultural não são sempre bem recebidos:

Até hoje não está rolando. Até hoje você tem um espaço precário. A gente conseguiu avançar em muita coisa, outras a gente não conseguiu avançar. A gente percebe que algumas pessoas vão lá e são abordadas de uma forma estranha, até ignorante e excludente. Para nós, as figuras mais conhecidas, é mais fácil encontrar o espaço. (Ativista cultural)

Além disso, hoje o prédio também presta, de acordo com o Ativista, um serviço que não é só mais da cultura e foi gerado pensando na eleição. O Centro Cultural de Guaianases tem servido também, ocasionalmente, para vigílias evangélicas, havendo a possibilidade de permanência do espaço aberto durante toda a noite. No entanto, o mesmo tratamento não é dado a outras atividades. O Ativista pontua as dificuldades de uso do espaço e os conflitos vividos junto à administração:

Você vai lá no sábado à tarde ou à noite, fechado. Domingo, fechado. [...] O grafite que a gente fez, eles viviam tampando com pano. Aí a gente chegava e arrancava todos os panos. Teve uma galera que ficou “ferrada” da administração porque achou uma falta de respeito à gente passar pela autoridade deles e tirar aqueles panos sem a permissão deles. Nós respondemos que eles colocaram um pano ali sem a nossa permissão também, porque os grafites e o espaço também é a gente que constrói. (Ativista cultural)

Quanto aos objetivos do Centro, o Ativista cultural acredita haver um desencontro entre os objetivos das pessoas que utilizam o espaço e os daqueles que o administram. Se, por um lado, alguns desejam torná-lo um espaço mais acessível, outros não têm a mesma disposição:

O objetivo, eu quero acreditar, para algumas pessoas que não estão diretamente, é ter uma vontade de tornar esse espaço um espaço acessível. Um espaço disponível para uma galera que quer fazer atividades culturais. Do outro lado, tem o poder público que entendeu que eles não têm maturidade, não têm condições e nem quer dispor de verbas para fazer ações culturais maiores e ter que tirar a mão do bolso para isso, vai ter que ter pessoas que saibam mobilizar, saibam dialogar com os movimentos culturais para chamar para fazer alguma ação. Então, essa é uma forma de economizar. Não precisa tirar o dinheiro do bolso, não precisa estar preparado. Deixo só o espaço. E aí se tinha vários coletivos usando esse espaço e esse espaço estava tendo coisas há bastante tempo. Todo dia estava tendo coisas. Agora que a gente saiu, faz tempo que a gente não faz uma ação lá, acho que eles estão percebendo que o espaço está ali para as moscas. E aí eles vão tentar resolver essa parte cultural como eles resolviam antes, fazendo um show, chamando uma rádio famosa e um, dois, três artistas. Reúne mais de 15 mil e já fez a atividade cultural. Ganha palanque e aí vai. (Ativista cultural)

Já sobre as atividades que de fato acontecem no centro, o Ativista cultural aponta que as aulas de samba rock têm obtido muito sucesso. Com relação à frequência autônoma dos jovens, ele aponta que os mesmos só vão ao espaço nos dias de programação – uma vez que, para frequentá-lo em outros dias, são-lhes solicitados documentos para o uso do espaço, como ofícios, que eles não sabem confeccionar. Outro aspecto que dificulta o acesso dos jovens é a falta de organização, estrutura e divulgação do próprio Centro:

Agora não fazem mais divulgação, mas rolou mais de boca a boca porque é isso. É só o espaço mesmo e uma caixa de som. Só o espaço, você quer fazer divulgação se vira com impresso. A forma que você vai usar é com você. O povo é com você. E eu falei que não dá para exigir muito dessa galera porque vocês não oferecem muita coisa. (Ativista cultural)

Ainda sobre a frequência autônoma dos jovens dos espaços, o Ativista cultural reforça a ideia de que há poucos espaços no distrito do Lajeado. Menciona o CEU Lajeado e o Parque Lajeado, assinalando, entretanto, algumas dificuldades no uso do espaço.

Então, tem o CEU Lajeado. Um pouco o Parque Lajeado que é uma área verde, mas que está ainda com aquele conflito porque falam que o público que está lá vai só para fumar maconha e fazer sexo. E aí eles vivem podando a galera, vivem inibindo. Tem uma série de coisas que a gente quer entender melhor. O próprio conselho tutelar vive sendo chamado [...]. E às vezes são pessoas que estão gestando um espaço que não estão preparadas para receber o público e para como é aquele espaço [sic]. E fora a gente vai ter... O que mais? Aqui no Lajeado a gente vai ter uma dificuldade de espaços, porque não vai ter muito. Aí são ações, espaços que não tem grana. Você vai encontrar um Cinecampinho [...], o Instituto Paulo Freire, você vai encontrar a própria AVIB, as ações pelo VAI, o IPJ, a Kolping³⁰. (Ativista cultural)

Por fim, o Ativista cultural discorda das proposições sobre o interesse exclusivo dos jovens do Lajeado e Guaianases no *funk* e no *rap*. Para ele, é necessário fortalecer a cultura do Lajeado para que outros movimentos culturais surjam. O *funk* e o *rap* são o que há e, mais do que gostar da música, muitos jovens frequentam esses espaços por eles serem um dos poucos locais em que podem encontrar seus semelhantes e namorar.

Eu vejo muito o discurso de que essa galera adolescente só quer *funk*. Não, pelo contrário, eu vejo a galera pedindo outras coisas. Só que a galera não se vê enquanto sujeitos, não vê como buscar e reivindicar. É uma galera que está afim de um monte de coisas [...]. As juventudes do Lajeado estão muito inquietas porque, ao mesmo tempo elas querem mais coisas para o Lajeado, querem mais espaços culturais para socializar o que sabem, para conhecer novas pessoas, para se relacionar melhor. Não

³⁰ Neste trecho, o ativista se refere a ONGs da região (Associação de Voluntários do Brasil, Instituto Paulista da Juventude e Kolping) e ao fomento de VAI.

sabem como, porque elas não sabem como e quem procurar. Sabe-se que existe uma demanda muito grande de ter um espaço para elas poderem frequentar. Uma demanda de ter um espaço para eles poderem mostrar o que estão fazendo [...].
(Ativista cultural)

2.5 AS UNIDADES ESCOLARES DA PESQUISA

Como afirmado anteriormente, este estudo foi realizado em seis escolas, três municipais e três estaduais. As três escolas municipais pertencem à Diretoria Regional de Educação de Guaianases que, assim como a subprefeitura Guaianases, é responsável pela supervisão das escolas do distrito do Lajeado. A partir das informações obtidas no Portal da Secretaria Municipal de Educação³¹ foi possível montar o perfil de cada uma das instituições estudadas.

A primeira delas, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Laranja, está inserida dentro do CEU Lajeado e foi fundada no ano de 2008 juntamente com o equipamento. Sua média de atendimento é de 1.200 alunos, distribuídos ao longo do Ensino Fundamental I e II nos períodos matutino e vespertino. Seu quadro profissional conta com cerca de 100 funcionários, sendo 86 professores efetivos. Ela possui 20 salas, havendo dentre elas uma sala de leitura, um laboratório de informática e uma sala de vídeo. Há uma secretaria, uma sala da direção e outra sala destinada à coordenação. A escola também dispõe de duas salas menores, nas quais ocorrem as atividades de reforço escolar (Sala de Apoio Pedagógico – SAP) e inclusão de alunos com deficiência física e mental (Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão – SAAI). Sua estrutura conta com dois pavimentos, um andar térreo e um andar superior, o qual pode ser acessado através de rampa ou de elevador. Observou-se que o elevador só é acionado quando existe a necessidade de transportar alguns dos alunos com necessidades especiais entre os andares. A acessibilidade também é garantida nos sanitários, havendo três sanitários para deficientes. As quadras em que acontecem as aulas de educação física localizam-se fora do prédio da escola e são compartilhadas com a Administração do CEU Lajeado e as outras unidades escolares. O refeitório também se localiza do lado de fora do prédio da escola, no prédio conhecido como “redondo”, abaixo da biblioteca do CEU Lajeado. As crianças passam seu tempo de intervalo em um espaço aberto do CEU, estando em contato com os demais usuários durante este tempo.

³¹ SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br>>. Acesso em 15/10/2012 às 15h.

A conservação da escola é boa; não há pichações nas paredes e as cadeiras das salas encontram-se em bom estado. Nos sanitários dos alunos foi possível constatar alguns problemas relativos à manutenção dos vasos. Há infiltrações do teto na sala de leitura, que não podem ser consertadas pela diretora da escola devido à obra do CEU ainda estar em seu período de garantia – durante toda a garantia concedida pela construtora, a Diretoria de Ensino impede os gestores de todos os CEUs e de suas unidades educacionais de realizar alterações estruturais nos prédios. A estrutura da sala de informática é composta por 21 computadores e um data show. Os computadores, segundo o professor de informática, têm enfrentado problemas para dar conta das necessidades dos alunos, sendo que têm baixa memória e pouco poder de processamento.

Sua estrutura de recepção para visitantes é aberta, há somente dois portões com tranca que dão acesso à entrada dos dois pavimentos. O atendimento aos pais é feito através de um balcão em uma sala improvisada construída na lateral do prédio. O acesso é direto, não há grades ou campainhas. A porta da secretaria fica aberta para a entrada de qualquer pessoa durante todo o expediente escolar. Isto se deve ao fato de a escola já estar situada dentro do CEU, um equipamento que fica, durante todo seu horário de funcionamento, de portas abertas.

As negociações sobre a aplicação da pesquisa foram muito fluidas. Houve uma conversa com a direção e com a coordenação para explicar os objetivos da aplicação dos questionários e, posteriormente, da realização do grupo de conversa. Os professores da unidade também liberaram prontamente os alunos para estas atividades.

A segunda escola, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Amarela, foi fundada no ano 2000 no Jardim Bandeirantes, local mais afastado do centro comercial do distrito. O CEU Lajeado é, dentre os equipamentos estudados nesta pesquisa, o mais próximo da escola. Ela dispõe de 14 salas de aula, um laboratório de informática, uma sala de leitura, uma quadra coberta localizada no segundo andar, uma sala de secretaria, uma sala da direção e uma sala da coordenação. Ainda, a escola oferece acompanhamento à inclusão de alunos com deficiência mental por meio de sua Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão (SAAI). O prédio da escola possui três andares, sendo sua acessibilidade garantida por meio de um elevador que permanece ligado todo o tempo e um sanitário para deficientes. O refeitório da escola está situado no andar térreo. Sua estrutura predial segue o formato de uma grande caixa, o que resulta em muito barulho durante os intervalos e nas aulas de educação física das turmas. Qualquer deslocamento dos alunos também gera transtornos aos professores nas salas de aula.

A conservação da escola é adequada. As paredes se encontram limpas e não há muitas pichações, somente alguns rabiscos nas paredes. A quadra, no momento da visita, encontrava-se com a pintura nova e com uma cobertura de telhas que tornavam o ambiente um pouco quente. A recepção ao visitante é feita através de um guichê com grades localizado na lateral da escola. Para a entrada é necessário cruzar mais duas portas controladas por trancas eletrônicas, uma que dá acesso à porta de trás da secretária e outra que permite a entrada no prédio propriamente dito. Foram necessárias três visitas até que se conseguisse conversar com a direção da escola. A diretora encaminhou o pedido de aplicação dos questionários à coordenação, que prontamente organizou os dias de aplicação junto aos jovens. Notou-se, no dia da aplicação, que os professores não haviam sido previamente avisados sobre a minha presença. Contudo, não houve nenhuma reclamação da parte deles. A média de atendimento da escola é de 1.200 alunos distribuídos entre Ensino Fundamental, nos períodos matutino e vespertino, e Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. A escola conta com cerca de 100 servidores, sendo 79 deles docentes efetivos.

Por fim, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Azul está localizada na região central do distrito e próxima à divisa com Guaianases, na qual há maior intensidade de atividade econômica, sobretudo do comércio local. A média de atendimento é de 850 alunos distribuídos ao longo do Ensino Fundamental I e II nos períodos matutino e vespertino. A escola dispõe de cerca de 90 servidores, sendo 75 deles professores concursados. A escola possui 14 salas de aula e mais um laboratório de informática, uma quadra coberta, uma sala de leitura, um sanitário para deficientes, uma sala de secretaria, uma sala de direção e uma sala da coordenação. Assim como a EMEF Laranja, a EMEF Azul oferece Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão para alunos com deficiência mental e visual.

Apesar de possuir dois andares, a escola não dispõe de elevadores dada à antiguidade de sua estrutura e dificuldade de instalação do equipamento. O barulho dentro da escola é altíssimo. O pátio dos alunos está localizado bem no centro da escola. Sua estrutura em forma de caixa quadrada maximiza ainda mais o barulho dos intervalos. As portas de toda a escola são de metal e pode-se ouvi-las sendo batidas a todo o momento. Durante o período de aula, pôde-se observar um grande número de alunos vagando pelas escolas e sendo advertidos pelos auxiliares que cuidam dos corredores a voltar para suas salas. Não há janelas no andar térreo, apenas persianas próximas ao teto. A recepção aos visitantes é feita através de uma janela que dá para a secretaria. A entrada é controlada por meio de uma porta eletrônica.

A estrutura mais enxuta no espaço resultou também em salas administrativas bem menores que as observadas nas outras duas escolas municipais – a sala dos professores, em especial, é bem pequena, sendo difícil a acomodação de todos no intervalo.

Foram necessária 4 visitas para que se pudesse falar com o diretor da unidade. Este encaminhou a questão ao coordenador do Ensino Fundamental II. Foram necessárias mais duas visitas até que se pudesse conversar com o coordenador. Finalizado o agendamento do dia da aplicação dos questionários, retornou-se na data acordada. No entanto, o coordenador responsável não estava na escola e não foi permitida a aplicação. Fez-se, então, um segundo agendamento e, desta vez, os questionários foram aplicados. Mais uma vez os professores da unidade não sabiam sobre a aplicação dos questionários. Porém, não houve nenhuma manifestação de insatisfação da parte deles.

No que se refere às Escolas Estaduais, a Secretária Estadual de Educação não dispõe de um site integrado às escolas contendo as informações oficiais atualizadas, como a Prefeitura de São Paulo. Dessa forma, os dados para sua caracterização foram obtidos diretamente com os gestores de cada uma das unidades entrevistadas. Todas as escolas estaduais deste estudo pertencem à região administrativa da Delegacia de Educação denominada Leste 2. As escolas estaduais Verde e Marrom situam-se um pouco mais distanciadas do centro comercial em torno da estação de Guaianases, situando-se já próximas aos bairros de Ferraz de Vasconcelos e Itaim Paulista. O Parque Lajeado é o equipamento mais próximo destas. Já escola Vermelha está localizada muito próxima ao CEU Lajeado.

A primeira escola, Escola Estadual Verde, dispõe de 16 salas de aulas e possui uma estrutura antiga dada sua fundação na década de 80. Além das salas de aula, conta com sala de vídeo, leitura, secretaria, coordenação, direção e informática, esta última relacionada ao projeto Acesso Escola. Há também uma sala para os professores, uma cantina privatizada, um refeitório para a merenda servida pela escola, um pátio interno e uma quadra coberta, a qual se encontrava em reforma. As paredes da escola tinham várias pichações de caneta e a pintura descascada. O barulho da reforma das instalações foi um incômodo tanto na aplicação dos questionários no período da manhã quanto no noturno. A escola possui várias portas com grades e todas as janelas gradadas. Há grades na secretaria, uma porta eletrônica na entrada e um portão que separa as salas da gestão e professores do pátio, outro portão que separa a sala de leitura e de vídeo também do pátio e, por último, mais um que fecha a entrada e saída do pavimento superior. Notou-se haver uma entrada para os alunos e outro portão que dá acesso à quadra.

Apesar de possuir um andar superior, a escola não dispõe de elevadores e nem de rampas, aspecto que, de acordo com os gestores da escola, seria alterado com a conclusão das reformas. A escola atende alunos do Ensino Médio no período noturno e alunos do Ensino Fundamental II nos períodos matutino e vespertino. Não há nenhum projeto especial destinado aos alunos com necessidades especiais, havendo apenas o projeto de recuperação em sala de aula, com a presença de um segundo professor regulamentado pela Secretaria Estadual de Educação. A média de atendimento dos alunos é aproximadamente 1.800, possuindo cerca de 120 docentes e 22 funcionários do quadro público. Os serviços de limpeza são realizados por uma terceirizada e os professores que atuam de forma eventual na escola, cobrindo as faltas de professores sendo chamados “eventuais”, não puderam ser contabilizados. Percebe-se que não há um registro sistematizado que possa ser prontamente consultado sobre esta informação. O agendamento da aplicação e grupo de conversa foi relativamente simples após ter-se falado com a diretora da escola. Antes disso, já se havia conversado com os dois vice-diretores e com a coordenação, os quais redirecionavam a pesquisadora um ao outro. Contudo, após firmada a data aplicação transcorreu sem problemas.

Já a Escola Estadual Marrom, fundada em 1992, conta com 15 salas de aulas, uma secretaria e salas da direção, da coordenação, dos professores, de vídeo, de leitura e de informática ligada ao projeto ACESSA Escola. Há uma cantina privatizada, um refeitório para a merenda servida pela escola, um pátio interno, um vestiário inativo utilizado como depósito e uma quadra coberta. A sala de informática, a sala de leitura e a quadra encontravam-se em reforma no momento das visitas. A vice-diretora afirmou que reforma traria à escola um laboratório de ciência e um palco adaptado no pátio. A escola possui três pavimentos, não dispendo de rampas ou elevadores em funcionamento. De acordo com os gestores, o elevador, ainda que existente, não funcionava adequadamente, visto que a rede elétrica não permite. Ainda que não houvesse pichações nas paredes, a pintura encontrava-se muito descascada. Além da porta automática na entrada, havia portões separando cada um dos pavimentos. Estes se encontravam abertos em todas as visitas à escola. Nas trocas de aulas, os corredores eram invadidos pelos alunos e notava-se um grande esforço por parte dos funcionários responsáveis para colocá-los novamente nas salas.

O atendimento aos visitantes é realizado através de um guichê gradado. Há uma porta com grades também na diretoria e na sala de leitura. Esta funciona como um depósito de livros. Não há uma organização nas prateleiras. O agendamento da aplicação dos

questionários foi feito com a vice-diretora da escola. Esta lembrou-se da pesquisadora por sua ação na divulgação das atividades do CEU. Ela encaminhou a questão da aplicação para a coordenação. A coordenadora do matutino agendou um horário para aplicação em seu período de trabalho e realizou também a articulação com a coordenadora do período noturno. Os dias combinados foram cumpridos, mas os professores novamente não sabiam que haveria a aplicação de questionários nas escolas. A escola Verde atende alunos do Ensino Médio no período noturno e alunos do Ensino Fundamental II no período diurno. Não há nenhum projeto especial destinado aos alunos com necessidades especiais, havendo apenas o projeto de recuperação em sala de aula com a presença de um segundo professor regulamentado pela Secretaria Estadual de Educação. Sua média de atendimento é de aproximadamente 2.300 alunos, possuindo cerca de 120 docentes e 25 funcionários do quadro público. Os serviços de limpeza são realizados por uma terceirizada e os professores que atuam de forma eventual na escola, cobrindo as faltas de professores sendo chamados “eventuais”, não puderam ser contabilizados por não haver um registro formal sistematizado na secretaria.

Por fim, a Escola Estadual Vermelha, fundada em 1977, situa-se muito próxima ao CEU Lajeado. Ela dispõe de 19 salas de aula, uma secretaria, salas da direção e coordenação, uma sala de professores, uma biblioteca escolar e uma sala de informática ligada ao projeto Acesso Escola. A escola dispõe também de uma quadra externa coberta, um pátio interno e um refeitório com merenda servida por meio de *self-service*. A localização central do pátio e seu teto com telhas provocam um grande eco na escola durante os intervalos. O barulho causa incômodos nas salas de aula. A pintura da parede das escolas está velha e desgastada. Vê-se, nos corredores, muitas apostilas do Estado empacotadas e acomodadas junto às paredes. Não há lixos na sala e, em seu lugar, são usadas caixas de papelão. A escola é totalmente térrea e interligada por meio de rampas, havendo total acessibilidade em seus corredores. Contudo, há portões diversos separando a secretaria do prédio com as salas, o pátio da entrada dos corredores das salas e o primeiro corredor do segundo. Durante o período de aula, observou-se que todos estes portões permaneceram abertos.

No caso desta escola houve alguns contratempos com relação ao agendamento das aplicações. Primeiro conversou-se com uma coordenadora sobre a marcação de uma data. No entanto, esta foi substituída e não avisou a gestão da escola do combinado. Quando se voltou à escola para fechar uma data, a direção não permitiu a aplicação dos questionários. Houve, portanto, a necessidade de um novo esclarecimento sobre as reais intenções da pesquisa para a

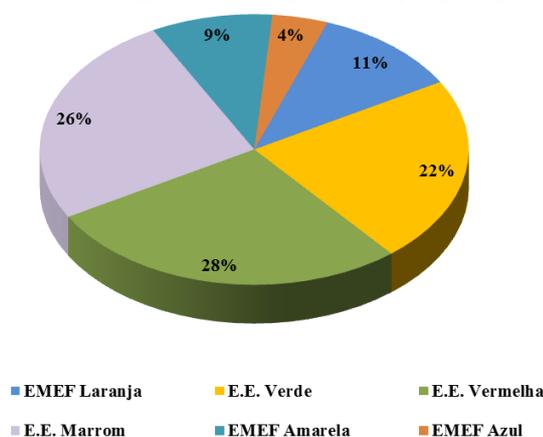
direção e supervisão. Ao final, a aplicação aconteceu – ainda que duas semanas depois do planejado.

A escola atende alunos do Ensino Médio no período noturno e alunos do Ensino Fundamental II no período diurno. Não há nenhum projeto especial destinado aos alunos com necessidades especiais, havendo apenas o projeto de recuperação em sala de aula com a presença de um segundo professor regulamentado pela Secretaria Estadual de Educação. A média de atendimento da escola é de aproximadamente 1.860 alunos, possuindo 53 docentes e 28 funcionários do quadro público. Os serviços de limpeza são realizados por uma terceirizada e os professores que atuam de forma eventual na escola não puderam ser contabilizados. Uma vez mais pela falta de um registro formal.

3 PERFIL DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS

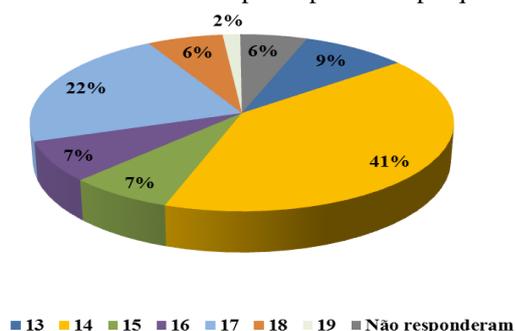
A pesquisa, como dito anteriormente, foi realizada com jovens da 8ª série do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio em 3 escolas municipais e 3 escolas estaduais do distrito do Lajeado, as quais ficam próximas ao três equipamentos estudados nesta pesquisa. O **gráfico 1** abaixo³² mostra que as três escolas estaduais – E.E. Vermelha (28%), E.E. Marrom (26%) e E.E. Verde (22%) – tiveram praticamente o mesmo percentual de alunos respondendo aos questionários, o que se deve ao fato de, em todas elas, ter-se aplicado questionários tanto nas 8^{as} séries quanto nos 3^{os} anos. Em seguida, observa-se as escolas municipais: EMEF Laranja (11%), EMEF Amarela (9%) e EMEF Azul (4%), sendo que a menor participação da EMEF Azul deve-se a presença de somente duas salas de 8ª série na escola.

Gráfico 1: Porcentagem de participantes da pesquisa por escola.



A maioria dos jovens que participou tem 14 e 17 anos, representando 41 e 22%, respectivamente. Este fato revela que não há grande distorção entre a idade/série dos entrevistados, expressão de fenômeno recente na escola pública no Brasil. Há também jovens respondentes com as idades 13 (9%), 15 (7%), 16 (7%), 18 (6%) e 19 anos (6%).

³² Como mencionado anteriormente, os gráficos e tabelas aqui presentes foram todos confeccionados pela autora em parceria com o CEA/IME.

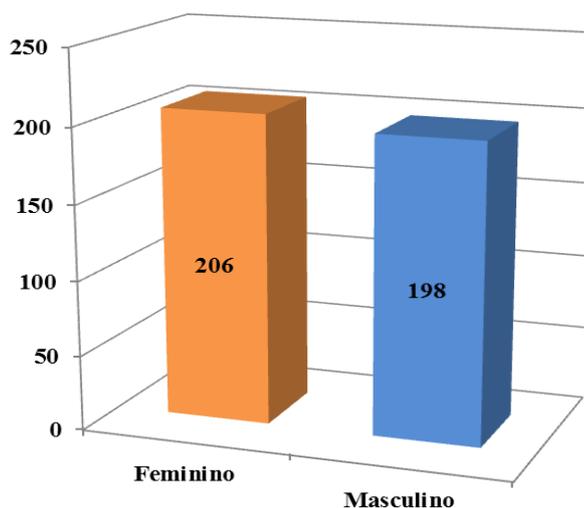
Gráfico 2: Idade dos participantes da pesquisa.

A **tabela A.1** a seguir mostra a existência de apenas 6 jovens com mais de 18 anos no 3º ano e de 9 jovens com idades acima dos 15 anos na 8ª série. Considerou-se que as idades de 18 e 15 anos são limítrofes para adequação às séries, tendo-se em vista que muitos jovens completam estas idades ao longo do ano letivo. Quanto aos alunos fora da idade/série adequada à maioria são meninos, 6 estão 8ª série e 5, no 3º ano.

Tabela A.1: Caracterização das variáveis “idade e série/ano” dos entrevistados.

Escolas	3º ano							8ª série					Total	
	13	15	16	17	18	19	N.R. ¹	13	14	15	16	17		N.R.
EMEF Laranja								5	37	2	1			45
EMEF Amarela								7	27	2	1			37
EMEF Azul								3	5	5	3	1		17
E.E. Marrom			3	32	7		2	10	40	8	1			103
E.E. Verde		1	8	34	6	3	8	5	21	3			1	90
E.E. Vermelha			13	21	13	3	2		35	8	1	1	10	112
Total por idade, série e ano		1	26	87	26	6	12	35	165	28	7	2	11	404

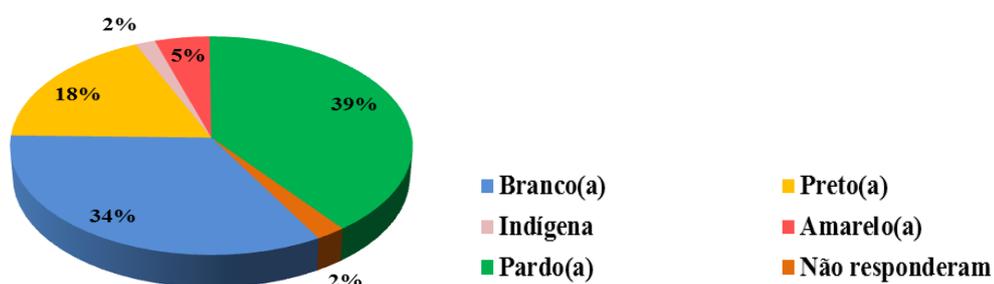
No que tange ao sexo dos entrevistados (ver **gráfico 3** a seguir), participaram da pesquisa 206 meninas (90 do 3º ano e 116 da 8ª série) e 198 meninos (66 do 3º ano e 132 da 8ª série). Apenas 11 jovens não são solteiros, sendo 8 deles meninos (ver **tabela B.1** anexa). Suas religiões (ver **tabela B.2** anexa) são majoritariamente católica (41% meninos e 35,5% meninas) ou evangélica (41,5% meninas e 30,3% meninos). As meninas do 3º ano são as que mais afirmaram ter uma religião, 42% são católicas, e apenas 7,9% dizem não possuir nenhuma. Nas demais séries e sexos, a porcentagem de pessoas que não possuem religião é de cerca de 20%.

Gráfico 3: Sexo dos participantes.

As meninas, no que diz respeito a sua cor (ver **tabela A.2** e **gráfico 4** a seguir), consideraram-se brancas (35%) ou pardas (45,6%). Já os meninos assinalaram tanto as cores branca (32,3%) e parda (33,3%) quanto a negra (26,3%). Ainda a quantidade de meninas que se identificaram como negras no 3º ano (13,3%) foi quase o dobro daquelas da 8ª série (7,8%).

Tabela A.2: Caracterização da variável “cor” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Branca	Amarela	Parda	Indígena	Preta	Não respondeu	Total
3	Meninas	32 35,60%	5 5,60%	38 42,20%	1 1,10%	12 13,30%	2 2,20%	90 100%
	Meninos	23 34,90%	0 0%	21 31,80%	2 3%	18 27,30%	2 3%	66 100%
8	Meninas	40 34,48%	8 6,90%	56 48,28%	0 0%	9 7,76%	3 2,59%	116 100%
	Meninos	41 31,06%	6 4,55%	45 34,09%	4 3%	34 25,76%	2 1,52%	132 100%

Gráfico 4: Cor dos participantes.

Além de solteiros, os jovens em geral não têm filhos. Apenas 10 entrevistados, dentre os quais, 7 meninas do 3º ano, os têm (ver **tabela B.3** anexa). Quanto à sua moradia, a **tabela A.3** revela que, em todas as séries e sexos, mais de 60% moram com o pai, mais de 89% moram com a mãe e mais de 75% com irmão(s). Ainda, entre 11% e 16% dos entrevistados afirmaram morar com as avós. Já quanto aos avôs, a porcentagem é bem menor, variando de 3 a 6%.

Tabela A.3: Caracterização da variável “mora com quem” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/ Ano	Sexo	Pai	Mãe	Avó	Avô	Padrasto ou madrasta	Irmão	Filho/a	Amigo	Parceiro/a	Sozinho	Outros	Total
3	Meninas	60 66,7%	80 88,9 %	11 12, 2%	6 6,7 %	1 1,1%	71 78,9 %	4 4,4%	0 0%	1 1,1%	1 0%	6 6,7 %	90 100%
	Meninos	40 60,6%	61 92,4 %	10 15, 2%	2 3 %	6 9,1%	51 77,3 %	2 3%	0 0%	1 1,5%	0 0%	4 6,1 %	66 100%
8	Meninas	78 67,2%	111 95,7 %	13 11, 2%	5 4,3 %	10 8,6%	90 77,6 %	0 0%	1 0,9 %	0 0%	0 0%	14 12,1 %	116 100%
	Meninos	101 76,5%	123 93,2 %	22 16, 7%	12 9,1 %	11 8,3%	99 75%	5 3,8%	1 0,8 %	0 0%	0 1%	16 12,1 %	132 100%

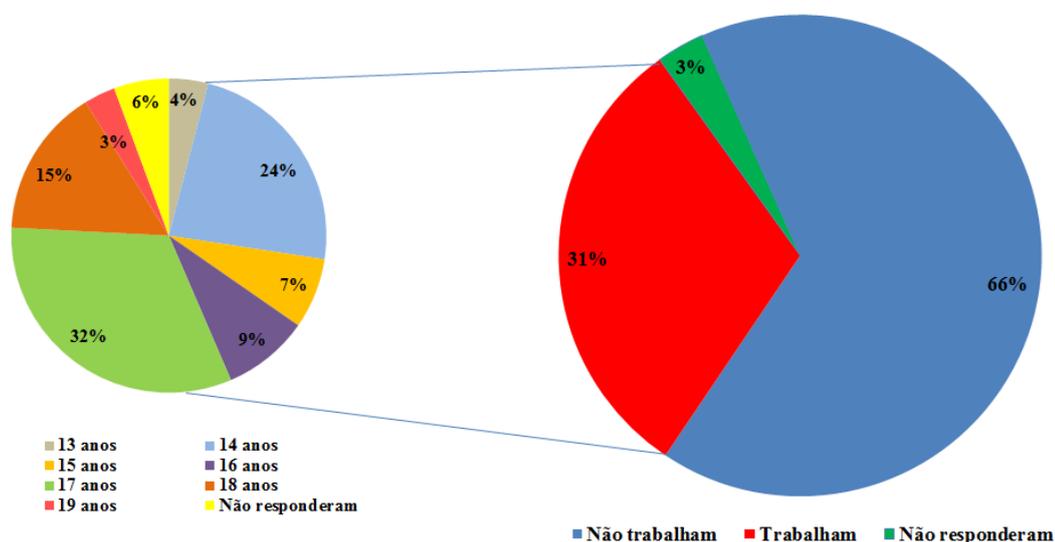
Quando observadas as combinações familiares mais comuns entre os entrevistados (**tabela B.4** anexa), nota-se que 47% deles moram com pai, mãe, irmão e outros, fato indicativo de que grande parte vive em famílias com a configuração igual ou próxima àquela tida como tradicional. Das demais combinações, apenas outras duas se destacam: aqueles que moram com pai, mãe e outros (10,4%) e aqueles que moram com mãe, irmão e outros (11,1%).

No que diz respeito à sua inserção no mercado de trabalho (ver **tabela A.4** a seguir), observa-se que, no 3º ano, a maioria dos jovens já trabalha. No caso das meninas, a porcentagem é de 50% e, no dos meninos, de 55,6%. Verifica-se uma mudança importante no deslocamento para o mundo do trabalho a partir da conclusão do ensino fundamental, momento em que apenas cerca de 20% trabalha.

Tabela A.4: Caracterização da variável “trabalho” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sim	Não	Total
3	Meninas	44 49,4%	45 50,6%	89 100%
	Meninos	35 55,6%	28 44,4%	63 100%
8	Meninas	21 18,9%	90 81,1%	111 100%
	Meninos	25 19,4%	104 80,6%	129 100%

Dos que declararam trabalhar, as idades com maior participação no mercado de trabalho são 14 (24%), 17 (32%) e 18 anos (15%). Vale lembrar que mesmo atividades desenvolvidas no mercado informal ou ocasionalmente foram consideradas para fins de pesquisa.

Gráfico 5: Trabalho.

Dentre os entrevistados que não trabalham (vide **tabela B.5** anexa), vê-se que são aqueles do 3º ano os que buscam trabalho mais intensamente: 78,6% e 67,9% de meninas e meninos, respectivamente. Na 8ª série, mais de 60% dos jovens de ambos os sexos não estão à procura de empregos, ainda que 6,4% a mais de meninos que meninas estejam em busca de alguma ocupação. Desta forma, observa-se uma maior desejo de inserção no mercado de trabalho por parte das jovens entrevistadas em ambas as séries quando comparadas ao meninos.

Voltando-se agora àqueles que estão inseridos no mercado de trabalho, a **tabela A.5** a seguir mostra que os jovens da 8ª série encontram posições, sobretudo, no mercado informal: 38,1% das meninas e 24% dos meninos trabalham no comércio informal ou com familiares/amigos. No caso dos meninos, pode-se apontar também que 16% trabalham com entregas ou vendas informais no bairro. No 3º ano, as meninas trabalham principalmente nos serviços de telemarketing (27,3%), no comércio/restaurantes (13,6%) ou em fábricas e indústrias (9,1%). Já os meninos trabalham também nos serviços de telemarketing (17,1%), mas atuam em maior número no comércio ou em restaurantes (25,7%). Além disso, sua atuação no comércio informal de parentes ou de vizinhos também é relevante, representando 14,3%. Entretanto, é importante apontar que em todas as séries/anos e sexos a categoria “outros” obteve grande expressão, variando de 20% a 38%.

Tabela A.5: Caracterização da variável “área de trabalho” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/ Ano	Sexo	Comércio ou restaurantes	Artesanato artes e música	Informal no comércio de parentes ou vizinhos	Entregas ou vendas informais no bairro	Indústria ou Fabricas	Serviços domésticos	Serviços telemarketing transporte etc.	Outros	Não respondeu	Total
3	Meninas	6 13,6%	1 2,3%	2 4,5%	0 0%	4 9,1%	1 2,3%	12 27,3%	17 38,6%	1 2,3%	44 100%
	Meninos	9 25,7%	0 0%	5 14,3%	1 2,9%	4 11,4%	0 0%	6 17,1%	7 20%	3 8,6%	35 100%
8	Meninas	1 4,8%	0 0%	8 38,1%	0 0%	2 9,5%	0 0%	1 4,8%	8 38,1%	1 4,8%	21 100%
	Meninos	2 8%	0 0%	6 24%	4 16%	1 4%	2 8%	1 4%	9 36%	0 0%	25 100%

Quando observada a carga horária de trabalho semanal (ver **tabela A.6** a seguir), vê-se que, na 8ª série, dos jovens que responderam todos trabalham no máximo até 30h/semana, sendo que a maioria trabalha até 10 horas (76,2% de meninas e 68% de meninos). Entretanto, 24% dos meninos trabalha de 11 a 30 horas. No 3º ano, nenhuma menina trabalha mais de 50h/semana. A maioria trabalha até de 10 a 30 horas (65,9%). No caso dos meninos do 3º ano, pode-se observar sua presença de todas as cargas horárias. A maioria trabalha até 10 horas

(34,3%) ou de 30 a 40 horas (25,7%). No entanto, há 8,6% dos jovens do 3º ano que trabalham mais de 50h/semana.

Tabela A.6: Caracterização da variável “horas de trabalho semanal” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Até 10h	De 11h a 30h	De 31h a 40h	De 41h a 50h	Mais de 50h	Não respondeu	Total
3	Meninas	14 31,8%	15 34,1%	7 15,9%	6 13,6%	0 0%	2 4,5%	44 100%
	Meninos	12 34,3%	5 14,3%	9 25,7%	5 14,3%	3 8,6%	1 2,9%	35 100%
8	Meninas	16 76,2%	2 9,5%	0 0%	0 0%	0 0%	3 14,3%	21 100%
	Meninos	17 68%	6 24%	0 0%	0 0%	0 0%	2 8%	25 100%

Na **tabela A.7** a seguir observa-se os rendimentos dos jovens. Na 8ª série, estes são mais baixos que os dos demais entrevistados. Os jovens da 8ª série ganham até meio salário mínimo (mais de 80% em ambos os sexos) ou até dois salários mínimos (apenas uma menina e um menino).

Tabela A.7: Caracterização da variável “renda mensal” dos jovens por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Até meio salário mínimo	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 salário mínimo até 2	Mais de 2 salários mínimos até 3	Mais de 3 salários mínimos	Mais de 4 salários mínimos	Não respondeu	Total
3	Meninas	14 31,8%	6 13,6%	12 27,3%	1 2,3%	9 20,5%	1 2,3%	1 2,3%	44 100%
	Meninos	10 28,6%	2 5,7%	8 22,9%	1 2,9%	11 31,4%	1 2,9%	2 5,7%	35 100%
8	Meninas	18 85,7%	0 0%	1 4,8%	0 0%	0 0%	0 0%	2 9,5%	21 100%
	Meninos	20 80%	0 0%	1 4%	0 0%	0 0%	0 0%	4 16%	25 100%

Quanto aos jovens do 3º ano, observa-se rendimentos em todas as faixas pesquisadas. As 3 faixas de salário que se destacaram são até meio salário mínimo (31,8% de meninas e 28,6% de meninos), de 1 a dois salários mínimos (27,3% de meninas e 22,9% de meninos) e mais de 3 salários mínimos (20,5% de meninas e 31,4% de meninos).

Feitas estas considerações sobre o perfil dos jovens, pode-se dizer que na pesquisa a faixa etária dos respondentes variou entre 13 e 19 anos, não ocorrendo grande distorção entre a idade e a série/ano dos entrevistados. O número de meninos e meninas entrevistados foi muito semelhante, fato que dialoga com a ligeira maior proporção de mulheres no distrito. Os estudantes são, em sua maioria, solteiros, sem filhos, católicos ou evangélicos. Consideram-se brancos ou pardos, sobretudo as meninas da 8ª série, e negros. Moram com suas mães e, alguns, também com pais e irmãos.

Os jovens do 3º ano são aqueles mais inseridos no mercado de trabalho formal, atuando na área de serviços e comércio. No entanto, cerca de 40% deles não trabalha, ainda que mais de 60% de ambos os sexos estejam à procura de emprego. A quantidade de estudantes da 8ª série inserida no mercado de trabalho é bem menor. Quando empregados, suas atividades situam-se no mercado informal, em especial no comércio de familiares e amigos, não passando de 10 horas semanais. Já a carga horária de trabalho dos jovens do 3º ano varia entre 10 e 30 horas semanais. Observou-se também que os meninos do 3º ano trabalham mais horas que as meninas. Ademais, a remuneração dos todos os entrevistados varia entre meio e 4 salários mínimos. Os alunos da 8ª série recebem, em geral, até meio salário mínimo, enquanto os do 3º ano distribuem-se entre 3 faixas de renda pesquisadas. A maior concentração está na faixa entre meio salário mínimo e até 2 salários mínimos e na faixa que abrange mais de 3 salários mínimos.

3.1 A FAMÍLIA DOS JOVENS ESTUDANTES DO LAJEADO

Como mencionado anteriormente, a maioria dos jovens mora com seu pai e sua mãe (47%). No que se refere aos pais, mais de 80% destes estão inseridos no mercado de trabalho (ver **tabela A.8 a seguir**).

Tabela A.8: Caracterização da variável “ocupação do pai” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Trabalha	Desaparecido ou falecido	Não sabe	Outros	Total
3	Meninas	60 72,3%	5 6%	13 15,7%	5 6%	83 100%
	Meninos	48 82,8%	4 6,9%	2 3,4%	4 6,9%	58 100%
8	Meninas	96 86,5%	2 1,8%	9 10%	4 3,6%	111 100%
	Meninos	110 82,7%	3 2,3%	13 9,8%	7 5,3%	133 100%

A exceção reside nos pais das meninas do 3º ano (72,3%), as quais são também aquelas que menos têm informações sobre seus pais. Nenhum dos jovens indicou a categoria “desempregado” como a ocupação dos pais, o que não deixa de ser um dado importante, considerando-se que a atual conjuntura do país acusa decréscimo dos níveis de desemprego para todas as faixas etárias.

Sobre a escolaridade dos pais, a primeira observação a ser feita diz respeito ao número significativo de respondentes que declararam não saber ou não responderam esta questão. A **tabela A.9** mostra que cerca de 20% dos estudantes encontram-se nesta condição. De modo geral, pode-se afirmar que $\frac{1}{3}$ dos pais não completou o ensino fundamental, com destaque para os pais dos meninos da 8ª com a quase 40%. Também são os pais de 20% dos rapazes que se encontram no outro extremo, possuindo ensino médio completo ou mais.

Tabela A.9: Caracterização da variável “escolaridade do pai” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Não sabe ler/escrever	Sabe ler e escrever	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo	Superior incompleto ou mais	Não sei	Não respondeu	Total
3	Meninas	3 3,3%	7 7,8%	20 22,2%	7 7,8%	8 8,9%	18 20%	4 4,4%	18 20%	5 5,6%	90 100%
	Meninos	2 3%	8 12,1%	11 16,7%	5 7,6%	8 12,1%	7 10,6%	6 9,1%	12 18,2%	7 10,6%	66 100%
8	Meninas	2 1,7%	14 12,1%	22 19%	14 12,1%	9 7,8%	24 20,7%	8 6,9%	21 18,1%	2 1,7%	116 100%
	Meninos	8 6,1%	19 14,4%	25 18,9%	10 7,6%	8 6,1%	20 15,2%	13 9,8%	28 21,2%	1 0,8%	132 100%

No caso das mães, todos os entrevistados sabiam sobre sua ocupação (ver **tabela A.10** a seguir). Pode-se notar que as mães dos estudantes trabalham fora de casa (cerca de 60% em todas as séries e sexos) ou cuidam da casa (de 25% a 32%). Em geral, as mães dos meninos trabalham cuidando, em maior quantidade, da casa que as das meninas, representando 32% contra 25% no caso 3º ano e, no da 8ª série 27,2% e 25%, respectivamente.

Tabela A.10: Caracterização da variável “ocupação da mãe” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Trabalha	Cuida da casa	Outros	Total
3	Meninas	54 64,3%	21 25%	9 10,7%	84 100%
	Meninos	36 58,1%	20 32,3%	6 9,7%	62 100%
8	Meninas	70 62,5%	28 25%	14 12,5%	112 100%
	Meninos	75 60%	34 27,2%	16 12,8%	125 100%

Já no que tange à escolaridade, assim como no caso dos pais, as mães costumam ter pelo menos o Ensino Fundamental incompleto. No entanto, as porcentagens referentes à conclusão do Ensino Médio e Ensino Superior completo são maiores se comparadas a dos pais. Entre 20% e 25% das mães finalizaram o Ensino Médio, sendo as mães dos meninos do 3º ano as mais escolarizadas (18,2%).

Tabela A.11: Caracterização da variável “escolaridade da mãe” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Não sabe ler/ escrever	Sabe ler e escrever	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo	Superior incompleto ou mais	Não sei	Não respondeu	Total
3	Meninas	3 3,3%	7 7,8%	21 23,3%	13 14,4%	10 11,1%	18 20%	8 8,9%	9 10%	1 1,1%	90 100%
	Meninos	1 1,5%	6 9,1%	6 9,1%	8 12,1%	10 15,2%	14 21,2%	12 18,2%	7 10,6%	2 3%	66 100%
8	Meninas	2 1,7%	11 9,5%	24 20,7%	12 10,3%	17 14,7%	29 25%	10 8,6%	10 8,6%	1 0,9%	116 100%
	Meninos	0 0%	19 14,4%	15 11,4%	13 9,8%	13 9,8%	29 22%	16 12,1%	21 15,9%	6 4,5%	132 100%

No quesito moradia, os jovens em todas as séries e sexos afirmaram morar em imóveis próprios (mais de 73%)³³. Os demais jovens moram em imóveis alugados ou de familiares, amigos e de favor. Observe **tabela A.12** a seguir.

³³ É importante assinalar que o distrito do Lajeado, como mencionado anteriormente, foi em grande parte ocupado ilegalmente e muitos moradores não dispõem da documentação de seus imóveis.

Tabela A.12: Caracterização da variável “tipo de moradia” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Próprio	Alugado	Familiares, amigos, de favor	Total
3	Meninas	68 77,3%	10 11,4%	10 11,4%	88 100%
	Meninos	53 84,1%	5 7,9%	5 7,9%	63 100%
8	Meninas	84 73%	18 15,7%	13 11,3%	115 100%
	Meninos	100 78,7%	15 11,8%	12 9,4%	127 100%

O perfil da renda familiar dos jovens é bem variado, conforme observa-se na **tabela A.13** a seguir. No entanto, a porcentagem dos jovens que afirmou não saber sua renda familiar obteve destaque. As lacunas no preenchimento do questionário poderiam constituir pistas importantes para a aferição das formas como se dá o relacionamento dos jovens com seus pais no que diz respeito às informações sobre os ganhos obtidos. Sobretudo os jovens da 8ª série desconhecem a renda de sua família ou desejaram não declará-la (37,9% meninas e 42,4% meninos). Dessa forma, não foi possível fazer afirmações mais pontuais sobre a renda familiar dos jovens da 8ª série. No caso dos jovens do 3º ano, a renda familiar, tanto para meninos quanto para meninas, distribuiu-se de 1 a 4 salários mínimos, com maior concentração na faixa entre mais que 1 e até 2 dois salários mínimos. No caso das meninas, observou-se que 28,9% afirmaram ter renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos e 19% dos meninos afirmaram ter a renda familiar superior a 4 salários mínimos.

Tabela A.13: Caracterização da variável “renda familiar” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 salário mínimo até 2	Mais de 2 salários mínimos até 3	Mais de 3 salários mínimos	Mais de 4 salários mínimos	Não respondeu	Não sei	Total
3	Meninas	15 16,6%	26 28,9%	14 15,6%	12 13,3%	8 8,9%	1 1,1%	14 15,6%	90 100%
	Meninos	4 6,1%	11 16,7%	11 16,7%	9 13,6%	13 19,7%	3 4,6%	15 22,7%	66 100%
8	Meninas	12 10,4%	17 14,7%	18 15,5%	8 6,9%	12 10,3%	5 4,3%	44 37,9%	116 100%
	Meninos	9 6,8%	26 19,7%	12 9,1%	12 9,1%	11 8,3%	6 4,6%	56 42,4%	132 100%

Portanto, observou-se que as famílias dos entrevistados possuem, em sua maioria, a figura da mãe e do pai residindo em mesmo domicílio que os jovens (47%). Estes domicílios são considerados próprios, apesar da participação do distrito em vários programas de regulamentação fundiária na cidade devidos as diversas ocupações não regularizadas. Cerca de 80% dos pais dos jovens encontram-se inseridos no mercado de trabalho, com exceção dos pais das meninas do ensino médio, que revelaram maior desconhecimento da situação de seus pais. As mães trabalham fora ou cuidam da casa, sendo as mães dos meninos do 3º ano aquelas que mais atuam como trabalhadoras do lar. A escolaridade média de pais e mães é Ensino Fundamental Incompleto.

Quanto à renda familiar, não é possível fazer apontamentos sobre as famílias dos jovens da 8ª série, uma vez que estes não souberam informá-la ou não desejaram fazê-lo. Com relação aos jovens do 3º ano, as rendas de suas famílias estão distribuídas entre as faixas de meio salário mínimo e mais de 4 salários mínimos. No entanto, vê-se que a família das meninas do 3º ano tem renda inferior àquela da dos meninos, com maior porcentagem de renda entre mais que um e 2 salários mínimos. Durante a conversa com os jovens do terceiro ano, os meninos apontaram usar seus rendimentos para o custeio de suas próprias necessidades. Já uma das meninas afirmou que seus rendimentos são fundamentais para compor a renda familiar e custear as despesas da casa.

3.2 OS ESTUDANTES E SEU TEMPO LIVRE

Para que se possa discutir o lazer dos jovens é, antes de tudo, necessário que se observe como eles vivenciam seu tempo livre. Como explicitado anteriormente, tempo livre e lazer não são expressões sinônimas. No entanto, pode-se dizer haver uma relação de dependência da segunda para com a primeira. Para que se possa desfrutar de atividades calcadas em escolhas pessoais e no prazer contido nelas ou nas interações que proporcionam, faz-se necessária a possibilidade de um tempo cotidiano fora das obrigações sociais regulamentadas, como a escola ou o trabalho. Sendo assim, somente observando o tempo livre das obrigações sociais pode-se observar também os momentos de lazer nele contidos.

Desta forma, primeiramente é preciso observar como e com quem estes jovens usufruem seu tempo livre. Vê-se, na tabela a seguir, que este é desfrutado, sobretudo, ao lado de amigos em geral (entre 45,6% e 56,1%), dos amigos da vizinhança (entre 47,7% e 36,4%) ou de grupos que frequentam (entre 21,1% e 12,1%). Isto mostra a relevância, para os jovens,

da convivência com seus pares fora dos ambientes escolar e familiar, vivenciando experiências sociabilizadoras que reverberam sobre sua constituição como indivíduos.

Tabela A.14: Caracterização da variável “pessoas com quem passa o tempo livre” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/ Ano	Sexo	Amigos	Amigos da vizinhança	Amigos de grupos que frequenta	Colegas do trabalho	Namorado	Pais	Parentes	Sozinho
3	Meninas	41 45,6%	22 24,4%	19 21,1%	8 8,9%	33 36,7%	30 33,3%	44 48,9%	11 12,2%
	Meninos	37 56,1%	24 36,4%	12 18,2%	4 6,1%	17 25,8%	16 24,2%	18 27,3%	16 24,2%
8	Meninas	59 50,9%	40 34,5%	14 12,1%	2 1,7%	28 24,1%	44 37,9%	63 54,3%	20 17,2%
	Meninos	60 45,5%	63 47,7%	25 18,9%	4 3%	25 18,9%	39 29,6%	52 39,4%	30 22,7%

Depois dos amigos, os parentes e pais são aqueles mais presentes no tempo livre dos jovens. Isto ocorre em especial para as meninas, sendo que 48,9% das meninas do 3º ano e 54,3% das meninas da 8ª série afirmaram passar seu tempo livre com parentes e 33,3% das meninas do 3º ano e 37,9% das meninas da 8ª série disseram passá-lo com os pais. No que diz respeito aos meninos, as porcentagens referentes aos pais e parentes variaram entre 24,2 e 39,4%. Vê-se, então, que não há uma diferença significativa para o tempo passado com parentes pelos meninos e meninas. Sobre as meninas, elas costumam passar mais tempo livre com seus namorados quando comparadas aos meninos. E há um aumento em 10% na quantidade de jovens que passam tempo livre com namorados ao comparar-se a 8ª série ao 3º ano. Por fim, observa-se pouca relevância no que tange aos momentos de tempo livre com as amizades derivadas do mundo do trabalho, bem como um maior costume entre os meninos de passá-lo sozinhos.

Haja vista a importância dos amigos no tempo livre dos jovens, fica evidente que estes se configuram também como a fonte primeira de informações relativas às atividades relacionadas ao lazer que ocorrem próximo de suas casas (ver **tabela A.15** a seguir), com porcentagens variando entre 67,8% (meninas do 3º ano) e 84,1% (meninos da 8ª série) para aqueles que declaram saber da programação do bairro por meio das amizades. Durante as observações de campo e na conversa com os jovens da 8ª série e do 3º ano, foi perceptível a influência das relações de amizade para a realização de atividades fora da escola, de casa e do

trabalho. É por meio das relações de amizades e da comunicação oral que as atividades a serem realizadas no bairro circulam entre os jovens moradores.

Tabela A.15: Caracterização da variável “com quem/como obtém informações sobre diversão e lazer perto de casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Amigos	Família	Internet	Boca a boca	Impressos	ONG	Radio ty	Não sabe	Outros
3	Meninas	61 67,8%	12 13,3%	20 22,2%	45 50%	23 25,6%	7 7,8%	9 10%	14 15,6%	1 1,1%
	Meninos	53 80,3%	15 22,7%	32 48,5%	26 39,4%	10 15,2%	7 10,6%	7 10,6%	4 6,1%	2 3%
8	Meninas	89 76,7%	35 30,2%	41 35,3%	48 41,4%	30 25,9%	16 13,8%	11 9,5%	11 9,5%	1 0,9%
	Meninos	111 84,1%	48 36,4%	55 41,7%	39 29,6%	22 16,7%	22 16,7%	23 17,4%	7 5,3%	2 1,5%

Mesmo tendo sido apontada como mais relevante somente para os meninos (48,5% meninos do 3º ano e 41,7% meninos da 8ª série), a internet e as redes sociais têm papel importante neste aspecto. Um dos entrevistados do 3º ano as apontou como as formas centrais para tomar conhecimento da programação de seu bairro e dos locais em que haverá festas.

Ademais, a família é outra fonte significativa de informações, em especial para os jovens da 8ª série (mais de 30%). Já para as meninas do 3º ano (50%) e da 8ª série (41,4%), observa-se que o boca a boca é mais relevante para a obtenção de informações sobre o bairro e, no caso das primeiras, mais até que a família (13,3% a mais). As informações impressas também são mais utilizadas pelas meninas de ambas as série/anos (10% a mais que no caso dos meninos das duas série/ano).

Contudo, as conversas estabelecidas com os jovens demonstraram que estes acreditam que a programação de lazer do bairro é pouco divulgada. Raros jovens afirmam ter visto os cartazes dos equipamentos pesquisados afixados em suas escolas. Todavia, mesmo que a programação do bairro fosse mais divulgada, os jovens do 3º ano afirmam que não teriam “tempo” para usufruir de atividades de lazer:

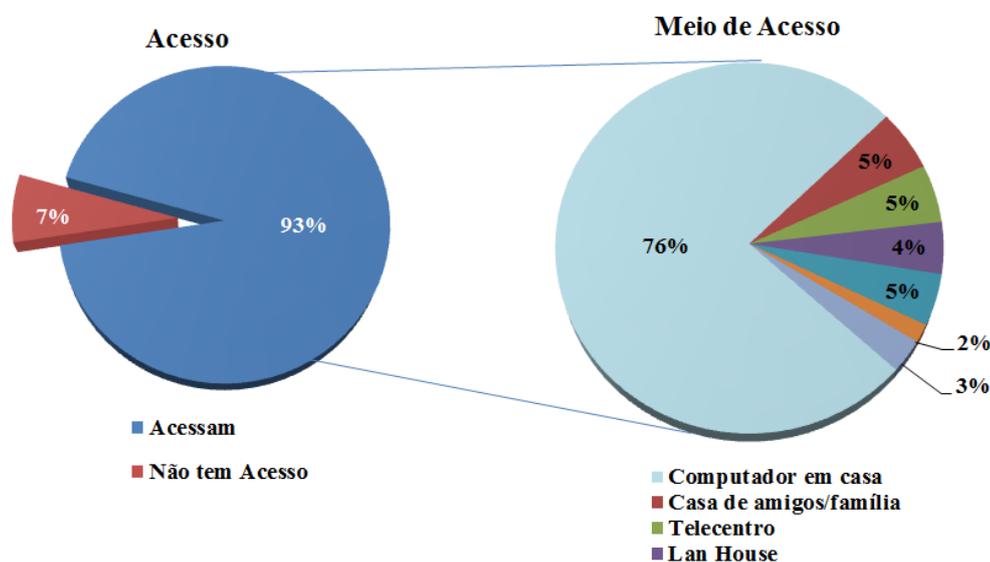
Eu penso assim, nós os jovens, nós queremos mais fazer alguma coisa para melhorar nosso futuro. E então se nós formos parar e ir para esses lugares de lazer, essas coisas, não vai dar tempo. Nós já não temos tempo para nada. Eu trabalho até dia de

sábado. Já que nós não temos tempo mesmo, sobra o quê? Sábado e domingo. Uns vão para o curso, outros vão para não sei onde. Então... (Aluno 2/3º ano³⁴)

Dentre os entrevistados do 3º ano, apenas dois jovens não estavam trabalhando. Todos afirmaram ter planos de realizar algum curso universitário (Engenharia Petrolífera e Civil, Administração, Enfermagem, Marketing em Vendas e Educação Física) assim que possível ou iniciar algum curso de qualificação profissional (Inglês e Auxiliar em Enfermagem). Estes planos não incluem as universidades públicas disponíveis na cidade. Os jovens as conhecem, mas afirmam que estas são muito difíceis “para entrar”. Quanto às universidades particulares, os jovens não evidenciaram conhecer o funcionamento real de programas como o ProUni e o FIES.

Retomando os apontamentos sobre a internet (vide **tabelas B.6 e B.7** anexas e **gráfico 6** a seguir), 90% dos entrevistados a utilizam, na maioria das vezes, nos computadores de suas casas (mais de 75% em todos os anos/séries e sexos). Porém, vale lembrar que os celulares têm ganhado, a cada dia, mais espaço no que se refere ao acesso à internet. Com a consolidação da expansão dos aparelhos celulares entre os jovens e sua contínua modernização, seguida de um barateamento dos custos dos chamados *smartphones*, é inegável a progressiva substituição dos computadores pelos celulares para o acesso diário à internet (DWYER, 2013). Desta forma, é possível que, apesar de decorridos apenas dois anos da pesquisa de campo, tenha havido alguma alteração nos usos e dispositivos de acesso à internet.

Gráfico. 6: Acesso a internet e suas formas.



³⁴ As entrevistas com os jovens foram realizadas em suas escolas em agosto de 2013.

Prosseguindo, o acesso à internet é majoritariamente diário (cerca de 60% em todas as séries e sexos). O acesso à internet tem grande participação no tempo livre dos jovens e se configura como uma forte escolha no âmbito do lazer:

Geralmente o que a gente mais faz é isso, acessa a internet. A gente usa já, não tem uma coisa definitiva. A gente usa para fazer pesquisa, acessar sites de relacionamentos. (Aluno 1/3º ano)

Tabela A.16: Caracterização da variável “frequência de acesso à internet” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Todos os dias	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Total
3	Meninas	53 62,4%	25 29,4%	7 8,2%	85 100%
	Meninos	40 62,5%	24 37,5%	0 0%	64 100%
8	Meninas	66 60,6%	31 28,4%	12 11%	109 100%
	Meninos	73 57,5%	38 29,9%	16 12,6%	127 100%

O grande uso da internet deve-se, principalmente, ao desejo de participação em *chats* e redes sociais, outras formas de interação com amigos e grupos diversos tanto do “pedaço” quanto de outras regiões da cidade (MAGNANI, 2003³⁵). Quando mostrados aos jovens os gráficos de atividades de tempo livre muitos questionaram sobre a falta do *Facebook* entre as atividades mais realizadas, afirmando que este deveria aparecer em uma categoria separada da internet em geral. O uso de *chats* (ver **tabela B.8** anexa) é generalizado em todos os anos/séries e sexos. Mais de 50% de jovens em todos os casos assinalaram usá-los sempre. Dentre aqueles que menos usam os *chats*, destacaram-se os meninos de ambos os anos/séries (12,7% na 8ª série e 6,8% no 3º ano). O mesmo pode ser afirmado com relação ao uso das redes sociais (ver **tabela B.9** anexa). Neste caso, a porcentagem de jovens que usam sempre a

³⁵ “As pessoas que eu estava entrevistando e observando sempre distinguiam quem era ou não era ‘do pedaço’. Os que se encontravam naquele lugar, naquela esquina, naquele bar, naquela festa, por exemplo, eram sempre os mesmos. Havia uma espécie de identidade dos frequentadores de um mesmo lugar, que se transformava para eles num ponto de referência comum. E a passagem dessa categoria ‘nativa’ para categoria analítica deu-se quando a coloquei em diálogo com a conhecida dicotomia proposta por Roberto da Matta, ‘a casa e a rua’. E o resultado foi um triângulo: o pedaço, a casa e a rua. Entre a casa e a rua, havia um espaço intermediário onde se encontram os colegas, os ‘chegados’, com outro tipo de sociabilidade, diferente tanto das relações que organizam o plano doméstico, como daquelas presentes no âmbito público e impessoal. Assim surgiu uma categoria que permitiu visualizar e descrever certa ordem naquilo que aparentemente era a indiferenciação. Para tanto, foi preciso treinar o olhar, aproximá-lo da perspectiva ‘de perto e de dentro’.”(Magnani em entrevista a revista *online ComCiência*. Ver referências bibliográficas).

internet para acessar as redes atinge mais de 60%. No caso das meninas da 8ª série, 75% assinalaram usar a internet frequentemente para acessar as redes sociais. Em contrapartida, os meninos da 8ª série são os que menos usam as redes sociais – 11,2% afirmaram nunca usá-las. No caso dos jovens do 3º ano não há muita diferença entre seus comportamentos quanto ao uso das redes sociais (67,1% meninas e 66,7% meninos), havendo, contudo, menor intensidade que os jovens da 8ª série. Ainda, os *downloads* realizados na internet são mais comuns entre as meninas da 8ª série, as quais a usam sempre para isso, chegando a 44,4% (ver **tabela B.10** anexa). No caso dos meninos, estes costumam realizar *downloads* sempre ou ao menos uma vez por semana (cerca de 30% em ambos os casos).

Já sobre os jogos eletrônicos (ver **tabela A.17** a seguir), os meninos da 8ª série são aqueles que mais se atraem por esta atividade *online*, sendo que 46,6% afirmaram usar a internet sempre para este fim. De forma semelhante, 33,9% dos meninos do 3º ano disseram sempre jogar na internet e 35,3% das meninas da 8ª série afirmaram jogar pelo menos uma vez por semana. De maneira diversa, a maioria das meninas do 3ºs anos (44,3%) dizem nunca jogar na internet. Ao que tudo indica, as estudantes mais jovens começam a descobrir o universo dos jogos, até então restrito aos rapazes.

Quanto a outros usos possíveis da internet, como usá-la para assistir filmes/programas (vide **tabela B.11** anexa), obter notícias (vide **tabela B.12** anexa) ou estudo (vide **tabela B.13** anexa), estas não têm grande penetração no cotidiano dos jovens. Apenas os meninos do 3º ano apresentaram maior incidência com 41% afirmando sempre a assistir filmes.

Tabela A.17: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para jogar” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	11 13,9%	15 19%	18 22,8%	35 44,3%	79 100%
	Meninos	20 33,9%	10 16,9%	15 25,4%	14 23,7%	59 100%
8	Meninas	24 23,5%	36 35,3%	24 23,5%	18 17,6%	102 100%
	Meninos	55 46,6%	29 24,6%	22 18,6%	12 10,2%	118 100%

A leitura não é um hábito corrente, de forma geral, no cotidiano dos jovens (vide **tabelas B.14** e **B.15** anexas). No entanto, as meninas tendem a ler mais que os meninos, havendo mais meninas da 8ª série que afirmaram ler livros sempre (24,5%), ainda que 32,7%

delas digam nunca fazê-lo. Este quadro de leitura frequente é semelhante no caso das estudantes do 3º ano, representando 21,8%; havendo, no entanto, um número pouco inferior no que tange às jovens que nunca leem (26,4%). Mais de 41,7% dos meninos de ambas as séries/anos, ao contrário, afirmaram nunca ler – nem ao menos a leitura de histórias em quadrinhos é um hábito relacionado desses jovens (ver **tabela B.16** anexa).

Sendo assim, a observação do tempo livre dos jovens permite notar a predominância das relações de amizade neste momento de vida dos mesmos. É com os amigos e grupos de convivência que os jovens passam a maior parte de seu tempo livre. A família, aqui nas figuras dos pais e parentes, também tem relevância. Todavia, mais para as meninas (em especial as mais novas) que para os meninos. Além da família, os namorados são outra companhia mais comum para as meninas nos momentos livres das obrigações cotidianas. Mais restritas ao universo doméstico, os namorados podem ser mediações importantes para o acesso a outros ambientes.

É também por meio das amizades que as informações sobre as atividades direcionadas à diversão e ao lazer circulam no bairro. Para os meninos, as redes sociais são a fonte central de informação, enquanto as meninas preferem o boca a boca e, em menos quantidade, os impressos. No entanto, a despeito do conhecimento ou não das atividades disponíveis, os jovens do 3º ano afirmam não dispor de tempo para participar de atividades de lazer, tendo em vista as obrigações que assumem no mundo do trabalho e na escola.

Ainda sobre a internet, esta está difundida massivamente entre os jovens entrevistados, sendo acessada diariamente e destacando-se como atividade no tempo livre e para o lazer. Seu uso central reside para acesso a redes sociais e *chats*. Entretanto, os *downloads*, para as meninas, e os jogos eletrônicos, para os meninos, também são relevantes. Finalmente, a leitura de notícias, livros e quadrinhos não é uma atividade realizada em extensão. Apenas as meninas tendem a ler um pouco mais que os meninos em seu tempo livre.

3.3 O TEMPO LIVRE EM CASA E FORA DE CASA

Observadas as companhias dos jovens para o usufruto do tempo livre e seus hábitos mais comuns na internet, volta-se agora para as formas de vivência do tempo livre em casa e fora de casa, isto é, nos momentos fora da escola ou do trabalho.

Quando em casa, além do acesso constante à internet descrito anteriormente, os jovens afirmaram conversar com sua família e com seus irmãos com grande frequência. A categoria

“irmão(s)” foi separada da categoria “família em geral” visando observar se havia um maior estreitamento dos laços entre os entrevistados e seus irmãos durante o tempo livre. Levou-se em conta a grande quantidade de pais e mães que trabalham e, talvez, uma maior convivência dos jovens com seu(s) irmão(s). No que se refere à família em geral, acima de 70% dos meninos e meninas do 3º ano e das meninas da 8ª série (vide **tabela A.18** a seguir) afirmaram conversar sempre com seus familiares. São as meninas do 3º ano as que mais conversam com eles, enquanto os meninos da 8ª série os que menos o fazem, representando 78,7% e 61,7%, respectivamente. Contudo, tanto os jovens da 8ª série quanto os do 3º ano negaram, nas entrevistas, conversar com os pais na frequência apontada pela pesquisa quantitativa. Para os jovens da 8ª série e do 3º ano, a conversa com os pais perdeu espaço para o computador ou não encontra lugar diante das rotinas atribuladas de pais e filhos:

Agora conversa menos... porque o computador, né... (Aluno 1/8ª série)

Mais final de semana. (Aluna 1/8ª série)

Só mais á noite. (Aluna 2/8ª série)

Só fala oi, tudo bem e tchau. (Aluno 3/8ª série)

Particularmente, lá em casa a gente não é muito comunicativo. Pelo fato da correria, a gente chega do serviço aí sai ou fica na internet. Aí minha mãe não dá tempo. Tem vezes que eu chego e minha mãe já esta dormindo. (Aluno 1/3º ano)

Tabela A. 18: Caracterização da variável “frequência de conversa com a família em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	70 78,7%	9 10,1%	6 6,7%	4 4,5%	89 100%
	Meninos	46 71,9%	14 21,9%	2 3,1%	2 3,1%	64 100%
8	Meninas	79 71,2%	16 14,4%	8 7,2%	8 7,2%	111 100%
	Meninos	79 61,7%	19 14,8%	19 14,8%	11 8,6%	128 100%

Especificamente quanto ao(s) irmão(s), os estudantes também apontaram conversar sempre e muito com estes – em torno de 65% dos meninos e meninas do 3º ano e das meninas da 8ª série (ver **tabela A.19** a seguir). A exceção neste quadro reside nos meninos da 8ª série, dos quais 10% a menos afirmaram sempre conversar com seu(s) irmão(s). Ademais,

diferentemente daquilo observado quanto à família em geral, os meninos da 8ª série que nunca conversam com irmão(s) representaram uma parte significativa (18,5%).

Por outro lado, as meninas do 3º ano afirmaram sempre conversar com o(s) irmão(s), sendo, novamente, as com maior porcentagem (68,2%). Pode-se traçar um paralelo: aqueles que menos conversam com a família são também os que menos conversam com os irmãos em casa.

Tabela A.19: Caracterização da variável “frequência de conversa com o irmão em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	58 68,2%	14 16,5%	3 3,5%	10 11,8%	85 100%
	Meninos	40 64,5%	13 21%	4 6,5%	5 8,1%	62 100%
8	Meninas	69 65,1%	15 14,2%	10 9,4%	12 11,3%	106 100%
	Meninos	69 55,6%	18 14,5%	14 11,3%	23 18,5%	124 100%

No que se refere aos amigos mais uma vez, a tabela A.20 a seguir reitera a importância destes na vida de todos os jovens da pesquisa, apontando agora sua presença dentro da esfera doméstica. Uma vez que os jovens passam grande parte de seu tempo livre com amigos, estes também conversam muito com os mesmos em seu tempo livre em casa.

Tabela A.20: Caracterização da variável “frequência de conversa com amigos em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	62 71,3%	21 24,1%	3 3,4%	1 1,1%	87 100%
	Meninos	50 76,9%	11 16,9%	4 6,2%	0 0%	65 100%
8	Meninas	93 84,5%	13 11,8%	3 2,7%	1 0,9%	110 100%
	Meninos	89 72,4%	25 20,3%	6 4,9%	3 2,4%	123 100%

As porcentagens são parecidas com aquelas observadas no que se referiu aos familiares em geral, maiores que 70% no 3º ano e chegando a 84,5% no caso das meninas da 8ª série, sendo ainda superiores àquelas sobre os irmãos. No caso dos meninos, entretanto,

observou-se o contrário das meninas: foram 76,9% e 72,4% dos meninos do 3º ano e da 8ª série, respectivamente, que afirmaram conversar sempre com os amigos em casa e em maior quantidade. Por fim, as porcentagens daqueles que nunca falam com amigos foram bem pequenas, inferiores àquelas dos que não conversam com irmãos e semelhantes àquelas daqueles que não conversam com os pais.

Mirando agora em direção aos aparelhos domésticos, a televisão é assistida sempre por mais de 75% em todos os sexos e séries/anos (ver **tabela B.17** anexa). Observou-se que os meninos da 8ª série assistem televisão por menos tempo que as (5,5% a mais que elas). Este quadro se inverte quando observados os jovens do 3º ano. Os meninos do 3º ano afirmaram assistir televisão sempre mais que as meninas, meninas ainda que a diferença percentual seja pequena (2,1% a mais para eles). Poucos jovens afirmaram assistir televisão ao menos uma vez por mês ou nunca. No caso dos meninos do 3º ano, nenhum afirmou nunca ver televisão.

O mesmo quadro não é observado quanto se trata dos jogos eletrônicos. Fica evidente, na **tabela A.21**, que os meninos dedicam mais tempo livre em casa para estes do que as meninas, como já foi observado. As meninas da 8ª série parecem ter os jogos eletrônicos como um hábito de tempo livre, ainda que com menor relevância que os meninos. Estas demonstraram anteriormente ter interesse em participar de jogos na internet e algumas chegaram a contestar, durante a entrevista, que este fosse um hábito masculino. Elas disseram, assim como os meninos, também jogar “PS3” e “God of War”³⁶ em seu tempo livre em casa.

Tabela A.21: Caracterização da variável “frequência de prática de jogos eletrônicos em casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	16 19%	19 22,6%	16 19%	33 39,3%	84 100%
	Meninos	38 61,3%	10 16,1%	8 12,9%	6 9,7%	62 100%
8	Meninas	27 24,8%	25 22,9%	25 22,9%	32 29,4%	109 100%
	Meninos	67 54,5%	35 28,5%	8 6,5%	13 10,6%	123 100%

Ainda sobre jogos, vê-se que apenas os jogos eletrônicos têm grande repercussão na vida dos jovens, uma vez que a grande maioria diz nunca praticar outros tipos de jogos (ver **tabela B.18** anexa). As meninas do 3º ano foram as que menos disseram praticar estas

³⁶ Videogame Playstation 3 e jogo do mesmo console.

atividades, sendo que 60,5% dizem nunca jogar outros jogos. Já os meninos do 3º ano tendem a praticá-las um pouco mais, correspondendo a 17,7% (contra 2,3% das meninas do 3º ano).

O tempo livre em casa também é dedicado ao descanso, como mostra a tabela **A.22** a seguir, e percebem-se comportamentos diversos se comparados os sexos das duas séries/anos. Os meninos da 8ª série (59,7%) tendem a sempre descansar menos que os meninos do 3º ano (71,6%), o que é razoável se for considerada a variável trabalho: os mais velhos exercem atividades ocupacionais que provavelmente oferecem maior desgaste. Se comparados também às meninas da 8ª série, a diferença é ainda maior, 23,9% pontos percentuais a menos para os meninos da 8ª. Já as meninas do 3º ano tendem a descansar menos na frequência “sempre” (71,6%) se comparadas às meninas das 8ªs séries (83,6%). A frequência daqueles que nunca descansam é baixa em todos os sexos e séries, reiterando o que já foi, de algum modo, constatado anteriormente (de que esta diferença entre as séries/anos relaciona-se principalmente ao trabalho). Os jovens do 3º ano demonstraram, como se verá a seguir, ter uma rotina mais intensa que os jovens da 8ª série, fato que resultaria no desejo de maior descanso. Contudo, as meninas do 3º ano, ao fim de seus expedientes, teriam menos tempo de descanso por também colaborarem com o serviço doméstico, sendo esta realidade confirmada nas entrevistas.

Tabela A.22: Caracterização da variável “frequência de descanso” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	63 71,6%	16 18,2%	4 4,5%	5 5,7%	88 100%
	Meninos	40 64,5%	16 25,8%	3 4,8%	3 4,8%	62 100%
8	Meninas	92 83,6%	14 12,7%	2 1,8%	2 1,8%	110 100%
	Meninos	74 59,7%	26 21%	9 7,3%	15 12,1%	124 100%

O serviço doméstico é realizado majoritariamente pelas meninas (vide **tabela A.23** a seguir). 67,8% das meninas do 3º ano e 67,6% das meninas da 8ª série sempre realizam o serviço de casa. Não há muita diferença no comportamento dos meninos de ambas as séries, sendo que a maioria afirma ajudar sempre (36,5% no 3º ano e 40,8% na 8ª série) ou, pelo menos, uma vez por semana (33,3% no 3º ano e 29,6% na 8ª série). Isto indica que, mesmo o

valor da frequência dos meninos sendo praticamente a metade do das meninas, $\frac{1}{3}$ deles participa dos trabalhos domésticos.

Não obstante, em torno de 18% de meninos em ambas a séries afirmaram nunca ajudar. No caso das meninas estas porcentagens foram de 1,8% para aquelas da 8ª série e 5,7% para as do 3º ano. Nas conversas realizadas, as meninas da 8ª série foram aquelas que mais reclamaram da desigualdade entre meninos e meninas no momento da realização do serviço doméstico. Para elas, os meninos são “folgados” e alguns meninos do grupo concordaram com seu ponto de vista:

Os filhos não fazem nada, só a gente que faz. (Aluna 2/8ª série)

Eles [os meninos] não fazem as atividades de limpeza de casa. (Aluno 1/8ª série)

Tabela A.23: Caracterização da variável “frequência que realiza serviços de casa” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	59 67,8%	19 21,8%	4 4,6%	5 5,7%	87 100%
	Meninos	23 36,5%	21 33,3%	8 12,7%	11 17,5%	63 100%
8	Meninas	75 67,6%	25 22,5%	9 8,1%	2 1,8%	111 100%
	Meninos	51 40,8%	37 29,6%	14 11,2%	23 18,4%	125 100%

Fora do âmbito das obrigações do lar, o namoro (vide **tabela B.19** anexa) é outra atividade presente no tempo livre dos jovens, com ênfase maior na vida dos jovens do 3º ano (47,6% meninas e 48,4% meninos). Há mais meninas que meninos que afirmaram nunca namorar, mas a diferença não chega a 10%. Os meninos da 8ª série tendem a namorar mais que as meninas, pois 50% das meninas afirmaram nunca namorar em seus momentos de tempo livre (contra 36% dos meninos).

Finalmente, quanto a estudar em casa (ver **tabela B.20** anexa), em ambas as séries/anos as meninas (em torno de 42%) tendem a estudar praticamente o dobro que os meninos. Os meninos do 3º ano afirmaram estudar sempre ou pelo menos uma vez por semana, em geral. Já os meninos da 8ª série são aqueles que menos estudam, havendo a maior porcentagem na frequência “nunca” (18%). Esses dados indicam que nem sempre é o trabalho

o fator que impede a maior dedicação aos estudos. Os jovens do 3º ano que trabalham afirmaram nas entrevistas estudar mais na hora do almoço e nos momentos de deslocamento para o trabalho e para a escola do que em casa, uma vez que estes buscam mais tempo para descanso quando em seus domicílios.

Terminados os comentários sobre o tempo livre vivido dentro de casa, passa-se a observação do tempo livre experimentado fora do lar. Desejando obter o recorte agora sobre os momentos de lazer, isto é, de realização de atividades voluntárias relacionadas ao prazer individual, perguntou-se aos jovens em que locais da cidade estes vivem momentos de lazer e diversão. Observe **tabelas A.24 e A.25** a seguir.

Tabela A.24: Caracterização da variável “frequência lazer e diversão no bairro” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	13 15,9%	10 12,2%	20 24,4%	39 47,6%	82 100%
	Meninos	16 25,8%	11 17,7%	12 19,4%	23 37,1%	62 100%
8	Meninas	30 27,5%	18 16,5%	21 19,3%	40 36,7%	109 100%
	Meninos	50 41%	19 15,6%	25 20,5%	28 23%	122 100%

A **tabela A.24** mostra que o bairro não é um lugar em que os estudantes mais experimentam o lazer e a diversão. Somente os meninos da 8ª série apontaram sempre se divertir em seu bairro com maior porcentagem (41%). Já as meninas do 3º ano, por outro lado, afirmaram em 47,6% nunca fazê-lo. Quanto aos meninos do 3º ano e às meninas da 8ª série, percebe-se uma distribuição maior entre as três frequências de tempo analisadas. Havendo maiores porcentagens nas extremidades da tabela

Os bairros vizinhos têm ainda menor representatividade. Cerca de 50% dos jovens em todos os sexos/série afirmou nunca fazer coisas nos bairros vizinhos (ver **tabela B.21** anexa). Já a **tabela A.25**, a seguir, traz informações sobre o lazer no centro da cidade. Observa-se que as meninas do 3º ano, que já não vivem seu tempo de diversão e lazer em no bairro, têm maior tendência a vivê-los no centro, assinalando desde a frequência “sempre” em 34% até “pelo menos uma vez no mês” (28,6%). No caso das meninas da 8ª série, 43% fazem coisas no centro da cidade pelo menos uma vez por mês, enquanto 23,4% nunca fazem coisas no centro.

Tabela A.25: Caracterização da variável “frequência lazer no centro” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	29 34,5%	18 21,4%	24 28,6%	13 15,5%	84 100%
	Meninos	16 27,1%	8 13,6%	23 39%	12 20,3%	59 100%
8	Meninas	19 17,8%	17 15,9%	46 43%	25 23,4%	107 100%
	Meninos	25 20,3%	18 14,6%	44 35,8%	36 29,3%	123 100%

Já para os meninos do 3º ano, vê-se que 27,1% sempre fazem coisas no centro da cidade enquanto 39% o fazem pelo menos uma vez ao mês. Já 20,3% nunca passam seu tempo de lazer no centro da cidade. 35,8% dos meninos da 8ª série afirmaram frequentar o centro da cidade pelo menos uma vez por mês e outros 29,3% dizem nunca fazê-lo. Vale ressaltar que a ida ao centro pode representar a visitação de bairros também como o Tatuapé e adjacências. No caso dos jovens da 8ª série, esta ida é em geral acompanhada pelos pais, como observado nas conversas com os jovens. Dessa forma, vê-se que o usufruto de atividades de lazer e diversão no bairro e nas localidades vizinhas pouco se dá. Este fato dialoga com as falas recorrentes dos jovens entrevistados sobre a falta de lugares adequados para se divertir no bairro.

Ainda que os jovens do 3º ano saiam mais do bairro para o centro, nota-se que no grupo entrevistado apenas um jovem afirmou dar “rolês”³⁷ no centro com certa frequência. Segundo o Aluno 1/ 3º ano, não haveria lugares adequados no bairro para que ele pudesse andar de *skate* e praticar o esporte devidamente. Para os demais entrevistados do 3º ano, ao contrário, o deslocamento através de vários meios de transporte até o centro é decisivo para não irem a locais distantes de suas casas. A zona leste, conhecidamente, possui poucas rotas viárias de saída, sendo a principal delas a abarrotada Radial Leste. Também, a linha vermelha do metrô e do trem têm apresentado sintomas de saturação por meio de várias panes dado o número elevado de usuários diários. Desta forma, as dificuldades enfrentadas no deslocamento semanal para o trabalho desmotivam os entrevistados a sair aos finais de semana para localidades mais distantes.

³⁷ A palavra “rolê” é entendida aqui na sua acepção anterior ao movimento dos “rolezinhos”, isto é, dar um passeio ou uma volta sem uma atividade fim determinada.

Não, porque mano, condução a semana toda. Melhor ter que ficar aqui que no final de semana ter que pegar de novo. Já dá desanimado. Você pega trem a semana toda ai final de semana você pegar também. (Aluno 7/3º ano)

Ainda sobre os deslocamentos dos jovens, observou-se que as relações de amizade têm grande importância também sobre os momentos de tempo livre fora de casa. A **tabela A.26** a seguir mostra que a maioria dos jovens afirmam ir sempre à casa de amigos, equivalendo à aproximadamente 50% neste caso – com exceção dos meninos da 8ª série (36,1%). São esses também que mais afirmaram nunca ir à casa de amigos, correspondendo a 12,3%. As meninas, tanto da 8ª série quanto do 3º ano, vão mais que os demais à casa dos amigos na frequência “sempre”.

Tabela A.26: Caracterização da variável “frequência à casa de amigos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	47 54,7%	21 24,4%	14 16,3%	4 4,7%	86 100%
	Meninos	31 48,4%	21 32,8%	6 9,4%	6 9,4%	64 100%
8	Meninas	54 49,1%	27 24,5%	21 19,1%	8 7,3%	110 100%
	Meninos	44 36,1%	40 32,8%	23 18,9%	15 12,3%	122 100%

De maneira diversa, quanto se trata do tempo passado com amigos nas ruas do bairro, vê-se que os meninos, sobretudo aqueles da 8ª série, são os que mais usufruem desta atividade (ver **tabela A.27** a seguir). Mesmo que todos os jovens tenham marcado em quantidade elevada a frequência “sempre” com amigos na rua (mais de 47% em todos os casos), observou-se que, ao olhar para as demais frequências, a quantidade de meninas que ficam na rua com amigos pelo menos uma vez por semana ou uma vez por mês diminui, aumentando no que se refere àquelas que nunca ficam na rua (22,1% no caso das meninas do 3º ano e 25,9% no caso das meninas da 8ª série). O mesmo não é observado no caso dos meninos. Há uma distribuição mais igualitária entre as frequências e menor quantidade de meninos (17,5% no 3º ano e 13,5% 8ª série) que nunca ficam na rua.

Tabela A.27: Caracterização da variável “frequência para ficar na rua com amigos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	41 47,7%	16 18,6%	10 11,6%	19 22,1%	86 100%
	Meninos	30 47,6%	14 22,2%	8 12,7%	11 17,5%	63 100%
8	Meninas	53 47,3%	23 20,5%	7 6,3%	29 25,9%	112 100%
	Meninos	71 56,3%	24 19%	14 11,1%	17 13,5%	126 100%

Quando questionados sobre este fato na entrevista, as jovens do 3º ano tenderam a discordar:

Aluna 3/3º ano: Eu não vou à casa dos meus amigos.

Pesquisadora: Mas onde você os encontra?

Aluna 3/3º ano: Na rua.

Aluna 4/3º ano: Eu acho que é uma mentira isso daí. Por que as meninas geralmente ficam na rua, toda vez que eu chego em casa no final de semana estão toda na rua.

Aluno 1/3º ano: Eu acho que varia porque, querendo ou não, todo mundo sabe que está perigoso.

A fala destes entrevistados revela uma maior ocupação por parte das meninas do espaço público, a qual não foi ratificada pela pesquisa quantitativa. Alguns outros entrevistados discordam e acham ser mais difícil para as meninas circularem. Já outros argumentam que, devido ao uso de roupas de marca, os meninos estão mais expostos a assaltos no bairro, o que implica que, para eles, a menor circulação das meninas têm relações estritas com a violência. Quatro meninos relataram terem sido roubados, tendo um ficado só com as calças. Muitos destes assaltos acontecem na ida ou volta da escola nas vias mal iluminadas do bairro. A instalação de iluminação já foi solicitada, mas nada foi feito, de acordo com eles. No grupo da 8ª série, as meninas afirmam que os meninos ficam na rua por não “ter nada de interessante para fazer” ou por não terem que colaborar com o serviço doméstico. Uma das meninas diz, em tom de brincadeira, que as mães querem fazer as meninas “de escravas” em casa. Também aparecem aqui, na fala das jovens da 8ª série, os cuidados com a beleza como outro fator importante para a permanência das meninas dentro de casa. Para elas, os meninos são “desleixados” e “mal tomam banho”, não tendo preocupação com este cuidado pessoal:

Aluna 5/8ª série: Aí tem que arrumar a casa, tem que fazer lição de casa, tem que arrumar cabelo...

Aluno 1/8ª série pergunta: Mas de que adianta tudo isso se é pra ficar dentro de casa?

Contudo, quando questionadas se poderiam sair tanto quanto os meninos, estas meninas afirmam que não, sendo que uma razão para isto é que, para “as mães, as meninas seriam mais indefesas”.

Aluna 2/8ª série: Não mesmo! Porque menino pode ficar na rua, menina não.

Estas falas dos entrevistados trazem à luz um assunto que não é novo e nem pouco discutido: as diferenças nos modos de ocupação do espaço público por homens e mulheres. Partindo-se das considerações de Ribeiro (2006) sobre as relações entre construção de gênero e brincadeiras de meninos e meninas e, ao expandir suas reflexões para outras faixas etárias, acredita-se que os constructos sociais sobre as relações de gênero podem suscitar diferentes maneiras de percepção e vivência do tempo livre e do lazer. É pouco passível de contestação, ainda na atualidade, a afirmação de que, para as mulheres e meninas, a permanência no espaço público é regrada por uma série de etiquetas e normas alheias à vida masculina. Meninos têm, em geral, um maior acesso aos espaços públicos ou à circulação noturna sem maiores cerceamentos da família, como se verá a seguir nos depoimentos dos jovens no que tange às diferenças quanto à permissão para saírem sozinhos para shoppings – fato este que interfere de maneira decisiva na vivência e experimentação, em especial do lazer. Não somente isso, pode-se dizer que o lazer, como todas as atividades sociais, é marcado por aspectos de gênero, havendo aqui também um normatização daquilo aceitável a homens e mulheres nos campos da diversão e da livre sociação.

Para além da rua, em grandes centros como São Paulo com ausência de uma variada gama de espaços de lazer e com grande incidência da violência, a frequência a shoppings e a atividades relacionadas também ganham espaço na vida dos jovens. De maneira geral, todos os jovens vão aos shoppings, com frequências “sempre” ou “pelo menos uma vez por mês”, como demonstra a tabela **A.28** a seguir.

Tabela A.28: Caracterização da variável “frequência a shoppings” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	44 51,8%	11 12,9%	26 30,6%	4 4,7%	85 100%
	Meninos	22 34,9%	13 20,6%	23 36,5%	5 7,9%	63 100%
8	Meninas	40 35,7%	19 17%	44 39,3%	9 8%	112 100%
	Meninos	34 26,8%	25 19,7%	49 38,6%	19 15%	127 100%

As meninas de ambas as séries/anos são as que mais vão a shoppings. As entrevistadas dos grupos disseram frequentar os shoppings Metrô Itaquera, Aricanduva e Tatuapé. As do 3º ano dividem-se entre irem sempre (51,8%) ou pelo menos uma vez no mês (30,6%) a shoppings. Apenas os meninos da 8ª série afirmaram nunca ir a shoppings em porcentagem muito diferente dos demais, equivalendo a 15%. Nas entrevistas, os jovens da 8ª série afirmaram ir a shoppings acompanhados de seus amigos e familiares, tendo como interesse principal o consumo. Para os jovens do 3º ano, a ida ao shopping conta com a participação dos amigos e este lugar talvez seja escolhido por ser mais seguro que outros. Para os meninos do 3º ano, esta é uma atividade fluida. Muitas vezes, a ida ao shopping acontece sem combinações ou no retorno para casa. Já as meninas do 3º ano disseram tender a combinar quando vão aos lugares fora de casa. Quando perguntadas se podiam fazer programas sem combinações prévias com seus responsáveis, somente uma delas afirmou que sim e outra afirmou ter horário para voltar estipulado pelos pais quando sai com as amigas. Em resposta a isso, os meninos disseram:

Eu só ligo mesmo quando vou dormir fora. (Aluno 1/3ºano)

Geralmente a gente só avisa, manda mensagem ‘estamos indo ali’. (Aluno 2/3º ano)

Estas considerações estabelecem diálogo direto com o fenômeno recente dos “rolezinhos” nos shoppings da cidade. O primeiro deles ocorreu exatamente no shopping mais próximo do distrito, o Shopping Metrô Itaquera. Houve também outros dois “rolezinhos” em dois CEUs da região. Os jovens combinaram a invasão das piscinas dos CEUs Inácio Monteiro e Jambeiro pelas redes sociais. Não houve repercussão destes fatos nas grandes

mídias. Os argumentos para este fenômeno arregimentados na mídia trataram sobre a falta de equipamentos de lazer e a dificuldade de acesso por parte dos jovens à cidade. A fala da Secretária Nacional da Juventude Severine Macedo³⁸ corrobora esta argumentação:

Por mais que a gente precise avançar na construção de políticas públicas para os jovens, no oferecimento de equipamentos públicos de lazer, esporte e cultura, a gente também acredita que o jovem da periferia tem direito à circulação em qualquer espaço da cidade. Nós não queremos que a saída para os “rolezinhos” seja imaginarem que vamos confinar esses jovens somente nos seus locais de origem. Nós queremos que as periferias tenham mais equipamentos de cultura, mas também queremos que o jovem tenha direito a circular pela cidade, nos mais variados espaços, seja na rua, na manifestação ou dando um simples “rolê” dentro do shopping.

Todavia, a observação dos dados expostos permite notar que os jovens, pelo menos do Lajeado, têm acesso aos shoppings da região e têm também, como pontuado em outros trechos desta dissertação, próximos às suas casas alguns equipamentos de lazer que poderiam ao menos hipoteticamente atender às suas demandas por lazer. Logo, infere-se que a falta de equipamentos ou a “guetização” dos jovens não seja talvez a razão de fundo deste movimento. Talvez os “rolezinhos” estejam mais ligados às necessidades intrínsecas dos jovens de interação e formação de grupo. Assim como formam rodas de amigos em postos de gasolina e ruas dos bairros para “fazer nada”, os jovens ocupam também outros espaços com o intuito de fazer nada e estar apenas uns com os outros. Quiçá, não seja a observação do desejo de estar com outros jovens para a pura interação um caminho mais profícuo para a discussão desta questão.

Retomando a discussão sobre os shoppings, como mencionado anteriormente, comprar é uma atividade importante para todos e, a despeito do esperado, não são somente as meninas que sempre fazem compras (ver tabela **A.50** a seguir).

No caso dos meninos do 3º ano, sua porcentagem de realização de compras na frequência “sempre” (46,9%) é pouco inferior àquela das meninas da 8ª série (50,9%) e superior à das meninas do 3º ano (44,7%). Aqueles que não fazem compras sempre o fazem ao menos em alguma das duas frequências disponíveis.

³⁸ Esta entrevista foi concedida Najla Passo, reposte do Portal Carta Maior em 28/01/14. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Nao-podemos-confinar-jovens-na-periferia-diz-secretaria-Nacional-de-Juventude/4/30113>. Acesso em 18/02/2014.

Tabela A.29: Caracterização da variável “frequência de realização de compras” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	38 44,7%	27 31,8%	19 22,4%	1 1,2%	85 100%
	Meninos	30 46,9%	13 20,3%	14 21,9%	7 10,9%	64 100%
8	Meninas	56 50,9%	24 21,8%	23 20,9%	7 6,4%	110 100%
	Meninos	42 34,1%	31 25,2%	32 26%	18 14,6%	123 100%

As quantidades de jovens que indicaram nunca fazer compras foram menores, com maior quantidade de meninos (14,6% da 8ª série e 10,9% do 3º ano) que meninas. Todos os jovens, além de comprar com frequência, ouvem muita música em seu tempo livre, de 61,6% a 82,5% (ver **tabela B.22** anexa):

A questão de ouvir música faz parte do dia a dia mesmo. No trem, na rua...se eu for à padaria eu tenho que ouvir música. (Aluno 4/3º ano)

Ir ao cinema é outra atividade praticada por todos (ver **tabela A.30** a seguir), ainda que as meninas a pratiquem com maior frequência enquanto os meninos tendam mais a ir pelo menos uma vez por mês.

Tabela A.30: Caracterização da variável “frequência a cinemas” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	31 36%	11 12,8%	24 27,9%	20 23,3%	86 100%
	Meninos	16 25,4%	14 22,2%	23 36,5%	10 15,9%	63 100%
8	Meninas	38 34,5%	15 13,6%	35 31,8%	22 20%	110 100%
	Meninos	28 22,4%	19 15,2%	53 42,4%	25 20%	125 100%

Também o hábito de ir a lanchonetes está mais presente no cotidiano das meninas (ver **tabela A.31** a seguir). Cerca de 10% a mais de meninas do 3º ano e 15% a mais de meninas

da 8ª série que meninos das respectivas séries/anos sempre vão a lanchonetes nos momentos de tempo livre fora de casa. A família foi apontada pelos jovens entrevistados como companheiros principais para estas atividades.

Tabela A.31: Caracterização da variável “frequência a restaurantes e lanchonetes” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	37 43%	21 24,4%	20 23,3%	8 9,3%	86 100%
	Meninos	20 31,7%	17 27%	14 22,2%	12 19%	63 100%
8	Meninas	44 40,7%	21 19,4%	28 25,9%	15 13,9%	108 100%
	Meninos	30 24,8%	24 19,8%	45 37,2%	22 18,2%	121 100%

De maneira diversa, o teatro não é uma atividade praticada sempre por nenhum dos grupos entrevistados (ver **tabela A.32** a seguir). A maioria dos jovens assinalou nunca ir ao teatro, totalizando mais de 55% de todos os casos.

Tabela A.32: Caracterização da variável “frequência a teatros” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	8 9,5%	4 4,8%	26 31%	46 54,8%	84 100%
	Meninos	8 13,1%	1 1,6%	14 23%	38 62,3%	61 100%
8	Meninas	13 11,9%	2 1,8%	25 22,9%	69 63,3%	109 100%
	Meninos	12 9,8%	8 6,6%	27 22,1%	75 61,5%	122 100%

Quanto às baladas e festas, estas não são atividades específicas de algum sexo ou série/ano. Os jovens costumam ir sempre a baladas e festas ou pelos menos uma vez ao mês, conforme demonstra a **tabela A.33** a seguir.

Tabela A.33: Caracterização da variável “frequência a festas e baladas” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	34 39,1%	8 9,2%	20 23%	25 28,7%	87 100%
	Meninos	22 34,4%	9 14,1%	19 29,7%	14 21,9%	64 100%
8	Meninas	35 32,4%	18 16,7%	25 23,1%	30 27,8%	108 100%
	Meninos	38 30,9%	26 21,1%	21 17,1%	38 30,9%	123 100%

Contudo, considerando-se todas as séries e sexos abordados, entre 21% e 30% dos jovens afirmaram nunca ir a baladas e festas. As meninas têm maior percentual, ainda que com pouca diferença dos meninos, na frequência sempre. Durante as conversas, notou-se que os jovens do 3º ano são aqueles que mais vão às baladas, a despeito de serem também aqueles que mais descansam em seu tempo livre em casa. Pode-se dizer que o fato das baladas e festas ocorrerem, em sua maioria, na casa de amigos ou nas ruas do bairro é um facilitador para sua participação.

Estas festas nas ruas configuram-se nos denominados “pancadões”, ainda que este nome não seja comumente usado pelos jovens do Lajeado. Elas consistem na presença de um ou dois carros com instalações de som potentes que, com os porta-malas abertos, tocam *funks* do tipo proibidão e ostentação³⁹. Ao redor dos carros ficam grupos de jovens que fumam narguilé, transitam pela rua com suas motos e/ou bebem bebidas alcoólicas. A organização dos pancadões articula-se, muitas vezes, em torno das “famílias”, isto é, grupos de jovens que se reúnem para divertir-se e ajudar uns aos outros em empreitadas comuns (PEREIRA, 2010). Cada “família” tem para si uma denominação própria e produz camisetas, bonés e outros acessórios personalizados para que se possa distinguir diante das demais presentes no bairro. O lugar ocupado pelo *funk* nas culturas juvenis é inegável na atualidade. Pereira atribui essa proeminência à articulação das culturas periféricas realizada por esta manifestação musical:

Devido a esse seu caráter mais disruptivo e mais marginalizado, por exaltar explicitamente elementos ligados à criminalidade e à pornografia, esse gênero musical, que tem no chamado proibidão uma de suas variantes mais populares entre os jovens, também pode ser afirmado como um elemento importante das articulações culturais periféricas, sobretudo entre os jovens. (PEREIRA, 2010, p. 58)

³⁹ O “proibidão” consiste em um gênero de *funk* que tem suas letras voltadas para a jocosidade e a sexualidade; enquanto o *funk* “ostentação” trata sobretudo do consumo e do apreço a marcas de grife.

O mesmo autor também pontua que a ascensão do *funk* relaciona-se a um decréscimo de interesse pela cultura *hip-hop*. De maneira diversa a ele, nos pancadões as meninas também encontram um espaço de protagonismo por meio da dança. O *funk*, de maneira contrária à cultura *hip-hop*, garante uma “posição propriamente feminina” às meninas marcada pela “performatividade do gênero”⁴⁰. Dessa maneira, meninos e meninas conseguem, nas festas *funk*, estabelecer posições mais definidas nas quais a sexualidade, e até mesmo lascívia da dança, cabe as meninas; e a demonstração da força por meio do flerte com a criminalidade cabe ao meninos (PEREIRA, 2010).

Todos os meninos do 3º ano que foram entrevistados disseram ir a festas deste tipo. Ainda que as meninas percentualmente tenham afirmado ir mais a baladas que os meninos, as entrevistadas do 3º ano disseram que não frequentar ou não ter permissão para frequentar as festas do bairro. Segundo elas e também os meninos presentes, são constantes os confrontos com a polícia e as confusões entre os participantes destas festas. E, além disso, desvela-se na fala de uma das entrevistadas a correlação entre a participação nas festas e um caráter vulgar atribuído às meninas integrantes do movimento funk:

Aluna 4/3º ano: Meus pais não permitem e não é... eu não gosto.

Pesquisadora: Mas é festa do quê já que vocês não podem ir?

Aluna 4/3º ano: *Funk*.

Pesquisadora: Mas aí é um “rolê” que só colam os meninos, as meninas não colam?

Aluna 4/3º ano: Não, que meninas... A gente não vai. Só vão as mais soltas.

Desta forma, se por um lado a existência de papéis de gênero mais demarcados é responsável pela elevação do *funk* como forma de fruição do tempo livre mais vivida nas periferias, por outro, a demonstração da sensualidade e sexualidade por meio da dança das meninas nos bailes não encontra fácil aceitação, uma vez que foge às normas de etiqueta socialmente compartilhadas. Às meninas cabe o recato, sempre.

Retornando e finalizando a análise das atividades de tempo livre, observou-se também a frequência dos jovens a parques e clubes e a prática de esportes (ver **tabelas A.34 e A.35** a seguir). Vê-se que estes tipos de atividade estão mais presente na vida dos meninos. Eles

⁴⁰ Na cultura *hip-hop*, as nuances entre as performances das *b-girls* e *b-boys* são muito mais sutis que as presentes no bailes *funk*. Mais do que isso, a vitalidade e força necessárias para a realização dos movimentos do *break* evidenciam mais aspectos relacionados à cultura masculina e requerem condições físicas maiores. Nos bailes *funk* os papéis de gênero são mais claramente demarcados, cabendo a meninas e meninos atitude e atividades distintas.

sempre praticam mais esportes que as meninas – no 3º ano, 49,2% dos meninos e 18,4% das meninas praticam esportes e, na 8ª série, 53,8% e 22,5%, respectivamente. Dentre elas, foram as da 8ª série as que praticam mais atividades físicas. Contudo, a diferenças entre as séries/anos não foram tão grandes, havendo grande quantidade de entrevistadas afirmando nunca praticar atividades físicas tanto no 3º ano (44,8%) quanto na 8ª série (36%).

Tabela A.34: Caracterização da variável “frequência de prática de esportes” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	16 18,4%	14 16,1%	18 20,7%	39 44,8%	87 100%
	Meninos	32 49,2%	16 24,6%	10 15,4%	7 10,8%	65 100%
8	Meninas	25 22,5%	19 17,1%	27 24,3%	40 36%	111 100%
	Meninos	70 53,8%	28 21,5%	16 12,3%	16 12,3%	130 100%

No caso dos parques, não há grande diferenças quando observada a frequência “sempre”. Mas são os meninos aqueles que mais vão a parque. Ao comparar, por exemplo, os índices das meninas do 3º ano (15,3%) aos dos meninos da 8ª série (31,2%), nota-se que a frequência delas equivale praticamente à metade da deles. Os meninos do 3º ano e as meninas da 8ª série afirmaram ir sempre a parques, equivalendo a 28,1% e 23,4%, respectivamente. Apesar disso, ressalta-se que, no caso das meninas, as porcentagens aumentaram conforme diminuem a frequência de ida a parques. Desta forma, tem-se que as meninas do 3º ano vão a parques pelo menos uma vez por mês em 45,9%, enquanto as meninas da 8ª série 34,2%.

Tabela A.35: Caracterização da variável “frequência a parques e clubes” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	13 15,3%	13 15,3%	39 45,9%	20 23,5%	85 100%
	Meninos	18 28,1%	13 20,3%	19 29,7%	14 21,9%	64 100%
8	Meninas	26 23,4%	11 9,9%	38 34,2%	36 32,4%	111 100%
	Meninos	39 31,2%	26 20,8%	33 26,4%	27 21,6%	125 100%

Mais que a descoberta da frequência com que praticam cada uma das atividades presentes nos questionários, buscou-se ainda investigar as atividades favoritas dos jovens para seus momentos de lazer. A **tabela A.36** a seguir mostra que não há diferença significativa entre as atividades elencadas como as favoritas dos entrevistados em todos os sexos e séries/anos. As quatro atividades mais mencionadas foram: conversar, namorar, internet e esportes.

Tabela A.36: Caracterização da variável “atividade de lazer favorita dos jovens” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Internet	Filmes	TV	Atividades Artísticas	Comprar	Conversar	Esportes	Namorar	Outros	Não respondeu	Total
3	Meninas	12 13,3%	4 4,4%	3 3,3%	3 3,3%	3 3,3%	18 20%	6 6,7%	14 15,6%	10 11,1%	7 7,8%	90 100%
	Meninos	6 9,1%	2 3%	2 3%	1 1,5%	0 0%	12 18,2%	7 10,6%	7 10,6%	18 27,3%	11 16,7%	66 100%
8	Meninas	27 23,3%	4 3,4%	1 0,9%	3 2,6%	2 1,7%	15 12,9%	5 4,3%	13 11,2%	42 36,2%	4 3,4%	116 100%
	Meninos	15 11,4%	2 1,5%	5 3,8%	1 0,8%	1 0,8%	10 7,6%	35 26,5%	9 6,8%	42 31,8%	12 9,1%	132 100%

Observou-se que, tanto para meninos quanto para meninas, a internet tem mais importância para os jovens da 8ª série, enquanto namorar é mais relevante para aqueles do 3º ano. As meninas das duas séries/anos observadas assinalaram as mesmas atividades preferidas. As três primeiras mencionadas foram: conversar (20% do 3º ano e 12,9% da 8ª série), namorar (15,6% do 3º ano e 11,2% da 8ª série) e internet (13,3% do 3º ano e 23,3% da 8ª série). Para os meninos, foram duas as atividades iguais que apareceram entre as três mais votadas: conversar (18,2% do 3º ano e 7,6% da 8ª série) e esportes (10,6% do 3º ano e 26,5% da 8ª série). Os itens apontados que divergiram foram namorar (10,6% para os meninos do 3º ano) e internet (11,4% para os meninos da 8ª série).

De forma semelhante, buscou-se também as atividades que os jovens mais gostariam de realizar e ainda não o fizeram (ver **tabela A.37**). Uma vez mais, dentre as três atividades apontadas como as mais desejadas, as duas primeiras foram mencionadas por todas as séries/anos e sexos: tocar um instrumento (22,2% meninas e 10,6% meninos do 3º ano e 19% meninas e 8,3% de meninos da 8ª série) e ir ao teatro (13,3% de meninas e 9,1% de meninos do 3º ano e 11,2% de meninas e 7,6% de meninos da 8ª série). Para as meninas do 3º ano (7,8%) e meninos da 8ª série (6,1%), viajar é a terceira atividade mais desejada que não conseguem realizar. Por fim, os meninos do 3º ano desejam tanto viajar quanto praticar

atividades esportivas (4,5%) enquanto as meninas da 8ª série desejam poder praticar mais artesanato ou culinária (5,2%).

Tabela A.37: Caracterização da variável “atividades mais desejada ainda não realizada” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Artesanato ou culinária	Atividades Artísticas	Esportes	Estudar	Internet	Shopping	Teatro	Tocar instrumento	Viajar	Outros	Não respondeu	Total
3	Meninas	3 3,3%	3 3,3%	6 6,7%	2 2,2%	3 3,3%	3 3,3%	12 13,3%	20 22,2%	7 7,8%	12 13,3%	19 21,1%	90 100%
	Meninos	1 1,5%	2 3%	3 4,5%	1 1,5%	0 0%	0 0%	6 9,1%	7 10,6%	3 4,5%	17 25,8%	26 39,4%	66 100%
8	Meninas	6 5,2%	3 2,6%	4 3,4%	0 0%	0 0%	2 1,7%	13 11,2%	22 19%	5 4,3%	30 25,9%	31 26,7%	116 100%
	Meninos	5 3,8%	2 1,5%	7 5,3%	1 0,8%	1 0,8%	1 0,8%	10 7,6%	11 8,3%	8 6,1%	45 34,1%	41 31,1%	132 100%

Os motivos apresentados pelos jovens para não fazerem estas atividades (ver **tabela A.38** a seguir) não foram também muito diferentes. As meninas do 3º ano dizem não ter tempo (56,9%) ou dinheiro (23,1%), assim como os meninos do 3º ano (32,5% não têm tempo e 30%, dinheiro) e os da 8ª série (48,3% não têm tempo e 14,9%, dinheiro).

Tabela A.38: Caracterização da variável “motivo de não realização das atividades desejadas” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Falta companhia	Falta dinheiro	Falta tempo	Responsáveis não permitem	Outros	Total
3	Meninas	5 7,7%	15 23,1%	37 56,9%	2 3,1%	6 9,2%	65 100%
	Meninos	7 17,5%	12 30%	13 32,5%	1 2,5%	7 17,5%	40 100%
8	Meninas	17 19,8%	13 15,1%	31 36%	17 19,8%	8 9,3%	86 100%
	Meninos	8 9,2%	13 14,9%	42 48,3%	11 12,6%	13 14,9%	87 100%

É interessante observar que os jovens do 3º ano reiteraram diversas vezes sua falta de tempo, uma vez que estudam e trabalham, não havendo momento para a prática esportiva, a ida ao teatro ou o aprendizado de um instrumento. A falta de dinheiro, tendo em vista que os rendimentos das meninas do 3º ano foram inferiores aos dos meninos, estabelece relação com a impossibilidade de viajar. Ademais, a falta de tempo é marcante, em especial, para os jovens

do 3º ano. Durante a conversa estabelecida com ele, pode-se observar uma rotina diária que inviabiliza a participação em atividades de lazer em seu tempo livre:

Eu acordo seis horas da manhã, pego aqueles trens, pego peso o dia todo [...] e chega só dá tempo de comer alguma coisa, tomar banho e ir para escola. E depois jantar e dormir. (Aluno 2/3º ano)

Eu acordo 10 para as 5 para poder entrar às 7 horas no trabalho. [...] Eu sou ajudante geral em uma metalúrgica. (Aluno 7/3º ano)

Eu acordo 4h30 da manhã. E vou trabalhar. Trabalho no Brás [...], sou auxiliar de vendas, mas faço de tudo lá dentro. [...] Chego do serviço, passo em casa, pego o material e venho pra escola. (Aluna 4/3º ano)

Todos os que trabalham têm carteira assinada ou são aprendizes de alguma empresa. Aqueles que não trabalham, aos sábados costumam realizar algum curso de formação nas escolas do bairro. Um dos desempregados afirmou ter largado o emprego como aprendiz no metrô pela dificuldade em conciliar o horário e a distância com os estudos e pelo baixo rendimento mensal de meio salário mínimo. Os jovens reclamam muito sobre a falta de compreensão da escola com as dificuldades enfrentadas no transporte público e a grande quantidade de aulas que acabam perdendo. A busca central no trabalho é pela autonomia financeira e custeio de suas necessidades de consumo. Contudo, todos ajudam de alguma forma em casa, sendo que um deles sustenta sua casa sozinho e outra afirma que, sem sua ajuda financeira, a situação em sua casa seria difícil. Porém, quando observada a falta de tempo por parte dos meninos da 8ª série, não há uma razão clara justificável. São eles a população que mais tempo fica com amigos e na rua, não trabalhando, assim como as meninas da mesma série, em sua vasta maioria.

Para as meninas da 8ª série, a falta de tempo é também um problema (36%), acrescida da não permissão dos responsáveis (19,8%) ou da falta de companhia (19,8%). O mesmo afirmado sobre os meninos da 8ª série com relação ao tempo pode ser dito sobre as meninas. Ademais, as questões relativas às sanções maiores dos pais sobre as meninas e uma menor circulação pelo espaço já foram tratadas anteriormente.

Isto posto, vê-se que os jovens, em casa, conversam com suas família e seus irmãos (mais com a primeira que com o segundo). São as meninas do 3º ano que mais falam com suas famílias e os meninos da 8ª série os que menos o fazem. Todos passam grande parte de seu tempo livre conversando com amigos em suas casas, na rua ou na casa deles. As meninas do 3º ano e da 8ª série são aquelas que mais ficam na casa de amigos. Todos também ficam na

rua na frequência “sempre” com amigos, sendo que os meninos da 8ª série ficam 10% a mais que os demais. Contudo, as porcentagens de meninas que nunca ficam na rua são maiores que as dos meninos. As entrevistadas apontaram que grande parte das meninas do bairro fica mesmo na rua. Mas, ao mesmo tempo, foi possível notar que existe uma maior regulação de seu tempo fora de casa quando comparado ao dos meninos.

A televisão e os jogos eletrônicos, na internet ou por meio de consoles, estão presentes também no tempo livre dos jovens. São os meninos de ambas as séries/anos que mais praticam estas atividades. No entanto, as meninas da 8ª série também demonstram interesse por estas atividades e outras, como os esportes e a ida a parques, para as quais as meninas do 3º ano não demonstram interesse algum. São estas últimas as que menos praticam atividades físicas ou vão a parques e clubes. Os meninos vão sempre a parques e clubes e as meninas da 8ª série o vão mais que as do 3º ano em 7%.

No espaço doméstico as meninas realizam mais o serviço de casa. Contudo, $\frac{1}{3}$ dos meninos afirma também ajudar nos serviços de casa. Já os jovens do 3º ano foram os que mais afirmaram descansar durante seu tempo livre em casa, mais de 70% nos dois sexos. Enquanto as meninas da 8ª série descansam “sempre” em 83,6% no tempo livre em casa, os meninos da mesma série o fazem “sempre” em apenas 59,7%. Ainda sobre o tempo livre em casa, o namoro está mais presente na vida das meninas do 3º ano – assim como os estudos, pois são as meninas, agora de ambas as séries, que estudam mais na frequência “sempre” que os meninos (praticamente o dobro deles).

Quando fora do espaço domiciliar, os jovens não costumam passar seu tempo livre em seu bairro. Quando perguntados sobre em qual lugar da cidade estes se divertem e procuram lazer, a maioria apontou para uma maior preferência pelo centro da cidade. A exceção foram os meninos da 8ª série, que demonstraram ficar mais no bairro sempre. As meninas do 3º ano são aquelas que menos ficam no bairro e mais vão ao centro, pelo menos uma vez por semana. Estas observações acabam por questionar algumas tendências atuais ao pensar em processos de “guetificação” dos jovens da periferia ou de pouca mobilidade pela cidade. É claro que a ida ao centro está condicionada ao tempo e à possibilidade de dinheiro, não sendo uma atividade semanal para a maioria dos jovens. Todavia, parece ser a dificuldade de acesso pelos meios de transporte o motivo mais forte para um deslocamento inferior ao desejado pelos estudantes entrevistados.

Os shoppings parecem ser um destino comum dos entrevistados quando saem de casa. Todas as séries/anos e sexos vão sempre a shoppings, em especial as meninas do 3º ano. O

grande apreço pelas baladas são uma demonstração deste desejo de interação com os pares, já que todos os entrevistados conheciam os locais em que se realizavam os pancadões do bairro, sendo muitos deles frequentadores. Entretanto, a adesão das meninas a estes eventos é motivo de controvérsia entre as entrevistadas, havendo a rotulação das participantes dos bailes *funk* como “mais soltas”.

As atividades preferidas dos jovens para seu tempo livre são conversar, namorar, internet e esporte em todos os grupos, variando somente a ordem de prioridade. Dentre as atividades que gostariam de realizar, mas ainda não o fizeram. Tocar um instrumento e ir ao teatro foram mencionadas por todos os jovens. As meninas do 3º ano e os meninos da 8ª série e do 3º ano gostariam de viajar, e os últimos de praticar mais esporte. Por fim, as meninas da 8ª série teriam o interesse em artesanato e culinária. As razões para a não realização destas atividades são tempo, dinheiro e também, no caso das meninas da 8ª série, a não permissão dos responsáveis.

4 OS EQUIPAMENTOS E OS JOVENS

Eu acho que estes três lugares nem são frequentados geralmente. Só para quem mora perto.

(Aluno 1/3º ano)

Finalizada a descrição dos jovens entrevistados, suas famílias e seus hábitos durante o tempo livre dentro e fora de casa, passa-se agora a observar as relações estabelecidas com os três equipamentos alvo desta pesquisa. Far-se-á uma aproximação das características das frequências de cada um dos locais, das impressões dos jovens quanto às suas atividades, instalações, atendimento, possibilidades de participação e perfil médio dos frequentadores. Todavia, antes da incursão sobre as características individuais dos três locais estudados, buscou-se a apreensão das frequências aos equipamentos como um todo e das atividades preferidas pelos jovens nestes três locais.

Dessa forma, primeiramente volta-se para a frequência aos equipamentos a partir das 4 alternativas propostas no questionário de pesquisa: “nunca ouvi falar”; “já ouvi falar, mas nunca fui”; “já fui alguma vez, mas não frequento”; e “frequento”. A **tabela A.39** a seguir mostra que o CEU Lajeado é o equipamento mais conhecido e mais frequentado habitualmente pelos entrevistados. As porcentagens para estas duas frequências são muito próximas: 41% para já ter ido sem ser frequentador e 43% para frequentadores. Nota-se, então, que 85% dos entrevistados já estiveram nas instalações do CEU Lajeado.

Tabela A.39: Caracterização da variável “frequência” por equipamentos pesquisados.

Equipamentos	Nunca ouvi falar deste local	Já ouvi falar, mas nunca fui	Já fui alguma vez, mas não frequento	Frequento	Não responderam	Total
CEU Lajeado	23 6%	40 10%	164 41%	173 43%	4 1%	404 100%
Centro Cultural de Guaianases	121 30%	177 44%	57 14%	27 7%	22 5%	404 100%
Parque Lajeado	58 14%	101 25%	132 33%	94 23%	19 5%	404 100%

No que se refere ao Parque Lajeado não há uma concentração tão explícita em alguma das alternativas propostas. Observa-se que há mais pessoas que já foram sem serem usuárias habituais que o contrário. Há maiores diluições entre todas as alternativas propostas que os

demais lugares observados. A diferença entre quem só ouviu falar (25%), quem já foi (33%) e quem frequenta (23%) gira em torno dos 10%.

Ao observar o CCG, há uma inversão do quadro quando comparado aos demais equipamentos. Vê-se que a maioria dos entrevistados (44%) sabia da existência do lugar, mas não o haviam frequentado. Outros 30% sequer sabiam existir um lugar denominado Centro Cultural na região. Durante a aplicação dos questionários e das conversas com os jovens, foram comuns questionamentos para certificação de que local exatamente ficava o CCG.

Feita a abordagem panorâmica, voltou-se o olhar para cada uma das alternativas de frequência exploradas nos questionários e para os sujeitos respondentes. Além de saber quantos jovens eram frequentadores, desejou-se também saber seu sexo e série/ano. Na **tabela A.40** a seguir, pode-se explorar as características daqueles que nunca ouviram falar de nenhum dos três locais. Vê-se que são as meninas, tanto do 3^a ano quanto da 8^a série, aquelas menos ouviram falar dos três locais. No entanto, vale a ressalva de que os valores brutos são muito diferentes quando comparados aos valores percentuais, de maneira que 22% de meninas para o CEU Lajeado significam 5 indivíduos, enquanto 21% para o CCG significam 25 pessoas.

Tabela A.40: Caracterização da variável “frequência nunca ouvi falar” por equipamentos, sexo e idade/série.

Série/Ano	Sexo	CEU Lajeado	Centro Cultural de Guaianases	Parque Lajeado
3	Meninas	5 22%	25 21%	11 19%
	Meninos	3 13%	17 14%	7 12%
8	Meninas	8 35%	37 31%	19 33%
	Meninos	7 30%	42 35%	21 36%

Logo, nota-se que, dentre a minoria que não conhece o CEU Lajeado, são as meninas que mais o desconhecem. Sobre o CCG, o mais desconhecido pelos entrevistados, são os jovens da 8^a série (em especial os meninos, representando 35%) que nunca ouviram falar. Por último, vê-se o mesmo quadro em relação ao Parque Lajeado: são os jovens da 8^a série que mais nunca ouviram falar dele (33% de meninas e 36% de meninos).

A próxima **tabela A.41** analisa com que frequência os entrevistados sabiam da existência dos locais sem nunca os visitarem. Assim como no caso anterior, o CCG e, depois, o Parque Lajeado são os locais que menos receberam visitas mesmo sendo conhecidos pelos jovens. Diferentemente do exposto acima, não há um grupo que se destaque quanto a

estes dois equipamentos nesta frequência: cerca de 30% dos meninos e meninas da 8ª série e meninas do 3º ano disseram nunca terem ido ao local. Contudo, os meninos do 3º ano tiveram porcentagens menores.

Tabela A.41: Caracterização da variável “frequência já ouvi falar, mas nunca fui” por equipamentos, sexo e idade/série.

Série/Ano	Sexo	CEU Lajeado	Centro Cultural de Guaianases	Parque Lajeado
3	Meninas	17 43%	50 28%	28 28%
	Meninos	7 18%	30 17%	17 17%
8	Meninas	11 28%	47 27%	27 27%
	Meninos	5 13%	50 28%	29 29%

Quanto ao CEU Lajeado, 43% das meninas do 3º ano disseram nunca terem ido ao local. As meninas da 8ª série também tiveram porcentagens mais relevantes neste aspecto, representando 28%. Já os meninos das duas séries/anos demonstraram terem sido os que menos, sabendo da existência do CEU, não se propuseram a conhecê-lo. Apenas 13% da 8ª série e 18% do 3º ano não foram ao local.

Sobre aqueles que conhecem os locais, mas não se tornaram usuários habituais, pode-se observar na **tabela A.42** a seguir que no caso do CEU Lajeado foram as meninas de ambas as série/anos aquelas que menos retornaram após uma primeira visita (28% meninas da 8ª série e 26% meninas do 3º ano).

Tabela A.42: Caracterização da variável “frequência já fui alguma vez, mas não frequento” por equipamentos, sexo e idade/série.

Série/Ano	Sexo	CEU Lajeado	Centro Cultural de Guaianases	Parque Lajeado
3	Meninas	43 26%	7 12%	32 24%
	Meninos	23 14%	11 19%	29 22%
8	Meninas	46 28%	16 28%	36 27%
	Meninos	52 32%	23 40%	35 27%

No que se refere ao Parque Lajeado, houve uma maior distribuição das porcentagens, sendo que os jovens da 8ª série apresentaram um valor pouco maior que os demais (de 3 a 5 pontos percentuais). Já para o CCG, também os jovens da 8ª série são aqueles que menos

retornaram ao lugar, havendo uma diferença maior que a observada sobre o Parque Lajeado. As meninas não retornaram em 28% e, os meninos, em 40%, sendo este último o maior valor percentual observado nesta frequência.

A última frequência analisada foi a dos usuários habituais (ver **tabela A.43** a seguir). Como já se sabe pelo exposto acima, o CEU Lajeado é o equipamento que mais tem usuários habituais. São os meninos da 8ª série aqueles que mais frequentam o local (38%), seguidos pelas meninas do mesmo ano escolar (29%).

No caso do Parque Lajeado, também são os jovens da 8ª série aqueles que mais vão ao equipamento, havendo aqui uma diferença muito maior entre os meninos deste ano escolar (45%) e os demais: 31% de meninas também da 8ª série, 7% de meninos e 17% de meninas do 3º ano. Vale destacar, neste caso, o baixo número de frequentadores do 3º ano do sexo masculino. Sobre o CCG, os frequentadores são mais os jovens da 8ª série (cerca de 30%), com 10% a mais de frequência que os do 3ºs anos .

Tabela A.43: Caracterização da variável “frequência frequento o equipamento” por equipamentos, sexo e idade/série.

Série/Ano	Sexo	CEU Lajeado	Centro Cultural de Guaianases	Parque Lajeado
3	Meninas	25 14%	5 19%	16 17%
	Meninos	32 18%	5 19%	7 7%
8	Meninas	50 29%	8 30%	29 31%
	Meninos	66 38%	9 33%	42 45%

Enfim, a última variável com relação à frequência aos equipamentos observada consistiu em ver a quantidade de equipamentos frequentados pelos respondentes da pesquisa, como consta na **tabela A.44** a seguir. Observa-se que poucos são os jovens que frequentam os três equipamentos, não havendo um grupo que se destaque.

Quanto àqueles que frequentam ao menos dois deles, são os meninos da 8ª série os que mais o fazem, representando 55%. Depois destes, encontram-se as meninas (23% da 8ª série e 13% do 3º ano) e, por últimos, os meninos do 3º ano (10%). Sobre os jovens que frequentam somente um dos equipamentos pesquisados, constata-se que os da 8ª série o fazem mais que os demais, sendo que as meninas têm uma porcentagem um pouco maior que os meninos, equivalendo a 36% e 30%, respectivamente. Já as meninas do 3º ano se destacam com 30% por não irem a nenhum dos equipamentos e, depois delas, os meninos e meninas da 8ª série,

com 28% e 25%, respectivamente. Já os meninos do 3^a ano são aqueles que menos deixam de frequentar algum dos três lugares estudados (17%).

Tabela A.44: Caracterização da variável “quantidade de equipamentos e frequentados” por sexo e idade/série.

Série/Ano	Sexo	Frequenta os 3	Frequenta pelo menos 2	Frequenta pelo menos 1	Não vai a nenhum
3	Meninas	3 33%	8 13%	21 15%	58 30%
	Meninos	2 22%	6 10%	26 18%	32 17%
8	Meninas	2 22%	14 23%	51 36%	48 25%
	Meninos	2 22%	34 55%	43 30%	53 28%

Finalmente, o último aspecto observado sobre os três equipamentos como um todo consistiu nas atividades preferidas dos jovens que afirmam frequentar qualquer um dos 3 lugares. Esta observação foi feita através das série/anos e sexo. A **tabela A.45** a seguir refere-se aos jovens da 8^a série.

Tabela A.45: Caracterização da variável “Atividades de oferecidas pelos equipamentos” por 8^a série e sexo.

Atividades de oferecidas pelos equipamentos	8 ^a Série	Meninas	Meninos
Encontrar amigos	169	77	92
Jogar bola	114	25	89
Descansar e relaxar	97	39	58
Participar de aulas de esportes	76	24	52
Usar o computador ou a internet	63	26	37
Fazer cursos	61	23	38
Ir a biblioteca	60	32	28
Ir na piscina para diversão	59	24	35
Ir ao cinema	55	20	35
Ir ao teatro	49	26	23
Ir para a escola ou curso técnico	47	17	30
Dançar	47	29	18
Assistir a shows musicais	47	21	26
Praticar atividade física sozinho	32	9	23
Participar do Recreio nas Férias	32	13	19
Outros	26	12	14
Praticar lutas marciais	24	6	18
Participar de oficinas	17	8	9
Assistir a contação de histórias	16	8	8

Vê-se, conforme já mencionado inúmera vezes, que o motivo principal para ir aos locais pesquisados é encontrar amigos. Depois, tem-se jogar bola e, também, descansar e relaxar e praticar atividades esportivas. Quando observados os meninos, vemos que os mesmo

4 motivos correspondentes ao todo são os mais mencionados por eles. Já as meninas, ainda que também tenham em encontrar amigos seu motivo principal de frequência, procuram ainda relaxar, ir a biblioteca e dançar.

Agora a **tabela A.46** faz a mesmo mapeamento sobre os jovens do 3º ano. As quatro primeiras razões para ir aos equipamentos são as mesmas apresentadas pelos jovens da 8ª série: encontrar amigos, jogar bola, descansar e relaxar e participar de aulas de esportes. Assim como os da 8ª série, os meninos do 3ºs anos têm os mesmo 4 motivos que o todo da pesquisa como justificativa para ir aos locais. Por outro lado, as meninas do 3º ano além de também quererem encontrar amigos, descansar e relaxar e praticar aulas de esporte, também desejam ir ao equipamentos para assistir a eventos que acontecem no teatro.

Tabela A.46: Caracterização da variável “Atividades de oferecidas pelos equipamentos” por 3º ano e sexo.

Atividades de oferecidas pelos equipamentos	3º Ano	Meninas	Meninos
Encontrar amigos	88	48	40
Jogar bola	53	18	35
Descansar e relaxar	48	27	21
Participar de aulas de esportes	38	19	19
Ir ao teatro	31	20	11
Assistir a shows musicais	31	17	14
Usar o computador ou a internet	28	17	11
Ir a biblioteca	26	15	11
Ir ao cinema	23	10	13
Fazer cursos	18	11	7
Dançar	18	7	11
Ir na piscina para diversão	17	9	8
Praticar atividade física sozinho	16	8	8
Ir para a escola ou curso técnico	11	8	3
Outros	11	8	3
Participar de oficinas	10	5	5
Praticar lutas marciais	9	4	5
Participar do Recreio nas Férias	7	4	3
Assistir a contação de histórias	7	4	3

Por todo o exposto, constata-se que o CEU Lajeado é o equipamento mais conhecido e frequentado. Depois dele, tem-se o Parque Lajeado e, por último, o CCG, sendo este desconhecido pela maioria dos respondentes. Observando de perto cada uma das frequências pesquisadas, viu-se que dentro os poucos que não vão ao CEU Lajeado há mais meninas. São elas também as que mais ouviram falar a respeito do local sem o terem visitado (43% do 3º ano e 28% da 8ª série) e/ou não retornaram após a visitaçao (26% do 3º ano e 28% da 8ª série). Já os usuários habituais são os meninos da 8ª série.

Sobre os CCG, são os meninos da 8ª série os que menos ouviram falar (42%) do local e os que mais foram a ele sem terem retornado. Não há um grupo que se destaque em

nenhuma das três frequências pesquisadas. O último local, Parque Lajeado, é menos conhecido também pelos jovens de ambos os sexos da 8ª série. Assim como quanto ao CCG, não há um grupo que se destaque quanto ao conhecimento do local sem terem-no visitado ou que foram ao mesmo sem retornar. Os usuários habituais são, uma vez mais, os meninos da 8ª série (45%).

No que se refere às atividades apresentadas como motivo para ir aos equipamentos, as quatro mais mencionadas nas duas séries/anos foram: encontrar amigos, descansar e relaxar, jogar bola e praticar esportes. Os meninos das duas séries/anos assinalaram exatamente as mesmas atividades. De maneira diversa, as meninas das duas séries/anos convergiram em duas razões com os meninos e divergiram nas outras duas. Todas mencionaram encontrar amigos e descansar/relaxar como os dois principais motivos. As do 3º ano, no entanto, apontaram ir ao teatro ao invés de jogar bola e, as da 8ª série, substituíram jogar bola e praticar esportes por dançar e ir à biblioteca.

4.1 CEU LAJEADO

[...] E como eles querem sustentar uma coisa para os jovens sem dar, deixar uma renda no local? Como eles querem manter um DJ, manter um espaço [...].

(Aluno 2/3º ano)

A partir dos dados contidos nos questionários pode-se constatar que o CEU Lajeado é, dentre os três equipamentos pesquisados, o mais frequentado ou conhecido pelos jovens do distrito do Lajeado (ver **tabela A.47** a seguir). Diferentemente do que se observou sobre Parque Lajeado e, especialmente, sobre o CCG, a porcentagem de jovens que frequentam o CEU ou já foi ao menos uma vez ao local é muito grande. Enquanto isso, aqueles que ouviram falar e não foram ou nem ouviram falar sobre o mesmo tem pouca expressividade.

Tabela A.47: Caracterização da variável “frequência ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Frequente	Já fui alguma vez, mas não frequento	Já ouvi falar, mas nunca fui	Nunca ouvi falar deste local	Total
3	Meninas	25 27,8%	43 47,8%	17 18,9%	5 5,6%	90 100%
	Meninos	32 49,2%	23 35,4%	7 10,8%	3 4,6%	65 100%
8	Meninas	50 43,5%	46 40%	11 9,6%	8 7%	115 100%
	Meninos	66 50,8%	52 40%	5 3,8%	7 5,4%	130 100%

A tabela permite observar que, se forem somadas as alternativas “frequente” e “já fui alguma vez”, os números de jovens que conhecem o CEU é muito alto, correspondendo a 75,6% das meninas do 3º ano, 84,6% dos meninos do 3º ano, 83,5% das meninas da 8ª série e 90,8% dos meninos da 8ª série. No caso dos últimos, viu-se que quase a totalidade dos entrevistados da pesquisa conhece o equipamento.

Também quando analisada somente a alternativa “frequente” isoladamente, são ainda os meninos da 8ª série aqueles que mais afirmaram ir ao CEU Lajeado, equivalendo a 50,8%. Logo após estes, aparecem os meninos do 3º ano (49,2%) e as usuárias habituais da 8ª série (43,5%). Entretanto, é importante notar que no caso das meninas e meninos do 3º ano e meninas da 8ª série as porcentagens dividem-se quase que exclusivamente entre aqueles que frequentam ou já foram alguma vez, mas não são usuários costumeiros (40% para meninas e meninas da 8ª série e 35,4% para meninos do 3º ano). Por último, das meninas do 3º ano, apenas 27,8% frequenta habitualmente o local. A maioria delas, 47,8%, já foi ao lugar sem ter se tornado usuária. Desta forma, percebe-se que a frequência ao CEU é mais masculina que feminina, atingindo mais o alunos da 8ª série do que aqueles do 3º ano.

A frequência ao CEU Lajeado também foi analisada em termos da proximidade das escolas dos estudantes. Tendo-se em vista que todas as escolas participantes da pesquisa são públicas, sabe-se que os alunos são alocados nas unidades escolares perto de suas residências. A tabela a seguir mostra a frequência ao CEU a partir das escolas pesquisadas.

Tabela A.48: Caracterização da variável “frequência ao CEU Lajeado” por escolas pesquisadas.

Escola	Frequente	Não frequente	Total
EMEF Laranja	32 71,1%	13 28,9%	45 100%
E.E. Verde	26 28,9%	64 71,1%	90 100%
E.E. Vermelha	66 59,5%	45 40,5%	111 100%
E.E. Marrom	28 27,7%	73 72,3%	101 100%
EMEF Amarela	16 43,2%	21 56,8%	37 100%
EMEF Azul	5 31,3%	11 68,8%	16 100%

Vê-se que o grupo que apontou mais frequentar o CEU é formado pelos alunos da EMEF Laranja localizada dentro do próprio equipamento. Muitos dos entrevistados da 8ª série e alunos da EMEF alocada no CEU disseram fazer outras atividades além do estudo regular no local. Contudo, durante a conversa com os jovens da 8ª série, alguns afirmaram não concordar que quem estuda no CEU o frequenta mais para outras atividades além da escola.

Para uma das entrevistadas da 8ª série e estudante da EMEF dentro do CEU, os jovens já teriam em casa o que necessitam, não havendo razão para frequentá-lo:

Aluna 7/8ª: Eu acho que não [...] porque você estuda e vai embora, tem que fazer a lição do outro dia.

Aluno 1/8ª série responde: Só você.

Aluna 3/8ª série: Muitas das coisas que os jovens querem, eles já tem dentro de casa. Então porque eles viriam aqui?.

Aluna 4/8ª série: Eu passo o dia todo aqui no CEU. Eu faço aula de violão...

Em seguida aos alunos da EMEF Laranja, tem-se os alunos da E.E. Vermelha (59,5%) e da EMEF Amarela (43,2%). E depois, com porcentagens menores, os alunos da EMEF Azul (31,3%), da E.E. Marrom (27,7%) e da E.E. Verde (29,8%). Nota-se que, no caso da E.E. Vermelha, a proximidade ao CEU pode ser também uma das razões para uma frequência maior ao local.

No entanto, se observadas as duas outras EMEFs, Amarela e Azul, localizadas mais distantes em comparação às outras duas E.E.s, Marrom e Verde, pode-se inferir que a proximidade não é o fator preponderante para a frequência. Em especial no caso da EMEF Amarela, localizada em região mais afastada, já próxima a estação de trem de Guaianases. Conclui-se, assim, que possivelmente a idade seja mais importante que a localidade de moradia, pois as EMEFs só atendem aos alunos da 8ª série enquanto nas E.E.s foram entrevistados também alunos do 3º ano. Este dados corroboram a afirmação anterior de que são os meninos da 8ª série os maiores frequentadores do CEU Lajeado.

Além da frequência, buscou-se descobrir as razões que motivam os jovens a frequentar o local. As **tabelas A.49 e A.50** mostram que as motivações de ambos os sexos se assemelham independentemente da série/ano. Para os meninos, as principais razões para a frequência ao CEU são jogar bola (52,7% do 3º ano e 61% da 8ª série), encontrar amigos (45,5% do 3º ano e 49,2% da 8ª série) e fazer aulas de esportes (29,1% do 3º ano e 34,7% da 8ª série). E, para as meninas, são encontrar amigos (38,2% do 3º ano e 37,8% da 8ª série), ir ao teatro (26,5% do 3º ano e 27,1% da 8ª série), ir a aulas de esportes (22,1% do 3º ano e 22,9% da 8ª série) e jogar bola (20,6% do 3º ano e 20,8% da 8ª série).

Estes fatos mostram que, no caso dos meninos, as atividades realizadas no CEU são em muito semelhantes às suas atividades mais comuns nos momentos de tempo livre. Já no

caso das meninas, nota-se que aquelas que vão ao CEU têm maior interesse em atividades esportivas que as demais participantes na pesquisa.

Tabela A.49: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (a).

Série/Ano	Sexo	Descansar e relaxar	Amigos	Cursos	Escola técnica	Aulas de esportes	Atividade física sozinho	Jogar bola	Férias	Dançar	Piscina
3	Meninas	10 14,7%	26 38,2%	10 14,7%	6 8,8%	15 22,1%	3 4,4%	14 20,6%	3 4,4%	5 7,4%	7 10,3%
	Meninos	8 14,5%	25 45,5%	5 9,1%	3 5,5%	16 29,1%	4 7,3%	29 52,7%	2 3,6%	8 14,5%	7 12,7%
8	Meninas	7 7,3%	36 37,5%	23 24%	16 16,7%	22 22,9%	6 6,3%	20 20,8%	10 10,4%	17 17,7%	23 24%
	Meninos	32 27,1%	58 49,2%	31 26,3%	23 19,5%	41 34,7%	16 13,6%	72 61%	14 11,9%	12 10,2%	31 26,3%

Tabela A.50: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (b).

Teatro	Internet	Cinema	Luta	Oficinas	Histórias	Show	Biblioteca	Outro	Total
18 26,5%	13 19,1%	7 10,3%	2 2,9%	4 5,9%	2 2,9%	11 16,2%	13 19,1%	7 10,3%	68 100%
9 16,4%	8 14,5%	11 20%	2 3,6%	4 7,3%	2 3,6%	13 23,6%	10 18,2%	1 1,8%	55 100%
26 27,1%	23 24%	18 18,8%	4 4,2%	8 8,3%	7 7,3%	15 15,6%	28 29,2%	7 7,3%	96 100%
18 15,3%	32 27,1%	31 26,3%	14 11,9%	6 5,1%	3 2,5%	25 21,2%	22 18,6%	9 7,6%	118 100%

Depois do mapeamento dos frequentadores, suas escolas de origem e atividades de interesse, voltou-se o olhar para o próprio CEU Lajeado. Desta forma, os jovens foram perguntados sobre suas opiniões quanto a diversos aspectos do equipamento, sendo eles: recepção, horário de funcionamento, localização, liberdade de ação dentro do equipamento, lotação, manutenção, frequentadores, segurança, divulgação, qualidade da programação, qualidade de cursos e oficinas, interesse despertado pela programação, facilidade para inscrição, qualidade do trabalho dos oficinairos e professores, diálogo com funcionários, possibilidade de sugestão e alteração de atividades, possibilidade de utilização sem funcionário e participação nas decisões. Destes, quatro estão associados diretamente à frequência ao CEU. Os cruzamentos estatísticos por meio dos testes qui-quadrado, já

mencionados na metodologia, revelaram que a qualidade da programação, a possibilidade de sugestão de atividades, a possibilidade de utilização sem funcionários e a participação nas decisões influenciariam a ida ao CEU Lajeado.

Por meio da observação da **tabela A.51**, vê-se que a maioria dos jovens considera a qualidade da programação boa ou muito boa. Os índices, no caso do 3^a ano, são superiores a 63% e, no caso da 8^a série, variam entre 73,5% (meninas) e 44,5% (meninos). A tendência entre os meninos da 8^a série foi distribuir-se entre classificar a programação como boa, ruim e regular. É interessante notar que aqueles que mais vão ao CEU têm uma visão menos homogênea sobre a qualidade da programação. Por outro lado, as meninas do 3^o ano, mesmo pouco indo ao CEU, foram quem melhor qualificou a programação oferecida (63,6%).

Tabela A.51: Caracterização da variável “qualidade da programação do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	3 6,8%	13 29,5%	28 63,6%	44 100%
	Meninos	6 14,6%	9 22,0%	26 63,4%	41 100%
8	Meninas	8 11,8%	10 14,7%	50 73,5%	68 100%
	Meninos	24 27,0%	25 28,1%	40 44,9%	89 100%

De certa maneira, o mesmo movimento pode ser percebido, quando observada a **tabela A.52** a seguir, no que diz respeito à possibilidade dos jovens fazerem sugestões para novas atividades. Vê-se que aqueles que mais frequentam habitualmente são os jovens que menos percebem-na como factível.

Tabela A.52: Caracterização da variável “possibilidade de sugestão de atividades ao CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	10 23,3%	9 20,9%	24 55,8%	43 100%
	Meninos	5 13,9%	13 36,1%	18 50%	36 100%
8	Meninas	27 41,5%	8 12,3%	30 46,2%	65 100%
	Meninos	42 47,7%	18 20,5%	28 31,8%	88 100%

Dessa forma, 55,8% das meninas do 3^a ano afirmaram achar boa a possibilidade de sugestão de atividades. Os meninos da mesma série não ficaram muito atrás, com 50%. Já as meninas da 8^a série dividiram-se entre bom/muito bom (46,2%) e ruim/muito ruim (41,5%). Já para os meninos da 8^a série o quadro é distinto. Há mais meninos que consideram como ruim/muito ruim (47,7%) que bom/muito bom (31,8%).

Tendo em vista os dados expostos acima, poder-se-ia pensar que as jovens do terceiro ano teriam uma visão melhor sobre a participação nas decisões do CEU. No entanto, não parece que a boa avaliação da possibilidade de sugestão de atividades para a programação tenha resultado, a partir da opinião expressa pelos jovens, em participação efetiva no equipamento pelo menos para a meninas do 3^o ano, como aponta a **tabela A.53**.

Tabela A.53: Caracterização da variável “participação nas decisões sobre o CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	18 40,9%	13 29,5%	13 29,5%	44 100%
	Meninos	11 29,7%	11 29,7%	15 40,5%	37 100%
8	Meninas	24 36,9%	16 24,6%	25 38,5%	65 100%
	Meninos	47 54%	22 25,3%	18 20,7%	87 100%

Tanto as meninas do 3^o ano, quanto os jovens da 8^a série foram os grupos que pior qualificaram a participação nas decisões do CEU. Para os meninos da 8^a série fica evidente a pouca percepção que estes têm de sua participação no equipamento. De maneira distinta, os meninos do 3^o ano mantêm sua qualificação como boa para a participação, evidência talvez de uma maior participação dos jovens mais velhos do sexo masculino que dos demais usuários.

Em certa medida, os dados apresentados na **tabela A.54** corroboram uma maior facilidade de uso e pertencimento ao equipamento dos jovens mais velhos. São os meninos e meninas do 3^o ano que melhor qualificam o uso do equipamento de forma autônoma, isto é, na ausência de professores ou monitores. Uma vez mais a porcentagem das meninas da 8^a série (47,8%) não se distingue fortemente daquela dos alunos do 3^a ano (53,2% meninas e 59,5% meninos). Contudo, os mais novos parecem encontrar mais barreiras para o livre uso e 43,3% dos meninos da 8^a série demonstram isto ao qualificarem este item como ruim/muito ruim.

Tabela A.54: Caracterização da variável “possibilidade de utilização do CEU Lajeado sem acompanhamento de funcionários” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	9 19,1%	13 27,7%	25 53,2%	47 100%
	Meninos	5 13,5%	10 27%	22 59,5%	37 100%
8	Meninas	22 31,9%	14 20,3%	33 47,8%	69 100%
	Meninos	39 43,3%	19 21,1%	32 35,6%	90 100%

Observadas as tabelas com associação estatística, far-se-á uma breve discussão dos dados apresentados relativos à qualificação de outros aspectos do CEU Lajeado. De maneira geral, os outros aspectos analisados na pesquisa foram bem qualificados pelos estudantes. Os quesitos horário de funcionamento, localização, lotação, manutenção, frequentadores, divulgação, qualidade de cursos e oficinas, bem como a qualidade do trabalho de professores, oficinheiros e funcionários (vide **tabelas B.23, B.24, B.25, B.26, B.27, B.28, B.29 e B.30** anexas) obtiveram qualificações superiores ou próximas a 50% como boas/muitas boas. Não havendo um grupo que tenha apresentado uma frequência nas outras possibilidades de qualificação de destaque.

Durante as entrevistas com os jovens, muitos foram os elogios às instalações do CEU. No entanto, um estudante do 3º ano se mostrou reticente dada à grande abertura a comunidade, já que também existem escolas no lugar:

Falta um pouco [de organização] porque é um lugar de lazer e todo mundo pode entrar, entendeu, e é uma escola também. Aí como entram muitas pessoas acaba não passando aquela segurança que deveria passar. Há muitos vídeos gravados de pessoas fazendo coisas erradas lá. (Aluno 1/3º ano)

Também nas entrevistas, notou-se que, se por um lado os jovens gostam das instalações, muitos ainda pensam a programação como não estimulante. Para os meninos do 3º ano não há nada que “chame sua atenção” no CEU Lajeado:

Não tem nenhum atrativo, devia ter algum atrativo para nossa idade. Eu só vou quando tem campeonato. (Aluno 2/ 3º ano)

Fui lá uma vez fazer a carteirinha da piscina para nunca nadar. (Aluno 5/3º ano)

Eu já assisti show de amigos meus que tocou lá, [vou lá] pra ver os amigos meus jogando bola de campeonato. Nunca participei de nenhum evento... Particularmente para mim não tem nada que, sei lá, ia acrescentar no que eu quero, no que eu gosto. (Aluna 1/3º ano)

É que não tem nada que chame nossa atenção lá. (Aluno 2/3º ano)

A única coisa que tem é o futebol. (Aluno 6/3º ano)

O Aluno 2/3º ano completa que outra razão para a baixa frequência ao CEU e aos outros lugares da pesquisa é a falta de apoio governamental. Para ele, o governo inaugura os espaços e “não faz nada para manter o lugar”, como no caso do CEU Lajeado, em que não havia verbas para a realização de eventos e contratação de atrações:

[...] E como eles querem sustentar uma coisa para os jovens sem dar, deixar uma renda no local, como eles querem manter um DJ, manter um espaço [...]. (Aluno 2/3º ano)

Entretanto, nem todos no grupo concordam com seu ponto de vista. A entrevistada 4/3º ano afirma que os interesses de seu grupo de idade reside em baladas e festas, “não em atividades culturais”. Ela disse já ter feito cursos no CEU Lajeado quando participava de um projeto de uma associação das redondezas e ter ficado muito satisfeita. Só parou porque começou a trabalhar. Para ela, a pouca frequência de pessoas da região não é culpa de falta de incentivo:

O Parque Lajeado eu acho [que abandonaram], mas o CEU. [...] Eu acho que é mais porque o jovem de hoje do 3º ano querem mais ir para uma festa, ficar bebendo, fumando e curtindo. Não está mais querendo fazer eventos e coisas legais assim. Eu acho que falta o interesse da pessoa e não do lugar. Por isso que eu não concordei com o fato dele ter falado [...] que abandonaram o CEU Lajeado. Porque não, se você vai, se você corre atrás para conseguir, lá eles te dão toda atenção. Como eu já fiz. Eu acho que é por falta de interesse... “ah, vou ficar em casa, jogar uma bola não sei onde, vou fazer isso e aquilo”. A maioria dos adolescentes hoje quer mais isso, drogas, bebidas, festas, homens mulheres e mulheres homens. E assim por diante. (Aluna 4/3º ano)

Mas quais os atrativos do CEU para você, o que traz para você? Você trabalhando? Você trabalhando, qual o tempo que você tem lá trabalhando e estudando, o que você pode fazer lá? (Aluno 2/3º ano)

De sábado tem aulas de luta. Por exemplo, o jiu-jitsu era de sábado. (Aluna 4/3º ano)

Então, aos sábado, muitas pessoas trabalham. (Aluno 2/3º ano)

Os demais jovens concordaram com o Aluno 2/3º ano. Segundo eles, nada os tiraria de casa num sábado depois de uma semana de trabalho – somente uma festa ou um bom campeonato de futebol. Caso contrário, preferem descansar. Dessa forma, percebe-se que os

entrevistados reconhecem a qualidade do CEU, mas não encontram em sua programação coisas que dialoguem com suas necessidades. Isto é, ao mesmo tempo em que o bem qualificam, não o frequentam.

Quanto à recepção, ainda que os jovens a tenham avaliado bem, aqueles da 8ª série o fizeram em até 40% (ver **tabela B.31** anexa). Referindo-se à liberdade no uso do CEU, ao diálogo estabelecido com gestores e funcionários, à facilidade de inscrição nas atividades, ao interesse despertado pelas atividades e à segurança, os meninos da 8ª série tiveram um comportamento diferente dos demais entrevistados (ver **tabelas B.32, B.33, B.34, B.35 e B.36** anexas). Diferentemente dos outros estudantes, os meninos da 8ª série dividiram-se quase totalmente entre aqueles que consideravam cada um dos itens avaliados como “bom/muito bom” e “ruim/muito ruins”. Mais uma vez revela-se que, apesar de serem os maiores frequentadores do CEU Lajeado, os meninos 8ª série da também são aqueles que mais encontram percalços em seus uso.

Notou-se ainda que os meninos da 8ª série mostraram não saber ao certo as atividades e serviços oferecidos pelo CEU. Eles mencionaram a necessidade de acesso gratuito à internet. Contudo, este serviço já é oferecido pelo CEU. Aqueles que sabiam do serviço, incluindo-se aí as meninas da 8ª série, reclamavam do seu mau funcionamento. Porém, eles não sabiam que a senha de uso gratuito expira semanalmente e, por isso, deixaram de acessar a internet:

Aluno 1/8ª série: Mas não são só jovens que frequentam. Tem a comunidade também. Deveria ter atividade, tipo caminhada organizada...

Aluna 3/8ª série: Mas tem!

Aluno 1/8ª série: Tem lá com nome e tudo?

Aluna 3/8ª série: Você é tão informado que tem.

Além disso, observou-se que as reclamações sobre os seguranças partem mais dos usuários mais jovens que daqueles do 3º ano. Durante a conversa com os estudantes da 8ª série, estes reclamaram dos constantes “apitos dos seguranças”. Para eles, os seguranças seriam “chatos”, mas ao mesmo tempo, teriam de sê-lo para desempenhar sua função:

Aluno 1/8ª série: Eles não são chatos, eles são rígidos.

Aluna 7/8ª: Eles só estão fazendo o trabalho deles. Não é culpa deles, eles vêm tudo. Isso não é bom pra gente...

Por fim, estabeleceu-se um perfil médio dos frequentadores habituais do CEU Lajeado através do cruzamento da frequência ao CEU Lajeado com outras variáveis e da realização em alguns casos também do teste qui-quadrado. As variáveis em que o teste qui-quadrado mostrou correlação com a frequência ao CEU Lajeado foram: ter filhos, tipo de trabalho, horas trabalhadas, salário, tempo de residência no bairro, pai e mãe trabalhando, escolaridade dos pais, tipo de moradia; preferência por assistir filmes, ler notícias, jogos eletrônicos, prática esportiva, frequência a parques e clubes, participação em atividades artísticas, ir a baladas e festas, ir ao teatro, usufruir do tempo de lazer e diversão mais no próprio bairro. Prontamente, pode-se dizer que grande parte das variáveis com correlação descrevem as preferências dos hábitos dos meninos da 8ª série. Outras, como tipo de moradia e filhos, não demonstram ter, quando da análise das tabelas, por parte dos frequentadores do CEU um perfil muito distinto dos demais entrevistados. Assim, por exemplo, ter uma moradia própria seria uma característica dos frequentadores do CEU e também de todos os jovens participantes da pesquisa.

Feito este adendo, nota-se que os frequentadores passam a maior parte de seu tempo livre (ver **tabela B.37** anexa) em conversas com amigos, gostam um pouco mais que os outros de assistir a filmes (ver **tabela B.38** anexa) e obtêm informações de lazer com seus amigos (86,1%) e através do boca a boca (44,7%) (ver **tabela B.39** anexa). São estudantes majoritariamente da escola dentro do CEU, E.E. Vermelha ou das outras duas EMEFs pesquisadas.

Em sua vasta maioria os frequentadores do CEU não trabalham (ver **tabela B.41** anexa) e, quando o fazem, pertencem, em grande parte ao mercado informal, 29,8% (ver **tabela B.40** anexa). Aqueles que trabalham têm salários em geral de até 1 salário mínimo e trabalham cerca de 10h/semana (ver **tabelas B.42 e B. 43** anexas). O mesmo perfil têm aqueles que já foram alguma vez, mas não retornaram ao CEU Lajeado. No entanto, este segundo grupo conta também com pessoas que têm renda entre 3 e 4 salários mínimos (vide **tabela B.44** anexa). No caso daqueles que já ouviram falar do local sem terem ido ao mesmo, há uma maior distribuição entre as rendas, variando de 1 a 2 salários mínimos. Já quanto àqueles que nem ouviram falar do local, verifica-se um número ainda maior de pessoas com renda de até um salário mínimo, o que indica que os que são ainda mais pobres não tem sequer o conhecimento da existência do CEU⁴¹.

⁴¹ Infelizmente, como muitos entrevistados não souberam ou quiseram afirmar sua renda familiar, não foi possível traçar um perfil mais exato destes no que tange a este aspecto (ver **tabela A.53**). Pode-se afirmar apenas que a maioria que frequenta o CEU Lajeado não sabe sua renda familiar (34%) ou tem renda entre um e dois

Quanto a jogos e atividades de diversão, como são os meninos da 8ª série os maiores frequentadores do CEU e também aqueles que mais assinalaram ter nos jogos eletrônicos um dos seus hábitos de lazer, vê-se como característica dos frequentadores o hábitos dos jogos eletrônicos (ver **tabela B.45** anexa). Mais que os jogos eletrônicos, aqueles que frequentam o CEU praticam esporte com mais frequência que os demais (vide tabela **B.46** anexa), principalmente quando observada a concentração daqueles que fazem atividades físicas entre as 3 frequências de assiduidade ao CEU Lajeado (“sempre”, “pelo menos 1 vez por semana” e “pelo menos 1 vez ao mês”). Além da maior prática de atividades esportivas, os frequentadores do CEU Lajeado tendem a ir mais a parque e clubes (ver **tabela B.47** anexa), tendo também mais interesse que os outros entrevistados em atividades artísticas (ver **tabela B.48** anexa).

Mais uma vez, vê-se que, ainda que não haja uma maioria absoluta daqueles que sempre fazem atividades artísticas, há maior distribuição entre os frequentadores do CEU Lajeado nas três frequências de prática deste tipo de atividade. Isto pode ser claramente observado se comparado à categoria dos que nunca vão ao CEU, uma vez que 66, 7% destes disseram também nunca participar de atividades artísticas. Finalmente, quanto menor a proximidade ao CEU, nunca ter ido ou ouvido falar, menor é a frequência às festas e “baladas”, configurando 50% nos dois casos (ver **tabela B.49** anexa).

Sendo assim, vê-se que em todos os sexos e série/ano, os entrevistados conhecem o CEU Lajeado em mais de 75%. Os meninos são seus maiores usuários habituais, com destaque para aqueles da 8ª série. Já as meninas do 3º ano são as que menos vão ao local ou sabem de sua existência. Os frequentadores habituais, como já dito, são da EMEF Amarela, dentro do CEU, da E.E. Vermelha ou das duas outras EMEFs pesquisadas. Parecendo, assim, ser o fator série mais importante que a distância para a ida ao CEU Lajeado. Os meninos das duas séries/anos vão para encontrar amigos, jogar bola, descansar e relaxar e fazer aulas de esporte. Ainda que as meninas também vão para encontrar amigos, jogar bola e praticar atividades esportivas, estas procuram ainda ir ao teatro (meninas do 3º ano).

A qualificação dos aspectos relativos ao CEU foram, em sua maioria, bom/muito bons. No entanto, percebeu-se que os meninos da 8ª série, os maiores frequentadores do local, tiveram uma visão distinta quanto a isso. Suas qualificações se dividiram entre aqueles que

salários mínimos (22%). O mesmo acontece com que aqueles que já foram e não retornaram ao local: 29,9% não sabem sua renda familiar e 19,5% têm renda entre um e dois salários mínimos. Já no caso daqueles que ouviram falar mas nunca foram ao equipamento, vê-se que a maioria (25%) tem renda familiar entre 3 e 4 salários mínimos, demonstrando, possivelmente, um interesse reduzido para com o equipamento por parte das famílias que tem maior poder aquisitivo.

consideram os aspectos do CEU bom/muito bons e ruim/muito ruins. Uma vez que este mesmo comportamento não foi notado nos meninos do 3º ano, que, pelo contrário, avaliaram-no como muito bem, infere-se que haveria talvez uma maior dificuldade de uso do CEU Lajeado pelos meninos mais jovens.

Por fim, conclui-se que o perfil do usuário médio do CEU Lajeado é menino da 8ª série que conversa muito com os amigos e gosta mais de assistir a filmes. É estudante da EMEF dentro do CEU ou das outras duas observadas. Não trabalha e, se o faz, pertence ao mercado informal. Gosta de jogos eletrônicos e pratica atividades esportivas, tendo o hábito de frequentar parques e clubes. Também gosta de atividades artísticas mais que os outros e vai muito a baladas e festas.

4.2 PARQUE LAJEADO

[...] Lá é um lugar que a gente sabe que tá ali, mas não tem nenhum evento. Não tem nenhum atrativo. É pequeno.
(Aluno 1/3º ano)

Dentre os três equipamentos pesquisados, o Parque Lajeado foi o segundo lugar a ser mais frequentado ou, ao menos, conhecido pelos jovens entrevistados. Viu-se que mais de 80% dos jovens de todos os sexos e séries/anos ao menos ouviu falar do Parque Lajeado. A tabela a seguir mostra que 55,2% das meninas e 60% dos meninos do 3º ano, bem como 58,5% das meninas e 60,7% dos meninos da 8ª série já foram ao parque em algum momento.

Tabela A.55: Caracterização da variável “Frequência ao Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Frequenta	Já fui alguma vez, mas não frequento	Já ouvi falar, mas nunca fui	Nunca ouvi falar deste local	Total
3	Meninas	16 18,4%	32 36,8%	28 32,2%	11 12,6%	87 100%
	Meninos	7 11,7%	29 48,3%	17 28,3%	7 11,7%	60 100%
8	Meninas	29 26,1%	36 32,4%	27 24,3%	19 17,1%	111 100%
	Meninos	42 33,1%	35 27,6%	29 22,8%	21 16,5%	127 100%

Os jovens da 8ª série foram aqueles que mais disseram frequentar o local sempre: 33,1% dos meninos e 26,1% das meninas. Contudo, observou-se que apenas no grupo dos meninos da 8ª série há mais alunos que vão ao lugar na frequência sempre (33,1%) que nas

demais. Para as meninas da 8ª série há uma inversão deste quadro: há mais meninas que já visitaram o local sem terem se tornado usuárias habituais (32,4%). Durante a conversa com os jovens da 8ª série, estes disseram ter ido ao parque para acompanhar parentes mais velhos ou “curiar”⁴². Algumas meninas afirmaram também terem ido para passear com as amigas algumas vezes. A Aluna 5/8ª série afirmou que muitas pessoas também vão lá para “dar ‘uns pegadas’⁴³ nos meninos” e para “cabular aula”⁴⁴.

No que se refere aos jovens do 3º ano, são as meninas (18,4%) quem sempre frequentam mais. Pode-se afirmar, a respeito delas também, que muitas conhecem o parque sem frequentá-lo habitualmente (36,8%) ou já ouviram falar de sua existência sem tê-lo visitado (32,2%). Os meninos do 3º ano, porém, demonstraram em geral conhecer o Parque sem ter retornado após sua visita (48,3%). Na conversa com os jovens do 3º ano, muitos disseram ir ao parque para cabular aula. Eles afirmaram também terem ido ao local para conhecer, mas não ficaram interessados em retornar:

Aluno 5/3º ano: Só ia muita gente quando inaugurou.

Aluno 1/3º ano: Assim, era meio que um lugar novo que as pessoas queriam conhecer. Mas lá é um lugar que a gente sabe que tá ali, mas não tem nenhum evento. Não tem nenhum atrativo. É pequeno.

Assim como feito com relação ao CEU Lajeado, observou-se também a frequências dos estudantes por escola. Esta variável, como dito anteriormente, visou analisar se a proximidade da escola e, por conseguinte, provavelmente da residência dos jovens, tem um efeito maior ou menor na participação de suas atividades. Nota-se na tabela a seguir que as escolas com maiores porcentagens foram as mesmas do CEU Lajeado: E.E. Vermelha (30,6%), EMEF Amarela (29,7%) e EMEF Laranja (29,5%).

Mais uma vez, as duas primeiras escolas estão localizadas mais próximas ao Parque Lajeado, enquanto a EMEF Amarela fica mais distante. Contudo, o Parque Lajeado é o equipamento mais central em relação às escolas pesquisadas, logo, todas as escolas estão relativamente à mesma distância dele.

⁴² Observar com curiosidade, xeretar.

⁴³ Beijar, dar uns amassos.

⁴⁴ Faltar na escola.

Tabela A.56: Caracterização da variável “frequência ao Parque Lajeado” por escolas pesquisadas.

Escolas	Frequente	Não frequente	Total
EMEF Laranja	13 29,5%	31 70,5%	44 100%
EMEF Amarela	11 29,7%	26 70,3%	37 100%
EMEF Azul	4 25%	12 75%	16 100%
E.E. Marrom	19 20,7%	73 79,3%	92 100%
E.E. Verde	14 15,9%	74 84,1%	88 100%
E.E. Vermelha	33 30,6%	75 69,4%	108 100%

Sendo assim, esta ressalva é indicativa uma vez mais de que a proximidade não é decisiva para a frequência neste caso, assim como não o foi para o CEU Lajeado. A E.E. Verde está mais próxima que a EMEF Azul, tendo a última 10% a mais de frequentadores no parque por exemplo. Além disso, a maior frequência dos alunos das EMEFs corrobora o explicitado anteriormente sobre a maior ida ao parque por parte dos meninos da 8ª série. Desta forma, infere-se aqui também que série/ano é um elemento mais relevante que localidade da escola ou moradia.

Os motivos alegados pelos jovens para a frequência ao Parque Lajeado foram relativamente parecidos em ambos os sexos e série/ano, como demonstram as tabelas que seguem.

Tabela A.57: Caracterização da variável “motivo de frequência ao Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (a).

Série/Ano	Sexo	Descansar e relaxar	Amigos	Cursos	Escola técnico	Aulas esportivas	Atividade física sozinho	Jogar bola	Férias	Dançar	Piscina
3	Meninas	17 35,4%	20 41,7%	1 2,1%	1 2,1%	3 6,3%	4 8,3%	3 6,3%	0 0%	1 2,1%	1 2,1%
	Meninos	10 27,8%	13 36,1%	2 5,6%	0 0%	2 5,6%	3 8,3%	3 8,3%	0 0%	2 5,6%	0 0%
8	Meninas	28 43,1%	39 60%	0 0%	0 0%	1 1,5%	3 4,6%	3 4,6%	2 3,1%	6 9,2%	0 0%
	Meninos	24 31,2%	29 37,7%	5 6,5%	4 5,2%	7 9,1%	5 6,5%	13 16,9%	2 2,6%	2 2,6%	2 2,6%

Tabela A.58: Caracterização da variável “motivo de frequência ao Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados (b).

Piscina	Teatro	Internet	Cinema	Luta	Oficinas	Historias	Show	Biblioteca	Outro	Total
1 2,1%	1 2,1%	2 4,2%	2 4,2%	1 2,1%	0 0%	1 2,1%	4 8,3%	1 2,1%	1 2,1%	48 100%
0 0%	1 2,8%	0 0%	1 2,8%	0 0%	1 2,8%	1 2,8%	0 0%	0 0%	1 2,8%	36 100%
0 0%	0 0%	1 1,5%	0 0%	1 1,5%	0 0%	0 0%	4 6,2%	1 1,5%	4 6,2%	65 100%
2 2,6%	3 3,9%	2 2,6%	2 2,6%	2 2,6%	2 2,6%	3 3,9%	0 0%	3 3,9%	3 3,9%	77 100%

As meninas vão ao parque para descansar e relaxar (35,4% das meninas do 3º ano e 43,1% das meninas da 8ª série), encontrar amigos (41,7% das meninas do 3º ano e 60% das meninas da 8ª série) e fazer atividade física sozinhas/ir a shows (8,3% das meninas do 3º ano). Os meninos também têm, nos amigos e no descanso, suas maiores motivações para a frequência ao parque. Eles vão ao local para encontrar amigos (36,1% dos meninos do 3º ano e 37,7% dos meninos da 8ª série), descansar e relaxar (27,8% dos meninos do 3º ano e 31,2% dos meninos da 8ª série) e jogar bola (8,3% dos meninos 3º ano e 16,9% dos meninos da 8ª série). É válido pontuar que, em geral, não há a realização de shows dentro do parque. O local, como dito anteriormente, foi pensado por sua gestão como um lugar para a contemplação da natureza e de descanso. Dessa forma, acredita-se que os jovens refiram-se a shows de *funk* ou encontros de “bondes” ou “famílias” que aconteceram algumas vezes fora da área interna do parque. Também a atividade jogar bola só pode ser realizada de forma rudimentar em um descampado pequeno liberado pela gestão do Parque. Há o receio de que a prática deste esporte destrua alguns exemplares da flora disponíveis no local.

Finalizada a análise da frequência e seus motivos, mais uma vez observou-se alguns aspectos relacionados ao funcionamento do Parque Lajeado. Aos jovens que afirmaram frequentar o Parque Lajeado foi pedido que qualificassem os mesmos aspectos supracitados no item sobre o CEU Lajeado⁴⁵. Dos 96 frequentadores, 86 pessoas realizaram a qualificação. No entanto, o teste qui-quadrado não mostrou nenhuma correlação entre a qualificação destes

⁴⁵ Recepção, horário de funcionamento, localização, liberdade dentro do equipamento, lotação, manutenção, frequentadores, segurança, divulgação, qualidade da programação, qualidade de cursos e oficinas, interesse despertado pela programação, facilidade para inscrição, qualidade do trabalho dos oficinairos e professores, diálogo com funcionários, possibilidade de sugestão e alteração de atividades, possibilidade de utilização sem funcionário e participação nas decisões.

itens e a frequência habitual ao Parque Lajeado. Logo, optou-se por uma mirada panorâmica sobre todas as variáveis referentes ao parque.

Primeiramente, algumas variáveis foram bem qualificadas por todos os entrevistados como muito boa/boa, equivalendo a 50% ou mais: localização, manutenção, qualidade do trabalho desenvolvido pelos funcionários, facilidade para a inscrição nas atividades e estabelecimento de diálogo com os funcionários (ver **tabelas B.50, B.51, B.52, B.53 e B.54** anexas). Os frequentadores do Parque Lajeado (ver **tabela B.55** anexa) também foram bem qualificados pelos entrevistados, fato mencionado como uma boa característica do Parque em comparação a outros da região, como o Parque Chácara das Flores. Os jovens nas entrevistas revelaram temer que o Parque Lajeado torne-se parecido com Chácara das Flores no futuro:

Aluno 1/3º ano: Meu medo agora é o Parque ficar igual ao Parque do Nazaré. Não adianta deixar um espaço de lazer lá sem estrutura para manter.

Aluno 2/3º ano: Porque o que eles fazem é isso, eles inauguram e ficam uma par de gente. Não tem reforma e manutenção. Não tem nada lá e depois de um dois meses já era.

Ainda, foi também bem qualificada a liberdade desfrutada dentro do parque pelos usuários no que se refere ao seu trânsito sem monitoramento (ver **tabela B.56** anexa). Essa boa qualificação da liberdade é corroborada, de certa maneira, pela opinião de meninas e meninos a respeito da utilização do parque sem o monitoramento de funcionários, acima de tudo os seguranças. No entanto, os meninos do 3º ano têm uma visão menos positiva quanto ao uso sem monitoramento (somente 31,6% o qualificaram como boa), fato que dialoga melhor com as percepções obtidas durante a observação, na qual se viu pouca possibilidade de uso do local sem o olhar dos seguranças e vários conflitos dos usuários com eles.

Por outro lado, outros aspectos do Parque Lajeado receberam qualificações que oscilaram entre boa/muito boa e ruim/muito ruim. É caso da recepção aos usuários do Parque e de sua participação nas decisões (ver **tabelas B.57 e B.58** anexas). Ambas oscilaram entre aproximadamente 50% dos jovens apontando as alternativas bom/muito bom como resposta e os demais 50%, ruim/muito ruim. A exceção foram os meninos da 8ª série, que mais assinalaram a opção ruim/muito ruim (51,3% para recepção e 57,9% para participação nas decisões). Também o quesito segurança (ver **tabela A.59** a seguir) foi bem qualificado por meninas de ambas as séries e não tão bem qualificado pelos meninos, sobretudo os da 8ª série (45,7% disseram ser ruim ou muito ruim).

Tabela A.59: Caracterização da variável “segurança do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	9 37,5%	2 8,3%	13 54,2%	24 100%
	Meninos	7 36,8%	5 26,3%	7 36,8%	19 100%
8	Meninas	10 27%	5 13,5%	22 59,5%	37 100%
	Meninos	16 45,7%	7 20%	12 34,3%	35 100%

A questão da segurança reside, sobretudo, na atenção dada ou não às pequenas trilhas do parque. Os jovens apontaram a existências de “nóias”⁴⁶ nas trilhas ou de jovens namorando. Para eles, os seguranças têm sido negligentes quanto a isto:

Aluna 3/8ª série: É suave fazer essas coisas lá. Tem umas trilhas lá que o pessoal desce e ai eles ficam lá.

Aluna 3/8ª série: Eles [os seguranças] ficam lá sentados no centro do parque.

Aluna 7/8ª série: Por isso o pessoal foge, porque eles ficam ali no centro.

Aluno 2/3º ano: Parece que os seguranças não ajudam, não fazem nada.

Aluno 1/3º ano: Assim, aí todo mundo que tem lá, pessoas... Já vi tanta besteira lá dentro, meu deus do céu. Então, eu vou levar minha irmã para um lugar que tem gente que não presta. [...] Já vi menina bêbada cabulando lá de manhã, minha irmã não ia entender nada.

Quanto à divulgação e à qualidade da programação, não houve uma uniformidade na qualificação (ver **tabelas B.59 e B.60** anexas). A primeira é mais bem qualificada pelas meninas da 8ª série (50% bom/muito bom) e pior qualificada pelos meninos da mesma série (44% ruim/muito ruim). Já a segunda possui qualificações por parte dos meninos de ambas as séries perpassando por todas as categorias em cerca de 30%, enquanto as meninas qualificaram como ruim/muito ruim (em 44%) a qualidade da programação oferecida. Sobre a programação, os jovens entrevistados no grupo comentaram não “haver nada para fazer” no Parque Lajeado. Todas as atividades esportivas que desejariam fazer em um parque são proibidas. Os meninos da 8ª série afirmam que, se houvesse lugares para empinar pipa, andar

⁴⁶ Usuários de drogas.

de *skate* ou patins, o local seria mais frequentado. Já os meninos do 3º ano sentem falta de um cipó⁴⁷ que havia no Parque:

Aluna 3/8ª série: Lá não têm atrativos [...], coisas que as pessoas se interessem.

Aluno 1/3º ano: Não pode andar de bicicleta assim, porque é pequeno. Nem de *skate*.

Aluno 6/3º ano: A única diversão que tinha lá era o cipó, aí tiraram o cipó!

Finalmente, a tabela a seguir mostra que as meninas do 3º ano e os meninos e meninas da 8ª série pesadamente apontam, por um lado, que a possibilidade de sugerir alterações na programação no Parque é boa/muito boa (45,8%, 50% e 40%, respectivamente), e, por outro, a qualificaram com ruim/muito ruim com altas porcentagens (41,7%, 40% e 35,3%, respectivamente).

Tabela A.60: Caracterização da variável “possibilidade de sugestão de alteração na programação do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	10 41,7%	3 12,5%	11 45,8%	24 100%
	Meninos	7 35%	7 35%	6 30%	20 100%
8	Meninas	12 35,3%	5 14,7%	17 50%	34 100%
	Meninos	12 40%	6 20%	12 40%	30 100%

Agora com relação aos frequentadores habituais do parque, a observação das respostas dos entrevistados permitiu, através de cruzamento estatístico, verificar algumas características dos jovens que estão associadas a ir ao Parque Lajeado. A princípio, parecia haver somente as variáveis conversar com amigos, ficar na rua com amigos, ir a parques e clubes, ir a shoppings, ir ao teatro, ir a festas e baladas. No entanto, além destas variáveis, foi possível notar relações entre a ir ao Parque Lajeado e ir ao CEU Lajeado. A **tabela A.61** mostra que quanto maior a frequência ao CEU Lajeado, maior a probabilidade do jovem frequentar ou conhecer o Parque Lajeado. No caso daqueles que nunca ouviram falar do parque, em geral também nunca ouviram falar do CEU (40,9%). Vê-se ainda que as pessoas que já foram e não voltaram ao Parque Lajeado também já foram ao CEU (43%).

⁴⁷ Havia um cipó, planta trepadeira, usado pelos meninos para se pendurarem. A administração o retirou.

Tabela A.61: Caracterização da variável “frequência ao Parque Lajeado” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Frequente	Já fui alguma vez, mas não frequente	Já ouvi falar, mas nunca fui	Nunca ouvi falar deste local	Total
Frequente	58 34,9%	46 27,7%	41 24,7%	21 12,7%	166 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	29 18,4%	68 43%	42 26,6%	19 12%	158 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	3 7,9%	10 26,3%	17 44,7%	8 21,1%	38 100%
Nunca ouvi falar deste local	4 18,2%	8 36,4%	1 4,5%	9 40,9%	22 100%

Sobre as demais variáveis, observa-se primeiro que todos os jovens conversam muito com seus amigos, não havendo assim diferença entre aqueles que frequentam o parque e os demais nesse aspecto. Já quanto à ida à parque e clubes, os jovens que frequentam o Parque Lajeado são aqueles que mais vão a estes lugares, como mostra a tabela a seguir.

Tabela A.62: Caracterização da variável “frequência a parques e clubes” por frequência ao Parque Lajeado.

Frequência Parque Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	30 34,1%	24 27,3%	26 29,5%	8 9,1%	88 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	22 17,3%	22 17,3%	49 38,6%	34 26,8%	127 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	22 22,4%	10 10,2%	37 37,8%	29 29,6%	98 100%
Nunca ouvi falar deste local	18 31,6%	4 7%	14 24,6%	21 36,8%	57 100%

Da mesma forma, quanto maior a frequência dos jovens em atividades na rua com amigos (ver **tabela B.61** anexa), maior a possibilidade destes frequentarem ou terem conhecido o Parque Lajeado (53,4% e 61,2%, respectivamente). Vê-se ainda que aqueles que nunca ficam com os amigos na rua também são aqueles que não ouviram falar no Parque Lajeado ou já ouviram falar sem nunca terem ido até lá. Quanto às últimas variáveis, ir a shoppings e ir a teatros (ver **tabelas B.62** e **B.63** anexas), nota-se que a diferença entre os jovens que frequentam o Parque Lajeado e os demais reside em que os frequentadores afirmam menos “nunca” praticar estas atividades que os demais respondentes da pesquisa.

Por fim, pode-se estabelecer um perfil médio dos frequentadores do Parque Lajeado. São meninos e meninas da 8ª série que estudam na EMEF Laranja ou Amarela e na E.E.

Vermelha. Eles buscam descansar, relaxar e encontrar amigos no equipamento, ficando mais na rua com seus amigos que os demais. Sua qualificação do Parque é, em geral boa, havendo, porém, algumas dificuldades na participação, na recepção e quanto à segurança por parte dos meninos da 8ª série. A questão sobre a segurança está ligada, provavelmente, às dificuldades de relacionamento com os seguranças observada no trabalho de campo. Os frequentadores do Parque Lajeado, em geral, também são frequentadores do CEU Lajeado. Eles têm o hábito mais frequente de ir a clubes e parque, sendo também aqueles que menos afirmam nunca ir a shoppings, teatros e baladas.

Posto isto, viu-se que o Parque Lajeado é o segundo equipamento mais frequentado ou conhecido, sendo os jovens da 8ª série de ambos os sexos seus maiores frequentadores. Os alunos que mais frequentam o Parque são das mesmas escolas que mais frequentam o CEU Lajeado, reforçando os indícios de que a série/ano é mais importante para sua frequência que a distância.

As meninas vão ao lugar para encontrar amigos, relaxar/descansar e fazer atividades físicas sozinhas. Os meninos também vão procurar os amigos, relaxar e descansar no parque. No entanto, afirmam ir ao parque também para jogar bola, atividade proibida no local. O parque Lajeado recebeu qualificação positiva em quase todos os seus aspectos, havendo somente ressalvas feitas pelos meninos da 8ª série quanto à recepção, participação e possibilidade de sugestões, divulgação, qualidade da programação e segurança. Sendo que são aqueles que mais frequentam o lugar os que mais o criticam.

4.3 CENTRO CULTURAL DE GUAIANASES (CCG)

Primeiro, não tem nada; segundo, poucas pessoas sabe que existe.
(Aluna 4/8ª série)

O último equipamento a ser abordado é o Centro Cultural de Guaianases (CCG). Através da tabulação dos dados notou-se que este é o equipamento menos frequentado e menos conhecido da pesquisa. Não há nenhum grupo que possa ser destacado como usuário habitual do local, como mostra a tabela a seguir.

Tabela A.63: Caracterização da variável “frequência ao CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série	Sexo	Frequente	Já fui alguma vez, mas não frequente	Já ouvi falar, mas nunca fui	Nunca ouvi falar deste local	Total
3	Meninas	5 5,7%	7 8%	50 57,5%	25 28,7%	87 100%
	Meninos	5 7,9%	11 17,5%	30 47,6%	17 27%	63 100%
8	Meninas	8 7,4%	16 14,8%	47 43,5%	37 34,3%	108 100%
	Meninos	9 7,3%	23 18,5%	50 40,3%	42 33,9%	124 100%

Observa-se que aqueles que o frequentam variam entre 7,3% a 7,9% do todo. Para as meninas do 3º ano, a porcentagem é ainda menor (5,7%). Contudo, são elas quem mais ouviram falar do CCG sem nunca terem ido ao local. Na verdade, vê-se que a maioria dos jovens de todas as série/anos e sexos já ouviu falar, mas nunca foram ao CCG (porcentagens entre 40% e 50%). Daqueles que desconhecem o CCG, os jovens da 8ª série têm maiores porcentagens que os do 3º ano. Se agrupados aqueles que frequentam àqueles que já foram alguma vez, vê-se que os meninos (25,4% do 3º ano e 25,% da 8ª série) tiveram mais interesse em conhecer o local que as meninas (13,7% do 3º ano e 22,3% da 8ª série).

Nos grupos entrevistados, muitos jovens afirmam já terem passado pelo local sem ter reparado que havia ali um centro cultural. De todos os entrevistados nas conversas apenas duas pessoas do 3º ano já haviam entrado no local: um menino para participar de uma Patrulha Mirim e uma menina para fazer aulas de jiu-jitsu. Os demais jovens disseram acreditar não haver nada para fazer lá:

Não tem nada lá, então eles deveriam colocar mais coisa lá. (Aluno 1/ 8ª série)

Primeiro não tem nada, segundo poucas pessoas sabe que existe. (Aluna 4/ 8ª série)

Como visto na observação de campo, as únicas atividades sendo realizadas que, de certa maneira contemplariam os desejos dos jovens, são as aulas de samba rock, uma vez que a maioria dos voluntários relacionados ao esporte não estão oferecendo oficinas.

Quando observados os 27 alunos que afirmaram frequentar o local (ver **tabelas A.64 e A.65** a seguir), vê-se que as meninas da 8ª série procuram o lugar para dançar (25%),

descansar/relaxar (16,7%) e ir à biblioteca (12,5%). Ressalva-se que não há biblioteca no Centro Cultural. Já as meninas do 3º ano o buscam principalmente para encontrar amigos, acessar a internet e participar de shows (16,7% para todas as opções). Uma entrevistada do 3º ano contou que participou de aulas de jiu-jitsu antes de começar a trabalhar. Atualmente, não acontecem mais aulas desta modalidade visto que o voluntário não se encontra mais no CCG:

Quando eu não trabalhava, eu ia. Eu fui no centro cultural para fazer luta, né. Lá tinha jiu-jitsu se eu não me engano. Só que daí não deu certo porque eu comecei a trabalhar. (Aluna 4/3º ano)

Tabela A.64: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados (a).

Série/Ano	Sexo	Descansar e relaxar	Amigos	Cursos	Escola técnica	Aulas esportivas	Ativ. física sozinho	Jogar bola	Férias	Dançar
3	Meninas	0 0%	2 16,7%	0 0%	1 8,3%	1 8,3%	1 8,3%	1 8,3%	1 8,3%	1 8,3%
	Meninos	3 18,8%	2 12,5%	0 0%	0 0%	1 6,3%	1 6,3%	3 18,8%	1 6,3%	1 6,3%
8	Meninas	4 16,7%	2 8,3%	0 0%	1 4,2%	1 4,2%	0 0%	2 8,3%	1 4,2%	6 25%
	Meninos	2 6,3%	5 15,6%	2 6,3%	3 9,4%	4 12,5%	2 6,3%	4 12,5%	3 9,4%	4 12,5%

Tabela A.65: Caracterização da variável “motivo de frequência ao CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados (b).

Piscina	Teatro	Internet	Cinema	Luta	Oficinas	Historias	Show	Biblioteca	Outro	Total
1 8,3%	1 8,3%	2 16,7%	1 8,3%	1 8,3%	1 8,3%	1 8,3%	2 16,7%	1 8,3%	0 0%	12 100%
1 6,3%	1 6,3%	3 18,8%	1 6,3%	3 18,8%	0 0%	0 0%	1 6,3%	1 6,3%	1 6,3%	16 100%
1 4,2%	0 0%	2 8,3%	2 8,3%	1 4,2%	0 0%	1 4,2%	2 8,3%	3 12,5%	1 4,2%	24 100%
2 6,3%	2 6,3%	3 9,4%	2 6,3%	2 6,3%	1 3,1%	2 6,3%	1 3,1%	3 9,4%	2 6,3%	32 100%

Sobre os meninos, eles vão principalmente para encontrar amigos (12,5% do 3º ano e 15,6% da 8ª série). Os do 3º ano também buscam descansar/relaxar, acessar a internet e praticar lutas (18,8%), enquanto os da 8ª série buscam as aulas de esportes, jogar bola e

dançar (12,5% para todas as opções). Entretanto, não há espaço no CCG para se jogar bola, sendo possível que estes jovens tenham confundido o Centro Cultural Guaianases com outro lugar. O acesso à internet relaciona-se à presença de um Telecentro.

Passando agora a observação da frequência por escolas, vê-se que aquelas com as duas maiores frequências são também as duas maiores frequentadoras do CEU Lajeado: E.E. Vermelha (10,1%) e EMEF Laranja (9,3%). Além delas, aparece a EMEF Azul (7,7%) localizada bem próximo ao CCG. Assim, os visitantes podem ter visitado o local a partir de algum conhecimento obtido no CEU Lajeado ou devido à proximidade do CCG de sua escola. Não é possível relacionar a frequência, neste caso, a série/idade dos alunos, posto que muito poucos são os frequentadores do CCG.

Tabela A.66: Caracterização da variável “frequência ao CCG” por escolas pesquisadas.

Escolas	Frequente	Não frequente	Total
EMEF Laranja	4 9,3%	39 90,7%	43 100%
EMEF Amarela	0 0%	35 100%	35 100%
EMEF Azul	1 7,7%	12 92,3%	13 100%
E.E. Marrom	5 5,3%	90 94,7%	95 100%
E.E. Verde	6 6,9%	81 93,1%	87 100%
E.E. Vermelha	11 10,1%	98 89,9%	109 100%

De modo a verificar possíveis razões para a baixa frequência e desconhecimento da existência do CCG, observou-se aqui também alguns aspectos relacionados ao próprio equipamento⁴⁸. No caso do CCG não foi possível estabelecer correlações estatísticas. No entanto, realizou-se o cruzamento entre as variáveis relacionadas ao equipamento e aos usuários (tanto os que afirmaram frequentar o local como aqueles que já foram e não retornaram). Pretendeu-se, assim, ampliar um pouco mais a visão sobre o local através também dos olhos daqueles que só puderam ter uma primeira impressão sobre os locais e não mais voltaram.

⁴⁸ Recepção, horário de funcionamento, localização, liberdade dentro do equipamento, lotação, manutenção, frequentadores, segurança, divulgação, qualidade da programação, qualidade de cursos e oficinas, interesse despertado pela programação, facilidade para inscrição, qualidade do trabalho dos oficinairos e professores, diálogo com funcionários, possibilidade de sugestão e alteração de atividades, possibilidade de utilização sem funcionário e participação nas decisões.

Assim dito, nota-se que a recepção dos jovens no CCG (ver a **tabela B.64** anexa) é qualificada como boa por todos, com exceção dos jovens da 8ª série (50% afirmaram ser ruim ou muito ruim). Por sua vez, a segurança, de maneira diferente da recepção, é mal qualificada, sobretudo por 37,6% dos meninos do 3º ano, os quais consideraram-na muito ruim ou ruim, como mostra a tabela a seguir.

Tabela A.67: Caracterização da variável “segurança do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Não respondeu	Total
3	Meninas	2 16,7%	0 0%	2 18,6%	8 66,7%	12 100%
	Meninos	6 37,6%	2 12,5%	1 6,3%	7 43,8%	16 100%
8	Meninas	4 16,6%	3 12,5%	3 12,5%	14 58,3%	24 100%
	Meninos	2 6,1%	5 15,6%	6 18,8%	19 59,4%	32 100%

Como explicitado anteriormente, não há propriamente seguranças no local. Quem faz as vezes de segurança/porteiro é um ex-motorista de maquinário pesado acomodado no local por sua função ter deixado de existir na prefeitura. Quanto à programação e à divulgação, estas são mais bem qualificadas pelas meninas e mal qualificadas pelos meninos, como apontam as **tabelas A.68 e A.69**.

Tabela A.68: Caracterização da variável “qualidade da programação do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Não respondeu	Total
3	Meninas	2 16,6%	1 8,3%	2 16,6%	7 58,3%	12 100%
	Meninos	5 31,3%	2 12,5%	3 18,8%	6 37,5%	16 100%
8	Meninas	2 8,4%	1 4,2%	8 33,3%	13 54,2%	24 100%
	Meninos	2 6,2%	5 15,6%	6 21,6%	18 56,3%	32 100%

Com relação à programação, as meninas da 8ª série foram aquelas que melhor qualificaram sua qualidade. Já os meninos do 3º ano foram aqueles que pior qualificaram-na, considerando-se que 31,3% a consideraram muito ruim/ruim. Na verdade, não há uma programação propriamente dita no CCG. Há oficinas relacionadas a artesanato e artes marciais voltadas para o relaxamento. Da mesma maneira que a programação, a divulgação foi bem qualificada tanto pelas meninas da 8ª série (25%) quanto do 3º ano (25%). Em contrapartida, os meninos mais uma vez tenderam a considerá-la ruim ou muito ruim (31,3% dos meninos do 3º ano e 18,8% dos meninos da 8ª série).

Tabela A.69: Caracterização da variável “divulgação do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Não respondeu	Total
3	Meninas	1 8,3%	1 8,3%	3 25%	7 58,3%	12 100%
	Meninos	5 31,3%	1 6,3%	3 18,8%	7 43,8%	16 100%
8	Meninas	2 8,4%	3 12,5%	6 25%	13 54,2%	24 100%
	Meninos	6 18,8%	3 9,4%	5 15,7%	18 56,3%	32 100%

Ademais, ainda que a maioria tenha considerado a liberdade de uso do equipamento boa/muito boa (ver **tabela B.65** anexa), 31,3% de meninos do 3º ano a consideraram ruim. Os meninos da 8ª série, ainda que não tenham qualificado o aspecto “liberdade” como ruim/muito ruim, qualificaram a possibilidade de diálogo com os gestores (25,1%) como tal. Quanto às meninas, as do 3º ano veem a possibilidade de diálogo como regular enquanto as da 8ª série consideram-na boa ou muito boa.

Tabela A.70: Caracterização da variável “diálogo com funcionários no CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Não respondeu	Total
3	Meninas	1 8,3%	2 16,7%	2 16,6%	7 58,3%	12 100%
	Meninos	2 12,6%	2 12,5%	4 25%	8 50%	16 100%
8	Meninas	4 16,7%	2 8,3%	5 20,9%	13 54,2%	24 100%
	Meninos	8 25,1%	4 12,5%	3 9,4%	17 53,1%	32 100%

Posto isto, nota-se que, sendo os meninos aqueles que mais interesse tiveram em participar das atividades do CCG, mesmo tendo-se em vista que muitos não voltaram a frequentá-lo, é interessante observar serem eles mais críticos quanto ao local.

Por fim, com relação ao perfil médio dos usuários, a pequena quantidade de usuários frequentes mais uma vez não permitiu que houvesse cruzamentos estatísticos. No entanto, notou-se alguns pontos em que eles obtiveram destaque. Primeiramente, a frequência ao CCG, assim como no caso do Parque Lajeado, está relacionada à frequência ao CEU Lajeado. Na **tabela A.71** observa-se que aqueles que não frequentam o CEU Lajeado também não costumam ir ao CCG.

Tabela A.71: Caracterização da variável “frequência ao CEU Lajeado” por frequência CCG.

Frequência CEU Lajeado	Frequento	Já fui alguma vez, mas não frequente	Já ouvi falar, mas nunca fui	Nunca ouvi falar deste local	Total
Frequento	17 10,5%	29 17,9%	75 46,3%	41 25,3%	162 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	8 5,1%	25 15,8%	76 48,1%	49 31%	158 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	1 2,5%	2 5%	17 42,5%	20 50%	40 100%
Nunca ouvi falar deste local	1 4,8%	1 4,8%	8 38,1%	11 52,4%	21 100%

Concomitantemente, vê-se também que os jovens que frequentam o CCG são aqueles que mais frequentam o Parque Lajeado: 60% afirmam frequentar os dois. Por outro lado, aqueles que nunca ouviram falar do CCG também são os que mais nunca ouviram falar do Parque Lajeado.

Tabela A.72: Caracterização da variável “frequência ao CCG” por frequência Parque Lajeado.

Frequência CCG	Frequenta	Já fui alguma vez, mas não frequente	Já ouvi falar, mas nunca fui	Nunca ouvi falar deste local	Total
Frequento	15 60,0%	7 28,0%	1 4,0%	2 8,0%	25 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	22 38,6%	26 45,6%	8 14,0%	1 1,8%	57 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	36 20,5%	62 35,2%	58 33,0%	20 11,4%	176 100%
Nunca ouvi falar deste local	19 16,0%	35 29,4%	32 26,9%	33 27,7%	119 100%

Também os estudantes frequentadores do CCG são, em geral, alunos das escolas E.E. Vermelha (10,1%) e EMEF Laranja (9,3%), as mesmas apontadas como maior frequentadoras do CEU Lajeado. Eles, ainda, são o que mais estão à procura de emprego, conforme **tabela B.66** anexa (48,1%), sendo que aqueles que trabalham (vide **tabela B.67** anexa) o fazem, em geral, até 10 horas por semana (75%).

Todos têm computadores em casa, mas, mesmo assim, são os que mais vão à *lan houses* (ver **tabela B.68** anexa), lembrando também que há um Telecentro dentro das instalações do CCG. Ainda quanto à computação, os frequentadores do CCG se interessam mais por assistir programas e filmes *online* (ver **tabela B.69** anexa), sendo grande também o acesso a e-mails (ver **tabela B.70** anexa). Deles, 61,5% afirmaram usar a internet todos os dias para este fim. Estes também são os jovens que menos conversam em seu tempo livre com seus irmãos (10% a menos que os demais) e mais falam com seus amigos (10% a mais que os demais), conforme mostram as **tabelas B.71 e B.72** anexas.

São eles ainda aqueles que mais tocam instrumentos e que menos afirmaram nunca fazê-lo (ver **tabela A.73** a seguir), além de serem os que mais demonstraram ter interesses por atividades artísticas (ver **tabela B.73** anexa), o dobro dos demais entrevistados (42,3%). A diferença é de cerca de 20% a mais se comparado aos que não frequentam o CCG.

Tabela A.73: Caracterização da variável “frequência com que toca instrumentos” frequência CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	7 29,2%	4 16,7%	2 8,3%	11 45,8%	24 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	8 15,4%	4 7,7%	2 3,8%	38 73,1%	52 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	23 13,3%	21 12,1%	13 7,5%	116 67,1%	173 100%
Nunca ouvi falar deste local	20 17,4%	12 10,4%	7 6,1%	76 66,1%	115 100%

Finalmente, este grupo também vai sempre a shoppings e cinemas (ver **tabelas B.74 e B.75** anexas). Contudo, passam a maior parte de seu tempo livre no bairro, como indica a tabela a seguir.

Tabela A.74: Caracterização da variável “tempo livre no bairro” por frequência CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	3	0	1	3	7
	42,9%	0,0%	14,3%	42,9%	100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	3	3	0	7	13
	23,1%	23,1%	0,0%	53,8%	100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	16	4	3	16	39
	41,0%	10,3%	7,7%	41,0%	100%
Nunca ouvi falar deste local	4	0	1	15	20
	20,0%	0,0%	5,0%	75,0%	100%

Entretanto, tendo-se em vista o baixo número de estudantes que frequentam ou já foram ao CCG, desejou-se observar as outras respostas (já ouvi falar, mas nunca fui e nunca ouvi falar) de modo a procurar alguma distinção entre os respondentes que fosse significativa. No entanto, não foi possível observar alguma diferença marcante entre aqueles que já ouviram falar e aqueles frequentam ou já foram ao equipamento.

Já quanto àqueles que nem ouviram falar, viu-se alguns pontos em que estes se distinguem dos demais. Primeiramente, eles trabalham mais. Sua carga semanal varia e entre 21h e 40h semanais de trabalho (ver **tabela A.19**). Sua renda familiar é entre um salário mínimo e dois (ver **tabela B.76** anexa) e o seu uso da internet centra-se nos estudos, e nunca jogam jogos não eletrônicos (ver **tabelas B.77** e **B.78** anexas). Também sobre seu tempo livre, estes jovens passam mais tempo nos bairros vizinho e no centro da cidade, como apontam as tabelas **A.75** e **A.76** a seguir:

Tabela A.75: Caracterização da variável “tempo livre nos bairros vizinhos” por frequência CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	6 37,5%	6 37,5%	3 18,8%	1 6,3%	16 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	14 36,8%	17 44,7%	1 2,6%	6 15,8%	38 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	57 45,2%	38 30,2%	16 12,7%	15 11,9%	126 100%
Nunca ouvi falar deste local	40 46,0%	26 29,9%	10 11,5%	11 12,6%	87 100%

Tabela A.76: Caracterização da variável “tempo livre no centro” por frequência CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	10 41,7%	4 16,7%	4 16,7%	6 25,0%	24 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	15 29,4%	7 13,7%	10 19,6%	19 37,3%	51 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	46 27,2%	25 14,8%	37 21,9%	61 36,1%	169 100%
Nunca ouvi falar deste local	32 28,6%	19 17,0%	22 19,6%	39 34,8%	112 100%

O CCG é o local menos conhecido e menos frequentado. A maioria dos jovens sequer ouviu falar de sua existência. Daqueles que ouviram falar, há mais meninos que meninas. As meninas que afirmaram terem ido ao menos uma vez disseram encontrar amigos, acessar a internet e ir a shows (3º ano) ou dançar, descansar/relaxar e ir à biblioteca (8ª série). Os meninos na mesma situação afirmaram descansar/relaxar, acessar a internet e praticar esportes (3º ano) ou praticar esportes, jogar e dançar (8ª série). As escolas das quais os estudantes provêm são as mesmas que frequentam o CEU Lajeado e o Parque Lajeado. A qualificação recebida pelo CCG foi, em geral, boa, mas os meninos das 8^{as} séries e dos 3^{os} anos qualificaram como piores a segurança, a qualidade da programação, a liberdade e o diálogo com gestores.

O perfil médio dos usuários é de jovens que já foram ao CEU Lajeado ou ao Parque Lajeado, que têm computadores, mas usam mais *lan houses*. Na internet, veem filmes e acessam o e-mail diariamente, gostando de atividades artísticas e sabendo tocar algum instrumento. Passam a maior parte de seu tempo livre no bairro, mas vão também ao cinema e ao shopping. Em seu tempo livre, conversam menos com seus irmãos e mais que com seus amigos se comparados aos jovens que nunca foram ao CCG. Tocam instrumento e gostam de atividades artísticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi resultado de minhas inquietações quanto a não participação dos jovens moradores do bairro do Lajeado nas atividades oferecidas por três equipamentos públicos instalados na região em 2008: CEU Lajeado, Parque Lajeado e Centro Cultural de Guaianases. Tais equipamentos, ainda que não exclusivamente, pretendiam oferecer opções culturais e de lazer para os moradores. Pensava-se, naquele momento, que diante da ausência de equipamentos públicos deste tipo, a instalação dos novos locais representaria um incremento no que tangia às possibilidades de vivência do tempo livre e de lazer – em especial para a população jovem que tem, nestes tempos, momentos privilegiados para sua formação como indivíduos.

Todavia, tendo sido Coordenadora Cultural do CEU Lajeado de 2008 a 2011, pude observar que os jovens do entorno não se integravam à programação oficial mesmo estando constantemente no espaço. Mais que não participar das atividades do CEU, os jovens também demonstravam não ter interesse pelos CCG e Parque Lajeado. Na época, creditei a falta de participação a problemas na articulação entre aquilo que era oferecido pelos equipamentos e os desejos e anseios da população local jovem. Via, pois, um grande interesse dos jovens em estarem presentes, ao menos no CEU Lajeado e no Parque Lajeado, sem, contudo, desenvolverem ou participarem das programações.

O uso e trânsito dos jovens pelos espaços serviam para o encontro de amigos e namorados. E este fato representava um problema para as gestões dos locais, que afirmavam ser a presença desses jovens para esses encontros responsável pela depredação dos equipamentos. Consequentemente, ocorreram sucessivos processos de tolhimento do trânsito livre dos jovens que resultaram no progressivo abandono dos equipamentos por esta população.

Tendo esta situação em vista, este trabalho objetivou conhecer, seis anos depois da instalação dos equipamentos, quais são, hoje, os usos e percepções dos jovens sobre estes lugares, desejando saber quais foram os sucessos e insucessos destas iniciativas públicas.

Após realizada a tabulação dos dados, sobre os jovens integrantes da pesquisa pode-se afirmar que o perfil dos respondentes consistiu em alunos entre 13 e 19 anos (198 meninos e 206 meninas), estudantes do 3º ano do Ensino Médio ou da 8ª série do Ensino Fundamental. Em sua maioria católicos ou evangélicos, brancos ou pardos, solteiros e sem filhos. Grande parte não trabalha e, quando o faz, sua atuação reside na área de serviços e comércio, no caso

dos jovens do 3º ano, e no mercado informal para os da 8ª série. A carga horária de trabalho dos jovens da 8ª série é de cerca de 10h semanais, enquanto os jovens do 3º ano trabalham de 10h a 30h semanais. A remuneração dos jovens da 8ª série chega a até 1 salário mínimo e a dos jovens do 3º ano varia entre meio e 4 salários mínimos.

As famílias dos jovens possuem, em sua maioria, a figura da mãe e do pai residindo no mesmo domicílio próprio. Todas as mães trabalham fora ou cuidam da casa e, em 80% dos casos, os pais estão inseridos no mercado de trabalho. A escolaridade média de pais e mães é o Ensino Fundamental Incompleto, o que indica já uma superação por parte dos filhos de sua escolaridade.

No que se refere ao tempo livre e de lazer, viu-se que os jovens entrevistados têm hábitos e práticas semelhantes ao demais jovens da população brasileira como apresentado anteriormente. Também se observou a centralidade das relações de amizade tanto no âmbito domiciliar quanto na rua. É definitivamente com os amigos e grupos de convivência que os jovens passam a maior parte de seu tempo livre e obtêm mais informações sobre diversão e lazer. A família, nas figuras dos pais e parentes, também tem relevância. Todavia, mais para as meninas (em especial as mais novas) que para os meninos. Além da família, os namorados são outra companhia mais comum para as meninas nos momentos livres das obrigações cotidianas. Todos os jovens passam grande parte de seu tempo livre na rua com amigos, sendo que as meninas ficam mais na casa de amigos que os meninos. Pôde-se observar que, a despeito de também ficarem na rua com amigos, as meninas tendem a ter uma maior regulação por parte dos pais ou responsáveis do usufruto de seu tempo livre e de lazer. As entrevistadas afirmaram comunicar ou solicitar permissão de seus pais ou responsáveis para sair, enquanto para os meninos a vivência deste tempo se dá de forma mais fluida e menos restritiva.

A internet está difundida entre todos os jovens, sendo seu acesso, assim como o dos demais jovens brasileiros, diário e nos computadores do próprio domicílio. O acesso é, acima de tudo, para a participação em redes sociais. Fato indicativo, mais uma vez, da preponderância das relações de interação com outros indivíduos para os jovens entrevistados. A televisão e os jogos eletrônicos também têm destaque no tempo livre, em especial para os meninos da 8ª série. Apesar disso, é possível observar um crescente interesse das meninas da 8ª série por jogos e outras atividades, como a ida a parques e prática de esportes, que indicam um comportamento de interesse ligado às atividades ditas como mais relacionadas ao universo masculino.

O espaço doméstico é lugar tanto do trabalho quanto do descanso. Nele, as meninas continuam a realizar mais o serviço de casa, ainda que $\frac{1}{3}$ dos meninos afirmem também ajudar. Os meninos mais velhos costumam ajudar menos nesta tarefa e buscam mais o descanso quando em casa.

Quando fora de casa, alguns jovens apontaram procurar as regiões centrais da cidade para se divertir e desfrutar do lazer. As meninas do 3º ano são as que mais se dirigem ao centro. Outros jovens, sobretudo os meninos da 8ª série, demonstraram passar seu tempo livre no bairro. A observação disto trás à baila a questão tão debatida nos últimos tempos, dados os diversos “rolezinhos” realizados na cidade, das possíveis restrições de mobilidade e trânsito dos jovens da periferia. Os dados e as conversas com os estudantes parecem indicar um desejo constante de deslocamento que não se realiza em sua plenitude acima de tudo devido às dificuldades enfrentadas pelos moradores da região leste junto ao transporte público e o trânsito viário da cidade.

Tanto é assim que os shoppings centers localizados nas imediações do Lajeado foram apontados como locais muito frequentados por todos em seu tempo livre. Além da ida ao shopping, o desejo da realização de compras é premente a estes jovens, o qual é realizado sempre que possível, havendo, porém, limitações financeiras haja vista a condição socioeconômica dos entrevistados.

Dessa forma, pensa-se que o fenômeno recente dos “rolezinhos” pode estar relacionado a outros fatores que não propriamente a dificuldade de acesso aos shoppings ou à frustração do desejo de entrada no mercado de consumo. Quiçá, menos ainda à falta de equipamentos de lazer nas imediações das residências, uma vez que o primeiro “rolezinho” da cidade ocorreu no shopping Center Metrô Itaquera, localizado no distrito de mesmo nome que dispõe de pelo menos dois CEUs, dois parques públicos e dois parques de diversões eletrônicas privados. Crê-se, talvez, que este fenômeno esteja mais relacionado às necessidades intrínsecas dos jovens de interação e formação de grupos.

O grande apreço demonstrado pelos entrevistados pelas baladas reforça, mais uma vez, o desejo da interação com os pares da mesma idade. Todos os entrevistados conheciam os locais em que se realizavam os “pancadões” do bairro, sendo muitos frequentadores. Os mais velhos, comumente, a despeito das reiteradas afirmações de cansaço por causa do trabalho, frequentam festas *funk* também na casa de amigos do bairro. A ida aos “pancadões” e às festas *funk* são, no entanto, mais permitidas aos meninos. Há menores sanções sociais para eles que para as meninas que vão a estes eventos. Pode-se notar, por parte dos entrevistados de ambos

os sexos, a rotulação das meninas que integram estes eventos como “mais soltas”. Apesar disso, o *funk* é o universo de mediação das interações entre os jovens do Lajeado e é por meio das atividades realizadas em torno deste gênero musical, como os “pancadões” ou a formação das “famílias” e “bondes”, que os estudantes parecem majoritariamente demarcar sua condição juvenil.

Sendo assim, viu-se que, no tempo livre e de lazer, os estudantes têm a preferência por conversar, namorar, usar internet e praticar esportes. Muitos gostariam também de tocar um instrumento e ir ao teatro. Entretanto, a falta de tempo, dinheiro e, no caso das meninas da 8ª série, a não permissão dos responsáveis são impeditivos. Ainda, é importante notar que no caso dos jovens da pesquisa a não participação em atividades culturais, como espetáculos de dança e música, não pode ser creditada a ausência de equipamentos públicos que ofereçam este tipo de programação. A despeito de outras realidades marcadas pela ausência de equipamentos público, o Lajeado conta com pelo menos três locais. Desta forma, a não participação em atividades de lazer relacionadas á cultura liga-se a outros fatores.

Sendo assim, passa-se a observação dos três equipamentos. Constatou-se que o público que os frequenta habitualmente é menor que o daqueles que não o fazem. Mesmo em se tratando do CEU Lajeado, o local com mais frequentadores habituais, a quantidade de pessoas que foi somente uma vez e/ou só ouvir falar do equipamento é ainda maior. O Parque Lajeado também tem um número razoável de frequentadores, mas há um maior número que desconhece sua existência. Já o CCG não é sequer conhecido por um número muito alto de entrevistados. Os meninos da 8ª série são aqueles que mais transitam pelos três locais, uma vez que passam mais seu tempo livre no bairro.

A pesquisa mostrou ainda que a idade é um fator mais relevante que a distância da moradia para ir ou não aos locais. Viu-se que as escolas municipais, as quais atendem somente ao Ensino Fundamental, têm muito mais frequentadores ou jovens que ao menos visitaram os locais pesquisados. O trabalho parece ser responsável por parte do distanciamento dos jovens do 3º ano das atividades, posto que alguns jovens relataram ter deixado de participar depois do ingresso no mercado de trabalho ou não ter procurado os locais por falta de tempo.

No entanto, acredita-se haver uma falta de tempo concreta que, aliada à preferência por baladas e música *funk*, desmotivam a participação nos equipamentos pesquisados. Tanto as baladas como o *funk* não estão presentes ou não são acolhidos nos três espaços, sendo talvez estas as razões mais relevantes para a baixa participação dos jovens mais velhos. Este

não reconhecimento da cultura *funk* e a impossibilidade de sua inserção nas programações dos locais aparecem claramente nas falas de todos os gestores entrevistados. Infere-se que, para eles, o *funk* é uma cultura que deva ocupar outros lugares, havendo atividades de tipo superior que devem ser promovidas nos equipamentos públicos que gerem.

Pode-se notar que as atividades propostas aos jovens nos equipamentos pesquisados centram-se, sobretudo, no desejo de ocupação do tempo livre. Ao contrário da oferta da fruição de um tempo livre marcado pela sociabilidade por meio da interação com os pares, os jovens encontram nestes espaços atividades de lazer assentadas em pressupostos socializadores que almejam sua inserção nas regras do mundo adulto. Como visto nas entrevistas, os gestores manifestaram como seus objetivos a retirada dos jovens “das ruas do bairro”, o oferecimento de “Cultura” e de “momentos de relaxamento diante da natureza”. Objetivos estes que demonstram não haver uma preocupação mais detida com a possível criação de diálogos entre as programações dos equipamentos e as culturas juvenis e seus repertórios próprios. Esta não preocupação relaciona-se talvez a não capacitação técnica de gestores que mais que pensar pelo jovem e decidir o que eles precisam sejam capazes de tecer relações de parceria. A visão que transparece a respeito dos jovens nas falas, mesmo que não propositadamente pensada, replica o entendimento de jovem como um problema social: uma vez no espaço sem ocupação eles trazem problemas.

De maneira diversa, ao invés do estabelecimento de relações das programações com a vida dos jovens, o que se observou foi um afastamento profundo dos gestores das práticas de lazer mais presentes nas vidas daqueles. O “bate-papo” e o *funk* não encontram espaço e tem-se, então, a reprodução no âmbito do lazer de práticas escolares de regulamentação e normatização do tempo fora das obrigações escolares e familiares. Mais que a não promoção de atividades ligadas ao gênero *funk*, notou-se ainda que as portas dos equipamentos costumam fechar-se diante de iniciativas dos jovens que dialogam, de alguma maneira com ele – basta observar, por exemplo, as dificuldades para a realização de shows deste gênero musical no Parque Lajeado e no CCG e o fechamento da “Baladinha do CEU Lajeado”, na qual MCs podiam cantar suas músicas.

Retornando aos equipamentos, a respeito das razões para frequentar os locais, os motivos mais afirmados são muito parecidos nas quatro séries/anos pesquisadas: encontrar amigos, descansar e relaxar, jogar bola e praticar esportes. Os meninos das duas séries/anos assinalaram exatamente as quatro atividades supracitadas. Já as meninas do 3º ano apontaram ir ao teatro ao invés de jogar bola e, as da 8ª série, dançar e ir à biblioteca em lugar de jogar

bola e praticar esportes. Observa-se que todas as atividades citadas têm alguma relação com processos de sociabilidade, pois consistem na interação com outros jovens por meio de sistemas de regras desenvolvidos por eles mesmos. Até no caso do descanso e relaxamento, há, geralmente, a presença dos amigos posto que nas observações em campo notou-se que os jovens só se deslocam pelos espaços em grande parte acompanhados de amigos. Apenas no Parque Lajeado foi possível ver um ou dois jovens que se encontravam no espaço sozinhos, lendo e jogando no celular. Nos demais locais, os jovens sempre circulavam ao menos em pares.

Apesar do baixo número de frequentadores habituais dos equipamentos, aqueles que o são qualificaram bem quase todos os 18 aspectos apresentados para sua apreciação. Viu-se que a imagem geral dos três locais é boa e que quanto menos um entrevistado frequenta um dos locais melhor este o qualifica. Dessa forma, as meninas de ambas as séries e os meninos do 3^a ano que disseram frequentar os locais qualificaram bem quase todos os aspectos apresentados. Viu-se, então, que não há provavelmente uma imagem ruim dos locais que possa ser responsabilizada nem por atrapalhar o desejo dos jovens de fazer uma primeira visita e nem que possa ser relacionada no caso de uma frequência menor.

De maneira diversa, notou-se que os maiores frequentadores habituais, os meninos da 8^a série, tenderam ser mais críticos nas qualificações. Em todos os casos, observou-se que eles assinalaram mais as opções ruim/muito ruim para os itens recepção, qualidade da programação, uso autônomo e liberdade, possibilidade de participação e sugestões de atividades. Para o CCG e o Parque Lajeado, a segurança também foi qualificada como ruim/muito ruim por este público.

Dito isto, percebe-se haver descontentamento com aquilo que é ofertado aos jovens da 8^a série e não parece possível o estabelecimento de diálogo junto aos gestores para a alteração dessa situação. Mais do que isso, a má qualificação da segurança apontada pelo alunos relaciona-se tanto à sua ausência, como no CCG, quanto às dificuldades mais agudas enfrentadas no trato com os seguranças, como no Parque Lajeado. Devido ao monitoramento ostensivo dos jovens quando transitam no espaço e/ou abordagens menos elaboradas, emergem muitos conflitos, como se pôde ver no caso do menino no Parque Lajeado que foi levado à sala dos seguranças.

Especificamente sobre o CEU Lajeado, constatou-se que 75% dos entrevistados o conhecem a despeito das afirmações dos gestores sobre o desconhecimento dos moradores do entorno. Seus frequentadores habituais são meninos da 8^a série das escolas EMEF Amarela,

dentro do CEU, da E.E. Vermelha ou das duas outras EMEFs pesquisadas. O número de frequentadores habituais da EMEF Amarela é muito maior que o das demais escolas e percebeu-se, assim, que estudar na escola dentro do CEU Lajeado é um fator muito relevante para a participação nas atividades oferecidas por ele. Pensa-se, no caso do CEU Lajeado, que a oferta de atividades esportivas, com destaque para o futebol, é responsável em grande parte pela frequência ao equipamento, uma vez que estas atividades são desempenhadas pela quase totalidade de seus frequentadores habituais. O espaço também oferece teatro e o ensino de violão, atividades mencionadas pelos jovens como desejadas. Contudo, a observação de campo mostrou que as peças de teatro e shows são pouco frequentados, mesmo havendo a demanda. Por fim, pode-se dizer ainda sobre o usuário médio do CEU Lajeado que ele conversa muito com os amigos e gosta mais de assistir filmes; não trabalha e, quando o faz, pertence ao mercado informal; gosta de jogos eletrônicos e tem o hábito de frequentar parques e clubes. Também gosta de atividades artísticas mais que os outros e vai muito a baladas e festas.

Sobre o Parque Lajeado, o segundo equipamento mais frequentado/conhecido, os alunos que mais o frequentam são meninos e meninas da 8ª série das mesmas escolas que frequentam o CEU Lajeado. As meninas vão ao lugar para encontrar amigos, relaxar/descansar e fazer atividades físicas sozinhas e, os meninos, para encontrar amigos, relaxar/descansar e jogar bola. Como afirmado anteriormente, jogar bola é uma atividade proibida no parque, assim como andar de bicicleta e patins. O parque foi pensado como um espaço para a contemplação do verde dentro da cidade e este propósito não concorda com os usos que os jovens parecem querer fazer do local. A preferência pela prática de um esporte proibido e a menção de um dos jovens sobre a diversão encontrada ao pendurar-se no cipó do Parque demonstram que a contemplação não atende às demandas deste público frequentador.

O desacordo entre o propósito ambiental e ecológico do parque e os desejos de diversão e lazer dos jovens deve ser o responsável pelos muitos conflitos entre eles e os seguranças. Uma vez que, como afirmado pelo gestor, os seguranças não são preparados para o trato com a população juvenil e ela, quando no espaço, não dispõe de atividades direcionadas às suas preferências e desejos. Dessa forma, os “maus usos” considerados pelos seguranças resultam em brigas ou no impedimento da entrada de jovens com mochilas a despeito de qualquer justificativa.

Quanto aos frequentadores do Parque Lajeado, estes, em geral, também são frequentadores do CEU Lajeado. Eles têm o hábito mais frequente de ir a clubes e parques, sendo também aqueles que menos afirmam nunca ir a shoppings, teatros e baladas.

Com respeito ao CCG, este é o local menos conhecido e menos frequentado. A maioria dos jovens sequer ouviu falar de sua existência e, dentre aqueles que ouviram falar, destacam-se mais os meninos. As meninas que afirmaram terem ido ao menos uma vez ao local o fizeram para encontrar amigos, acessar a internet, ir a shows, dançar, descansar/relaxar e ir à biblioteca. No entanto, o espaço não dispõe de biblioteca e nem de espaços para o descanso dos jovens, já que suas salas estão sempre fechadas caso não haja uma programação específica. Este fato é indicativo de que algumas jovens não tenham ido de fato ao centro ou o tenham confundido com outros locais do bairro. Os meninos na mesma situação afirmaram ir ao CCG para descansar/relaxar, acessar a internet, praticar esportes, jogar e dançar. As escolas das quais os estudantes provêm são as mesmas do CEU e Parque Lajeado, havendo também uma correlação entre frequência aos dois últimos e a ida ao CCG.

O perfil médio dos usuários é de jovens que têm computadores, mas usam mais *lan houses* para ver filmes e acessar o e-mail diariamente. Gostam de atividades artísticas e sabem tocar algum instrumento. Passam a maior parte de seu tempo livre no bairro, mas vão também ao cinema e a shoppings. Conversam menos com seus irmãos e mais com seus amigos se comparados aos jovens que nunca foram ao CCG.

Por todo o exposto, pensa-se haver um descompasso entre os desejos dos jovens e aquilo proposto pelos equipamentos, como pensado anteriormente, e também um distanciamento profundo entre os locais pesquisados e a vida real dos entrevistados. Mesmo observando-se que as principais atividades de tempo livre e lazer preferidas pelos estudantes possam ser desfrutadas em sua quase totalidade nos três equipamentos, a maioria dos jovens não os frequenta e, quando o fazem, não costuma retornar.

Dessa forma, percebe-se que em um cenário de presença de equipamentos de lazer perpetua-se ainda assim a ausência visto que as programações não dão conta dos desejos eminentes dos jovens e as ações de interação com os usuários mimetizam as práticas escolares. Essa ausência de participação, ao contrário do que se poderia esperar, não está relacionada a uma antipatia ou antagonismo pelos locais. Dessa forma, novos caminhos poderiam ser traçados em uma futura pesquisa que buscasse entender em profundidade os meandros que levam os estudantes a ter acesso aos equipamentos, os bem avaliarem e ainda

assim não retornarem, mesmo que aqui já seja possível o apontamento de algumas pistas para esta situação.

Pensa-se ser possível também ter havido alguma primeira expectativa que, quando não concretizada, afastou os jovens sem, de qualquer forma, prejudicar a imagem dos espaços. Isto se deve, provavelmente, a não inserção do repertório deles nas atividades e programações dos locais. Observou-se que quando este repertório está presente de alguma maneira, como no CEU Lajeado, em que as atividades esportivas têm destaque, os estudantes se aproximam e se integram ao local em alguma medida, de maneira que o espaço passa, então, a ter mais sucesso entre os jovens. Já quando isto não se dá, há o distanciamento mais agudo por parte deles do equipamento, como no caso dos CCG e Parque Lajeado, os quais ou não oferecem programações ou têm propostas de ação distantes dos desejos dos entrevistados.

A análise dos dados do campo reforçou a percepção de que a fruição dos momentos de tempo livre e lazer com os amigos para conversar e “fazer nada” são itens essenciais ao repertório dos jovens. Este fato reiterou a importância das sociações para o grupo juvenil por meio da sociabilidade no que se refere a sua constituição enquanto indivíduos. Por outro lado, também se observou que os espaços, por sua vez, buscam tolher exatamente estes momentos de vida dos estudantes em suas dependências. Eles objetivam regulamentar as formas de vivência do tempo livre por meio do necessário enquadramento dos jovens em suas programações e atividades, sob a desculpa de que a ausência de participação resulta consequentemente em depredação.

Todavia, acredita-se que, antes de querer participar de alguma programação, é preciso que se goste do local que a oferece. Seria preciso, antes de mais nada, traçar estratégias para uma primeira inserção nos equipamentos relacionada às expectativas dos jovens para depois almejar-se outras adesões futuras em atividades menos populares ou conhecidas. Assim sendo, percebe-se que o incremento da frequência dos equipamentos pesquisados precisa mais que uma mera adequação da programação. É fundamental que se suscite, nos estudantes, o interesse e a curiosidade pelos espaços e que, através desta estratégia, se consiga a inserção dos locais nas vidas dos jovens. E, por meio da reverberação dessas vozes juvenis seria possível construir caminhos que permitam o reconhecimento de suas práticas culturais juvenis e seu incremento por meio da apresentação de outros aspectos da produção cultural menos presentes em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADE, M. **Possibilidades e limites da participação juvenil para o impacto na agenda pública**: O caso do conselho municipal de juventude em Medellín, Bogotá: 2001. Disponível em:

<http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/possibilidades_limites_participacao_juvenil.pdf>. Acesso em 2/01/2013.

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Ed. Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, O.; SPOSITO, M.; CARRANO, P. E. (org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

_____. O uso das noções de adolescência e Juventude no contexto brasileiro. In: **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. FREITAS, M. V. (org.). São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ANDRADE, C. P.; MARCELLINO, N. C. O lazer, a periferia da metrópole e os jovens: algumas relações. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, nº. 2, 2011.

ARANTES, F. **Grupos juvenis e equipamentos públicos**: um estudo sobre o centro cultural da juventude de São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo: FE/USP, 2010.

ATTIAS-DONFUT, C. Jeunesse et conjugaison des temps. **Sociologie et sociesse**, vol. 28, nº1, p.13-22, 1996. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/001014ar>>. Acesso em 28/12/12 as 19h.

BACAL, S. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Ed. Aleph, 2003.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.985 de 18 de julho de 2000**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em:10/11/2012 as 13h.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais (SIS)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. Secretaria Nacional da Juventude. **Agenda juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros em 2013**. Brasília: Observatório Participativo da Juventude, 2013.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. (org.) ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre, in BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**, Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BOURDIER, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, pp.17-58.

BUSSAB, W. O. e MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**, 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

CALDELLAS, M. E. P. **Centro cultural da juventude Ruth Cardoso**: uma experiência diferenciada. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA/USP, 2009.

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. **Culturas Juvenis**: Múltiplos olhares. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

CAMARGO, L. O. **O que é o Lazer?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

CARRANO, P. **Angra de tantos reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados da Cidade. Tese de Doutorado. Niterói: FE/UFF, 1999.

_____. **Jovens, escolas e cidades**: entre diversidade, desigualdade e desafios às convivências. Apresentação II Colóquio Luso-brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Porto Alegre, 2009.

COELHO, T. **O que é Ação Cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2010. São Paulo: CGIBR, 2011.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia. **Revista de Estudos sobre Juventud**. M Revista 22, jan/jun, 2005.

_____. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. Tese de doutorado. São Paulo, FE/USP: 2001.

DORIA, O. G.; PEREZ, M. A. (org.). **Educação CEU e Cidade**: Breve história da educação brasileira nos 450 anos da cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2007.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1979.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

Dwyer, T. Introductory note to the section on internet and youth. **Sociology of Youth in the BRIC countries**. DWYER, T. (org.). 2013.

ELBAUM, J. N. Qué es ser joven? In: ARIOVICHI, L. (et al). **La juventude es más que una palabra**. 1ª ed. Buenos Aires: Ed. Biblos, 1996, p.157/171

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Ed. Difusão Cultural, Memória e Sociedade, 1992.

FEIXA, C. Generación XX. Teorias sobre la Juventude em la era contemporânea. **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez Y juventude**, Colômbia, Universidade de Manuzales, julho/dezembro, vol. 4, nº 02, 2006.

FOCOS EDUCAÇÃO E PESQUISA. **Relatório**: Mapeamento de usos e apropriações juvenis da cidade - distrito de Grajaú e Lajeado. São Paulo, 2009.

GAELZER, L. **Lazer: benção ou maldição**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1979.

GADOTTI, M. **Educação com qualidade social**: Projeto, implantação e desafios dos Centros Educacionais Unificados (CEUs). Disponível em: <http://www.paulofreire.org/twik/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosI2009/Educ_qualidade_Social_2004.pdf>. Acesso em 15/ 04/2010 as 17h.

GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2004

_____. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Revista Itinerarium**, Rio de Janeiro, UNIRIO, v.1, 2008.

IBASE/POLIS. **Pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia”**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ibase/Polis, 2005.

INSTITUTO CIDADANIA. **Perfil da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALVES JUNIOR, E. D. & MELO, V. A. **Introdução ao Lazer**. Barueri: Ed. Manole, 2003.

KRAUSKOPF, D. **Políticas de juventude em centroamerica**. Primeira Década, 2003.

LEÓN, O. D. Adolescência e Juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (org.) **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

_____. Definição do conceito “Pedaço”. Campinas, **ComCiência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 10 de maio de 2010. Entrevistas concedida a Carolina Simmas. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=56&tipo=entrevista>>. Acesso em 18/02/2014.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas: Ed. Papirus, 1997.

_____. **Lazer e Cultura**: algumas aproximações. In: Lazer e Cultura (org.) Campinas: Ed. Alínea, 2007.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventude es más que una palabra. In: ARIOVICHI, L. (et al). **La juventude es más que una palabra**. 1ª ed. Buenos Aires: Ed. Biblos, 1996.

MARTINS, T. B. **Das mediações à construção de sentidos sociais:** educar para cultura no CEU Lajeado. Monografia (especialização em Gestão da Comunicação: Políticas, Educação e Cultura). São Paulo: ECA/USP, 2009.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

PACHECO, R. T. B. **O espetáculo da Educação:** Os centros Unificados do município de São Paulo como espaços públicos de Lazer. Tese de Doutorado: USP/FE, 2009.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.

PERALVA, A. O Jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED, N° 56, 1997.

PEREIRA, A. B. **A maior Zoeira:** experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/ USP, 2010.

PUIG, J. M^a.; TRILLA, J. **A pedagogia do ócio.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2004.

RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 26, p. 145-168, 2006.

ROLIM, L. C. **Educação e Lazer:** a aprendizagem permanente. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

SANTOS, W. A. (coord.) **Jovens urbanos – sistematização de uma metodologia.** São Paulo: CENPEC, 2008.

SÃO PAULO (cidade). UMAPAZ. Secretaria do Verde e Meio ambiente. **Guia de Permacultura para Administradores de Parques.** São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/guiadepermacultura_adm_parques_julho2012_1343416990.pdf Acesso em: 12/10/2012 as 17h.

_____. **Lei Municipal nº 13.430/02 de 13 de setembro de 2002.** Disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=05072006L%20141860000. Acesso em: 10/11/2012 as 13h.

_____. **Portaria nº 4.672 de cinco de dezembro de 2006.** Diário Oficial do Município de Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006 número 227, p 16-19.

_____. Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA, Departamento de Estatística de Produção de informação – DIPRO. **Município em Mapas – Cultura e Território: uma análise da economia e dos espaços culturais na cidade.** São Paulo: SEMPLA, 2007.

_____. Secretaria Municipal de Cultura. **Bosques da Leitura.** http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/Bosque_leitura/index.php?p=219. Acesso em 16/07/12 as 13h..

_____. Secretária Municipal de Habitação (SEHAB). **RESOLO:** Dados Gerais sobre os 59 loteamentos em obras através do Programa de Regularização de Loteamentos. São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/noticias/?p=3517>>. Acesso em 17/02/2014 as 15h.

_____. Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (SEMPLA). Audiência Pública Subprefeitura Guaianases. In: **Programa de Metas Prefeitura de São Paulo 2013 – 2016: Versão final participativa**. São Paulo, 2013 Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/GUAIANASES.pdf>. Acesso em 17/02/2014 as 23h.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SPOSATI, A.(Coord.). **Mapa da exclusão/inclusão da cidade de São Paulo**. São Paulo: Educ, 1996.

SPOSITO, M (Coord.). Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvn, 2009.

SPOSITO, M.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, pp. 16-39, set/dez., 2003.

SPOSITO, M.; SILVA, H.C e SOUZA, N. A. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para os jovens em municípios de regiões metropolitanas. In:

FÁVERO, O; SPOSITO, M.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (org.) **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

UNESCO. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: Unesco, 2006

_____. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação; Unesco 2007

VILLAR, M.E.V. **Experiências Juvenis e ações públicas dirigidas à juventude: artes e trabalho na transmissão geracional**. Tese de doutorado. São Paulo: FE/USP, 2007.

APÊNDICE A:
QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA – JOVENS

Caro(a) Entrevistado(a),

Sou Thaís Blasio Martins e realizo uma pesquisa sobre os hábitos de lazer dos jovens do Lajeado e suas opiniões sobre três equipamentos de lazer do distrito: o CEU Lajeado, o Parque Lajeado e o Centro Cultural de Guaianases, instalado na antiga subprefeitura na Rua Cosme Deodato. Esta pesquisa faz parte do curso de Mestrado em Educação do qual participo na Faculdade de Educação da USP. Sua participação é muito importante para que possamos compreender aquilo que os jovens pensam e desejam.

Este questionário é anônimo e todas suas informações são sigilosas. Para respondê-lo basta assinalar as alternativas referentes à sua opinião como mostrado a seguir: (xxx) ✓

Preencha as informações abaixo:

P1. Idade:	_____ anos			
P2. Religião:	P3. Sexo:	P4. Você se considera:	P5. Estado Civil:	P6. Você tem filhos?
(1) Católica (2) Evangélica (3) Protestante (4) Espírita (5) Outra (6) Não possui	(1) Feminino (2) Masculino	(1) Branco/a (2) Preto/a (3) Indígena (4) Amarelo/a (5) Pardo/a	(1) Solteiro/a (2) Casado/a (3) Divorciado/a (4) Separado/a (5) Mora com companheiro/a	(1) Não (2) Sim Quantos? _____

P7. Você trabalha ou realiza algum bico?

(1) Não, responda às questões P11 e P12. (2) Sim, responda às questões P8, P9 e P10 e pule para a questão P13.

P8. No quê você trabalha?

(1) No comércio ou restaurantes	(6) Faz entregas ou vendas informalmente no bairro
(2) Na indústria ou em fábricas	(7) Com artesanato, artes e música
(3) Ajuda de maneira informal no comércio de parentes/vizinhos	(8) Em empresas que prestam serviços, como telemarketing, transportes, construtoras etc.
(4) Presta serviços domésticos	(9) Outros: _____

P9. Quantas horas por semana você trabalha aproximadamente?	P10. Quanto você ganha por mês aproximadamente?
(1) Até 10 horas	(1) Até R\$ 311,00
(2) De 11 a 20 horas	(2) De R\$ 1245,00 até R\$ 1866,00
(3) De 21 a 30 horas	(3) De R\$ 312,00 até R\$ 622,00
(4) De 31 a 40 horas	(4) De R\$ 1867,00 até R\$ 2488,00
(5) De 41 a 50 horas	(5) De R\$ 623,00 até R\$ 1244,00
(6) Mais de 50 horas	(6) Mais de R\$ 2489,00

P11. Se você NÃO trabalha, você recebe dinheiro de seus pais, parentes ou responsáveis?

(1) Não (2) Sim. Se sim, quanto por mês?

(2.1) Até R\$ 20,00	(2.4) De R\$ 51,00 até R\$100,00
(2.2) De R\$ 21,00 até R\$ 30,00	(2.5) De R\$ 100,00 até R\$ 200,00
(2.3) De R\$ 31,00 a R\$ 50,00	(2.6) Mais de R\$ 200,00

P12. Se você NÃO trabalha, está procurando emprego?

(1)Não (2)Sim.

P13. Onde você mora?

Bairro: _____ Vila: _____

P14. Há quanto tempo você mora no bairro?

(1)Menos de 1 ano	(2)De 1 a 5 anos	(3)Mais de 5 anos
-------------------	------------------	-------------------

P15. Marque a seguir TODAS as pessoas que moram com você em sua casa:

(1) Pai	(6) Irmão(ã), irmãos, meio-irmão(ã) ou meios-irmãos.
(2) Mãe	(7) Filho/filha
(3) Avó	(8) Amigos ou colegas
(4) Avô	(9) Esposa/marido/parceiro/a
(5) Padrasto ou Madrasta	(10) Ninguém, moro sozinho/a
	(11) Outros. Quem? _____

P16/17. Seus pais trabalham?

P16. Pai	P17. Mãe
(1) Sim, com o quê? _____	(1) Sim, com o quê? _____
(2) Aposentado	(2) Aposentada
(3) Desempregado	(3) Desempregada
(4) Cuida da casa	(4) Cuida da casa
(5) Desaparecido/Falecido	(5) Desaparecida/Falecida
(6) Não sabe	(6) Não sabe

P18. Em que tipo de casa ou apartamento você mora?

(1) Próprio	(2) De familiares ou amigos	(3) Alugado	(4) Cedido por alguém/de favor
-------------	-----------------------------	-------------	--------------------------------

P19. Qual o rendimento mensal de sua família?

(1) Até R\$ 311,00	(4) De 1245,00 até R\$ 1866,00
(2) De R\$ 312,00 até R\$ 622,00	(5) De R\$ 1867,00 até R\$ 2488,00
(3) De R\$ 623,00 até R\$ 1244,00	(6) Maior que R\$ 2489,00
	(7) Não sei

P20/21. Qual a escolaridade de seus pais?

P20. Pai	P.21 Mãe
(1) Não sabe ler nem escrever	(1) Não sabe ler nem escrever
(2) Sabe ler e escrever	(2) Sabe ler e escrever
(3) Ensino Fundamental incompleto	(3) Ensino Fundamental incompleto
(4) Ensino Fundamental completo	(4) Ensino Fundamental completo
(5) Ensino Médio incompleto	(5) Ensino Médio incompleto
(6) Ensino Médio completo	(6) Ensino Médio completo
(7) Superior incompleto	(7) Superior incompleto
(8) Superior completo	(8) Superior completo
(9) Pós-graduação	(9) Pós-graduação
(10) Não sei	(10) Não sei

P22. Com quem você costuma passar seu tempo livre? (Marque até 3 opções):

(1) Amigos/ colegas da escola	(4) Colegas de trabalho	(7) Irmãos ou parentes
(2) Amigos da vizinhança	(5) Namorado(a)	(8) Sozinho
(3) Amigos de grupos que frequento	(6) Pais	

P23. Você tem acesso à internet?

(1) Não, pule para a questão P26. (2) Sim. Se sim, qual meio você mais utiliza para isto?

(2.1) Computador em casa	(2.4) Telecentro	(2.7) Outros:
--------------------------	------------------	---------------

(2.2) Escola	(2.5) Celular	_____
(2.3) Lan-house	(2.6) Computador na casa de amigos ou familiares	_____

P24. Com que frequência você acessa a internet?

(1) Pelo menos 1 vez ao mês	(3) Somente 1 vez por semana	(5) Aos finais de semana
(2) Pelo menos 2 vezes ao mês	(4) De 2 a 3 vezes por semana	(6) Todos os dias

P25. Marque a seguir a frequência com que você utiliza a internet para cada um dos itens:

	Nunca	1 ou 2 vezes por mês	1 ou 2 vezes por semana	3 a 4 vezes por semana	Sempre que acesso
1. Realizar pesquisas para estudo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2. Verificar e-mails	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3. MSN, Google Talk ou Bate Papo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4. Acessar redes sociais (Facebook etc.)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5. Ler notícias	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6. Fazer download de música e filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7. Jogar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8. Assistir a vídeos ou filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9. Outros: _____	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

P26. Na sua casa, durante as horas livres, com que frequência você costuma:

	Nunca	1 ou 2 vezes por mês	1 ou 2 vezes por semana	3 a 4 vezes por semana	Sempre que posso
1. Conversar com seus pais ou outros familiares	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2. Bater papo com irmãos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3. Bater papo com amigos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4. Assistir televisão	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5. Assistir a filmes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6. Jogar videogame ou jogos eletrônicos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7. Jogar cartas, xadrez, outros	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8. Ler jornais e revistas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9. Ler livros sem ser para escola	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10. Ler quadrinhos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11. Descansar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12. Acessar a internet	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13. Estudar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14. Namorar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15. Tocar algum instrumento	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
16. Ajudar com os serviços de casa	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
17. Outros: _____	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

P27. Durante suas horas livres fora de casa e da escola, com que frequência você costuma:

	Nunca	1 ou 2 vezes por mês	1 ou 2 vezes por semana	3 a 4 vezes por semana	Sempre que posso
1. Praticar esportes em geral	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2. Visitar parques e clubes	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3. Desenhar, dançar ou fazer outras atividades artísticas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4. Ir a shoppings	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5. Participar de Festas ou Baladas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

6.Fazer artesanato e/ou culinária	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7.Ouvir Música	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8.Ir ao teatro	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9.Ir ao cinema	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10.Frequentar restaurantes ou lanchonete	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11.Viajar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12.Comprar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13. Ir à casa de colegas e amigos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14. Ficar na rua com colegas e amigos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15.Outros: _____	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

P28. Dentre as atividades mencionadas nas questões P26 e P27, cite as 3 que você mais gosta em ordem de preferência, no qual 1 é sua favorita:

1. _____ 2. _____ 3. _____

P29. Dentre as atividades mencionadas nas questões P26 e P27, há alguma que você nunca fez ou praticou, mas gostaria de fazer? Mencione até 3.

1. _____ 2. _____ 3. _____

P30. Por que você nunca praticou ou fez as atividades que mencionou na questão 29?

(1) Falta de tempo	(4) Não tem companhia
(2) Falta de dinheiro	(5) Outros _____
(3) Responsáveis não permitem	_____

P31. De maneira geral, em seus momentos de lazer e diversão, com que frequência você costuma:

	Nunca	1 ou 2 vezes por mês	1 ou 2 vezes por semana	3 a 4 vezes por semana	Sempre que posso
1.Fazer coisas no seu bairro	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2.Fazer coisas nos bairros vizinhos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3.Ir ao centro da cidade	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4. Visitar outras zonas da cidade	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5.Outros: _____	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

P32. Dentre as opções abaixo marque até 4 locais em que vocês costuma ir para se divertir ou encontrar amigos:

(1) Parque Lajeado	(10) Espaço Cultural Carlos Mariguela
(2) Parque Linear Guaratiba próximo a CPTM	(11) Espaço Cultural Paulo Freire
(3) Pista de Skate do CEU Jambeiro	(12) Grêmio Recreativo Unidos de Guaianases
(4) Forró da Baixinha	(13) Praça do Mercado Municipal
(5) Praça da Paz no Buraco do Sapo	(14) Pista de Skate do Mercado Municipal
(6) Habib's	(15) Praça do Uga Buga
(7) Igreja	(16) Ruas perto da sua casa
(8) Kolping	(17) Sorveteria Lip's
(9) Parque Chácara das Flores	(18) Telecentros
(19) Outro(s): _____	

P33. Como você fica sabendo sobre a programação de lazer perto de sua casa? Marque até 3 opções.

(1) Pelos amigos	(6) Pela escola, ONGs ou órgãos públicos
(2) Pela Família	(7) Rádio e Televisão
(3) Pela internet	(8) Não sei da programação de lazer perto da minha casa

(4)Boca a boca	(9)Outros: _____
(5)Impressos - cartazes, filipetas etc.	

P34/35/36. Com que frequência você vai aos lugares a seguir para se divertir:

Frequência	P34.CEU Lajeado	P35. Centro Cultural de Guaianases	P36. Parque Lajeado
1.Nunca ouvi falar deste local	()	()	()
2.Já ouvi falar, mas nunca fui	()	()	()
3.Já fui alguma vez, mas não frequento	()	()	()
4.Uma vez por mês	()	()	()
5.Somente 1 vez por semana	()	()	()
6.De 2 a 3 vezes por semana	()	()	()

P37/38/39. Se você JÁ FOI a um dos locais a seguir, o que você costuma fazer lá? Marque até 5 opções. Se você não foi a um dos locais, deixe a coluna referente a ele em branco.

Atividades	P37.CEU Lajeado	P38.Centro Cultural de Guaianases	P39.Parque Lajeado
1.Descansar e relaxar	()	()	()
2.Encontrar amigos	()	()	()
3.Fazer cursos	()	()	()
4.Ir para a escola ou curso técnico	()	()	()
5.Participar de aulas de esportes	()	()	()
6.Praticar atividade física sozinho/a	()	()	()
7.Jogar bola	()	()	()
8.Participar do Recreio nas Férias	()	()	()
9.Dançar	()	()	()
10.Ir à piscina para diversão	()	()	()
11.Ir ao teatro	()	()	()
12.Usar o computador ou a internet	()	()	()
13.Ir ao cinema	()	()	()
14.Praticar lutas marciais	()	()	()
15.Participar de oficinas	()	()	()
16.Assistir a contação de histórias	()	()	()
17.Assistir a shows musicais	()	()	()
18.Ir à biblioteca	()	()	()
19.Outros: _____	()	()	()

P40/41/42. Se você FREQUENTA OU JÁ FOI a um dos locais a seguir, como você avalia os elementos a seguir, sendo 1 a MENOR nota possível e 5 a MAIOR nota. Se você não foi a um dos locais, deixe a tabela referente a ele em branco.

P40.CEU Lajeado	1	2	3	4	5
1.Atendimento e recepção	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2.Horário de funcionamento	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3.Localização e facilidade de acesso	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4.Autonomia e liberdade para andar nas instalações e/ou salas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5.Capacidade de atendimento x quantidade de público	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6.Conservação e manutenção	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

7.Frequentedores do local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8.Segurança	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9.Divulgação da programação mensal	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10.Qualidade da programação teatral e musical	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11.Qualidade dos cursos e atividades de formação	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12.Interesse despertado pelas atividades e programação em você	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13.Facilidade de participação ou inscrição nas atividades oferecidas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14.Qualidade de Funcionários/Professores/Oficineiros	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15.Diálogo com funcionários, professores ou gestores	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
16.Facilidade para sugerir a alteração de atividades e horários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
17.Facilidade para sugerir novas atividades, peças ou shows	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
18.Facilidade de uso de salas, teatro ou equipamentos sem a presença de professores/ funcionários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
19.Participação nas decisões sobre o local e sua organização	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
20.Relação com seguranças do local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
21.Outros (Favor especificar):	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

P41.Centro Cultural de Guaianases	1	2	3	4	5
1.Atendimento e recepção	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2.Horário de funcionamento	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3.Localização e facilidade de acesso	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4.Autonomia e liberdade para andar nas instalações e/ou salas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5.Capacidade de atendimento x quantidade de público	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6.Conservação e manutenção	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7.Frequentedores do local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8.Segurança	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9.Divulgação da programação mensal	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10.Qualidade da programação teatral e musical	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11.Qualidade dos cursos e atividades de formação	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12.Interesse despertado pelas atividades e programação em você	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13.Facilidade de participação ou inscrição nas atividades oferecidas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14.Qualidade de Funcionários/Professores/Oficineiros	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15.Diálogo com funcionários, professores ou gestores	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
16.Facilidade para sugerir a alteração de atividades e horários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
17.Facilidade para sugerir novas atividades, peças ou shows	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
18.Facilidade de uso de salas, teatro ou equipamentos sem a presença de professores/ funcionários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
19.Participação nas decisões sobre o local e sua organização	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
20.Relação com seguranças do local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
21.Outros (Favor especificar):	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

P42.Parque Lajeado	1	2	3	4	5
1.Atendimento e recepção	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2.Horário de funcionamento	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3.Localização e facilidade de acesso	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4.Autonomia e liberdade para andar nas instalações e/ou salas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5.Capacidade de atendimento x quantidade de público	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6.Conservação e manutenção	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7.Frequentedores do local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8.Segurança	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

9.Divulgação da programação mensal	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10.Qualidade da programação teatral e musical	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11.Qualidade dos cursos e atividades de formação	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12.Interesse despertado pelas atividades e programação em você	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13.Facilidade de participação ou inscrição nas atividades oferecidas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14.Qualidade de Funcionários/Professores/Oficineiros	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15.Diálogo com funcionários, professores ou gestores	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
16.Facilidade para sugerir a alteração de atividades e horários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
17.Facilidade para sugerir novas atividades, peças ou shows	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
18.Facilidade de uso de salas, teatro ou equipamentos sem a presença de professores/ funcionários	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
19.Participação nas decisões sobre o local e sua organização	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
20.Relação com seguranças do local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
21.Outros (Favor especificar):	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

O questionário acaba aqui. Agradeço sua participação!

APÊNDICE B:
QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA – INSTITUIÇÕES

Questionário referente à pesquisa sobre os hábitos de lazer dos jovens do Lajeado e suas opiniões sobre os equipamentos de lazer do distrito

QUESTIONÁRIO INSTITUIÇÕES

1. Entrevistado

1.1. Nome completo: _____

1.2. Sexo: () Feminino () Masculino

1.3. Idade: _____

1.4. Cargo ou Função: _____

1.5. Tempo em que trabalha na instituição: _____

2. Identificação da Instituição

2.1 Nome da Entidade: _____

2.2. Endereço: _____

Nº: _____ Complemento: _____ Bairro: _____

Distrito: _____ CEP: _____

23. Contato:

Telefone (DDD/número): _____

Email: _____

Página na Internet _____

3. Caracterização da Unidade

3.1 Qual(is) a(s) área(s) de atuação da entidade?

() Educação () Esporte () lazer () Saúde () Cultura

() Assistência social. () Outros: _____

3.2. Como a Instituição foi criada? (Histórico da Instituição)

3.4. Quais os principais objetivos da Instituição?

3.5 Atividades com os jovens:

Cite quais atividades são direcionadas ao público jovens?	Em média, quantos jovens participam?	Quem propõe?	Periodicidade	Local
		() Jovens () Profissionais () Entidade () Comunidade	() semanal () quinzenal () mensal () eventual	
		() Jovens () Profissionais () Entidade () Comunidade	() semanal () quinzenal () mensal () eventual	

		<input type="checkbox"/> Jovens	<input type="checkbox"/> semanal	
		<input type="checkbox"/> Profissionais	<input type="checkbox"/> quinzenal	
		<input type="checkbox"/> Entidade	<input type="checkbox"/> mensal	
		<input type="checkbox"/> Comunidade	<input type="checkbox"/> eventual	

4. Cotidiano dos Jovens

4.1 Como a Instituição convida os jovens a participar das atividades? (múltipla escolha)

Impressos - cartazes, filipetas etc. Boca a Boca Indicação de outras entidades

E-mail Indicação de outros jovens Visita residencial

Outros Quais _____

4.2 Você sabe indicar os lugares mais procurados por jovens no bairro?

4.3 Você acha que há dificuldades em propor atividades aos jovens do bairro? () não () sim. Se sim, quais são?

4.4 Quais os principais temas de interesse dos jovens?

Política Emprego Meio Ambiente Saúde Cultura Educação Lazer/Esporte Outros. Quais?

4.5 O que você acha que ainda pode ser feito em relação aos jovens do bairro?

APÊNDICE C:
TABELAS ANEXAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Tabela B.1: Caracterização da variável “estado civil” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Solteiro	Não Solteiro (Casado, mora com companheiro, separado)	Total
3	Meninas	87 97,8%	2 2,2%	89 100%
	Meninos	63 96,9%	2 3,1%	65 100%
8	Meninas	112 99,1%	1 0,9%	113 100%
	Meninos	121 95,3%	6 4,7%	127 100%

Tabela B.2: Caracterização da variável “religião” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Evangélica	Católica	Outra	Não possui	Total
3	Meninas	43 48,3%	32 36%	7 7,9%	7 7,9%	89 100%
	Meninos	17 27%	31 49,2%	2 3,2%	13 20,6%	63 100%
8	Meninas	40 36%	39 35,1%	8 7,2%	24 21,6%	111 100%
	Meninos	40 32%	46 36,8%	13 10,4%	26 20,8%	125 100%

Tabela B.3: Caracterização da variável “filhos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sim	Não	Total
3	Meninas	7 7,9%	82 92,1%	89 100%
	Meninos	2 3,1%	63 96,9%	65 100%
8	Meninas	0 0%	115 100%	115 100%
	Meninos	1 0,8%	131 99,2%	132 100%

Tabela B.4: Caracterização da variável “mora com quem” e suas combinações por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano Sexo	3º ano		8ª série		Total	Porcentagem
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos		
Mãe	5	4	5	1	15	3,71%
Pai	1	1	0	2	4	0,99%
Parceiro	0	1	1	0	2	0,50%
Mãe, Padrasto	0	0	3	1	4	0,99%
Mãe, Outros*	0	0	0	1	1	0,25%
Pai, Irmão	0	0	0	2	2	0,50%
Avó (avô), Outros*	3	1	0	1	5	1,24%
Irmão, Outros*	1	1	0	1	3	0,74%
Filho, Parceiro	1	0	0	0	1	0,25%
Pai, Mãe, Outro*	7	2	14	19	42	10,40%
Pai, Mãe, Filho	0	1	0	3	4	0,99%
Pai, Avó, Irmão	0	0	0	1	1	0,25%
Pai, Madrasta, Irmão	0	0	0	1	1	0,25%
Pai, Mãe, Avó (Avô)	1	1	0	2	4	0,99%
Pai, Irmão, Filho	1	0	0	0	1	0,25%
Pai, Avó (ô), Outros*	0	0	1	1	2	0,50%
Avó (ô), Irmão, Outros	2	0	3	0	5	1,24%
Mãe, irmão, Outros*	12	9	15	9	45	11,14%
Mãe, irmão, Filho	1	0	0	0	1	0,25%
Mãe, Padrasto, Avó (ô)	0	1	0	0	1	0,25%
Mãe, Avó (ô), Outros*	0	1	2	2	5	1,24%
Mãe, Avó (ô), Irmão, Outros*	2	3	1	5	11	2,72%
Mãe, Padrasto, irmão, Outros*	0	4	7	6	17	4,21%
Pai, Mãe, Madrasta, Irmão	0	1	0	1	2	0,50%
Mãe, Pai, Avó (ô), Irmão	1	0	1	1	3	0,74%
Pai, Mãe, Irmão, Outros*	46	30	57	57	190	47,03%
Pai, Mãe, irmão, Filho	1	1	0	2	4	0,99%
Mãe, Padrasto, Avó (ô), Irmão e Outros*	0	0	0	2	2	0,50%
Pai, Mãe, Avó (ô), irmão, Outros*	3	3	6	10	22	5,45%
Não respondeu	2	1	0	1	4	0,99%
Total	90	66	116	132	404	100,00%

Tabela B.5: Caracterização da variável “procura emprego” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série	Sexo	Sim	Não	Total
3	Meninas	33 78,6%	9 21,4%	42 100%
	Meninos	19 67,9%	9 32,1%	28 100%
8	Meninas	27 31,4%	59 68,6%	86 100%
	Meninos	37 37,8%	61 62,2%	98 100%

Tabela B.6: Caracterização da variável “acessa a internet” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sim	Não	Total
3	Meninas	84 94,4%	5 5,6%	89 100%
	Meninos	63 95,5%	3 4,5%	66 100%
8	Meninas	109 94%	7 6%	116 100%
	Meninos	122 92,4%	10 7,6%	132 100%

Tabela B.7: Caracterização da variável “onde acessa a internet” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Computador em casa	Celular	Escola	Casa amigos ou familiares	Lan-house	Telecentro	Outros	Não respondeu	Total
3	Meninas	65 77,4%	5 6%	1 1,2%	2 2,4%	6 7,1%	4 4,8%	1 1,2%	0 0%	84 100%
	Meninos	48 76,2%	3 4,8%	1 1,6%	5 7,9%	3 4,8%	1 1,6%	0 0%	2 3,2%	63 100%
8	Meninas	81 74,3%	6 5,5%	1 0,9%	7 6,4%	3 2,8%	6 5,5%	2 1,8%	3 2,8%	109 100%
	Meninos	92 75,4%	3 2,5%	3 2,5%	6 4,9%	5 4,1%	8 6,6%	0 0%	5 4,1%	122 100%

Tabela B.8: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para chats” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	46 57,5%	17 21,3%	10 12,5%	7 8,8%	80 100%
	Meninos	36 61%	16 27,1%	3 5,1%	4 6,8%	59 100%
8	Meninas	66 64,1%	22 21,4%	5 4,9%	10 9,7%	103 100%
	Meninos	58 49,2%	29 24,6%	16 13,6%	15 12,7%	118 100%

Tabela B.9: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para redes sociais” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	53 67,1%	14 17,7%	7 8,9%	5 6,3%	79 100%
	Meninos	40 66,7%	13 21,7%	3 5%	4 6,7%	60 100%
8	Meninas	75 75%	18 18%	3 3%	4 4%	100 100%
	Meninos	68 58,6%	28 24,1%	7 6%	13 11,2%	116 100%

Tabela B.10: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para downloads” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	20 26%	22 28,6%	19 24,7%	16 20,8%	77 100%
	Meninos	19 32,2%	20 33,9%	11 18,6%	9 15,3%	59 100%
8	Meninas	44 44,4%	25 25,3%	18 18,2%	12 12,1%	99 100%
	Meninos	31 26,5%	42 35,9%	22 18,8%	22 18,8%	117 100%

Tabela B.11: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para assistir vídeos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	18 23,1%	26 33,3%	12 15,4%	22 28,2%	78 100%
	Meninos	25 41%	16 26,2%	9 14,8%	11 18%	61 100%
8	Meninas	38 38%	30 30%	18 18%	14 14%	100 100%
	Meninos	43 37,1%	37 31,9%	20 17,2%	16 13,8%	116 100%

Tabela B.12: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para obter notícias” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	11 13,9%	27 34,2%	26 32,9%	15 19%	79 100%
	Meninos	14 23,7%	16 27,1%	21 35,6%	8 13,6%	59 100%
8	Meninas	14 14,3%	27 27,6%	30 30,6%	27 27,6%	98 100%
	Meninos	17 14,8%	26 22,6%	24 20,9%	48 41,7%	115 100%

Tabela B. 13: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para estudos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	18 22,2%	33 40,7%	28 34,6%	2 2,5%	81 100%
	Meninos	11 17,7%	20 32,3%	26 41,9%	5 8,1%	62 100%
8	Meninas	13 12,5%	35 33,7%	47 45,2%	9 8,7%	104 100%
	Meninos	19 15,8%	34 28,3%	51 42,5%	16 13,3%	120 100%

Tabela B.14: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para ler notícias” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	8 9,2%	20 23%	27 31%	32 36,8%	87 100%
	Meninos	9 14,1%	9 14,1%	28 43,8%	18 28,1%	64 100%
8	Meninas	15 14,2%	29 27,4%	27 25,5%	35 33%	106 100%
	Meninos	6 4,9%	21 17,2%	32 26,2%	63 51,6%	122 100%

Tabela B.15: Caracterização da variável “frequência de leitura de livros” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	19 21,8%	21 24,1%	24 27,6%	23 26,4%	87 100%
	Meninos	12 20%	10 16,7%	13 21,7%	25 41,7%	60 100%
8	Meninas	27 24,5%	22 20%	25 22,7%	36 32,7%	110 100%
	Meninos	14 11,8%	23 19,3%	27 22,7%	55 46,2%	119 100%

Tabela B.16: Caracterização da variável “frequência de leitura de quadrinhos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	12 14,1%	11 12,9%	18 21,2%	44 51,8%	85 100%
	Meninos	13 20,6%	4 6,3%	18 28,6%	28 44,4%	63 100%
8	Meninas	25 22,9%	22 20,2%	22 20,2%	40 36,7%	109 100%
	Meninos	21 17,2%	33 27%	30 24,6%	38 31,1%	122 100%

Tabela B.17: Caracterização da variável “frequência com que assiste à televisão” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	68 77,3%	13 14,8%	5 5,7%	2 2,3%	88 100%
	Meninos	50 79,4%	10 15,9%	3 4,8%	0 0%	63 100%
8	Meninas	82 75,9%	20 18,5%	4 3,7%	2 1,9%	108 100%
	Meninos	88 70,4%	28 22,4%	6 4,8%	3 2,4%	125 100%

Tabela B.18: Caracterização da variável “frequência de prática de outros tipos de jogos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	2 2,3%	11 12,8%	21 24,4%	52 60,5%	86 100%
	Meninos	11 17,7%	13 21%	17 27,4%	21 33,9%	62 100%
8	Meninas	13 11,8%	17 15,5%	26 23,6%	54 49,1%	110 100%
	Meninos	12 10,1%	27 22,7%	27 22,7%	53 44,5%	119 100%

Tabela B.19: Caracterização da variável “frequência de namoro” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	40 47,6%	12 14,3%	2 2,4%	30 35,7%	84 100%
	Meninos	30 48,4%	9 14,5%	6 9,7%	17 27,4%	62 100%
8	Meninas	35 33%	12 11,3%	6 5,7%	53 50%	106 100%
	Meninos	47 37,6%	20 16%	13 10,4%	45 36%	125 100%

Tabela B.20: Caracterização da variável “frequência de estudo” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	36 42,4%	29 34,1%	15 17,6%	5 5,9%	85 100%
	Meninos	13 21%	25 40,3%	20 32,3%	4 6,5%	62 100%
8	Meninas	44 41,5%	41 38,7%	15 14,2%	6 5,7%	106 100%
	Meninos	33 27%	48 39,3%	19 15,6%	22 18%	122 100%

Tabela B.21: Caracterização da variável “frequência de lazer em bairros vizinhos” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	12 14,5%	7 8,4%	16 19,3%	48 57,8%	83 100%
	Meninos	6 10%	7 11,7%	15 25%	32 53,3%	60 100%
8	Meninas	16 15,1%	13 12,3%	20 18,9%	57 53,8%	106 100%
	Meninos	19 15,8%	23 19,2%	21 17,5%	57 47,5%	120 100%

Tabela B.22: Caracterização da variável “frequência de ouvir música” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
3	Meninas	64 73,6%	17 19,5%	3 3,4%	3 3,4%	87 100%
	Meninos	44 68,8%	11 17,2%	3 4,7%	6 9,4%	64 100%
8	Meninas	94 82,5%	16 14%	1 0,9%	3 2,6%	114 100%
	Meninos	77 61,6%	29 23,2%	5 4%	14 11,2%	125 100%

Tabela B.23: Caracterização da variável “horário de funcionamento no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	4 7,7%	14 26,9%	34 65,4%	52 100%
	Meninos	5 12,2%	11 26,8%	25 61%	41 100%
8	Meninas	11 15,9%	16 23,2%	42 60,9%	69 100%
	Meninos	20 22%	18 19,8%	53 58,2%	91 100%

Tabela B.24: Caracterização da variável “localização do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	8 15,7%	9 17,6%	34 66,7%	51 100%
	Meninos	5 12,2%	3 7,3%	33 80,5%	41 100%
8	Meninas	11 16,7%	8 12,1%	47 71,2%	66 100%
	Meninos	18 19,8%	23 25,3%	50 54,9%	91 100%

Tabela B.25: Caracterização da variável “lotação do CEU lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	6 12,2%	11 22,4%	32 65,3%	49 100%
	Meninos	7 17,5%	10 25%	23 57,5%	40 100%
8	Meninas	15 22,7%	20 30,3%	31 47%	66 100%
	Meninos	24 27%	22 24,7%	43 48,3%	89 100%

Tabela B.26: Caracterização da variável “manutenção do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	6 12,2%	9 18,4%	34 69,4%	49 100%
	Meninos	6 14,6%	10 24,4%	25 61%	41 100%
8	Meninas	13 21%	7 11,3%	42 67,7%	62 100%
	Meninos	17 18,9%	19 21,1%	54 60%	90 100%

Tabela B.27: Caracterização da variável “frequentadores do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	7 14%	15 30%	28 56%	50 100%
	Meninos	6 15%	13 32,5%	21 52,5%	40 100%
8	Meninas	16 24,2%	10 15,2%	40 60,6%	66 100%
	Meninos	24 26,4%	22 24,2%	45 49,5%	91 100%

Tabela B.28: Caracterização da variável “divulgação do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	8 16,7%	8 16,7%	32 66,7%	48 100%
	Meninos	7 17,1%	12 29,3%	22 53,7%	41 100%
8	Meninas	13 19,4%	21 31,3%	33 49,3%	67 100%
	Meninos	25 28,4%	22 25%	41 46,6%	88 100%

Tabela B.29: Caracterização da variável “qualidade de cursos e oficinas do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	8 17,4%	8 17,4%	30 65,2%	46 100%
	Meninos	5 13,5%	7 18,9%	25 67,6%	37 100%
8	Meninas	9 12,9%	14 20%	47 67,1%	70 100%
	Meninos	23 25,6%	18 20%	49 54,4%	90 100%

Tabela B.30: Caracterização da variável “qualidade do trabalho dos professores, oficineiros e funcionários do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	6 12,8%	11 23,4%	30 63,8%	47 100%
	Meninos	7 19,4%	2 5,6%	27 75%	36 100%
8	Meninas	5 7,5%	18 26,9%	44 65,7%	67 100%
	Meninos	19 20,9%	16 17,6%	56 61,5%	91 100%

Tabela B.31: Caracterização da variável “recepção dos usuários no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	11 21,6%	11 21,6%	29 56,9%	51 100%
	Meninos	7 17,9%	11 28,2%	21 53,8%	39 100%
8	Meninas	17 23,9%	26 36,6%	28 39,4%	71 100%
	Meninos	22 23,7%	30 32,3%	41 44,1%	93 100%

Tabela B.32: Caracterização da variável “liberdade dentro do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	12 25%	10 20,8%	26 54,2%	48 100%
	Meninos	8 19%	10 23,8%	24 57,1%	42 100%
8	Meninas	16 23,5%	17 25%	35 51,5%	68 100%
	Meninos	34 36,6%	23 24,7%	36 38,7%	93 100%

Tabela B.33: Caracterização da variável “diálogo com funcionário e gestores do CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	10 21,3%	15 31,9%	22 46,8%	47 100%
	Meninos	7 18,9%	5 13,5%	25 67,6%	37 100%
8	Meninas	15 22,1%	17 25%	36 52,9%	68 100%
	Meninos	29 31,9%	22 24,2%	40 44%	91 100%

Tabela B.34: Caracterização da variável “facilidade para realizar inscrição no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	10 22,2%	10 22,2%	25 55,6%	45 100%
	Meninos	8 21,1%	9 23,7%	21 55,3%	38 100%
8	Meninas	10 14,9%	18 26,9%	39 58,2%	67 100%
	Meninos	29 33%	23 26,1%	36 40,9%	88 100%

Tabela B.35: Caracterização da variável “interesse despertado pelas atividades” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	13 28,3%	10 21,7%	23 50%	46 100%
	Meninos	10 27%	11 29,7%	16 43,2%	37 100%
8	Meninas	13 18,8%	15 21,7%	41 59,4%	69 100%
	Meninos	27 31,8%	25 29,4%	33 38,8%	85 100%

Tabela B.36: Caracterização da variável “segurança no CEU Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	15 34,9%	11 25,6%	17 39,5%	43 100%
	Meninos	9 24,3%	10 27%	18 48,6%	37 100%
8	Meninas	17 26,6%	11 17,2%	36 56,3%	64 100%
	Meninos	36 40,4%	16 18%	37 41,6%	89 100%

Tabela B.37: Caracterização da variável “conversa com amigos” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
De 2 a 3 vezes por semana	69 78,4%	16 18,2%	2 2,3%	1 1,1%	88 100%
Uma vez por semana	19 73,1%	5 19,2%	2 7,7%	0 0%	26 100%
Uma vez por mês	41 82%	8 16%	0 0%	1 2%	50 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	118 74,2%	31 19,5%	8 5%	2 1,3%	159 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	27 69,2%	8 20,5%	3 7,7%	1 2,6%	39 100%
Nunca ouvi falar deste local	17 85%	2 10%	1 5%	0 0%	20 100%

Tabela B.38: Caracterização da variável “assistir a filmes” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
De 2 a 3 vezes por semana	68 77,3%	17 19,3%	2 2,3%	1 1,1%	88 100%
Uma vez por semana	16 64%	6 24%	3 12%	0 0%	25 100%
Uma vez por mês	39 76,5%	10 19,6%	0 0%	2 3,9%	51 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	118 75,2%	25 15,9%	10 6,4%	4 2,5%	157 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	29 76,3%	8 21,1%	1 2,6%	0 0%	38 100%
Nunca ouvi falar deste local	14 66,7%	5 23,8%	2 9,5%	0 0%	21 100%

Tabela B.39: Caracterização da variável “com quem/como obtém informações de lazer” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Amigos	Família	Internet	Boca a Boca	Impressos	Órgãos públicos e ONGs	Radio e TV	Não sabe	Outros	Total
Frequente	149 86,1%	63 36,4%	63 36,4%	77 44,5%	36 20,8%	25 14,5%	23 13,3%	5 2,9%	3 1,7%	173 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	122 74,4%	41 25%	60 36,6%	60 36,6%	37 22,6%	21 12,8%	15 9,2%	17 10,4%	2 1,2%	164 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	25 62,5%	2 5%	14 35%	13 32,5%	10 25%	5 12,5%	7 17,5%	8 20%	1 2,5%	40 100%
Nunca ouvi falar deste local	15 65,2%	3 13%	9 39,1%	8 34,8%	2 8,7%	1 4,4%	4 17,4%	6 26,1%	0 0%	23 100%
Não respondeu	3 75%	1 25%	2 50%	0 0%	0 0%	0 0%	1 25%	0 0%	0 0%	4 100%

Tabela B.40: Caracterização da variável “área de trabalho” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Comercio ou restaurantes	Entregas ou vendas informais no bairro	Indústria Fábricas	Informal no comercio de parentes ou vizinhos	Serviços domésticos	Serviços telemarketing transportes etc.	Artesanato artes e música	Outros	Não respondeu	Total
Frequente	5 10,6%	2 4,3%	6 12,8%	14 29,8%	0 0%	4 8,5%	1 2,1%	14 29,8%	1 2,1%	47 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	10 20%	2 4%	1 2%	5 10%	2 4%	15 30%	0 0%	13 26%	2 4%	50 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	3 21,4%	1 7,1%	0 0%	0 0%	0 0%	1 7,1%	0 0%	8 57,1%	1 7,1%	14 100%
Nunca ouvi falar deste local	0 0%	0 0%	3 27,3%	2 18,2%	1 9,1%	0 0%	0 0%	5 45,5%	0 0%	11 100%
Não respondeu	0 0%	0 0%	1 50%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	1 50%	0 0%	2 100%

Tabela B.41: Caracterização da variável “trabalha” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sim	Não	Total
Frequente	47 28,1%	120 71,9%	167 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	50 31,4%	109 68,6%	159 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	14 35,9%	25 64,1%	39 100%
Nunca ouvi falar deste local	11 50,0%	11 50,0%	22 100%

Tabela B.42: Caracterização da variável “renda mensal dos jovens” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 salário mínimo até 2	Mais de 2 salários mínimos até 3	Mais de 3 salários mínimos	Mais de 4 salários mínimos	Não respondeu	Total
Frequente	29 61,7%	6 12,8%	0 0%	6 12,8%	1 2,1%	5 10,6%	47 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	26 52%	10 20%	1 2%	10 20%	1 2%	2 4%	50 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	5 36%	5 35,7%	1 7,1%	3 21,4%	0 0%	0 0%	14 100%
Nunca ouvi falar deste local	8 73%	1 9,1%	0 0%	1 9,1%	0 0%	1 9,1%	11 100%
Não respondeu	2 50%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	4 100%

Tabela B.43: Caracterização da variável “horas de trabalho semanal” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Até 10h	De 11h as 20h	De 21h as 30h	De 31h as 40h	De 41h as 50h	Mais de 50h	Não respondeu	Total
Frequente	26 55,3%	5 10,6%	2 4,3%	5 10,6%	4 8,5%	2 4,3%	3 6,4%	47 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	21 42%	5 10%	10 20%	5 10%	5 10%	1 2%	3 6%	50 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	5 35,7%	2 14,3%	1 7,1%	5 35,7%	1 7,1%	0 0%	0 0%	14 100%
Nunca ouvi falar deste local	5 45,5%	0 0%	3 27,3%	1 9,1%	1 9,1%	0 0%	1 9,1%	11 100%
Não respondeu	2 100%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	2 100%

Tabela B.44: Caracterização da variável “renda familiar em reais” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 salário mínimo até 2	Mais de 2 salários mínimos até 3	Mais de 3 salários mínimos	Mais de 4 salários mínimos	Não sei	Não respondeu	Total
Frequente	15 8,7%	38 22%	23 13,3%	17 9,8%	15 8,7%	60 34,7%	5 2,9%	173 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	16 9,8%	32 19,5%	20 12,2%	20 12,2%	21 12,8%	49 29,9%	6 3,7%	164 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	6 15%	7 17,5%	10 25%	3 7,5%	5 12,5%	8 20%	1 2,5%	40 100%
Nunca ouvi falar deste local	3 13%	3 13%	2 8,7%	1 4,3%	3 13%	10 43,5%	1 4,3%	23 100%
Não respondeu	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	2 50%	2 50%	4 100%

Tabela B.45: Caracterização da variável “frequência de prática de jogos eletrônicos” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
De 2 a 3 vezes por semana	48 52,2%	23 25%	8 8,7%	13 14,1%	92 100%
Uma vez por semana	10 40%	8 32%	2 8%	5 20%	25 100%
Uma vez por mês	22 46,8%	9 19,1%	10 21,3%	6 12,8%	47 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	45 29,8%	42 27,8%	27 17,9%	37 24,5%	151 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	12 31,6%	5 13,2%	8 21,1%	13 34,2%	38 100%
Nunca ouvi falar deste local	9 42,9%	1 4,8%	2 9,5%	9 42,9%	21 100%

Tabela B.46: Caracterização da variável “frequência de prática de esportes” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
De 2 a 3 vezes por semana	43 47,3%	26 28,6%	12 13,2%	10 11%	91 100%
Uma vez por semana	12 42,9%	4 14,3%	7 25%	5 17,9%	28 100%
Uma vez por mês	20 39,2%	15 29,4%	7 13,7%	9 17,6%	51 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	51 32,1%	29 18,2%	31 19,5%	48 30,2%	159 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	8 20,5%	2 5,1%	10 25,6%	19 48,7%	39 100%
Nunca ouvi falar deste local	8 38,1%	1 4,8%	2 9,5%	10 47,6%	21 100%

Tabela B.47: Caracterização da variável “frequência a parque e clubes” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
	28 31,1%	18 20%	28 31,1%	16 17,8%	90 100%
Uma vez por semana	8 29,6%	6 22,2%	9 33,3%	4 14,8%	27 100%
Uma vez por mês	12 25%	11 22,9%	15 31,3%	10 20,8%	48 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	32 20,4%	23 14,6%	63 40,1%	39 24,8%	157 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	7 17,9%	3 7,7%	11 28,2%	18 46,2%	39 100%
Nunca ouvi falar deste local	8 40%	2 10%	3 15%	7 35%	20 100%

Tabela B.48: Caracterização da variável “frequência de participação em atividades artísticas” por frequência do CEU Lajeado.

Frequência CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
De 2 a 3 vezes por semana	30 33,3%	21 23,3%	14 15,6%	25 27,8%	90 100%
Uma vez por semana	11 42,3%	5 19,2%	5 19,2%	5 19,2%	26 100%
Uma vez por mês	10 20,4%	8 16,3%	9 18,4%	22 44,9%	49 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	30 19,2%	27 17,3%	39 25%	60 38,5%	156 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	10 26,3%	5 13,2%	6 15,8%	17 44,7%	38 100%
Nunca ouvi falar deste local	3 14,3%	4 19%	0 0%	14 66,7%	21 100%

Tabela B.49: Caracterização da variável “ir a festas e baladas” por frequência ao CEU Lajeado.

Frequência ao CEU Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	51 31,5%	29 17,9%	43 26,5%	39 24,1%	162 100,0%
Já fui alguma vez, mas não frequente	58 37,2%	24 15,4%	37 23,7%	37 23,7%	156 100,0%
Já ouvi falar, mas nunca fui	10 26,3%	6 15,8%	3 7,9%	19 50,0%	38 100,0%
Nunca ouvi falar deste local	8 36,4%	2 9,1%	1 4,5%	11 50,0%	22 100,0%

Tabela B.50: Caracterização da variável “localização do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	4 16%	1 4%	20 80%	25 100%
	Meninos	7 33,3%	3 14,3%	11 52,4%	21 100%
8	Meninas	5 13,9%	9 25%	22 61,1%	36 100%
	Meninos	8 21,1%	11 28,9%	19 50%	38 100%

Tabela B.51: Caracterização da variável “manutenção do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	5 20,8%	3 12,5%	16 66,7%	24 100%
	Meninos	3 15,8%	6 31,6%	10 52,6%	19 100%
8	Meninas	4 11,4%	10 28,6%	21 60%	35 100%
	Meninos	12 30,8%	8 20,5%	19 48,7%	39 100%

Tabela B.52: Caracterização da variável “qualidade do trabalho realizado pelo Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	8 33,3%	4 16,7%	12 50%	24 100%
	Meninos	5 27,8%	4 22,2%	9 50%	18 100%
8	Meninas	7 20%	8 22,9%	20 57,1%	35 100%
	Meninos	10 29,4%	6 17,6%	18 52,9%	34 100%

Tabela B.53: Caracterização da variável “facilidade de realização de inscrições no Parque Lajeado” por frequência, série/ano e sexo.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	10 41,7%	2 8,3%	12 50%	24 100%
	Meninos	6 31,6%	3 15,8%	10 52,6%	19 100%
8	Meninas	11 32,4%	5 14,7%	18 52,9%	34 100%
	Meninos	8 24,2%	10 30,3%	15 45,5%	33 100%

Tabela B.54: Caracterização da variável “diálogo com funcionários do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	8 33,3%	4 16,7%	12 50%	24 100%
	Meninos	5 27,8%	4 22,2%	9 50%	18 100%
8	Meninas	7 20%	8 22,9%	20 57,1%	35 100%
	Meninos	10 29,4%	6 17,6%	18 52,9%	34 100%

Tabela B.55: Caracterização da variável “Frequentedores do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	6 25,0%	6 25,0%	12 50,0%	24 100,0%
	Meninos	7 36,8%	1 5,3%	11 57,9%	19 100,0%
8	Meninas	9 25,0%	7 19,4%	20 55,6%	36 100,0%
	Meninos	10 27,0%	10 27,0%	17 45,9%	37 100,0%

Tabela B.56: Caracterização da variável “liberdade dentro do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	5 21,7%	4 17,4%	14 60,9%	23 100%
	Meninos	5 25%	4 20%	11 55%	20 100%
8	Meninas	7 19,4%	4 11,1%	25 69,4%	36 100%
	Meninos	8 22,2%	9 25%	19 52,8%	36 100%

Tabela B.57: Caracterização da variável “recepção no Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	9 34,6%	4 15,4%	13 50%	26 100%
	Meninos	11 52,4%	1 4,8%	9 42,9%	21 100%
8	Meninas	14 40%	3 8,6%	18 51,4%	35 100%
	Meninos	20 51,3%	5 12,8%	14 35,9%	39 100%

Tabela B.58: Caracterização da variável “participação nas decisões do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	12 52,2%	3 13%	8 34,8%	23 100%
	Meninos	7 36,8%	4 21,1%	8 42,1%	19 100%
8	Meninas	12 33,3%	4 11,1%	20 55,6%	36 100%
	Meninos	22 57,9%	3 7,9%	13 34,2%	38 100%

Tabela B.59: Caracterização da variável “divulgação das atividades do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	10 38,5%	7 26,9%	9 34,6%	26 100%
	Meninos	5 26,3%	8 42,1%	6 31,6%	19 100%
8	Meninas	11 32,4%	6 17,6%	17 50%	34 100%
	Meninos	16 44,4%	6 16,7%	14 38,9%	36 100%

Tabela B.60: Caracterização da variável “qualidade da programação do Parque Lajeado” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/Ruim	Regular	Bom/Muito Bom	Total
3	Meninas	11 44%	6 24%	8 32%	25 100%
	Meninos	7 36,8%	6 31,6%	6 31,6%	19 100%
8	Meninas	11 30,6%	11 30,6%	14 38,9%	36 100%
	Meninos	15 44,1%	5 14,7%	14 41,2%	34 100%

Tabela B.61: Caracterização da variável “ficar na rua com amigos” por frequência ao Parque Lajeado.

Frequência Parque Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	47 53,4%	18 20,5%	11 12,5%	12 13,6%	88 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	79 61,2%	27 20,9%	8 6,2%	15 11,6%	129 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	40 40,8%	15 15,3%	13 13,3%	30 30,6%	98 100%
Nunca ouvi falar deste local	21 36,8%	13 22,8%	6 10,5%	17 29,8%	57 100%

Tabela B.62: Caracterização da variável “ir a shoppings” por frequência ao Parque Lajeado.

Frequência Parque Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	38 42,7%	17 19,1%	28 31,5%	6 6,7%	89 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	42 33,3%	19 15,1%	58 46%	7 5,6%	126 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	39 39,4%	19 19,2%	32 32,3%	9 9,1%	99 100%
Nunca ouvi falar deste local	19 32,8%	9 15,5%	18 31%	12 20,7%	58 100%

Tabela B.63: Caracterização da variável “ir ao teatro” por frequência ao Parque Lajeado.

Frequência Parque Lajeado	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	13 14,9%	10 11,5%	26 29,9%	38 43,7%	87 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	12 9,6%	1 0,8%	28 22,4%	84 67,2%	125 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	9 9,7%	2 2,2%	26 28%	56 60,2%	93 100%
Nunca ouvi falar deste local	6 10,7%	2 3,6%	9 16,1%	39 69,6%	56 100%

Tabela B.64: Caracterização da variável “recepção no CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Total
3	Meninas	1 20%	1 20%	3 60%	5 100%
	Meninos	3 33,3%	2 22,2%	4 44,4%	9 100%
8	Meninas	2 18,2%	1 9,1%	8 72,7%	11 100%
	Meninos	8 50%	2 12,5%	6 37,5%	16 100%

Tabela B.65: Caracterização da variável “liberdade dentro do CCG” por série/ano e sexo dos entrevistados.

Série/Ano	Sexo	Muito Ruim/ Ruim	Regular	Bom/ Muito Bom	Não respondeu	Total
3	Meninas	0 0%	2 16,7%	3 25%	7 58,3%	12 100%
	Meninos	5 31,3%	0 0%	4 25,1%	7 43,8%	16 100%
8	Meninas	2 8,4%	4 16,7%	5 20,7%	13 54,2%	24 100%
	Meninos	3b 9,4%	5 15,6%	6 18,8%	18 56,3%	32 100%

Tabela B.66: Caracterização da variável “procura emprego” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Procura emprego		Não Respondeu	Total
	Sim	Não		
Frequente	13 48,1%	7 25,9%	7 25,9%	27 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	17 29,80%	29 50,90%	11 19,30%	57 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	68 38,40%	59 33,30%	50 28,30%	177 100%
Nunca ouvi falar deste local	34 28,10%	56 46,30%	31 25,60%	121 100%
Não Respondeu	8 36,40%	8 36,40%	6 27,30%	22 100%

Tabela B.67: Caracterização da variável “horas de trabalho semanal” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Até 10h	De 11h a 20h	De 21h a 30h	De 31h a 40h	De 41h a 50h	Mais de 50h	Não Respondeu	Total
Frequente	6 75%	2 25%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	8 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	4 26,7%	4 26,7%	1 6,7%	0 0%	2 13,3%	0 0%	4 26,7%	15 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	27 50%	3 5,6%	9 16,7%	7 13%	5 9,3%	2 3,7%	1 1,9%	54 100%
Nunca ouvi falar deste local	19 47,5%	3 7,5%	6 15%	8 20%	3 7,5%	1 2,5%	0 0%	40 100%
Não Respondeu	3 42,9%	0 0%	0 0%	1 14,3%	1 14,3%	0 0%	2 28,6%	7 100%

Tabela B.68: Caracterização da variável “onde acessa a internet” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Computador em casa	Casa amigos ou familiares	Celular	Escola	Lan House	Telecentro	Outros	Não Respondeu	Total
Frequente	17 63%	2 7,4%	0 0%	0 0%	4 14,8%	1 3,7%	0 0%	3 11,1%	27 100%
Já fui alguma vez, mas não frequento	36 63,2%	2 3,5%	5 8,8%	1 1,8%	2 3,5%	6 10,5%	0 0%	5 8,8%	57 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	134 75,7%	7 4%	9 5,1%	4 2,3%	4 2,3%	6 3,4%	2 1,1%	11 6,2%	177 100%
Nunca ouvi falar deste local	85 70,3%	5 4,1%	3 2,5%	1 0,8%	6 5%	5 4,1%	1 0,8%	15 12,4%	121 100%
Não Respondeu	14 63,6%	4 18,2%	0 0%	0 0%	1 4,6%	1 4,6%	0 0%	2 9,1%	22 100%

Tabela B.69: Caracterização da variável “frequência de uso da internet para assistir vídeos” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Todos os dias	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	14 53,8%	5 19,2%	2 7,7%	5 19,2%	26 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	16 32%	15 30%	10 20%	9 18%	50 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	56 34,8%	54 33,5%	23 14,3%	28 17,4%	161 100%
Nunca ouvi falar deste local	31 30,7%	31 30,7%	22 21,8%	17 16,8%	101 100%

Tabela B.70: Caracterização da variável “uso da internet para e-mail” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Todos os dias	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	16 61,5%	4 15,4%	4 15,4%	2 7,7%	26 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	20 39,2%	12 23,5%	16 31,4%	3 5,9%	51 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	61 37,7%	49 30,2%	26 16,0%	26 16,0%	162 100%
Nunca ouvi falar deste local	42 40,8%	22 21,4%	20 19,4%	19 18,4%	103 100%

Tabela B.71: Caracterização da variável “conversa com irmão” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	12 52,2%	6 26,1%	2 8,7%	3 13,0%	23 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	37 69,8%	6 11,3%	1 1,9%	9 17,0%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	105 61,4%	27 15,8%	16 9,4%	23 13,5%	171 100%
Nunca ouvi falar deste local	72 63,2%	19 16,7%	9 7,9%	14 12,3%	114 100%

Tabela B.72: Caracterização da variável “conversa com amigos” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	24 92,3%	2 7,7%	0 0%	0 0%	26 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	41 77,4%	7 13,2%	5 9,4%	0 0%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	127 72,6%	40 22,9%	6 3,4%	2 1,1%	175 100%
Nunca ouvi falar deste local	85 75,2%	20 17,7%	5 4,4%	3 2,7%	113 100%

Tabela B.73: Caracterização da variável “frequência com que pratica atividades artísticas” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	11 42,3%	7 26,9%	5 19,2%	3 11,5%	26 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	12 22,6%	12 22,6%	15 28,3%	14 26,4%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	41 23,6%	27 15,5%	71 40,8%	35 20,1%	174 100%
Nunca ouvi falar deste local	25 21,7%	14 12,2%	36 31,3%	40 34,8%	115 100%

Tabela B.74: Caracterização da variável “ir a shopping” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	12 46,2%	3 11,5%	5 19,2%	6 23,1%	26 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	10 18,9%	15 28,3%	10 18,9%	18 34,0%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	44 25,4%	31 17,9%	33 19,1%	65 37,6%	173 100%
Nunca ouvi falar deste local	22 19,3%	19 16,7%	23 20,2%	50 43,9%	114 100%

Tabela B.75: Caracterização da variável “ir ao cinema” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	8 32,0%	3 12,0%	9 36,0%	5 20,0%	25 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	4 7,5%	4 7,5%	17 32,1%	28 52,8%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	18 10,5%	6 3,5%	38 22,2%	109 63,7%	171 100%
Nunca ouvi falar deste local	9 8,2%	1 0,9%	24 21,8%	76 69,1%	110 100%

Tabela B.76: Caracterização da variável “renda familiar” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 salário mínimo até 2	Mais de 3 salários mínimos	Mais de 4 salários mínimos	Total
Frequente	15 13,9%	38 35,2%	40 37,0%	15 13,9%	108 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	16 14,7%	32 29,4%	40 36,7%	21 19,3%	109 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	6 19,4%	7 22,6%	13 41,9%	5 16,1%	31 100%
Nunca ouvi falar deste local	3 25,0%	3 25,0%	3 25,0%	3 25,0%	12 100%

Tabela B.77: Caracterização da variável “uso da internet para estudo” por frequência ao CCG.

Frequência CCG	Todos os dias	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	6 23,1%	10 38,5%	9 34,6%	1 3,8%	26 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	9 17,0%	15 28,3%	24 45,3%	5 9,4%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	32 19,4%	60 36,4%	61 37,0%	12 7,3%	165 100%
Nunca ouvi falar deste local	14 13,5%	34 32,7%	47 45,2%	9 8,7%	104 100%

Tabela B.78: Caracterização da variável “jogos não eletrônicos” por frequência CCG.

Frequência CCG	Sempre	Pelo menos 1 vez na semana	Pelo menos 1 vez no mês	Nunca	Total
Frequente	4 16,7%	8 33,3%	5 20,8%	7 29,2%	24 100%
Já fui alguma vez, mas não frequente	7 13,2%	7 13,2%	17 32,1%	22 41,5%	53 100%
Já ouvi falar, mas nunca fui	16 9,2%	36 20,8%	40 23,1%	81 46,8%	173 100%
Nunca ouvi falar deste local	6 5,4%	17 15,3%	24 21,6%	64 57,7%	111 100%

ANEXO 1:
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dr.^a Marília Sposito, cujos objetivos são caracterizar: a) o tempo de lazer dos jovens do distrito do Lajeado e b) seus usos/opiniões a respeito de três equipamentos de Lazer do distrito – CEU Lajeado, Centro Cultural de Guaianases e Parque Lajeado.

Sua participação será voluntária e envolverá uma entrevista visando à caracterização do equipamento em que você trabalha como gestor.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora: fone(11) [REDACTED] ou e-mail [REDACTED]

Atenciosamente,

São Paulo, ____ de _____ de 2013.

Thaís Blasio Martins

Matrícula USP: 5155788

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

São Paulo, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

Nome:

**ANEXO 2:
TERMO DE REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA**



TERMO DE REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Declaro para os devidos fins que a pesquisadora Thaís Blasio Martins, RG 26825220-8, realizou em 27 de junho de 2013 uma conversa com nossos alunos do _____ sobre seus hábitos de lazer e sua frequência a equipamentos de lazer no distrito do Lajeado. Esta conversa integra sua pesquisa de mestrado desenvolvida no programa de Sociologia da Educação da FE/USP.

A participação dos alunos foi voluntária e sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo na publicação dos resultados uma vez que não existem informações que permitam identificá-los

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora: fone(11) [REDACTED] ou e-mail [REDACTED]

Atenciosamente,

São Paulo, ____ de _____ de 2013.

Thaís Blasio Martins

Matrícula USP: 5155788

São Paulo, ____ de _____ de 2013.

Representante da escola

Nome: